

“Everaldo Rodrigues é a prova de que o horror tem coração.” - Cesar Bravo

PASSEIO

HO
URN

2
VOL.2

**EVERALDO
RODRIGUES**



Passeio Noturno
vol. 2

Everaldo Rodrigues

Passeio Noturno
vol. 2

2ª edição

Copyright © 2017, 2018 by Everaldo Rodrigues da Silva Junior
Todos os direitos reservados ao autor.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido, transcrito, copiado ou transmitido por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzido, sem a permissão, por escrito, do autor. Sujeito a lei vigente (nº 9.610/98).

Capa, revisão e diagramação
ER Revisões

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

R696p
Rodrigues, Everaldo
Passeio Noturno – Vol. 2 / Everaldo Rodrigues; Monte Mor – SP
2017 – Edição do Autor
388p.

1. Contos brasileiros. I. Título

CDD: B869.3
CDU: 821.134.3(81)

[2018]
www.everaldorodriguesblog.wordpress.com
www.facebook.com/escritoreveraldorodrigues/
www.twitter.com/EveraldoRodr
www.instagram.com/everaldorodr

Para Eraldo.
Que meus contos assustem com a mesma intensidade que suas piadas
nos faziam rir.

Agradecimentos

Este livro só existe porque algumas pessoas me ajudaram a concebê-lo, e é aqui que preciso citá-las.

Agradeço de coração aos amigos: Lucas Dallas (que sempre solicita uma leitura imediata quando termino uma história), Plácido L. Rodrigues, Rafael Michalski, Wesley Machado, William de Oliveira, Samara Pimenta, Raquel Moritz, Neide Silva, Aline Prates de Lima, e à amiga, mestra e incentivadora Cláudia Sobreira Lemes.

Gratulações especiais ao mestre e amigo Cesar Bravo. Você é o que eu quero ser quando eu crescer.

E claro, como não poderia faltar, agradeço à minha esposa Carol. Ela está ao meu lado todos os dias, lê tudo o que eu escrevo e me convence de que as palavras valem a pena.

Só por isso eu sigo em frente.

Sumário

[O cabelo da boneca](#)

[O despachante](#)

[Amor por correspondência](#)

[A aberração da fazenda Sete Trilhas](#)

[O feitiço da repetição](#)

[Como decorar sua sala](#)

[O estranho](#)

[Janelas para o inferno](#)

[A garota que transou no cemitério](#)

[Alma](#)

[Notas do passeio noturno \(II\)](#)

O cabelo da boneca

1

Talvez o que eu esteja prestes a contar não seja de fato tão potencialmente assustador e horroroso como pareceu à minha mente enquanto aquela sombra maléfica cobria a suntuosa casa da Família Munford. Eu era apenas o mordomo, e não fui vítima direta de nenhum infortúnio que por ventura aquela boneca tenha causado. Tudo aconteceu para mim como uma peça de teatro, onde fatos se desenrolam e se entrelaçam, amarrando-se em uma teia imaginativa poderosa e intocável, de forma que nenhum ato seu é capaz de alterar ou cortar a linha fatal que puxa os acontecimentos em uma sequência funesta inevitável. Ainda assim, tudo o que se passou naquela casa me envolve em um terror tão gélido e áspero que, vez ou outra, sinto uma imensa vontade de me esconder quando imagino passos e risos nos corredores apertados e nos quartos frios do asilo onde vivo.

Meus anos de juventude há muito se foram. Não me lembro qual foi a última vez em que vi minha única irmã, Margareth, nem quando foi a última visita que fiz ao túmulo da minha primeira e única esposa, Simone. A filha que tivemos se embrenhou no mundo quando tinha doze anos, fugindo com um soldado da União. Faz muito tempo; agora, no alto dos meus setenta e dois anos, me sinto cada vez mais cansado e alquebrado, mesmo não mantendo nada da rotina de vinte anos atrás, quando era o chefe dos empregados da família Munford. Ainda tenho uma saúde consideravelmente rígida, quase impenetrável, e nesses momentos aceito de bom grado o que o velho Conrad Munford esbravejava enquanto me chamava de “negro ingrato” quando eu tinha dezessete anos: “Vocês são uma maldita duma raça *dura*”, ele dizia. “O couro de vocês parece pedra! Eu tenho três vezes a sua idade, moleque, mas tenho certeza que vou estar morto há décadas quando você estiver com o cabelo branco. E você ainda vai estar de pé quando meu filho estiver caduco! Pode ter certeza!”

Naquele tempo ainda sentíamos o ardor da chibata e a humilhação do desprezo, da diminuição. Foram anos duros que não saem da minha cabeça e nem das minhas costas, onde marcas escuras e grossas como dedos ainda se mostram vivas e expressivas, um relato silencioso do medo e da derrota antes mesmo da batalha. O curso da história se mostrou de certa forma bondoso e esperançoso, ainda que haja muito para se aprender sobre como conduzir pessoas à real liberdade, uma vez que essa liberdade seja tão desconhecida para nós em sua totalidade quanto para aqueles que, mesmo com as prioridades de seus interesses, tenham interpelado por nós e nos abolido. Ninguém pode dar o que não tem.

Fui o único negro que permaneceu na fazenda após a abolição, em parte graças à insistência do velho Conrad, que vivia espalhando aos quatro ventos e esfregando na minha face constantemente o fato de ter me criado desde pequeno e de ter aliviado muitas chibatadas que eu por ventura tivesse merecido. Vários negros sem rumo chegaram à fazenda depois, procurando trabalho e moradia e se entregando a uma semiescravidão que fazia parecer que não havia qualquer lei abolicionista. Eles não enfrentavam a chibata, mas trabalhavam como animais e comiam menos do que os cavalos e éguas do velho Munford. E quanto mais destes negros vadios chegavam, mais aumentava minha responsabilidade para com eles, tanto que o velho Munford, em um ato de estranha e inédita bondade, insistiu que eu estudasse e me instrísse, para conduzir melhor o trabalho deles. Até hoje não acredito que isso de fato aconteceu.

“Você vai conduzir eles por mim”, disse o velho Munford, “Porque eu já estou velho demais pra ficar me indispondo com esses pretos vagabundos. Só que se você não saber um pouco mais que eles, eles vão te dominar, então pode se preparar que você vai começar a estudar junto com meu filho”.

Anos depois do fim da Guerra Civil, em 1866, as palavras do velho Conrad Munford se fizeram valer, e eu o vi morrer de um singular ataque enquanto ele montava sua égua favorita, Mona, fazendo-a trotar pelo pasto ao redor da Fazenda Munford, cujo fundo era um horizonte branco de algodão. Eu o acompanhava de longe, já na posição de mordomo e mais ainda como um acompanhante de um já debilitado Conrad, de barba branquíssima e pele vermelha, os olhos azuis dois poços e a respiração ruidosa como um vento que levanta poeira. Ninguém queria que ele fosse andar com a égua naquele dia, mas ele o fez, uma vez que não era o tipo de

homem que permitia que os outros dissessem-lhe o que fazer, e foi assim que morreu. Mona o carregou durante um bom tempo até por fim parar de trotar, e só então eu vi seu corpo inerte, travado, a cabeça pendendo para frente, pendurada. Parei Mona e puxei o velho Conrad para os meus braços, tarde demais. A pele de sua face estava roxa e tão dura como o solo seco do Oeste. Todos vieram correndo de dentro da casa grande quando dei um longo berro, um grito sofrido e magoado, pois mesmo tendo sido chicoteado algumas vezes por aquele branquelo maldito, ainda devia muito a ele por tudo o que eu tinha.

Todos vieram correndo, e entre eles estavam seu filho Oliver e a esposa dele, Ellyze. Os dois são as pontas que puxam a história que vou contar aqui, e que mesmo depois de tantos anos ainda me atormenta. Naquela época ainda não havia a pequena Marie, muito menos Rebecca, a maldita boneca de cabelos negros.

Oliver era o garoto que vi crescer e se tornar um homem inteligente e justo, o avesso do pai, que era uma mula teimosa. Não posso negar, entretanto, que havia sapiência naquele velho ranzinza, e que Oliver tenha herdado parte daquela esperteza maliciosa. Ele nasceu em 1850. Eu o vi crescer, acompanhei cada passo que ele deu, até mesmo estudei junto com ele em algumas ocasiões, e foi quando aprendi a escrever e me informei o mínimo possível para conseguir realizar minhas novas atividades dentro da fazenda.

Quando garoto, Oliver prestava gentilezas singelas do tipo que seu pai jamais imaginaria, como levar comida escondido para os negros durante a noite, e atos bondosos de elevado revérbero, herança fidedigna da mãe, que morreu durante seu parto; para mim, foi uma amostra fabulosa de como o amor materno pode ser passado mesmo no mais ínfimo e maldito instante. Lembro-me bem das mãos da parteira molhadas de sangue, o sangue que mesmo sob a luz da vela se destacava brilhoso naquelas mãos ásperas e de cor de piche, e de como aqueles dedos tremiam e iam e voltavam do meio das pernas da senhora Munford, trazendo toalhas e mais toalhas encharcadas do líquido que escorreu até levar sua vida.

Não posso dizer que a morte dela trouxe qualquer impacto à já amarga personalidade do velho Munford. Depois daquela fatídica noite ele apenas passou a falar menos e sorrir ainda menos, embora sorrisos não fossem coisas que ficassem harmoniosas no rosto dele. Com seu filho,

entretanto, agia como se fosse a alma mais bondosa do universo, e o garoto de tudo teve em sua infância até tornar-se um adulto de traços delineados, porte físico imponente, além de perspicaz e capaz de tomar as próprias decisões. Apenas uma dessas decisões não agradou muito ao velho Munford, e sinto ter que me estender um pouco a explicando, pois, por mais que a causa de tudo seja a boneca que só apareceria dali a muitos anos, as coisas começaram em 1864, quando Oliver decidiu que se casaria com a jovem Ellyze Wallace.

Ellyze era uma menina muito nova, com a pele de gardênia desabrochada e olhos brilhosos, azuis como o céu, vinda de uma família abastada de comerciantes da Carolina do Sul. Oliver a apresentou para o pai em 1864, e olhar para seu rosto naquela época causava um misto de estranho incômodo e desconfortante lascívia. Ela tinha doze anos, mas seu rosto de desenho delicado, sua boca clara e casta e seus olhos azuis que miravam enviesados dentro da inerente inocência eram de um poder embaraçoso. As curvas suaves do corpo que ainda se formavam escondiam-se debaixo de um volumoso vestido creme, e naquele instante pude compreender o motivo do fascínio que Oliver carregava nos olhos que percorriam a jovem sem pudor. Todos os empregados pareciam não querer olhar para a menina, tamanha sua beleza, pois parecia que a paixão seria capaz de invadi-los sem piedade! Tomei uma atitude, evidente, e despachei os empregados e capatazes quando a jovem se sentou na sala à espera do velho Munford, deixando apenas as mulheres ali, acompanhando-a, e até mesmo elas pareciam encantadas, enfeitiçadas pela beleza da moça. Oliver, que parecia mais um potro jovem perante uma égua no cio do que um rapaz de respeito, andava inquieto de um lado para outro, também na espera do pai, e sua respiração acelerada acompanhada do cenho franzido indicava que a aprovação do amargo homem que o criara era deveras importante.

Quando Conrad Munford desceu as escadas e viu a jovem Ellyze em toda a sua delicadeza e educação infantil, sua reação foi no mínimo curiosa. Ele não pareceu se incomodar com a beleza avassaladora da criança, o que eu achei algo totalmente digno do homem vivido que era. Seu rosto se torceu em um incomum reconhecimento, e ele nada disse, nem a ela e nem ao filho. Ao anúncio de Oliver de que gostaria de se *casar* com a menina, Conrad apenas sacudiu a cabeça e estendeu uma das mãos para o lado, o que soou como um “o que mais posso fazer?” O rosto de

Oliver se fechou como um punho, e ele disparou para fora da casa, puxando a jovem Ellyze pela mão.

Não pude conjecturar qual o motivo do desagrado do velho Munford, mas seu rosto me entregou uma expressão de amargura que ele não foi capaz de esconder de mim. O visível reconhecimento da face da garota me pôs a pensar se de fato o velho já não conhecia aquela menina, ou sua família, e que tipo de relacionamento ou situação teria levado o homem a demonstrar tamanho desprezo, e antes mesmo que eu expressasse qualquer pergunta, ele me encarou com frieza e disse:

“Sei que você deve estar pensando que já conheço essa menina, crioulo safado, e vou te dizer, eu a conheço sim. Mas não da forma como sua mente suja deve estar pensando.”

“Não estou pensando em nada, patrão Munford”, falei, ao que ele respondeu:

“Uma ova que não está! E eu vou te dizer por que não gosto dessa moça, assim como vou dizer ao Oliver quando ele voltar, e *se* voltar, pra tentar tirar da cabeça dele essa ideia idiota de se casar com essa criança! Posso não ter sucesso nisso, seu negro ingrato, mas depois, pode ter certeza, eu vou ter muito gosto em dizer *eu avisei*.”

“Essa menina”, continuou ele, “é uma louca! Os Wallace são todos um bando de insanos. Conheço os Wallace de muitos anos atrás... eles têm lojas espalhadas em vários lugares, mas são uns falidos, só vendem porcarias! Tenho certeza que estão usando a menina pra se aproximar do nosso dinheiro. E além disso... essa garota... ela tem problemas mentais, Marten. Ficou internada desde pequena porque tentou matar o irmão mais novo”.

Minhas costas se arrepiaram ante aquela informação, por mais que eu não pudesse crer que aquela menina de olhar doce fosse capaz de fazer mal a um rato, quanto mais a um irmão mais novo, um bebê. Além do mais, a forma como o velho Munford contava a história parecia artificiosa, como se houvesse algo além de apenas um desagrado pela origem da menina.

“Você deve achar que eu estou exagerando, mas não estou”, disse ele, olhando nos meus olhos. O velho tinha um jeito terrível de adivinhar o que os outros pensavam. “Se Oliver se casar com essa menina, ele vai se arrepender amargamente. Ela tem um olhar lascivo, sem harmonia. Sua boca se abre, mas seus olhos se abrem mais ainda, como se tentasse fazer

você adivinhar o que ela está pensando, mas ele *não vai* descobrir nunca, acredite. Ela é um perigo, um... um abelheiro esperando pra ser cutucado. É isso que ela é! E guarde bem o que eu estou falando, Marten Rosswell, isso vai piorar quando ela se tornar uma mulher, quando seu corpo for feito de curvas de verdade, e não de um projeto... e aí então vai ser impossível Oliver descobrir o que pode haver em sua mente. Ela vai fazê-lo infeliz, Marten, muito infeliz. E você me conhece, eu não vou passar a mão na cabeça dele e afagar seus cabelos quando a desgraça toda acontecer.”

Havia algo de sentencial e terrível na voz do velho Munford, e a lembrança daquele instante me acompanhou por anos, mesmo após o casamento realizado ali mesmo na fazenda, e mesmo após a passagem do tempo e a convivência com Ellyze. Aquelas palavras sempre voltavam. E o mais inquietante de tudo é que de fato a desgraça se abateu sobre aquela família; mas a vida foi no mínimo piedosa com Oliver, pois não deixou que seu amargo pai vivesse para que lhe magoasse os ouvidos com um insensível “eu avisei”.

2

Devo confessar que sou um observador assumido. E tenho que admitir que sou assim devido ao trabalho de mordomo, posição que me obrigava a estar sempre alerta, vigilante e servil. Um bom mordomo deve saber se antecipar, mas nunca deve agir antes de ser solicitado. Deve ser de sua natureza notar a necessidade de seu serviço e de seu auxílio. A habilidade de perceber a ânsia, o apuro, e de ter, no lampejo mais repentino, a solução ou a palavra certa. Até mesmo o simples ato de ficar calado, quando devido, é uma virtude que qualquer mordomo, no mínimo de sua competência, deve desenvolver. Sem isso, sem a capacidade de ser empático e arguto de uma maneira discreta e subserviente, não se está apto a administrar uma casa. Foi essa capacidade de observação que me fez perceber tudo o que havia de errado naquele casamento antes mesmo que a maldita boneca aparecesse.

Depois que Oliver casou-se com Ellyze, em uma tarde ensolarada e morna, de brisa leve, típica do Sul, a roçar os rostos e os sorrisos, Conrad ficou cada vez mais taciturno e frio. Nunca, entretanto, destratou a nora, em qualquer ocasião. Havia um acordo velado, mas notável quando os olhos se encontravam, de que o silêncio entre eles deveria ser suportado e que as diferenças entre ambos, tanto culturais quanto econômicas, deveriam ser ignoradas, tudo em detrimento da felicidade de Oliver, mesmo que o próprio soubesse que aquilo não passava de uma farsa, uma cena cheia de improvisos. Conrad parecia não se importar se aquilo soava verossímil ou não. Ele apenas desempenhava seu papel de fazendeiro rico e viril, observador e calado. Eu, sendo talvez a coisa mais próxima de um “amigo” que ele tinha, sabia que atuar daquela forma lhe doloroso. Ele era rude, mas em seu âmago sabia que não suportar a presença da nora era prejudicial não só para ele, como também para seu filho e seus futuros netos. No caso, a única neta, que ele nunca conheceria.

Ellyze, por outro lado, agia e desempenhava aquela personagem de forma esplêndida. Mesmo quando ainda parecia uma criança, correndo pela casa com leveza e jocosidade, brincando com os filhos dos empregados pelo extenso campo na frente da fazenda, seu comportamento transmutava-se na presença do velho Munford. Ela se mantinha ereta e ativa, evitando olhar diretamente nos olhos do sogro, demonstrando assim um respeito plausível e comovente. Não posso dizer o que o velho Munford pensava daquela atitude, mas não duvido que gostasse, caso contrário não compartilharia e muito menos participaria da farsa toda. Acredito, inclusive, que o sorriso de Oliver ao vê-los convivendo na mesma casa, sem criarem problemas, era o que incentivava a ambos. No fim das contas, tudo era por Oliver.

Ainda me lembro de como os dois, Oliver e Ellyze, vieram correndo na minha direção quando gritei, segurando o corpo duro e seco do homem que de certa forma me criara. Naquela época havia poucos empregados, e a fazenda seguia a passos largos para uma angustiante decadência financeira. Foi o fino tato de Oliver para os negócios que salvou aquela plantação de algodão, e, por conseguinte, a família Munford da falência. No fundo, parecia que outro acordo oculto corria ali, só que entre pai e filho. Conrad era inteligente, e sabia da situação das finanças e da fazenda. Sabia muito bem, aliás. Não era raro encontrá-lo fitando o horizonte, as mãos apoiadas na bengala e o queixo apoiado nas mãos, sentado e

concentrado. Eu quase podia ler seus olhos. Era como se contasse as moedas caindo, caindo e caindo... perdendo-as em uma correnteza frenética que as levaria para longe. Os campos brancos ficavam cada vez mais cinzentos. A visita de políticos e figurões da alta sociedade era cada vez mais incomum, até não haver mais sinal de qualquer contato social. Conrad Munford caminhava para a ruína. Algumas coisas não mudaram, como por exemplo a melhor das rações para seus cavalos ou o fumo mais caro para seu cachimbo. Certos luxos que ele não se importava em pagar mais para ter. O resto, entretanto, decaía.

Oliver esteve o tempo todo ciente da situação da fazenda e dos negócios do pai. Ele tinha apenas dezoito anos, não podia sequer ser chamado de homem feito, apesar de já estar casado. E mesmo com toda sua inteligência, não se intrometia nas decisões de Conrad. Pelo contrário, acatava todas elas, e era um dos que mais contribuía para que as coisas que dia a dia ficavam mais escassas durassem mais. Era uma espécie de respeito servil e amoroso, uma obediência infantil ao pai, visto que, mesmo ciente do desleixo do velho, não interferia e nem palpitava sobre qualquer decisão deste. A discordância e a percepção de que as coisas iam mal devido às decisões de Conrad ficavam visíveis em seus olhos, mas, de uma forma que incomodava até mesmo a um serviente mordomo como eu, não demonstrava qualquer reação revoltosa. A palavra de seu pai era a lei.

Foi a morte de Conrad, ao que me parece agora, lembrando aqueles dias, que salvou a fazenda e o nome da família. Naquele breve instante em que segurei o corpo do velho e vi seu filho e sua nora se aproximando, notei sentimentos ambíguos em ambos. Os olhos de Oliver transbordavam lágrimas pesadas, e sua face estampava um repentino crescimento, ao mesmo tempo em que, ajoelhado ao meu lado, ele tirava o chapéu de cima da cabeça e olhava ao redor, para toda a imensidão daquela fazenda e para o potencial que por fim tinha em mãos. A partir daquele momento *ele* tomava as decisões, e com um simples olhar eu pude sentir que seu julgamento sempre seria correto.

Quanto a Ellyze, que caiu de joelhos um tanto distante de nós, molhando o chão seco com lágrimas esparsas, eu senti o alívio do fim da atuação. Finalmente ela poderia voltar a ser *ela*.

E não posso mentir, as coisas melhoraram. Por um tempo.

Oliver tomou todas as decisões desde então. Ellyze, por sua vez, só fez uma exigência: que sua criada Susan fosse enfim morar com eles.

Susan dividiu a ama de leite com Ellyze quando ambas eram bebês. Era uma bela e imponente negra, o corpo moldado pelo trabalho doméstico. Tinha longas e encaracoladas madeixas escuras e um olhar inquietante. Um pouco mais velha que Ellyze, havia se tornado sua criada, sua serva, e eu vi ali muito do meu relacionamento com Oliver. Uma espécie de amizade sincera, mas velada, porque ainda não cabia a nós dividir os mesmos sentimentos com os brancos, mesmo que já fôssemos livres, teoricamente. A pouca diferença de idade entre elas facilitava as coisas, é claro. Ellyze a tratava com extremo respeito e até mesmo com igualdade, mas as posições ficavam claras quando era Susan quem arrumava os cabelos e as unhas e dava banho em Ellyze, em sua “senhora”. Lógico, eu não posso ser hipócrita e não admitir que também agia quase da mesma forma com Oliver, e antes, com seu pai. Ainda havia um laço de servidão me prendendo, e é doloroso pensar nisso hoje e saber que eu poderia, quem sabe, ter seguido outro rumo. O *meu* rumo.

Enfim, Susan foi a primeira de muitas pessoas que chegaram à fazenda, para trabalhar nos campos de algodão, ou para cuidar dos cavalos, ou apenas para servir, em troca de uma parva moradia, aos Munford, que pouco a pouco se reerguiam financeiramente. Minha posição de mordomo, aliás, se tornou cada vez mais exigente de responsabilidade, assim como meus ganhos, superiores aos de todos os negros e inclusive aos de muitos empregados brancos da fazenda, se equiparando com os pagamentos de outros empregados essenciais, como contadores, advogados e subgerentes das plantações. Oliver ressuscitara os negócios da família. Investiu nos campos de algodão, gastando o dinheiro que não deveria contratando mais colhedores. Foi difícil reestabelecer aquela plantação, mas depois de sete longos meses, havia uma imensidão de branco quando se olhava para o sul, estendendo-se até se perder de vista. As relações com políticos e a alta sociedade foi se reconstruindo, com visitas regulares a Washington e Nova York, visitas essas que ele fazia sozinho, sem a presença de Ellyze, que se sentia tímida perto de desconhecidos, o que Oliver achou que seria um terrível incômodo. Era perceptível em sua esposa, entretanto, que essa

conveniência a inquietava. Não deve ser um bom sentimento o que percorre nossa mente quando se descobre que não se é útil para quem ama, e Ellyze deixava aquilo escapar de seus olhos, por segundos.

Lógico que Ellyze não era frívola. Na ausência de Oliver, sua liderança era tão firme quanto a do marido, e eu posso afirmar que ela possuía mais desenvoltura que ele para administrar a fazenda em si, pois, ao contrário da amabilidade de Oliver, Ellyze se aproximava muito da insolência do falecido Conrad. E naqueles tempos duros, era uma postura mais frutífera do que a outra. Existem certas coisas, e digo até mesmo certas pessoas, para as quais somente uma mão firme e inflexível é capaz de dar direção. Coisas e pessoas que, por conhecerem apenas a maneira dura de seguir, só por estes meios sabe caminhar. Não me entendam mal... mas o que quero dizer é que, se um cavalo aprende que deve andar quando o chicote lhe golpeia o lombo, por que ele andaria apenas com uma ordem falada?

E daquela maneira parecia que a própria Ellyze, que por dois anos suportara a convivência com o sogro, perpetuava sua forma de comandar e de prosperar. E devo dizer que se havia algo presente naquela casa durante aqueles anos, era a essência do espírito de Conrad Munford.

A sensação de vigilância constante instaurava-se com a presença nada discreta de um retrato de quase dois metros de altura do próprio Conrad, pintado à mão, emoldurado com carvalho e posicionado sobre a lareira, encomendado por ele próprio meses antes de morrer. O rosto quadrado e carrancudo, a barba branca bem recortada e o tronco robusto, mesmo que curvado, estavam ali, registrados na tela a óleo com perfeição, e era impossível não olhar para aquele rosto quando se adentrava à sala de estar. Como se ele vigiasse aquele cômodo escuro, recheado de móveis rústicos, mas miseravelmente vazio. E como era vazia aquela casa! De seus doze quartos, apenas dois eram ocupados, um deles por Oliver e sua esposa, o outro por mim. O restante dos empregados vivia na casa anexa, que tinha menos da metade do tamanho. Conrad nunca permitiu que parentes e agregados permanecessem muito tempo ali, e isso continuou depois de sua morte, o que causava a obscura sensação de que ele ainda habitava a casa, uma figura amarga e solitária que odiava companhia. Eu sempre acreditei que em seu âmago ele sabia o quanto era uma companhia incômoda, e que afastava as pessoas de sua presença não para que não se amofinasse, mas para que não o fizesse *aos* outros. Ainda assim, era

angustiante andar por aqueles corredores à noite, apagando as luminárias e sentindo as sombras se avolumarem atrás de mim. Sentindo como se apenas ele estivesse por lá, no escuro do quarto, sozinho e amargurado, talvez balbuciando o nome da esposa ou rogando uma praga a algum desafeto por mim desconhecido. E mesmo que tudo parecesse coisa da minha imaginação, eu não colocaria minha mão no fogo. Não mesmo.

Essa sensação levou tempo para desaparecer. Oliver e Ellyze eram jovens demais para imprimirem eles próprios suas personalidades àquela casa. Mesmo anos depois da morte de Conrad isso não ocorreu. Teria sido ótimo ver aquela casa com ares de um lar de um casal jovem e feliz. Se isso tivesse acontecido, talvez aquela penumbra não tivesse se avolumado sobre a mansão, e os anos subsequentes não teriam se tornado caliginosos e incertos. O casal Munford transformou a fazenda em algo próspero de novo, mas a casa permanecia soturna e decadente, assim como a vida de ambos parecia caminhar para um tipo de agouro anunciado.

Eu sinto ter que estender um pouco mais esse relato e levá-lo além do que ele deveria retratar, porque acredito que seja necessário mostrar alguns fatos que, vistos naqueles tempos, não pareceram importantes, mas que com o passar dos anos se revelaram impactantes e determinantes na história daquela família.

Foi notável o levante financeiro dos Munford a partir daqueles anos. A produção do algodão de alta qualidade alavancou os negócios, e a fazenda se tornou uma das maiores fornecedoras do produto no Sul dos Estados Unidos. As negociações com a Inglaterra foram inevitáveis, e diversas vezes em poucos anos Oliver se afastou da fazenda por longos períodos, alguns que chegaram a durar até mesmo quatro meses, o que tornou perceptível, de certa forma, a infelicidade da vida daquele casal. Ellyze nunca acompanhava Oliver em suas viagens de negócios. Ele, por sua vez, não demonstrava interesse na participação dela naqueles assuntos. Não que ele a desprezasse; não, isso não acontecia. Sempre que ele voltava das suas viagens, ficar ao lado da esposa era o que ele mais desejava, tanto que nos dias que se seguiam aos seus retornos, os dois chegavam a passar horas, até dias inteiros, dentro do quarto. Faziam inclusive suas refeições lá mesmo. E era notável o murmúrio constante dos funcionários, quando conversavam entre si, sobre a natureza do que o casal fazia a sós. Lógico, não era assunto de ninguém ali, então, quando eu encontrava grupos reunidos falando algo a respeito, ou até mesmo quando algum comentário

era dirigido a mim, eu repreendia de imediato quem quer que fosse, desde um simples criado negro até mesmo o contador da fazenda, que diversas vezes teve que esperar horas e mais horas até que Oliver decidisse sair do quarto e da presença da esposa para recebê-lo no escritório. Um advogado, certa vez, se referiu à jovialidade de Ellyze na minha presença, e apenas a forma como eu o olhei nos olhos fez com que se calasse e ficasse vermelho como um tomate!

Devo admitir: durante o passar daqueles anos, transferi grande parte da amizade que tinha com Oliver para Ellyze. Ela era de uma simpatia cativante, pelo menos para comigo. Também não posso excluir da conta minha fidelidade incondicional e meu caráter circunspecto, que foi o que de fato fez com que sua confiança fosse por mim conquistada. Nos dias e meses em que Oliver viajava a negócios, os únicos que faziam companhia a Ellyze eram sua criada Susan e eu, mas pude notar que a relação de ambas mudava enquanto os anos se passavam e elas saíam da juventude para a vida adulta. Quando Susan engravidou, em 1871, então com vinte e cinco anos, de um negro qualquer daquela fazenda que não fez questão de assumir a paternidade, as diferenças entre ambas ficaram ainda mais evidentes. Ellyze se tornara então a jovem madame rica e sem filhos, e Susan a criada com um filho bastardo para criar. Esse acontecimento não destruiu a amizade que nutriam, mas surgiu como um sinal evidente de que algo ia errado com aquele casamento, pois mesmo depois de quase sete anos casados, Oliver e Ellyze ainda não tinham filhos. Foi quando por fim aquele abismo entre senhora e criada se tornou evidente, e a relação entre elas mais adulta e menos frequente. Nesse meio tempo, ela substituiu Susan por mim. Eu era seu confidente então, ouvidos atentos para suas indisposições e reclamações corriqueiras. Notava sempre o efeito da ausência constante de Oliver. Da mesma forma como eu percebi que, depois de alguns anos, nem mesmo sua presença parecia acalenta-la. Que o tempo que eles passavam juntos no quarto após os retornos de Oliver eram cada vez mais curtos, até não existirem mais. Que seus rostos pareciam mais magros e cansados, cada um de sua maneira; Oliver com os olhos fundos e as rugas já evidentes, demonstrando cada vez mais uma irritação constante com os empregados ao mínimo deslize, e até mesmo comigo; Ellyze cada vez mais misteriosa e fechada, evitando falar com quem quer que fosse, e passando grande parte de seu tempo trancada no quarto ou na biblioteca da casa, alheia ao que acontecia na fazenda.

Então as coisas aconteceram em uma sequência quase lógica: Oliver viajou na mesma semana que Susan deu à luz a uma menina, a quem chamou de Patrícia. Oliver retornou seis meses depois. Dois meses após seu retorno, Ellyze revelava a todos que estava grávida.

Quando Marie nasceu, em 1873, a paz celestial caiu novamente sobre aquela casa, sobre aquela distinta família. E qualquer desconfiança parecia desmedida e injusta, mesmo que os olhares, trocados entre todos, entregasse a sensação indubitável de que se guardava um segredo.

4

Marie Munford salvou aquele casamento, pelo menos por alguns anos.

Ela era, e mantenho essa afirmação até hoje, a criança mais bela e deslumbrante que já vi nascer e caminhar nessa terra. Nos primeiros dias, quando era só um bebê minúsculo e frágil que não saía dos braços de Ellyze ou de Oliver, havia uma curiosidade gigantesca acerca da cor que estaria impressa naqueles olhos, se seriam os azuis celestiais da mãe ou o castanho-claro do pai. Quando a menina por fim abriu seus olhos, a visão foi fascinante e magnífica, pois eles brilhavam em um tom ciano e aquoso tão estupendo que olhá-la era como contemplar um doce e sublime anjo, repleto da mais pura inocência e alvura, um clarão de beleza e deleite que nos arrebatava e fazia esquecer de imediato quaisquer que fossem nossas preocupações. Seu sorriso era um vislumbre da luz divina de Deus, uma parcela de sua paz. As mãozinhas, por Jesus Cristo, eram tão pequeninas e frágeis, tão perfeitas quanto a mais bela paisagem modelada pelas mãos do altíssimo. Para reconhecer o verdadeiro tom da felicidade, da alegria e da realização do amor entre um homem e uma mulher, bastava olhar para os rostos de Oliver e Ellyze. Vislumbrava ali um pouco do que eu sentira no passado, quando, tão jovem, minha finada esposa deu à luz uma menina que reluzia em paz para mim tanto quanto aquela loirinha brilhava para Oliver e Ellyze. Os sentimentos eram muito duros para mim, entretanto, e eu preferi deixá-los de lado e contemplar a beleza de Marie, que era o motivo de nossa alegria naquele momento. Aquela paz e júbilo nos manteve unidos durante muito tempo; pelos anos em que a menina cresceu

e se tornou uma criança de sorriso alegre e temperamento tempestuoso, porém amável.

Susan teve mais um filho, três anos depois do nascimento de Marie, um garoto a quem chamou de Owen. O pai também era desconhecido, e nenhum dos negros da fazenda se pronunciou sobre o fato, o que levou Ellyze a comentar comigo, certa vez, que “o fato de o filho de Susan ser negro não significa que seu pai também seja um negro...”, comentário esse que me deixou extremamente vigilante com as outras mulheres que trabalhavam na colheita. Se eu não tomasse cuidado, aquela situação poderia sair do controle, e teríamos diversas negras grávidas ao mesmo tempo, o que prejudicaria a nossa produção. Não quero que pensem que fui insensível. No meu modo de pensar, as mulheres sempre tiveram o direito de formar suas famílias, mas é obvio que não era desejo de Oliver que a casa anexa se tornasse um albergue recheado de famílias e crianças que jamais saberiam quem eram seus pais. Além disso, aquelas negras eram nossas empregadas, e não rameiras disponíveis para quem quisesse. Sim, tudo sairia do controle, então tive que orientar todos os empregados a evitarem se envolver com outras mulheres na fazenda, sob o risco de serem demitidos. A notícia não foi bem recebida, porém ordens sempre são ordens, e apesar da relutância, nem um bebê nasceu depois de Owen. O que não significa que me obedeceram ao pé da letra.

À medida que os anos passavam, o poderio financeiro da família Munford aumentava. Oliver expandia cada vez mais os limites da fazenda, até o momento em que já não era mais possível comprar os terrenos próximos, visto que, ou pertenciam ao governo, ou a fazendeiros tão ricos quanto ele, de forma que a solução que Oliver encontrou foi comprar lotes fora da Luisiana. Ele adquiriu uma grande casa em Nova York, três vezes maior que a Casa Grande da fazenda, em uma região pouco habitada. Quando retornou da viagem em que finalizou a compra, mostrou-se muito empolgado com a aquisição, descrevendo-a como algo que nenhum de nós ali naquela fazenda havia visto na vida. Ellyze, entretanto, recebia as notícias com uma indiferença que só não era notada por Oliver. Era perceptível, na forma como ela apertava os lábios e evitava nossos olhos, que havia algo em sua mente misterioso não só para mim, mas para o próprio marido, uma intenção oculta que nem mesmo o mais observador dos homens seria capaz de descobrir...

Não posso descrever agora o que anos depois descobri como a raiz da causa de tudo, mas enquanto a pequena Marie passava dos três para os quatro anos e sua linguagem, assim como seu comportamento, se desenvolvia de maneira absurda, foi como se uma tenebrosa nuvem tivesse envolvido aquela família outra vez, uma névoa de negrume intenso, mas dispersa e disfarçada nos sorrisos dissimulados e nos falsos apegos. Foram dias e noites em que me senti alheio ao que se passava entre aquelas três pessoas, aquele clã que se nomeava Munford e que parecia ter tantos segredos repentinos que, sempre que eu adentrava algum cômodo onde dois deles estivessem, eu percebia num átimo que algo íntimo demais para ser compartilhado rondava ali, e qualquer tipo de fala ou conversa era interrompida ante a minha chegada; esta, sempre seguida de olhares enviesados que constrangidos percorriam pontos aleatórios do lugar, buscando um foco, uma saída para possíveis aflições da alma. Observador como sempre fui, sabia que existia alguma coisa obducta naqueles gestos e naquele silêncio. O ofício da discrição de um mordomo, entretanto, devia ser levado ao extremo, e por mais íntimo e amigo que eu me sentisse ou pensasse que fosse, jamais me atrevi a perguntar ou fazer a menor menção de que estava curioso sobre o que acontecia ou o que se conversava. E posso afirmar, com toda certeza, que a ignorância me livrou de um sofrimento prematuro, ou de um flagelo auto imposto, pois nem toda a sorte de segredos e pecados teriam me preparado para o que eu descobriria depois.

Aquela nuvem cinzenta e perversa passaria meses depois, e futuramente daria lugar a outra, de obscuridade superior e inimaginável. Eu não sabia disso, entretanto. Não podia prever. Apenas agradei quando as coisas melhoraram.

Além do que foi dito, se torna complicado organizar alguns fatos quando nada de marcante ocorreu. Por anos a rotina na fazenda foi mesma. A produção era abundante e muito rendia à família Munford. As viagens de Oliver continuavam na sua forma habitual, acompanhado apenas pelo advogado e um ou outro capataz. Ellyze sempre permanecia na fazenda. Conduzia tudo com maestria. As crianças cresciam e brincavam. Nada de incomum até que Marie completasse sete anos.

Só então surgiu Rebecca.

Apenas a citação, o riscar do lápis transformando as formas em letras e as letras nesse nome, já é capaz de obrigar-me a encolher de medo.

O início do terror, o prelúdio daquilo que seria a ruína dos Munford, tem uma data exata: o aniversário de sete anos de Marie Munford. Vinte e sete de agosto de 1880. O clima naquele verão foi agradável, de noites claras e frescas. Ellyze nunca deixava que a data do aniversário da filha passasse sem lhe dar ao menos um presente, fossem vestidos, coisas para as quais a predileção de Marie pouco a pouco pendia graças ao gosto requintado de sua mãe, fossem brinquedos e bonecas, marcas da sua infância ainda em auge. Claramente havia em Marie algo que a distanciava de uma criança comum, e isso era sua personalidade, logo seu apego com bonecas foi se tornando ínfimo à medida que os anos passavam.

Marie era quase como uma adulta no corpo de uma criança, o que me trazia recordações de sua mãe quando esta surgiu diante de todos na fazenda, anos antes, encantando-nos com sua beleza estonteante e puramente infantil. Marie Munford, loira e de olhos tão coruscantes quanto os de Ellyze, tinha uma desenvoltura absurda diante da presença de qualquer pessoa, fosse conhecida ou alguém que nunca vira na vida. Falava com altivez e ousadia, fruto de uma instrução muito próxima e peculiar dada pela mãe, apesar de ainda não saber ler ou escrever, problema que seria resolvido naquele mesmo ano com a chegada do professor alemão. Isso, entretanto, foi *depois* de Rebecca surgir. Evidente que a menina ainda mantinha o comportamento infantil. Divertia-se e gargalhava com os filhos de Susan. Patrícia já era uma moçoila robusta nessa época, e Owen era um garotinho de quatro anos que mais resmungava do que tudo. Eles passavam o dia inteiro correndo pelos terrenos da fazenda, e seus gritos e risos ecoavam por toda a propriedade, despertando outros sorrisos e outros resmungos. Não era raro vê-los metidos em confusões com empregados, devo dizer, pois eram espevitados de tal forma que facilmente irritavam os adultos. Abrir as baias dos cavalos para vê-los correndo pelos campos na frente da Casa Grande era o que faziam de menos elaborado, e acho que apenas com esse exemplo já é possível constatar o quanto eram travessos. No final do dia os três sempre tomavam uma boa reprimenda; Patrícia e Owen recebiam em uma

quantidade mais severa, se me faço entender. Susan não gostava nem um pouco de ouvir desaforos meus ou dos empregados, por isso seus meninos levavam um bom ralho. Muitas vezes os encontrava após a bronca, com as orelhas bem vermelhas e inchadas, o que, devo admitir, me dava certo contentamento. Ellyze nunca chegou a encostar a mão na sua menina.

Oliver estava em Washington no dia do aniversário de sete anos da filha. Não era incomum que não estivesse em casa em datas que de certa forma eram especiais, como o aniversário da esposa ou o de casamento. Aconteceu algumas vezes, e continuaria acontecendo, tivesse ou não Rebecca entrado em suas vidas. Acho que fazia parte da natureza de Oliver, algo como uma despreocupação com aqueles mais próximos, o que eu sabia, por conclusão óbvia, que não se dava por desprezo ou desconsideração, ou muito menos por falta de afeição à esposa e à filha. O que se passava com Oliver é que, apesar do toque amável que recebera do espírito da mãe, ele crescera sob a companhia constante de um homem amargo e cômodo chamado Conrad Munford, pai e exemplo. Além do mais, se existe uma coisa que a vida adulta tira do jovem é a percepção das coisas simples. O homem cresce e fica preso nas amarras da responsabilidade; isso o força a delimitar sentimentos e definir prioridades, o que na maioria das vezes sufoca seus sentimentos mais profundos e o esconde por detrás do muro da razão. O que quero dizer é que, se Oliver por ventura se esquecia ou se afastava da família em momentos ou datas importantes, não era porque não amava as mulheres de sua vida, sua esposa e filha, e sim porque sentia, no fundo de seu peito, que o amor delas era incondicional, e que elas entenderiam. Ele tinha coisas para fazer, negócios para tratar, e era isso que homens faziam.

Por outro lado, Oliver era muito esperto, e sempre se redimia com ótimos presentes para ambas, dependendo da data perdida. Era comum que voltasse de suas viagens com belíssimos bibelôs para a esposa, ou peças de cristal tão brilhantes e sublimes que resplandeciam diante dos olhos; vez ou outra trazia para a mulher joias de valor inestimável, colares de pérolas alvas como as nuvens, ou anéis de pedras coloridas, como rubis ou esmeraldas que vinham do outro lado do mundo, de terras orientais selvagens e inexploradas, e na maioria das vezes ele conseguia arrancar belos sorrisos da esposa. Para a filha, era normal que Oliver trouxesse sempre lindas e formosas bonecas de pano, algumas de *finesse* tamanha que deixavam a todos deslumbrados. Marie as adorava, claro, e tinha em

seu quarto uma estante repleta delas, bonecas costuradas com tanta maestria que pareciam pequenas miniaturas humanas. Cada uma delas tinha um nome, e sempre víamos Marie andando pela casa com alguma das bonecas nos braços. Cada dia da semana ela reservava um tempo para cuidar de uma boneca específica, e o fazia com empenho e amor inegáveis.

Como eu disse, Oliver era muito esperto e sabia onde tocar em ambas, na mulher e na filha. Logo, não estar presente nessas datas era uma coisa a qual se acostumara, uma vez que nunca chegou a ser um problema que resultasse em mágoas ou discussão.

Talvez por isso tenha sido imperceptível para a maioria o ar maligno que aquela boneca tinha quando Oliver a entregou nas mãos de Marie, porque era apenas mais uma, mais um presente para compensar a ausência, mais uma para a coleção da menina, apesar da boneca em questão ser tão diferente das outras.

O primeiro fato que despertara em mim um leve estranhamento foi que Oliver *se esqueceu* do aniversário da filha. Ele retornou de Washington dois dias depois da data e, contra a expectativa de todos, não trouxera sequer uma lembrança para a menina. Não posso descrever aqui a face de descontentamento que Marie expôs quando o pai desceu da diligência e seguiu até ela sem qualquer pacote ou embrulho nas mãos. Quando se aproximou, deu apenas um abraço e um beijo normal na filha, um gesto que estava acostumado a fazer, mas nada que parecesse o de um pai que perdera o aniversário de sete anos de sua única cria. O rosto da menina se contorceu em uma carranca de mágoa tão profunda que por segundos pude ver a adulta complicada que se tornaria, se assim Deus permitisse, algo próximo de uma caldeira fervente prestes a explodir. Tão logo percebeu que seu pai não só apenas nada trouxera como também se esquecera da data do aniversário, cruzou os braços sobre a barriga e correu apressada para dentro de casa, deixando um confuso Oliver plantado na varanda, com Ellyze a encará-lo, inquisidoramente.

“O que foi que eu fiz dessa vez?”, questionou à esposa, que sorriu com o canto fino dos lábios e disse:

“Você se esqueceu do aniversário de sua filha.”

Também não pude conter um sorriso disfarçado ao ver o rosto confuso de Oliver. Ele coçou a cabeça e olhou para o nada como alguém que não faz a mínima ideia de que cometeu um terrível ato. Não que ele o tenha feito, obviamente. Um esquecimento não é o pior dos sacrilégios. Na

cabeça da menina aquilo era uma falta imperdoável, e não duvido que Ellyze não só se divertia com aquilo, como também parecia, no fundo, contente com a falha do marido. Parecia exalar um tipo de vitória, como se esperasse por anos que o marido cometesse um erro para tirar vantagem dele, e foi o que aconteceu. No instante seguinte ela correu atrás de Marie, chamando-a:

“Querida, querida, não fique assim...”, e quando todos nós entramos, Oliver ainda confuso com o que acabara de acontecer, eu acompanhando os desdobramentos daquela pequena falha, vimos Ellyze abraçada à filha, falando-lhe no ouvido e olhando para o marido. Um sorriso lhe escapava dos lábios, e eu por fim notei algo cujo disfarce durara uns bons anos: eles disputavam a filha. Depois daquilo, ficou óbvio. Ellyze soltou-se da garota, subiu para o quarto, deixando uma chorosa loira secando os olhos claros, o rosto todo molhado pelas lágrimas, a encarar magoada o pai. Oliver, então visivelmente envergonhado, se aproximou da filha, olhando-a com ternura, e quando ia dizer algo, foi interrompido pelos sonoros passos da esposa descendo a escada principal.

Ela trazia um embrulho nas mãos, com um enorme sorriso de triunfo. Foi possível notar que o rosto de Oliver se enrubescera ainda mais, pois, mesmo de costas para mim, pude ver suas orelhas ficarem vermelhas, enquanto os ombros se combaliam, numa tristeza e decepção inexplicáveis. Enquanto isso, o rosto da pequena Marie se alterara de maneira extrema, e nem mesmo as bochechas inchadas e vermelhas pelas lágrimas foram capazes de ofuscar a beleza daquele sorriso inocente e infantil. Era um presente, *mais* um presente, preciso dizer, pois Ellyze tinha dado outro para a menina no exato dia de seu aniversário. Era uma disputa, uma tola disputa, tenho que dizer. A menina abriu o embrulho ali mesmo, revelando um pomposo vestido vermelho e branco, coisa de tecido tão fino e elegante, mas ao mesmo tempo tão adulto para a pequena Marie, que foi possível ver em Oliver seu descontentamento. Ele deixou as malas no chão, forçou um sorriso para a filha quando esta se virou para ele exibindo o presente e esquecendo qualquer mágoa que a situação tivesse gerado, coisa que só acontece com crianças mimadas, e deixou a sala a passos lentos, seguindo na direção de seus aposentos enquanto Marie e sua mãe gargalhavam ante a visão do deslumbrante vestido.

Eu não sei, talvez eu esteja exagerando, mas havia sim uma disputa, não só por atenção, mas por amor, por apego, e decerto foi isso que

motivou Oliver a viajar no dia seguinte para Nova Orleans, o que causou estranhamento imediato da parte de Ellyze, pois Oliver não tinha conhecidos naquela região, muito menos negócios para tratar ou reuniões agendadas. Descobri, enquanto lhe preparava a diligência, que havia uma feira popular gigantesca na cidade, e que sua ideia era comprar um presente que superasse o que Ellyze dera a Marie. Era uma tolice sem tamanho, eu sabia, mas jamais diria isso para um pai motivado, então me despedi dele com um desejo de boa sorte, enquanto ele partia compenetrado no que parecia uma campanha militar.

Não preciso me estender aqui. Oliver voltou dois dias depois, cansado, a barba por fazer se evidenciando, mas diferente. Dessa vez havia um sorriso desafiador em seu rosto.

Ele me cumprimentou quando desceu da diligência, carregando um pacote de papel nas mãos. Caminhou em direção à casa com uma determinação avassaladora. Nem com a mala que carregava, e que sempre fazia questão de levar até seu quarto, ele se preocupou. Seguiu na direção do lar. As mulheres de sua vida saíram antes mesmo que ele atingisse a escada, e ambas viram o olhar do homem. Marie não poderia compreender aquele olhar, mas Ellyze sim. Eram os olhos do velho Conrad Munford, agora impressos na face que ano após ano já formava pequenas rugas; o olhar provocante e agressivo do sogro, como se voltasse para assombrá-la. O olhar de quem compra uma vitória se precisar. Quando Oliver subiu as escadas e atingiu o patamar, sequer olhou para a esposa. Ajoelhou-se diante da filha e estendeu o pacote; das escadas eu podia ouvir seu lamento de desculpas, com uma voz que não era chorosa, e sim consciente da vitória que esperava obter.

Marie olhou rápido para a mãe, como se esperasse algum tipo de aprovação, mas como ela não veio, a menina apenas voltou-se para o pacote e o abriu. Envolta em várias camadas de um papel pardo e um pouco sujo, como se entregasse a procedência modesta do local da compra, havia uma forma humana miniaturizada, e só de relembrar esses aspectos, de forçar a mente para descrever a forma como o braço pequenino caiu de lado, para fora do pacote, como se fosse o corpo convalescente de um bebê, já me imprime um pavor gigantesco e surreal, pois ali, naquele embrulho, havia *a boneca*, o objeto que levaria a desgraça àquela família como a praga de gafanhoto é capaz de trazer o fim a uma plantação fértil e bem cuidada.

Na verdade, não sei por que ainda me apavoro. Estou distante quilômetros e mais quilômetros daquela fazenda e incontáveis anos daquela situação, então não entendo por que ainda me arrepio, por que ainda sinto um frio rígido como aço penetrando minhas costas, travando minha coluna. Além disso, eu estava lá, naquela varanda, olhando para a pequena Marie enquanto ela desembulhava aquele pacote, e se eu insistir em me lembrar daquele momento como ele de fato ocorreu, e não impactado pelos acontecimentos dos meses seguintes, terei certeza de que aquele instante não desvelou nada que justifique o medo tamanho que sinto hoje.

Ela desenrolou os barbantes e removeu todos os papéis daquele embrulho e revelou a boneca. A visão do objeto causou diferentes reações em cada pessoa que presenciava aquele momento. Oliver pareceu o menos afetado, decerto porque foi o primeiro a ver o brinquedo e já não era novidade para ele. Eu me senti um pouco abismado, e explicarei por quê. Marie e Ellyze foram as que demonstraram, a meu ver, as reações mais deslumbradas. Mas antes de tudo, preciso descrever aquela boneca para que seja possível entender o que senti.

Era a boneca mais linda que Marie jamais poderia ter tido. De um tamanho superior ao das outras bonecas, quase na proporção de um bebê de alguns meses de idade, seus cabelos eram todos escuros e encaracolados, e possuíam um brilho espantoso, quase como um céu estrelado. Era de meu conhecimento que os cabelos de bonecas eram fabricados a partir de madeixas humanas, mas a qualidade daquela peruca era absurdamente rara. Trajava uma vestimenta de alta classe, um vestido pomposo de várias camadas, em um tom de licor de cereja que muito se aproximava do vestido que Ellyze dera à filha dias antes. Os braços e pernas se revelavam feitos de madeira talhada à perfeição e envernizada com o mais cândido esmalte, uma madeira clara e de veios finos, sem qualquer nó ou falha, dando à boneca uma verossimilhança humana inacreditável. O rosto, enfim, era o mais encantador de todo aquele conjunto: feito inteiro de porcelana e pintado à mão com os delicados desenhos dos lábios e dos olhos, estes azuis e brilhantes como o da jovem Marie; as feições da boneca pareciam reais e pacíficas, com um sorriso

infantil e discreto que encantava ao primeiro olhar. Diante de tal trabalho, até mesmo a alma mais dura seria capaz de dissolver-se. Quase pude sentir as ondas do afinho e do amor do artista que esculpira aquela boneca. Era uma verdadeira obra de arte.

Marie ficou estupefata diante daquela virtuosidade em madeira e porcelana, e abriu um sorriso gigantesco, que só não se esticou mais do que o sorriso de Oliver, cuja satisfação não parecia conter-se naquele corpo ali ajoelhado. A menina ficou sem palavras, balbuciando coisas como “Meu Deus...” ou “Como é linda...”, tão baixo e tão para si que nos excluía daquele deleite. A paixão foi tanta que Marie sequer abraçou seu pai primeiro: levou a boneca de encontro ao busto magro e infantil e apertou-a com vontade, com amor, quase como uma mãe abraça a um filho, com carinho e cuidado. Depois andou na direção do pai e agarrou-se a ele, o rosto colado no seu pescoço, agradecendo-o a cada instante, e não se cansando de dizer que havia ganhado “o presente mais lindo do mundo!”

Quanto a Ellyze, sua reação foi um tanto misteriosa. Seus olhos se abriram com intensidade na direção da boneca, como se visse ali algo que lhe induzisse uma busca da mais recôndita semelhança em sua mente, para em segundos se dissolver em um olhar de pura inveja e mágoa, pois compreendia que o alvo daquele presente, o motivo verdadeiro, não era agradar à menina, mas sim atingi-la. E pela forma como ela encarou Oliver enquanto ele abraçava a filha, o objetivo fora alcançado. Eram olhos tão gelados e rancorosos que quase pude sentir um estremecimento vindo dela. Podia ver sua mandíbula contraída, o rosto tão duro e petrificado que transformavam Ellyze numa estátua furiosa, uma Medusa quando forçada a olhar para si própria no espelho.

Inteligentes como eram, entretanto, não demonstraram qualquer animosidade diante da filha. A mim, que os via de perto, mesmo que tentando esconder essa vigilância, e que conseguia quase ler seus pensamentos, tudo parecia um esforço sobre-humano. Oliver se levantou e todos seguiram para dentro, e por alguns dias tudo pareceu tão normal quanto antes. Os dias quentes daquele verão pouco a pouco chegavam perto do fim, e tal qual uma previsão, como se o findar dos dias cálidos anunciasse uma tendência, eu sentia como se algo ruim estivesse na eminência de acontecer, e essa sensação em momento algum foi causada

pela boneca. Era como uma predestinação: aquele casamento pouco a pouco caminharia para algo ruim. Eu *via*.

As coisas começaram a acontecer depois que Ellyze decidiu que era hora de Marie aprender a ler e escrever.

7

Antes da chegada do professor alemão, Marie batizou a boneca.

Eu não acompanhava de perto as brincadeiras de Marie, Patrícia e Owen, uma vez que não era minha responsabilidade vigiá-los; eu vivia bastante ocupado, ademais. Fazer a produção da fazenda caminhar era cansativo. Eu acordava muito cedo, antes mesmo que o sol lançasse qualquer réstia de luz no horizonte. Sem dúvida era o empregado que levantava mais cedo em toda a fazenda, exceto talvez pelo velho Gary Handel, responsável por cuidar do pouco gado que os Munford possuíam. Ele ordenhava as vacas tão cedo que as pegava ainda dormindo. Não era raro acordar e vê-lo da janela da cozinha, saindo do banheiro perto da casa anexa, os cabelos desgrehados enfiados em um chapéu velho e mole, a barba desmantelada, os olhos esbugalhados, como se uma explosão o tivesse despertado. Com o cantar do galo, ficava diante do curral, pitando um cachimbo e encarando o nada, pensando no que só Deus sabe o que homens como ele pensam. Era o único branco que trabalhava para Oliver fazendo coisas que geralmente os negros faziam, e parecia não se importar em receber ordens minhas, o que me levava a tratá-lo com mais respeito do que a muitos negros que não pareciam gostar da forma como eu comandava. Como gosto de pensar, se há uma coisa que a cor da pele não define é o caráter de um homem.

De fato, éramos os primeiros a levantar da cama naquela fazenda, com a brisa fria da madrugada ainda soprando pelos vãos das portas. Assim que eu despertava, seguia pela escuridão dos corredores carregando uma vela, ia até a cozinha ampla e rústica e preparava meu próprio desjejum. Comia ali mesmo, sentado diante de uma grande e antiga mesa de madeira, olhando pela janela para o dia que renascia. Naqueles minutos, era essencial que eu não pensasse em nada, pois o dia que se estenderia

então sempre me incumbiria de decisões constantes, e o desjejum era o momento de me preparar para elas. A colheita do algodão começava quando o sol estivesse inteiro sobre o horizonte, e não era uma tarefa agradável coordenar dezenas de homens e mulheres durante um dia inteiro. Na maioria das vezes, eu precisava abandonar o posto e voltar para a Casa Grande, cuidar de tarefas mais minuciosas como encaminhar correspondências para Oliver (que não eram poucas), verificar sua agenda de visitas e negócios, averiguar a produção do almoço e do jantar, coordenar faxinas em partes específicas da casa, avaliar o trabalho das camareiras e faxineiras, entre tantas coisas incontáveis e oportunas que poderiam surgir, como desentendimentos entre empregados ou até mesmo demissões. Eu executava tudo com maestria, evidente, e não houve sequer um dia em que tenha sido repreendido por não realizar alguma tarefa com a precisão ou eficiência de sempre. Disso me orgulho profundamente.

Foi em uma manhã como qualquer outra, após despertar, que notei algo diferente no velho Gary Handel. Percebi uma movimentação do lado de fora, olhei pela grande janela da cozinha e lá estava ele, na porta do lavabo, as mãos apoiadas na madeira velha e descascada, as costas um pouco curvadas e os joelhos flexionados. Parecia cansado, pois seu corpo se inflava em respirações constantes. Imaginei que poderia estar passando mal, com uma dor de barriga terrível. Então ele virou a cabeça e olhou para mim. Seus olhos estavam maiores do que o normal, mais estufados que nunca. Fixaram-se em mim com determinação, como se procurassem um lugar de onde pudessem registrar algo diferente na memória para o sobrepôr a uma terrível visão anterior. O rosto daquele homem me perturbou de uma forma que eu não poderia imaginar. Deixei a xícara que segurava sobre a mesa e segui para a porta. Abri-a, e o vento gélido da manhã entrou pelas mangas da camisa, me fazendo estremecer. Pisei no chão úmido e segui ao encontro do homem, que ainda me encarava sem demonstrar o menor sinal de que se moveria.

Ele só piscou porque pisei em alguns pedregulhos que estalaram sobre a voz do ar. Puxou o ar com força, como se segundos antes estivesse submerso em águas profundas e frias, e por um momento pareceu prestes a desfalecer na minha frente, as pernas fraquejando e dobrando pouco a pouco. Fui rápido e prestativo, como naturalmente faria com qualquer pessoa daquela fazenda, e, antecipando-me, agarrei-o pela gola da camisa, o único lugar que parecia firme naquele homem que desabava.

“Meu Deus, homem, o que houve com você?”, exclamei, perto o bastante do seu rosto para que ele recobrasse a atenção, e seus olhos de novo se abriram e me fitaram. A boca se escancarou um pouco mais, quase um grito pronto para sair, mas ele a fechou segundos antes que soasse e se segurou em mim, as mãos agarrando o tecido da minha camisa com força. Ajeitei-o como pude, ainda sem compreender a causa de tamanho mal súbito, e notei que ele sorria devagar, entre engasgos de tosse. Por fim, falou:

“A filha do patrão me deu um susto agora! Que diabinha!” Olhei-o nos olhos, mas ele os desviou para longe, sorrindo de leve e mostrando espaços negros entre os dentes, ainda com aquele olhar estúpido, arregalado, e a respiração entrecortada. O que me fez sacudi-lo não foi seu riso displicente, e sim o que acabara de falar.

“Como? O que disse?” Ele me encarou de novo, o sorriso sumindo devagar. “Quem te deu um susto, homem de Deus?”

“Quem eu acabei de falar! A filha do patrão! A menininha! Agorinha, agorinha, no estábulo! E eu nunca que ia esperar que...”, mas antes que terminasse eu o sacudi de novo.

“Handel, você faz ideia de que horas são agora? A filha do patrão tem que estar na cama...”, e antes mesmo que eu compreendesse o que saíra de minha boca, a urgência da situação explodia na minha mente. O que Marie fazia fora da cama antes mesmo do nascer do Sol, e *sozinha*? No estábulo? Meu coração pulou, e me senti por alguns segundos incapaz de tomar qualquer atitude. Medo; foi o que preencheu meu ser, e é compreensível por que o senti naquela hora. As coisas podiam parecer formais durante o dia e com todos olhando, mas, enquanto estivesse sozinha e na escuridão da madrugada, Marie corria *perigo*. No escuro, *nenhum daqueles homens* era confiável, que Deus perdoasse meu julgamento. Por mais que eu soubesse que Oliver despertava profundo respeito em todos, muitos sequer pensariam em respeito se tivessem chance de fazer o que bem quisessem com uma menina loira de olhos azuis se ninguém estivesse vigiando.

“Você tem certeza, Handel?”, perguntei, com um tom de voz mais baixo e pelo qual buscava mostrar a ele que o assunto era sério. “Tem certeza de que era Marie que estava no estábulo?”

A forma como Gary Handel me olhou exprimiu além do que ele seria capaz de falar. Uma torrente de dúvida transpareceu em seus olhos,

de forma tão sincera que por um momento ficou nítido que ele *não tinha certeza* do que tinha visto. Não o culpei. Todos sabiam que ele bebia bastante, apesar de isso nunca impactar no seu trabalho ou na sua rotina, e posso forçar minha mente a ponto de lembrar que ele exalava um pouco de uísque barato já naquela hora da manhã, e não seria isso, aliado ao escuro, capaz de causar vislumbres irreais? Ainda assim, era arriscado demais aceitar aquela incerteza, então esperei que sua mente retornasse, que recordasse o momento que pareceu apavorá-lo, e nesse tempo torci para que Gary Handel estivesse enganado.

A resposta que ele me deu não me deixou mais aliviado: “Eu acho que era ela, Marten... e ainda mais com aquele vestido vermelho que a mãe deu pra ela... juro por Deus que era ela!”.

Ele viu meu rosto se contorcer em uma massa disforme de preocupação, e isso pareceu abalá-lo. Soltei-o, depois de notar que apertava a gola de sua camisa como se estivesse prestes a esbofeteá-lo, e ele, sem nem pensar em se ajeitar, emendou:

“Bem... estava escuro. Posso ter me enganado, Marten. Mas que tinha alguém lá, tinha! E não era a menina de Susan não, porque, bem, você sabe, ela já é quase uma mulher feita... já a menina do patrão é pequena, parece uma bonequinha...”

A última palavra na fala do homem passou despercebida por mim naquele instante... mas serviu como um tiro no silêncio e me despertou daquele medo que queria me engolfar. Eu precisava saber o que de fato acontecera, e depois ir até o estábulo. Se a menina estivesse lá, ainda escondida (e possivelmente gargalhando do susto que pregara no velho Handel), ela ficaria de castigo mais tarde, com toda certeza. Seus pais podiam mimá-la e fazer de tudo para ela, mas a desobediência daquele acontecimento teria sérias consequências, porque Oliver também pensava *como eu estava pensando naquele momento*. Que sua filha corria risco diante de tantos homens que viviam naquela fazenda, tantos que não era possível nem decorar todos os seus nomes. Ela nunca imaginaria o porquê do castigo, não o *real* motivo. Não compreenderia.

Perguntei para Handel como tudo aconteceu, e aquele sentimento de pavor brevemente voltou aos olhos do homem... mostrando outra vez que ele não tinha certeza se era Marie ou outra pessoa que estava naquele estábulo; ele engoliu em seco, como um garoto que é pego no flagra de um roubo. Balbuciou algumas sílabas e depois desistiu.

“Eu... eu não sei, Marten. Ela só estava lá, escondida junto de uma das vacas. Eu entrei no estábulo com a vela apagada, e acendi ela lá dentro... e quando abaixei a danadinha tava detrás do cercado, olhando pra mim com uns olhos *desse tamanho*... foi um susto e tanto.”

Deixei-o onde estava, sem saber se ele continuaria falando, e voltei para dentro da casa. Gary parecia não compreender o risco que a menina corria se estivesse sozinha... ou talvez minha preocupação fosse exagerada, mas eu não podia negligenciar aquele acontecimento. Eu deveria reportar para sua mãe e seu pai o fato de que estava sozinha e fora de casa de madrugada, e caberia a Ellyze e Oliver decidir o que fariam com a menina, e eu sei que eles não me perdoariam se descobrissem que tomei conhecimento de tal fato e não agi de maneira correta. E naquele momento, a atitude correta era encontrar a menina.

E decidi que o primeiro lugar para ir seria seu quarto.

Antes mesmo que eu atravessasse todo o corredor, ouvi a porta batendo e me virei; Gary Handel vinha na minha direção. Quando me alcançou, falou que me ajudaria a encontrar a menina, o que me pareceu na verdade a soma de duas intenções: uma, a ridícula curiosidade em ver a casa por dentro, e a outra, um tolo sentimento de subserviência que nada lhe traria, a não ser uma possível reprimenda por arrastar para dentro da casa o cheiro forte de fezes das vacas. No entanto, não me importei e seguimos adiante.

Atingimos as escadas e subimos os degraus com a luz do sol ainda nascendo do lado de fora. No alto do patamar a escuridão se espalhava pelos corredores que se estendiam na esquerda, na direita e à frente. Peguei o castiçal mais próximo e Handel acendeu a vela para mim. A luz amarela surgiu e alongou as sombras às nossas costas, fazendo o corredor adiante parecer uma caverna nada convidativa. Naquele corredor ficava o quarto da pequena Marie. Avançamos por ele, as sombras se afastando ante nossa chegada e imediatamente preenchendo os espaços que deixávamos atrás de nós, movimentações escuras que pareciam ardilosas formas vivas que se contorciam fugindo do clarão da vela. Atrás de mim eu só podia ver o brilho dos olhos cinzentos de Handel, o fogo da vela refletido em dois pontos de sua face como estrelas solitárias em um céu negro.

Passamos por diversas portas até atingir o final do corredor. A última levava ao quarto de Marie, aquela que Handel jurava que o encarava entre as tábuas do cercado de uma das vacas. Ela estava fechada.

Olhei para o velho que parecia se esconder atrás de mim, e sua face retornava aos poucos para a expressão de medo de minutos antes, quando o encontrei ofegante e com os olhos arregalados. Não era um rosto que incentivava, mas segui adiante; lancei a mão até a maçaneta da porta e forcei-a.

Ao contrário do que eu imaginava, a porta não estava trancada, o que me deixou ainda mais intrigado. Marie jamais dormia com a porta destrancada, por pedido da própria mãe. Abri a porta e adentrei o quarto; um cheiro floral atingiu meu nariz. O odor que Handel trazia logo se misturou àquele aroma. As luzes se espalharam e bateram em diversas superfícies e espelhos, revelando armários imponentes de madeira nobre, uma majestosa penteadeira oposta à cama, enorme e suntuosa demais para uma simples criança, além das prateleiras fixas às paredes, repletas de bonecas. Senti a mão de Handel sobre meu ombro, como se ele estivesse buscando algum apoio, e não podia acreditar que mesmo naquele momento o homem parecia amedrontado, como se confirmar que a menina não estava mesmo na cama e sim no estábulo afinal lhe apresentasse um significado. Ignorei seu toque e segui na direção da enorme cama, a chama tremulando diante de mim como Handel parecia tremer logo atrás.

Aproximei-me. Demorei até perceber o que era cobertor e o que era Marie, mas suspirei com alívio quando notei os cabelos dourados espalhados sobre a pequenina e branca cabeça. Ela dormia profundamente, envolta em uma infinidade de tecidos, como se fosse dezembro. Sua respiração era calma e suave, e fiquei alguns segundos olhando-a, precisando confirmar a mim mesmo que a menina era real.

Voltei-me para Handel, o sorriso se desfazendo na intenção de falar-lhe com a seriedade que a situação me obrigava. O maldito me dera um grande susto, essa era a verdade! Talvez fosse a hora de lhe sugerir de uma vez por todas que bebesse menos ao acordar. Se continuasse daquele jeito, quanto tempo levaria até que começasse a ver o velho Conrad Munford andando pelo estábulo de madrugada?

Quando o encarei, a frase saltando de minha boca, notei que seus olhos desviaram dos meus, passando débeis pela luz da vela e para algo logo atrás de mim. No mesmo instante eles se arregalaram, e Handel levou as mãos à boca, abafando um gemido de pavor que eu jamais imaginaria que fosse soltar ali, dentro do quarto da filha do patrão. Junto a isso, senti uma movimentação um tanto quanto *inquietante* às minhas costas. Os

pelos da minha nuca se arrepiaram, como que soprados de leve, e me virei, a luz girando e deixando trêmulas sombras dançarem sobre a cama de Marie.

A boneca nova estava ali, sentada em uma cadeira, o rosto virado para nós, como se nos avaliasse, e a primeira coisa em que pensei foi em como não a notei segundos antes, enquanto averiguava se Marie estava na cama. Depois, percebi que prendia o ar com muita força, e soltei uma sonora expiração. Ao lado, Marie soltou um sonolento gemido. Estávamos prestes a acordá-la.

“Vamos sair daqui”, sussurrei para um assustado Gary Handel, que tinha tirado a mão da boca, mas ainda encarava desconfiado a boneca que vestia vermelho. Eu não posso imaginar o que se passou pela cabeça de Handel, entretanto, sei que ver aquela coisa ali sentada alimentou ainda mais sua dúvida se era mesmo Marie quem estava de olho nele no estábulo.

Ele não reagiu à minha voz. Cheguei mais perto de seu rosto e falei “Hey, Gary, vamos”. Seus olhos se viraram para os meus, e percebi que ele tremia outra vez. Agarrei seu cotovelo e o puxei, tirando-o de dentro do quarto e de perto da boneca, que parecia atrair seu olhar como uma miragem.

Eu jamais falei com Gary sobre aquele dia. As coisas que se sucederam sempre apontavam para aquele bizarro acontecimento, para aquela manhã fria em que eu o encontrara na porta do banheiro, assustado e cambaleante, e como minutos depois aquilo nos levou para o quarto de Marie e para o primeiro encontro com a boneca; e quando nos cruzávamos depois, fosse no campo ou no estábulo, ele sempre baixava a cabeça e me cumprimentava, mas de um jeito evasivo que deixava óbvio seu desejo de não relembrar aquilo. Só de nos olharmos, porém, transcorria uma silenciosa conversa, um diálogo curto, sem expressões, mas totalmente claro.

Como se ele me dissesse “eu sei o *que* está causando *tudo* isso”.

Mais tarde naquele mesmo dia eu descobriria o nome da boneca, e veria a mais pura face de reconhecimento no rosto expressivo de Ellyze.

Depois de uma manhã de vento frio e céu cinza, a chuva veio de tardinha, uma cortina escura que se movia como uma assombração pelo horizonte. A colheita foi interrompida algumas horas antes do previsto, e todos foram se abrigar do temporal. Lembro-me que aquele clima me pareceu tão convidativo a um chá que me permiti alguns minutos de contemplação, olhando para além do campo enquanto uma das cozinheiras me preparava uma grande xícara de chá inglês. Depois de pronto, apreciei-o encarando a chuva e sentindo uma estranha apreensão, de cuja natureza não conseguia concluir nada, exceto por saber que se tratava dos acontecimentos daquela manhã, quando encontrei o velho Gary, pálido como algodão, alegando ter se assustado com a filha de Oliver. Aquilo ainda vagava pela minha cabeça por diversos motivos. O primeiro é que, evidente, *não era Marie* quem estava no estábulo esperando pela chegada de Gary Handel. Isso pareceu ainda mais óbvio depois de visitarmos seu quarto (coisa da qual me envergonhava à medida que as horas passavam, e a qual eu sentia que devia confessar a Oliver antes que sua filha dissesse algo a respeito) e a encontrarmos no mais pesado sono, com o rosto meio inchado e fleumático. E segundo, o que me deixava ainda mais incomodado, imaginar *o que* então teria assustado Gary Handel daquela forma, era um pensamento que transpassava minha mente com o fulgor de um raio. A centelha de uma inquietante desconfiança nascia ali; desconfiança da *boneca*, é o que eu quero dizer... mesmo que isso agora pareça óbvio, e sabendo que jamais acreditariam nesse sentimento que revelo agora, principalmente por revelá-lo *depois* que tudo aconteceu, mas acredite-me... por alguns instantes... mesmo que tenham sido segundos silenciosos e intimidados, induzidos pelo poderio impetuoso daquela tempestade repentina, eu consegui imaginar... *aquela boneca*... se esgueirando entre as vacas e madeiras, esperando Gary Handel no escuro para aterrorizá-lo.

Quando a chuva acabou era noite, e nos preparávamos para o jantar. Eu fazia minhas refeições na cozinha, apesar da posição um tanto privilegiada, e preferia assim. Gostava de conversar com as cozinheiras e empregados mais baixos, em vez de experimentar a frieza solene da companhia dos Munfords naquele momento sagrado. Além disso, comer perto dos outros empregados, longe das vistas dos patrões, nos livrava de

certas posturas e comportamentos dos quais ou não estava acostumado, ou não tinha disposição para encenar. Sem dúvida que eu era hábil em todas as sutilezas da etiqueta, mais até do que muitos dos advogados e contadores de Oliver, que vez ou outra dividiam a mesa com a família, mas apenas a desobrigação de praticá-los ali na cozinha já deixava a situação muito mais desejável. E a maioria das cozinheiras e empregados que jantavam ali na cozinha da Casa Grande era companhia extremamente divertida e agradável. Kassandra Cohle, a quem chamávamos carinhosamente de Mama Cohle, era a mais velhas das cozinheiras, tendo inclusive dado de mamar ao pequeno bebê Oliver diversas vezes na sua amarga infância ao lado do velho Conrad, e não se cansava de dizer, com o jeito desbocado que não fazia questão de disfarçar, que “suas tetas já tinham sustentado mais pessoas do que as que trabalhavam fazenda”. Ela tinha um busto tão largo e volumoso que parecia de fato capaz de sustentar não só as crianças como os adultos. Cory Stephen, um jovem cocheiro que vez ou outra aparecia na fazenda quando Oliver tinha viagens agendadas muito cedo, também era muito espirituoso, e gostava de pregar peças nas crianças, principalmente nos pequeninos, como Owen, filho de Susan.

Ela e suas crianças também jantavam conosco na cozinha naquela noite, e algo na face do menino Owen me chamou a atenção, de forma que pouco a pouco a história daquela manhã retornava à minha mente enquanto o observava e tirava conclusões. Ele parecia muitíssimo quieto, o que não era algo tão diferente do habitual. Owen sempre fora um garoto calado e tranquilo, e os únicos momentos em que esse estado se alterava era quando ele se juntava à sua irmã Patrícia e à filha de Oliver, Marie; nessas horas, o menino se transformava em um verdadeiro Tokoloche zulu, que Deus me perdoe a comparação, e ficava pulando, batendo palmas e gesticulando de um jeito bestial quando algumas de suas presepadas surtiavam efeito. Até sua voz, que nos momentos de quietude era um sussurro esforçado, nos momentos de diversão virava um som esganiçado como o de um pato pego pelo pescoço. Era com seu comportamento normal que ele jantava naquela noite, mas seu rosto estava um tanto torcido, com uma sisudez que lhe era estranha. Não que fosse belo, muito pelo contrário... era um garoto que desde pequeno já possuía uma tez dura e sem graciosidade, porém não deixava de ter a normal fisionomia jovem. Seus olhos vagavam entre dois pontos fixos: o prato onde os restos do

frango jaziam manchados de molho, e a porta da cozinha, que levava, depois de um longo corredor, para a sala de jantar dos Munfords.

Encarei-o por um longo tempo até decidir falar com ele, e pode-se imaginar do que eu suspeitava: de que, na verdade, quem se escondera entre as vacas no estábulo naquela manhã fria e assustara o velho Gary Handel como nunca antes na vida fora o menino Owen.

Levantei e fui até Susan. O menino logo ergueu os olhos para mim, me olhando como se eu fosse estranho, e isso aumentou minha cisma. Aproximei-me de Susan e cochichei em seu ouvido. Ela se levantou e foi comigo até o corredor. Disse-lhe que desejava falar um pouco com Owen, que suspeitava que ele fizera algo naquela manhã, e que precisava saber se tinha sido ele mesmo. No mesmo instante ela já se mostrou intensamente nervosa, dizendo-me que não precisava me importar que ela daria um corretivo nele ali mesmo, na frente dos outros, no meio da cozinha, para que ele aprendesse a se comportar; mas logo disse a ela que não era nada grave, nada que merecesse tamanha punição, e que na verdade eu só precisava confirmar algo do qual tinha uma breve desconfiança. Ela torceu os lábios unidos, visivelmente descontente com o que o garoto fizera, independente de saber ou não se o menino *de fato* fizera algo e o quê. Naquele tempo (e ainda hoje, tenho que admitir), crianças não tinham muito que fazer da vida a não ser manterem-se longe de uma surra... o que significava ficar longe de encrencas, uma coisa um tanto difícil para crianças, afinal. Durante a conversa, o garoto nos olhava vez ou outra, intrigado. Pedi que Susan não se precipitasse com ele (o que talvez só reduziria sua surra para um puxão de orelha do tipo que te deixa como um elefante... e isso se o que eu suspeitava não fosse verdade!), e ela voltou até a mesa. Sentou-se e falou no ouvido do filho. Ele ainda me olhou de lá, com as sobrancelhas erguidas, antes de levantar-se e caminhar até o corredor.

Ele não se aproximou muito, porque eu era um “adulto”, e aquele era uma atitude normal de qualquer criança. Jogou os braços para trás e encostou-se à parede, como se estivesse escondendo alguma coisa nas costas. De onde eu o olhava, parecia ainda mais pequenino. Quando falei com ele, seus olhos correram para as pontas dos pés no mesmo instante. Falei de onde estava mesmo, sem me ajoelhar como Oliver fazia, até porque não via necessidade de encará-lo nos olhos. Não *ainda*.

“Owen, quero te perguntar uma coisa”, comecei, enquanto ele permanecia calado e imóvel. “Vou ser direto, porque não é algo com o qual quero perder meu tempo. Era...”

“Se fô dos desenho no fundo da casa anecha, sinhô, eu juro qui num foi eu...”, ele murmurou, com a voz infantil sussurrada se esforçando ao máximo em passar sua confusa mensagem, e no mesmo instante me calei, uma reação normal de quem acaba ouvindo algo que não esperava.

“Como? Não entendi, Owen. Que desenho?” Não era a primeira vez naquele dia em que me sentia pego de surpresa.

“Us desenho não foi eu, sinhô Mart, juro por Deus... foi a Marie e aquela coisa...”, e a frase morreu na sua boca.

Ao mencionar Marie, senti a terrível necessidade de olhar nos olhos daquele garoto. Ajoelhei-me diante dele, lancei as duas mãos até seus ombros e o sacudi de leve, mas bem de leve mesmo, para não o assustar. Só que *eu* estava assustado. Sentia uma apreensão tomando posse de mim outra vez. Era quase como reconhecer um padrão. Lá estava eu de novo sacudindo uma pessoa que não falava coisa com coisa. A diferença é que daquela vez era apenas um menino que devia ter menos de seis anos.

Seus olhos não se deslocaram das pontas dos pés, mas seus braços saíram das costas e caíram sem forças ao lado do corpo. Olhei-o, *analisei-o* como um médico procurando sinais na pele, e perguntei novamente:

“Que desenho, Owen?”

Ele olhou para o lado, tentando fugir dos meus olhos, e foi impossível não lembrar de Gary naquela manhã, os olhos tão arregalados e confusos que pareciam ter presenciado uma fuga demoníaca.

“Eu não ia perguntar de desenho nenhum, Owen. Entendeu? Eu não sabia de nenhum desenho até você falar.”

Foi então que ele me encarou, seus olhos miúdos me mostrando uma mistura de confusão e medo que me deixaram atônito. Da mesma forma que me questionei quando vi o pavor nos olhos de Gary, não pude deixar de me perguntar: *o que aquela criança presenciou?*

Por um momento achei que ele falaria algo, mas sua boca só se abriu e voltou a se fechar. Os olhos voltaram-se para baixo.

“Mas agora eu quero saber que diabos de desenho é esse”, falei, e seus olhos voltaram para mim, arregalados. Quase podia ler seus pensamentos. Neles, sua mãe lhe dava uma sova sem tamanho. Cheguei

mais perto dele e tentei tranquilizá-lo. “Não se preocupe. Não contarei pra sua mãe.”

A não ser que seja algo grave, pensei, mas não disse. Ele virou a face e olhou de soslaio para Susan, e pequeninas lágrimas se insinuaram nos cantos dos olhos.

“Vamos, me diga. Não falarei nada pra ela. Combinado?”, insisti.

“Eu disse pra Marie que num era pra gente ir lá... mas ela quiria porque quiria e a danada da boneca também quiria, então a gente foi”, começou, numa sucessão de palavras desconexas e incorretas que me exigiram um bocado de atenção. “Intão ela disse qui precisava di tinta, mai num tinha tinta, intão ela foi no galiero e pegou o coitado do franguinho...” Nisso, uma lágrima escorreu do rosto do garoto, a qual ele enxugou numa pressa absurda, como se soubesse desde cedo que homens não podiam chorar, pelo menos não na frente dos outros.

“Mai então a Paty falou ‘Marie, para cum isso, si alguém pegá ocê fazendo isso, a gente vai ficá di castigo, ou pior...’, e então a Marie riu di nois e chamou a gente de cagão.” Cada palavra de Owen me dava noções absurdas de uma situação que eu não conseguia imaginar. E por mais bizarro que tudo aquilo parecesse, no primeiro momento, o que me soou mais estranho foi o linguajar que ele jurava que Marie dirigira a eles.

“Intão ela disse ‘Si ocês são cagão e vão ficá com medinho, meió ocês ir embora’, e Paty falou ‘Vamo sim, porque se minha mãe ou sua mãe pegá nois, a gente vai tomar uma sova, e não quero fazer nada que deixe minha mãe com raiva’...”

Parou. Senti sua garganta travando, como se algo que não devesse ser falado tivesse tomado forma física e se embolado na sua língua, entupindo sua boca. Não conseguia encará-lo, então olhava para a parede atrás dele ou para seu cabelo encrespado. Sentia que ele devia continuar, mas não tinha mais a menor vontade de forçar aquele menino a relembrar um acontecimento que parecia tão constrangedor. Ele continuou sem que eu pedisse.

“Intão Marie olhou pra ela com os zói tão apertado que parecia qui ia morder, e a boneca nem tava mais de mão dada com ela, tava sozinha de pé oiando pa nois, e aí Marie falou ‘intão imagina se Susan sabê que ocê anda se esfregando com o Cory intão, que será que vai acontecê com ocê?’, e então Paty ficou com raiva não sei por que e me pegou pela mão e

me puxou, e eu achei bom porque eu num guentava mais oiá pa cara daquela buneca feia danu risada...”

Senti uma leve tontura e quase perdi o equilíbrio. Tive que apoiar uma das mãos no chão, tamanha a vertigem. O menino não reagiu. Na verdade, pareceu não notar o impacto que aquela história causava em mim. Se tudo aquilo fosse verdade... muitas coisas estavam acontecendo naquela fazenda e eu não fazia a menor ideia.

Recuperei o equilíbrio e olhei nos olhos do garoto de novo.

“Quando que foi isso, Owen?”

“Foi onti, seu Mart...”

“E o desenho ainda... ainda está lá?”

“Deve de tá, sinhô Mart... eu fui lá com a Paty onti depois que as duas fizeram o desenho e foram embora e tava lá... É um desenho feio, Paty falou, e eu achei feio também. Ela chorou. Não sei porque. Depois nois nem falou mais cum a Marie. Ela num qué sabe de nois, e nois também num qué mais brinca cum ela, porque ela só qué sabe daquela buneca feia.”

Balancei a cabeça, como quem compreende algo, mas na verdade não entendia nada, *nada mesmo* daquilo, e o menino não pareceu notar isso também. Se notou, não demonstrou. Apenas continuou olhando para os pés, como se não tivesse dito nada segundos antes.

“Tá bom, Owen... pode voltar pra mesa.”

“Tá, sinhô.”

“Espere um segundo. Me diga outra coisa.”

“Hum?”

“No estábulo, hoje cedo. Era você?”

“Eu? No estálbo?”

“Hoje de madrugada, antes de todos acordarem. Alguém estava no estábulo e deu um susto em Gary Handel, e eu queria saber se foi você, porque...”

“Eu só fui no estálbo pra pegá leite pra minha mãe quando ela levantou e o sinhô Guéui mi deu uma garrafa e só, e era dia já.”

Não tive motivos para duvidar do garoto.

Minha fome desaparecera, ainda mais depois de ouvir aquela história tão esquisita, e me senti na obrigação de fazer algo, da mesma forma que senti a necessidade de verificar se Marie estava em sua cama naquela manhã. Por isso fui até meu quarto, peguei um casaco, joguei-o sobre os ombros e fui até a casa “anecha”. A casa *anexa*, aquela onde Owen e as duas mulheres de sua vida viviam com mais quatro dezenas de negros colhedores de algodão. Eu precisava ver aquele “desenho”, que deixara o garoto e sua irmã tão... constrangidos.

No caminho, enfrentando o vento e o chão enlameado deixado pela chuva, conjecturei sobre várias coisas. Muitas se perderam nos labirintos do esquecimento, pois tudo aconteceu há muitos anos... mas ainda lembro bem que pensava em como a menina Marie parecia a “protagonista” daquele dia.

Como afirmei, não tinha por que duvidar do pequeno Owen. Não era ele no estábulo naquela manhã, esperando Gary Handel no escuro. Acredito inclusive que o velho Handel, mesmo embriagado, não confundiria Owen com Marie. Owen era muito menor que ela, e Handel foi muito específico quando disse que vira Marie com seu vestido vermelho. “Como aquele que a mãe lhe dera no aniversário”, foi o que talvez disse, e não vejo Owen surrupiando o vestido de Marie de madrugada, vestindo-o e se preparando para assustar o velho cuidador. Não imagino aquele menino *sozinho no escuro*, de madrugada, não depois de ver seus olhos daquele jeito enquanto me falava do desenho.

Vesti minha capa de chuva, contornei a Casa Grande e peguei a trilha de pedras que levava até a casa anexa, o céu escuro se contorcendo sobre mim, preparando mais um pouco de chuva, e enquanto seguia, olhava vez ou outra para a Casa Grande, para as janelas fechadas e escuras, sentindo como se alguém me vigiasse por detrás de um daqueles vidros. Eu me afastava e parecia que ela crescia, mais e mais, agigantando-se atrás de mim, inclinando-se como se fosse desabar. Evitei encará-la, acreditando que aquela sensação se dava apenas pela apreensão de ver o que era o tal “desenho”. Pensei em Gary Handel olhando por sobre meu ombro e lançando a mão sobre a boca. E lembrei-me do que Owen dissera sobre a boneca.

“Então Paty ficou com raiva não sei porque e me pegou pela mão e me puxou, e eu achei bom porque eu num aguentava mais oiá pa cara daquela boneca feia danu risada...” Arrepiei-me com o vento da noite que

se avolumava, roçando meu rosto como uma lâmina sutil, e puxei a capa sobre o corpo com mais força. Passei na frente da casa anexa e a contornei, não sem antes ver alguns negros na varanda, visíveis na escuridão apenas pelas pontas dos cigarros brilhantes como pequenos vagalumes infernais, e pelo balançar lento de chapéus em cabeças que acenavam cordiais. Ergui a mão comedidamente e atingi o lado direito da casa. Olhei com atenção a parede naquele ponto, mesmo sabendo que não fora ali que Marie desenhara. A água da chuva penetrara na pintura velha, formando manchas disformes que pingavam vez ou outra. A escuridão que me esperava na parte de trás daquela casa se revelou como uma pintura na realidade daquela noite fria, algo como um buraco infinito na borda do fim do mundo. Encolhi-me ainda mais, enquanto seguia naquela direção, apenas meus passos fazendo ruído na terra molhada, jogando pelotas de barro nas barras da minha calça, e a escuridão logo à frente, estendendo os braços para mim.

Uma vaca mugiu ao longe, e o som me pegou desprevenido, descarregando um susto terrível que eu não esperava. Ao mesmo tempo, eu sentia como se perseguido, mesmo sabendo que aquele som áspero era o das minhas pernas roçando uma na outra. Ainda assim, pareciam passos... passos em sincronia.

Atingi o fim do caminho lateral e a escuridão dos fundos da casa me engoliu. Um cheiro característico de fezes de galinha me atingiu. O galinheiro era daquele lado, alguns metros escuridão adentro. Lembrei-me que Owen dissera algo sobre Marie pegar um “franguinho”, e quase como em resposta, as aves cacarejaram preguiçosas na noite, batendo asas e se equilibrando nos poleiros, enquanto eu esperava que minha vista se acostumasse com todo aquele escuro.

Uma rajada de ar soprou mais forte e a chuva voltou, primeiro como uma garoa, depois acelerando em gotas fortes e pesadas. Um raio brilhou no céu carregado, e revelou por um instante a parede velha de madeira, repleta de manchas escuras de musgo. Aproximei-me, erguendo a capa sobre a cabeça para não me molhar ainda mais, e forcei a vista, as formas retas da casa se revelando pouco a pouco diante de mim. Outro raio veio, e distingi uma mancha inteligível na parede. Caminhei até ela, tateando com o braço estendido para que não metesse o nariz na parede molhada. Senti a aspereza úmida da madeira e vi que partes escuras se separavam da

coloração geral. Passei a mão sobre as manchas, tocando uma estranha marca viscosa. Tirei a mão e trouxe-a até o nariz.

Antes mesmo que constatasse que aquilo era sangue, eu vi, sob o relampejar de outro trovão, no chão e bem próximo dos meus pés, o corpo do ser que dera seu sangue para que aquelas marcas fossem feitas na parede. Não dava para distinguir muita coisa, mas definitivamente era um frango e estava com o pescoço torcido. Só não parecia seco por causa da chuva. Olhei de novo para a parede e me afastei, sentindo que minha vista estava totalmente acostumada à escuridão daquele momento, e desejando não ter sentido aquela curiosidade.

Porque no fundo o desenho não parecia ter nada de cruel. De *imoral*, sim, mas a única crueldade daquelas formas parecia vir apenas do sangue utilizado para fazê-las. Quando pensei que aquilo vinha das mãos pequenas e infantis da jovem Marie, foi que senti que havia, na verdade, um intenso *horror* naquele desenho e nas palavras que estavam escritas. E ao perceber que duas crianças inocentes tiveram contato com aquele disparate, foi que entendi o sentimento do garoto Owen. Ele estava magoado. E imaginei que Patrícia devia estar ainda *mais*.

Havia dois desenhos, e por mais ridículo que possa ser, ainda me sinto constrangido em pensar neles e em relatar o que eram. Sobre a tinta antiga da parede da casa anexa da fazenda Munford havia duas gravuras claras, apesar da infantilidade das proporções. Uma delas era um falo, arredondado e totalmente ereto, com formas arredondadas logo abaixo repletas de traços curtos que pareciam pelos. Em cima dele, um triângulo com um traço fino no meio e mais traços retos em volta. Estavam tão próximos quanto a mentalidade poderia sugerir. Escrito do lado, o sangue escorrendo devido à chuva forte que retornava, a frase “Pat deixa Cory enterrar na xoxota”.

Encarei aquele desenho e aquela frase terrível sem acreditar que fora a filha de Oliver e Ellyze que os fizera. Lancei minha mão até meu peito, que *disparava*, e observei o desenho se desmanchar na chuva, como se tivesse esperando apenas por mim, para que eu o visse e de uma vez por todas contemplasse sua extinção, lenta e absurda. E mesmo depois de ver aquilo e voltar para a Casa Grande aflito e com uma estranha sensação de ultraje, a única coisa em que *não* pensei era que Marie, apesar de ter sete anos, ainda *não sabia escrever*.

Você pode estar se perguntando agora que talvez seja suspeito que eu me lembre com exatidão de todos os fatos desse único dia e com tantos detalhes, mas é porque foi um dia de fato *marcante* em toda a sequência daquele acontecimento. Havia dias em que nada acontecia, nenhum fato digno de memória, por isso, os dias em que a rotina foi virada do avesso ficaram na minha mente como fotografias em sequência. Aquele foi o dia em que comecei a desconfiar que havia algo de errado com a boneca, mesmo que de maneira inocente.

Não podia presumir qualquer tipo de maldição sobre aquele brinquedo afinal, porque não acreditava que coisas desse tipo fossem possíveis. Percebi que aquele brinquedo de alguma forma atrapalhava a amizade das três crianças da fazenda, de maneira que certas rugas surgiram e segredos foram, se não revelados, usados para espezinhar o então desafeto. Foi o que eu *pensei* que havia acontecido entre Marie e Patrícia. Uma desavença, e a citação de um segredo indizível apenas para magoar e humilhar. Se fosse isso, entretanto, por que a garota nada fizera para apagar aquele desenho? Uma revelação como aquela... mesmo que insinuada em um desenho na parede... seria algo gravíssimo!

Imaginando que o dia não me reservaria mais nenhuma surpresa, voltei para a Casa Grande, sentindo o peso das roupas molhadas sobre meu corpo e um frio que, embora ainda suportável, começava a me causar dores incômodas. Adentrei a cozinha pensando apenas em minha cama e no descanso que me esperava, os últimos traços do desenho indecente vez ou outra cruzando minha mente e tentando me trazer de volta para aquele estado de apreensão incômoda que me tirava a paz, enquanto imaginava uma forma de conciliar e explicar todos os acontecimentos daquele dia, uni-los em uma sequência coerente. Tudo indicava que eu não chegaria a lugar algum. A maioria dos empregados já tinha terminado o jantar, e apenas Susan e Mama Cohle estavam sentadas à mesa. Eu por certo passaria direto por elas, mas seus olhos me diziam: “estávamos te esperando”.

Susan se antecipou:

“Marten, pode falar conosco um segundo?”

Por um instante o desenho se fixou diante dos meus olhos, como se eu olhasse para aquelas duas mulheres por trás de um vidro onde ele fora reproduzido. Sacudi a cabeça, levemente atordoado, e sentei-me com elas.

“Algum problema, Susan?”

“Sim, Marten, e tenho certeza que você sabe que problema é esse.”

Apenas a encarei. Mama Cohle acomodou-se na cadeira, nos observando com tranquilidade.

“Preciso que você ajude a resolver isso, e só tenho você pra me ajudar. Acredite. Não vou ter coragem de falar isso com Ellyze, então...”

Por acaso você está grávida de novo, Susan?, pensei em perguntar, sabendo que essa pergunta seria recebida com um misto de vergonha e revolta, mas ela não esperou.

“Eu sei que você foi ver o tal desenho. Owen já tinha me contado e eu já tinha visto, assim como a maior parte dos empregados dessa fazenda, então não finja que não sabe de nada.”

Surpreso, balbuciei um “certo”, desviando os olhos dos dela.

“Também sei que é verdade o que estava escrito ali, assim como sei quem escreveu aquilo. Foi Marie, e só de saber disso já sinto uma vontade imensa de pegar aqueles cachinhos com as mãos e puxar eles até ela esbugalhar os olhos...” Mama Cohle soltou uma risada que mais parecia uma tosse e olhou para a mesa, distraída. “Mas sei que não posso. E nem deveria, porque acho que de alguma forma a menina não sabe o que escreveu de verdade. Só sei que fez isso pra magoar minha filha, e por mais que ela seja negra e empregada, ela não merece esse tipo de coisa. Nós não merecemos.”

“De fato, Susan, eu entendo e concordo”, disse-lhe.

“Sei que entende. Provavelmente é o homem mais bondoso dessa fazenda. Por isso preciso de um ato de bondade seu. Fale com Marie. Por Deus, não fale para Ellyze o que aconteceu. Eu não quero nem imaginar o que o senhor Munford vai fazer se ele souber que aquele cretino do Cory está... fazendo *aquelas coisas* com a minha filha. E claro, eu já tratei disso com ela também. Ela vai ficar um tempinho sem sentar em qualquer lugar sem lembrar do porquê, e já vou tratar de fazer essa menina arrumar um marido antes que se torne algo pior do que a mãe.”

“Não diga isso, querida...”, murmurou Mama Cohle, olhando Susan com o rosto inclinado.

“Sinto muito, Mama, mas é a verdade. Entendo Paty porque ela nem sabe quem é seu pai. Mas não quero que ela siga meus passos. E o Cory pode ser um rapaz em partes ingênuo...”

“Em partes...”, murmurou Mama Cohle de novo, mas dessa vez sem olhar para Susan.

“... mas não tem nem onde cair morto, e não é o tipo de homem que quero pra minha filha. Só quero o melhor pra ela. E na verdade, nem é exatamente sobre *isso* que quero que fale com Marie, até porque, ela é só uma criança. Das mesquinhas e irritantes, mas uma criança.”

Encarei Susan, não entendendo sua intenção.

“Eu quero que fale com ela para que pare de destratar meus filhos. Para que volte a brincar com eles.” Seus olhos se encheram de lágrimas. “Nunca tinha visto Owen tão triste... ele adora aquela loirinha. E Paty também. Apesar do tamanho, ela ainda é uma menina, e não merece isso. Antes... antes daquela boneca, Marie os adorava. Agora, não quer saber deles, passa o tempo os tratando mal.”

“Crianças não tem noção de quando fazem mal”, disse Mama Cohle.

“Eu sei, Mama. Por isso que preciso que Marten fale com ela. Pra que ela tenha noção do que está fazendo. Pode fazer isso, querido?”

Pensei a respeito, lembrando primeiro de como aquilo parecia absurdo. Éramos meros empregados, e não tínhamos direito de cobrar por algo que não nos cabia. Em outras épocas, Marie teria sido educada para nunca olhar para os negros como seres humanos *iguais* a ela, apenas como produtos, como servos, escravos adquiridos. E parecia muito estranho que Susan desejasse que Marie tratasse seus filhos com igualdade, mesmo sabendo que não éramos mais considerados propriedade dos brancos. E ao mesmo tempo eu a entendia. Talvez fosse certa mágoa pela forma como Ellyze se afastara dela. Owen e Patrícia eram apenas crianças e mereciam viver como crianças. E Marie fazia parte daquilo. Ela era o elo de igualdade que elas precisavam. Sem ela, seriam apenas dois segregados, e tudo seria como antes. Misturados, eram livres.

“Posso tentar”, disse-lhe. “Meu trato com Marie não é igual ao meu trato com a mãe dela. Ela me enxerga provavelmente como um servo de seus pais, logo, *dela* também, ou como um dos milhares de adultos a quem não reserva um único olhar acima do nível da cintura. Mas vou falar com ela.”

“Obrigado, Marten”, disse Susan, abrindo um grato sorriso. “Meus filhos são tudo nesse mundo, e não posso vê-los infelizes.”

“Só há um problema”, falei, e o sorriso dela decaiu. “Só duas pessoas podem convencer Marie a se reaproximar de seus filhos: Oliver e Ellyze. Pode ser que eu seja obrigado a colocá-los a par da situação.”

“Faça o possível pra que não precise”, disse Susan. “Se eu tenho vontade de arrancar os cabelos da menina graças ao que ela disse, imagine o que Ellyze pode fazer com ela?”

Olhei para ela e sorri, me levantando.

“Ellyze seria a última a encostar em um fio de cabelo de Marie. Já Oliver...”

11

Saí da cozinha imaginando se Marie ainda estaria acordada àquela hora. Normalmente ela já estaria na cama, acompanhada da mãe, que lhe contaria uma história ou conversaria com ela até que pegasse no sono.

Encontrei Oliver sozinho na sala, perto da lareira, os pés descalços próximos de parcas brasas, fumando um pequeno cachimbo e olhando para o nada, iluminado apenas por uma vela próxima a seu rosto. Sua face estava imóvel e seu olhar taciturno. Naquele momento, lembrava ainda mais seu pai, apesar de parecer que herdara da mãe o gosto pelo fumo. Ela gostava de pitar o cachimbo sempre depois do jantar, quando Conrad ia até a varanda e ficava encarando a imensidão da fazenda e o vazio do céu. Naqueles momentos, ela se sentava próximo da lareira, como Oliver fazia, acendia o cachimbo e fumava com contentamento, silenciosa, escondida nas sombras do julgamento dos escravos e do mau humor do marido. Apreciavam a solidão, ambos.

Ainda assim, era no rosto de Conrad que aquele parecia se transformar. Um rosto endurecido.

Notou minha chegada e virou-se para mim.

“Senhor”, falei, me curvando de leve, e ele acenou. “Marten”, respondeu, cansado. Perguntei se ele desejava algo, e ele apenas

resmungou um “não”, depois de dar um longo suspiro. Foi um “não” grave e forçado, sem ânimo. Como os do pai.

Segui adiante, subindo as escadas. Meu corpo implorava por descanso, as roupas estavam úmidas, mas ainda havia uma última coisa a fazer, e em vez de seguir direto para meu quarto, à esquerda depois do lance de escadas, segui reto, no corredor central, apanhando uma das velas sobre um aparador e acendendo-a na luminária mais próxima. Logo mais, todas aquelas velas seriam apagadas por mim, depois que eu me banhasse e todos já estivessem na cama, desfrutando do descanso que eu tanto desejava. Eu mergulharia toda a casa em trevas, e seguiria para meus aposentos, sozinho exceto pela companhia das sombras que me seguiam. Eu era o primeiro a acordar e o último a dormir.

Olhei para o corredor lúgubre e vazio e a situação daquela manhã voltou à minha mente, a parte em que segui para o quarto de Marie na companhia de Gary Handel. A sensação se esvaiu, porém, no instante em que uma das camareiras passou por mim, apenas o branco da touca e do avental ajudando a revelá-la nas trevas. A casa ainda estava desperta. No fundo do corredor, o brilho de uma vela faiscou abaixo da altura da maçaneta de uma porta qualquer, e eu soube quem adentrava em seu quarto naquele instante. Apressei meu passo e venci os metros que me separavam dos aposentos de Marie, aposentos que eu visitava, inconvenientemente, pela segunda vez no dia.

Bati à porta. Ouvi um agitar de tecidos e lençóis, o ranger da madeira e a voz infantil da menina, conversando com alguém. Imaginei que fosse Ellyze, que se incumbia de fazer a menina dormir lendo-lhe algum livro. Depois de um breve silêncio, ouvi um “pode entrar...”, cheio de sonolência, e colocando a mão sobre a maçaneta, ponderei se deveria atender ao inusitado pedido de Susan. Por um breve instante pensei que toda aquela ação era desnecessária, e minha atitude, fora de questão. Éramos os empregados, afinal; anos antes, éramos os *escravos*. Susan não deles, mas provavelmente de outros, da família Wallace, e aquela... por Deus, aquela *liberdade* que tomávamos, que pretendíamos levar adiante, soava invasiva demais, infrutífera, inclusive. Não sei se me faço entender. Parecia tolice. Era apenas o que eu pensava. Pura tolice.

Minha mão girava a maçaneta antes mesmo que eu concluísse qualquer questão. Segui adiante sem saber se o que fazia era recomendável ou não, e sim apenas decidindo que parecia o certo.

A menina estava deitada na cama, envolta de cobertores e tecidos, iluminada por dezenas de luminárias que piscavam em tons de laranja e amarelo. O quarto resplandecia em luxo, diferente de como o encontrara naquela manhã, preenchido por trevas que distraíam e confundiam. Seu rosto estava igualmente luzidio e demonstrando um falso cansaço, o que logo notei. Dificilmente uma menininha como aquela me enganaria, e notar aquele teatro de imediato me fez pressentir que sem dúvida havia algo mais ali, naquela situação toda. No susto em Gary Handel, no desenho ofensivo à Patrícia. Era um fingimento premeditado.

Olhei para o lado e notei a boneca. Ela ocupava o mesmo assento que de manhã. O rosto estava virado para Marie, como se a contemplasse. O vestido vermelho fora trocado por um pijama que era a cópia exata do que Marie vestia naquela noite, uma camisola felpuda nos punhos, branca e cheia de babados, quase como a roupa de um palhaço monocromático. Exceto por isso, não aparentava nenhuma diferença. Nada que eu tivesse notado naquela hora, mas que seria notado *depois*. Ellyze não estava no quarto.

Fingindo seu cansaço, Marie bocejou, lançando a mão sobre a boca e esticando os braços para o alto. Em seguida, ergueu-se devagar na cama, me olhando displicentemente, enquanto eu me postava com o devido respeito sob o batente.

“Senhorita”, disse-lhe. Ela apertou os olhos. “Marten! Uma visita surpresa, à essa hora?” Sorrii com entusiasmo, mas sem abrir os olhos por completo. Devolvi o sorriso. *Eis que estou diante de uma atriz mirim*, pensei.

“Sinto incomodá-la a esta hora da noite, senhorita.”

“Oh, não é incômodo algum, Marten. Por favor, sinta-se à vontade”, e abriu os braços, mostrando toda a imensidão do quarto e me fazendo esquecer por alguns segundos que conversava com uma criança de sete anos. A menina era esperta.

Caminhei em sua direção, deixando a porta aberta logo atrás de mim. Precisava deixar claro, para qualquer possível “fofoqueiro”, que o que eu tinha para conversar com Marie não era segredo para ninguém e muito menos algo proibido. Podia parecer que não, mas havia muitos (e muitas!) naquela fazenda que adorariam ver minha queda profissional.

Enquanto avançava, ela me encarava com um sorriso indecifrável. Avaliava-me de uma forma que eu sequer poderia imaginar.

“E como a senhorita está?”, comecei, sem perceber demonstrando a minha falta de tato com as crianças.

“Oh, o senhor fala de mim ou dela?”, perguntou, olhando para a boneca com carinho.

Olhei para o brinquedo de madeira, sem notar se mudara de posição ou não. Talvez tenha mudado. Não duvido.

“Da senhorita, certamente. Com todo o respeito à sua amiga, é claro.”

“Ah, eu estou ótima, Marten, apesar de estar um pouco cansada.”

“Oh, claro, me desculpe. Posso me retirar se desejar, e podemos conversar amanhã, quem sabe...”

“Oh, por favor, não se incomode, Marten”, disse, ainda sorrindo. Senti que atraí sua atenção. “O que o senhor desejaria conversar comigo, Marten?”

Na mosca, pensei, e parei diante de sua cama, a postura ereta e cerimoniosa.

“Sobre...”, falei. Ela inclinou a cabeça, curiosa. “... algumas coisas”, concluí.

“Sinta-se à vontade, Marten. Sente-se aqui, por favor”, disse, puxando os cobertores da beirada da cama e batendo de leve no colchão macio. Inclinei-me e sentei na cama. Por alguns segundos, fiquei de frente com a boneca.

Foi quando senti um estranho arrepio na minha espinha, o mesmo que sinto agora, enquanto escrevo essas palavras. Porque, por mais que parecesse absurdo, aquela boneca me provocava uma estranha sensação maligna, e ficar diante de seus olhos brilhantes, quase vivos, era incrivelmente desconfortável. Virei-me um pouco mais para Marie, dobrando o joelho e colocando-o sobre a cama, numa atitude que ela ou não notara, ou não se importava.

“Sobre o que gostaria de falar, Marten?”, perguntou de novo, não conseguindo disfarçar a curiosidade. Decerto já desconfiava que eu vira desenho.

“Bom... não quero parecer indiscreto, senhorita, mas é que... tenho recebido algumas reclamações recentemente... e creio que a senhorita já deva saber do que se trata. Falo de Owen e Patrícia, entende?”

“Ah, claro...”, disse ela, e foi incrível a transformação de seu pequeno rosto. Seu sorriso desapareceu em um instante, seus olhos se

crisparam e sua testa se franziu, revelando todo seu descontentamento. Desviou seus olhos dos meus e encarou a boneca, que a tudo vigiava.

“Veja bem, não quero lhe dar qualquer sermão, até porque não estou em posição de fazer nada parecido. Na verdade, na ordem natural dos acontecimentos de nossas vidas, a senhorita deve saber que o máximo que eu deveria fazer em relação à vossa pessoa é servi-la, e não desejo abster-me nunca dessa honra, a qual prestarei sempre que for possível, e posso afirmar, me esforçarei até quando for impossível.” Ela não me olhava enquanto eu falava. Mexeu-se de forma impaciente e, estendendo o braço diante de mim, puxou a boneca, que até então reinava em um trono, para perto de si, como se buscasse atenção.

“Além disso, sei que não é minha obrigação dizer-lhe o que vou dizer...”

“Então não diga...”, disse ela, e eu a ignorei, não sem antes engolir em seco e contrair o maxilar com força.

“... mas me sinto forçado a atender ao pedido de uma mãe magoada e de seus filhos igualmente magoados, e implorar-lhe que volte atrás em sua decisão de ignorá-los. Compreende?”

“Não faço a menor ideia do que está falando, Marten”, disse, sem desviar os olhos da boneca. Brincava com sua mão como quem mexe com os dedinhos de um bebê. Suspirei e continuei:

“Falo de como vem tratando Owen e Patrícia de uns tempos para cá. E falo de um *desenho*, Marie. Um desenho e uma frase, digamos, ofensiva. Compreende?”

“De que desenho está falando, Marten?”

“Aquele que está atrás da casa anexa. Desenhado com...”

A frase morreu na minha garganta quando ela me interrompeu:

“Que desenho, Marten? Não sei de desenho algum. Poderia mostrá-lo para mim amanhã?”, e então me encarou, com os olhos inocentes repletos de mágoa.

Naquele instante, não soube o que pensar nem o que falar. A conveniência da chuva fazia tudo parecer ainda mais irreal, além de deixar a visão do desenho com a aparência de uma recordação de anos. Junto a isso, havia a boneca, como uma parede entre nós, impedindo-me de falar com a clareza que desejava. Seus pequenos olhos pareciam acompanhar os meus. Decidi falar de maneira mais incisiva, talvez por constatar que não sabia como agir; sentia um misto de raiva da menina e medo da situação.

“Não importa para mim o que você pensa de Patrícia e do que quer que ela faça, senhorita Marie Munford, mas eu penso que seu pai não ficaria satisfeito em descobrir o que a senhorita escreveu atrás da casa anexa com sangue de galinha ou seja lá o que você tenha matado. Além do mais...”

E novamente ela me interrompeu:

“Como assim ‘escrevi’, Marten? O senhor sabe que eu não sei escrever! Minha mãe chamou o professor há apenas uma semana, e acho que seria no mínimo *impressionante* se ele conseguisse me ensinar de dentro da diligência enquanto cruza a Geórgia, certo?”

Enquanto eu ouvia aquelas palavras, minha mente se embaralhava, e eu percebi que eu não só não conseguiria falar mais nada sobre aquilo com aquela menina como também não conseguiria falar sobre mais *nada*, porque tudo se envolveu em uma bruma de irrealidade tão grande que por instantes me senti louco. Duvidei se eu realmente tinha visto aquele desenho e aquela frase... e a única coisa que me trouxe de volta daquele pequeno transe, onde minha mente pareceu se deslocar para longe do meu corpo, foi lembrar que Susan e Mama Cohle também tinham visto o desenho, assim como muitos outros empregados. Então, *não*. Eu não estava louco. Aquela menina fizera aquele desenho e escrevera aquilo. Se não, quem mais?

“Está me dizendo que não foi você que fez aquele desenho? E que não foi você que escreveu aquela frase... suja?”

“Já disse, Marten: não faço a menor ideia do que o senhor está falando.”

“Mas então...”

“O senhor está dando muito ouvidos aqueles dois... Paty e Owen... e a mãe deles também. Eles não gostam de mim... nem *dela*... e por isso ficam inventando coisas pra me incriminar. Não acredite neles, Marten.”

“*Ela sabe!*”, era o que minha mente berrava naquela hora, e ainda assim eu não podia falar nada, porque me sentia bloqueado!

“Não sei quem lhe falou essas coisas, Marten, mas é a maior mentira que eu já ouvi.”

“Não fez aquele desenho?”, indaguei, encarando-a com ar grave.

“Não sei de que desenho...”

“Você sabe. Eu sei que sabe.”

Ela me encarou sem sorrir, e eu não pude decifrá-la. Não mais.

“Eu poderia contar para Oliver, você sabe.”

“Marten...”

“Ele arrancaria seu couro, você sabe, não sabe?”

“Marten, por favor...”

“Marie...”

“Mamãe!”

O grito me fez dar um salto da cama. Mas não havia medo, choro ou desespero naquela expressão, e sim uma súbita excitação que me deixou completamente desnortado.

Sob o batente, Ellyze nos encarava com um meio sorriso no rosto.

“Marten veio me visitar antes de dormir!”, disse a menina, sorridente, e Ellyze cruzou os braços enquanto seu sorriso aumentava.

“É mesmo, querida?”, então olhou para mim. “Marten.”

“Senhora”, falei, curvando-me.

“Marten nunca veio me ver antes de dormir, não é?”, disse Marie, de forma retórica, e olhou para mim. “Mas hoje foi um dia especial, não é, Marten? Veio me ver de manhãzinha, e agora à noite!”

Senti meu rosto inteiro esquentar, ao mesmo tempo em que percebi a leve inclinação na sobancelha de Ellyze, que finalmente descruzou os braços e apoiou uma das mãos no quadril volumoso.

“De manhãzinha? Marten veio aqui hoje de manhãzinha?”

“Sim!”, ela gritou.

“Sim, senhora”, falei, “Eu não informei à senhora nem ao senhor Munford para não os alarmar, mas é que...”

“Imagine, mãe, que Marten pensou que eu estava fora da cama hoje tão cedo que o sol nem tinha nascido! E o que é pior: ele pensou que eu estava no estábulo, escondida pra assustar o pobre do Gary Handel!”

E com toda a sua maestria representativa, caiu em uma gargalhada forçada, que não enganou a mim, mas que pareceu fidedigna para Ellyze, pois ela também sorriu. Porém, foi um riso rápido, e ela logo emendou:

“Tudo bem, Marie, isso foi engraçado, mas jamais interrompa Marten assim novamente, entendeu? Jamais interrompa um adulto quando ele estiver falando. Estamos entendidas?”

“Desculpe, mamãe, mas é que... é uma ideia tão *tola*!”

“Certo, nem mais uma palavra sobre isso, OK?”

“Desculpe”, sussurrou ela, escondendo-se nos lençóis. Ellyze sorriu, encantada.

Mais uma que será ludibriada, pensei.

Ela virou-se para mim.

“Esteve realmente aqui de manhã, Marten? E por causa disso?”

“Sim, senhora. Gary Handel jurava que era a senhorita Munford quem estava no estábulo, e eu não podia correr o risco de ser verdade e deixar de qualquer jeito...”

“Fez bem, Marten. Por isso que confiamos tanto em você. Mas informe *sempre* de qualquer coisa errada, por favor. É muito estranho que Gary Handel esteja vendo coisas assim, do nada, e se assustando. Acho que deveria falar com ele sobre diminuir com a bebida.”

“Com certeza falarei, senhora.”

“Bom, agora preciso que me dê licença, Marten, pois tenho que colocar uma menininha pra dormir”, disse, sorrindo, e seguindo em direção da filha. “Ah, e adivinhe, Marten! Teremos novidades aqui em pelo menos uma semana!”

“Novidades, senhora?”, perguntei educadamente, mesmo sentindo que nada mais atrairia minha curiosidade naquela noite.

“Sim, e será novidade não só para você, mas para essa pequenina aqui também!”, disse, envolvendo Marie nos braços. A boneca caiu de lado de maneira displicente, e algo em meu âmago sugeriu que ela não gostou daquilo.

“Novidades, mamãe? Que novidades, me diz, por favor!”

“Ah, será que eu deveria? Você é tão *sapeca* que eu acho que deveria guardar segredo até ele chegar... ops!”, disse Ellyze, e riu.

“Ele? Como assim, mamãe? Conte-me logo, por favor!”

“Ah, não devo...”

“Por favor, por favor!”

Senti-me preso de novo naquela teia de irreabilidade, a pele se sensibilizando como que prestes a ser atingida por um raio. Minha cabeça gritava “*Você não precisa saber! Não precisa!*”, mas meu corpo estava travado naquele quarto, apenas esperando a confirmação do que eu já suspeitava.

“Fale, mamãe!”

“Tudo bem, vou falar, mas só porque Marten está aqui e deve ter ficado curioso.”

Imagine, senhora, pensei, clinicamente.

“Bom, então prepare-se: daqui a uma semana, Marie vai ter aulas particulares com um professor alemão, que está vindo diretamente de Nova York! A essa altura, ele deve estar na Geórgia. O que me diz, querida?”

Minha mente deu outro estalo, e a única coisa que eu queria naquele instante era minha cama. Mas o destino preparava mais uma para mim, apesar de ter certeza de que o maior atingido daquela noite fora, sem sombra de dúvida, a senhora Munford. O que me incomodava era saber que Marie sabia daquilo secretamente, da viagem do professor e inclusive do lugar onde ele estava naquele momento, e ter ouvido tudo isso instantes antes de Ellyze revelar a surpresa não só para mim como para sua filha também deixava as coisas ainda mais estranhas. *Como ela sabia?*

Lógico, raciocinei depois com mais calma, deitado na minha cama e sentindo o sono se afastar, e expliquei para mim mesmo que o fato de ter ouvido da boca da pequena Marie que ela já conhecia a história do professor não poderia significar que ela adivinhara tudo, e sim que alguém *contara* para ela. Alguma empregada fofoqueira ou até mesmo seu pai. Se eu soubesse de tudo o que sei hoje, não acharia estranho o pensamento que tive... mas agora as suspeitas são certezas, e não há mais nada para se provar. A boneca lhe contara, por mais absurdo que pareça.

Cambaleei de leve, sentindo um estranho enjoo, mas percebi que Marie e Ellyze mal notaram. Muito pelo contrário, Ellyze encarava a filha com os olhos apertados. A menina cruzara os braços, arredia, as bochechas infladas demonstrando birra, e Ellyze perguntou:

“Mas querida, por que está tão decepcionada? Você precisa de um professor, e não temos escolas aqui por perto. Além disso, você não quer ir para Nova York ou até mesmo para Washington para estudar e ficar longe da mamãe, quer?”

Marie não respondeu, ainda emburrada.

“Olhe, o professor Johan é *alemão*. É um homem culto, e vai te ensinar tudo o que uma menina de família precisa saber. Vai aprender a escrever, a ler, a desenhar... não é maravilhoso?”

“Ah, mamãe, parece ótimo... mas e se ele não gostar dela?”, disse a menina, e fez um gesto com a cabeça, para frente. De imediato eu entendi que se referia à boneca, mas Ellyze pareceu não compreender. Penso hoje que estava fingido, como muitas vezes fingiu não *a sentir* por perto nos dias que se seguiram; a pergunta que veio mudou toda a sua forma de agir

daquele dia em diante. Aquela pergunta foi a primeira rachadura na redoma da sanidade de Ellyze.

“Dela? Quem querida? Dela quem?”

“Se ele não gostar dela, mamãe!”, gemeu Marie, e emendou: “E se ele não gostar da Rebbeca?”

Eu juro que nunca vi na minha vida um rosto perder a cor do jeito que o de Ellyze perdeu naquela noite. Mesmo a meia luz do quarto iluminado apenas por minúsculas velas não escondeu a descoloração daquela face. Sua pele empalideceu de forma uniforme, imediata. Em um instante o sangue estava lá, no outro, não mais. Se eu pudesse tocar seu rosto, sentiria uma face que era o mais puro frio da alma.

“Como? O que disse, querida?”

Enquanto balbuciava, estendeu lentamente a mão até a boneca, pegando-a pelo peito arredondado e realista e puxando-a para perto de si.

“E se ele não gostar...” dizia Marie, não mais choramingando, apenas resmungando e mexendo os braços irritada, e sua mãe a interrompeu.

“Não. Não *isso*. O nome. Qual o nome que você deu a ela?”

“Rebbeca, mamãe. É o nome dela. Rebbeca. Por quê?”

“Por que... por que ela se chama Rebbeca? Por que você pôs *esse* nome nela? Hã?”

Marie abriu os braços, erguendo as palmas da mão em uma expressão quase universal de obviedade.

“Oh, mamãe, porque esse *é o nome dela*. Ela me *disse*.”

Foi então que vi o brilho do mais profundo reconhecimento nos olhos de Ellyze. Um reconhecimento abissal, amargo; e enquanto ela olhava para o rosto da boneca, seus olhos se abriam e abriam cada vez mais, e por um segundo eu pensei que eles se tornariam dois buracos escuros e sem vida que sugariam todo aquele rosto para dentro deles, engolindo-os. Ela soltou a boneca, sem olhar para onde ela caía, e Marie exclamou um “cuidado!” instantes antes de impedir que o brinquedo caísse no chão, agarrando-o na queda. Puxou-o para si, abraçando-o, enquanto Ellyze se levantava, aturdida. Seus olhos vagavam pelas sombras criadas pelas velas e pelos cantos onde a luz nunca chegava. Cruzaram-se com os meus, mas não corresponderam. Cambaleou de leve e eu a amparei. Perguntei se ela estava se sentindo bem, entretanto ela recusou qualquer ajuda, se desvencilhou das minhas mãos e coçou a cabeça, se

desculpando para Marie que naquela noite infelizmente não lhe contaria histórias, enquanto saía apressada do quarto, a mão sobre o peito que eu percebi que disparava.

Olhei para Marie e ela parecia tão confusa quanto eu.

Não era mentira. Não naquela hora.

12

Nada estranho aconteceu até a chegada do professor. Eu pouco pensei sobre os acontecimentos daquele dia, em especial os últimos, menos drásticos, mas igualmente dramáticos. Porém, sempre que pensava na reação de Ellyze à pronúncia do nome da boneca, divagava até um ponto em que minha mente atingia um limite especulativo. Eu jamais poderia imaginar o *porquê* de tão intensa reação. Aprendi com o passar dos anos que certas coisas se ocultam em nosso espírito com tanta eficiência que são capazes de simularem um desaparecimento completo, memórias definidas que por milagre divino se desvanecem nas sombras de algum sonho, e por anos, talvez uma vida inteira, você viverá como se nada de incomum tivesse ocorrido. Então basta uma palavra, uma breve menção ou um simples *nome*, para que um turbilhão execrável de memórias sombrias e dolorosas retorne com furor. O que resta depois de tudo são retalhos de uma mente.

Sem imaginar por que aquela face descorara com tamanha intensidade, segui com minhas atividades e não busquei qualquer resposta. Não quis parecer antevieiro. Além do mais, depois do acontecido, meu contato com Ellyze diminuiu ainda mais, talvez por vontade dela, talvez pelo normal seguimento das coisas. Não sei dizer. Durante aqueles meses eu senti o pedido de socorro silencioso de seus olhos, mas pouco fiz por ela, e me arrependo muito disso. Muito mesmo.

A chegada do professor foi um episódio digno de nota. Quando a diligência saiu detrás do horizonte, levantando a poeira da estrada que levava àquele lugar, todos, em maior ou menor grau, pareciam tensos e ansiosos para conhecer o culto homem. Os colhedores ergueram momentaneamente as cabeças, escondendo o sol de cima de seus olhos

com as palmas das mãos, fitando o horizonte com curiosidade e cansaço; continuaram trabalhando, mas sempre um ou outro voltava seus olhos para os quilômetros que se estendiam naquela planície, para constatar que pouco da paisagem se alterara exceto pela proximidade constante dos cavalos negros e gigantescos que traziam o professor em uma luxuosa caixa de madeira. Os empregados da casa grande estavam em um verdadeiro alvoroço, correndo e preparando coisas como se já não as tivesse preparado horas antes, nervosos com a expectativa da chegada do homem e com a percepção que ele teria do lugar. Sob meu comando, a casa ficara impecável.

Quando o som do trote dos cavalos se tornou audível, Oliver caminhou até a varanda e sentou-se em uma cadeira, esperando pacientemente enquanto cutucava as unhas com uma faca pequena. Ellyze se juntou a ele minutos depois e permaneceu de pé ao seu lado até a chegada do alemão. Alguns empregados, a curiosidade os vencendo, paravam seus afazeres e se posicionavam discretamente atrás das cortinas fechadas, encarando a diligência ao longe, maravilhados, até o momento em que eu os notava e gesticulava para que voltassem ao trabalho. Na casa anexa, muitos estavam sob a varanda também, chapéus sobre as cabeças, taciturnos, encarando calados a nuvem de poeira que crescia ao longe. O céu azul estava aberto e majestoso, e o vento tão calmo que era possível ouvir o retinir dos arreios e ferragens e o estalar agudo do chicote do cocheiro. Tudo parecia se reunir para tornar aquela chegada marcante. A expectativa pela vinda do professor Johan era também um caso especial: seria o primeiro hóspede da fazenda em anos, sem considerar os advogados e contadores que às vezes pernoitavam ou passavam alguns dias do verão na fazenda dos Munfords. Johan passaria a morar ali, a conviver com todos e a ensinar os conhecimentos acadêmicos a Marie. Seria mais um empregado da fazenda, aos olhos da maioria; um empregado com regalias. Para alguns, era um estrangeiro cheio de experiências diferentes e histórias para contar. Para outros, ele era um intruso. Um *estranho*.

Meus sentimentos àquela chegada eram ambíguos. Para Marie, seria um avanço fenomenal, e eu estava feliz por isso, mas por outro lado havia uma tensão desproporcional para aquele momento. Era apenas um professor que passaria a lecionar para Marie, e nada mais. Então, por que tanta agitação?

E apesar de todo aquele comitê de boas-vindas, a pessoa mais beneficiada pela chegada do homem e que mais deveria se interessar não estava conosco: Marie sumira pela fazenda desde o amanhecer, e ninguém conseguia encontrá-la.

Logo durante a manhã Ellyze dera por falta dela. Depois do café ela me pediu, com uma descrição que beirava os limites da paciência, que eu organizasse uma pequena busca com alguns funcionários. Pude ver em seu rosto que a aflição já lhe batia à porta, suas mãos não desgrudavam uma da outra, os dedos se torcendo e entrelaçando com força. A pele do seu rosto estava pálida. Perguntei-lhe, com calma e sem querer ofender sua sapiência, se ela já olhara no quarto da filha com atenção redobrada, e sua resposta foi um amargo “Já, e a única coisa que estava lá era aquela maldita boneca”.

Organizei um grupo de cinco empregados, todos já habituados com o interior da casa, camareiras e faxineiras, e iniciamos uma busca por Marie, que se tornou infrutífera poucas horas depois. Até o horário do almoço toda a casa havia sido vasculhada e ninguém encontrou a menina. Não havia nem mesmo uma pista. A aflição de Ellyze começou a me influenciar, e à medida que as horas avançavam, meu coração ficava cada vez mais acelerado ante as diversas possibilidades daquele “desaparecimento”, apesar da obviedade daquilo tudo, ou seja, na verdade a menina só devia estar escondida para não ver seu futuro professor chegando. Mesmo assim, as possibilidades... ah, elas se alastram por nossos pensamentos como vinho se espalha pelo branco de uma toalha de mesa, penetrando vincos e costuras como um exército desbravador. O medo de que algum empregado mal-intencionado a tivesse sequestrado era a menos preocupante das hipóteses. Não havia completa confiança naqueles homens.

Depois que a casa foi vasculhada, nos espalhamos pela fazenda, verificando estábulos, cabanas e lavabos. A casa anexa também foi vistoriada, sem qualquer êxito. Até mesmo Owen e Patrícia ajudaram nas buscas, ainda que a contragosto. Pensei que eles a encontrariam, pois se Marie tivesse um esconderijo, decerto os dois saberiam. Foi igualmente inútil.

Ainda procurávamos por Marie quando os sinais no horizonte entregaram a aproximação do professor. Então parte da busca foi interrompida. Alguns homens continuaram a procurando, por ordens

diretas de Oliver, que parecia controlar sua irritação com maestria. Ellyze tentava disfarçar sua aflição, mas a cada segundo seus olhos corriam pelo terreno ao redor, procurando algum vestígio da menina.

As porteiras foram abertas ao longe e a diligência avançou pelo terreno da fazenda dos Munfords. Atravessou uma longa estrada ladeada por belos e alvos campos de algodão. Depois de alguns minutos que pareceram eternos, a diligência mudou seu curso para a direita e contornou o terreno à frente, passando próxima ao estábulo, e parando diante da escada que levava a casa grande. A porta da diligência se abriu com força, e o homem que se tornaria quase parte da família e depois parte de sua dissolução, além de um dos maiores amigos que eu poderia ter, saltou e olhou para todos que o aguardavam.

Seus olhos pararam sobre mim, Oliver e Ellyze, que o esperávamos bem próximos um do outro (eu um pouco atrás, é claro), e depois, colocando a longa cartola que trazia na mão sobre a cabeça, começou a subir os degraus.

Os olhos dele eram duas ágatas vibrantes e a pele quase se misturava ao ebúrneo campo de algodão às suas costas, o que entregava sua nacionalidade de imediato. Os cabelos eram como um céu nublado, cortados com retidão na nuca e desgrenhados na testa graças ao chapéu. Uma barba também prateada se projetava debaixo da boca e do nariz reto e pontiagudo. Tinha a estatura prodigiosa digna dos germânicos, mas sua compleição delgada entregava sua inclinação intelectual em detrimento do desportivo. Subia as escadas em passos firmes, carregando uma pequena mala, lembrando um médico, e olhava para as pontas dos pés como se refletisse quais palavras pronunciaria quando terminasse a subida. Quando atingiu o patamar, pude notar a tez um tanto avermelhada e as rugas profundas ao redor dos olhos. Seu terno cinza bem recortado lhe dava um ar de nobreza sem tamanho. Era um homem imponente por natureza e visivelmente culto por seu olhar analítico. Retirou o chapéu com elegância, enquanto Oliver se levantava da cadeira. Não havia qualquer sorriso nos lábios de ambos. Eles se cumprimentaram com rapidez e respeito. Quando se apresentou, o sotaque era leve, quase imperceptível, e a voz era madura.

“Sou o professor Johan Strauss. O senhor deve ser...”

“Oliver Munford. Esta é minha esposa, Ellyze, e este, meu homem de maior confiança, Marten.”

“Encantado, senhora...”, disse, pegando a mão de Ellyze com leveza e beijando-a nos nós dos dedos. “Senhor Marten... é um prazer conhecê-lo.”

“Igualmente”, respondi, curvando-me de leve.

“Essa é a fazenda Munford, senhor Strauss. Seu lar nos próximos anos, se assim desejar e se assim desejarmos”, continuou Oliver. “Creio que saiba que o clima aqui é frio, mas não tanto quanto o qual o senhor está acostumado em sua pátria mãe.”

O professor riu, de leve.

“Mas acredito que vá se acostumar rapidamente.”

“Creio que sim”, foi sua resposta.

Durante alguns segundos, todos ficaram em silêncio. Oliver com uma das mãos na cintura e a outra abaixada, ainda com a pequena faca entre os dedos, Ellyze atrás da cadeira, as mãos sobre o encosto, o professor diante de todos, segurando a pequena maleta ao lado do corpo. Quando o silêncio chegou à beira do constrangedor, Ellyze se antecipou:

“Senhor Strauss, creio que o senhor deva estar curioso em relação a quem será sua aluna enquanto estiver aqui nesta fazenda, e que obviamente esta pessoa deveria estar aqui para recebê-lo, mas acontece que...”

Interrompeu-se, constrangida. Oliver virou-se para ela e falou para o professor, ainda olhando nos olhos da mulher:

“Acontece que nossa cria, senhor Strauss, é uma criança um tanto quanto intransigente, e desde hoje de manhã”, virou-se para o professor, “ela está escondida em algum canto da fazenda, porque provavelmente não deseja conhecê-lo”.

O professor soltou um simpático “Oh”, enquanto sorria afável. Sua postura relaxou um pouco, e ele abriu o paletó. Estava quente na varanda.

“Espero que o senhor não se sinta ofendido, professor...”, disse Ellyze.

“De forma alguma, senhora. Compreendo totalmente que a menina estranhe que um desconhecido passará a fazer parte de seu dia-a-dia assim, repentinamente, e acredite, já passei por situações desse tipo... isso acontece. São crianças, afinal.”

“Que bom que entende, senhor Strauss”, disse Ellyze, “mas é que estou tão preocupada com...”

“Não precisa se preocupar”, interrompeu Oliver, com seriedade. “Ela vai ter o dela assim que a encontrarmos. Mas, enfim, quero que entre conosco, professor, e conheça a casa. Venha comigo.”

Oliver seguiu em frente, a mão sobre o ombro do professor, e Ellyze foi logo atrás, as mãos unidas sobre o ventre, visivelmente aflita. Acompanhei com os olhos enquanto os três seguiam para dentro da casa, as vozes de Oliver e Johan se afastando. O cocheiro subiu as escadas, trazendo duas malas grandes e pesadas. Eu o paguei e ele partiu, chicoteando os cavalos e levantando mais poeira naquele dia quente. Quando a diligência já atingia a porteira, deixando atrás de si uma sombra longa graças ao sol avermelhado que descia no horizonte aberto, eu suspirei e refleti sobre aqueles instantes, sem poder imaginar como seriam os dias seguintes com aquele ilustre hóspede naquela casa que por anos não recebia qualquer visita diferente de advogados gordos e fazendeiros centenários. Olhei ao redor e havia uma multidão de empregados parados, tanto negros quanto brancos, todos conversando em pequenos grupos num crescendo de voz que pouco a pouco se assemelhava ao de uma feira sabatina. Com duas ordens, todos se espalharam, contrariados e de volta ao trabalho.

13

A menina reapareceu algumas horas após a chegada do professor, enquanto ele ainda se servia na sala de jantar. Ela não foi encontrada por nenhum empregado. Ellyze saiu em sua busca, enfurecida e envergonhada pelo fato de o professor ter chegado e a menina não estar lá para recebê-lo, e a encontrou no quarto, deitada na cama e brincando com a boneca. Foi o que ela disse quando desceu as escadas trazendo Marie pela mão, mas seu rosto demonstrava que *outras coisas* aconteceram nesse meio tempo.

A menina foi indiferente com o professor alemão. Ele tentou diversas vezes tirar alguma palavra amigável, mas Marie apenas balançava a cabeça para responder às perguntas do homem. Ellyze se contorcia discretamente quando Marie baixava a cabeça e resmungava um “sim” ou “não” para o homem. Oliver estreitava os olhos, dividido entre a raiva pela

atitude da garota e a completa admiração pela meiguice de sua cria. O professor, no entanto, pareceu não se incomodar.

“Estou acostumado com isso”, disse. “No começo é sempre essa timidez, mas depois com certeza nos tornamos amigos. Não é?”

A menina soltou outro curto “sim”, e eu fiquei imaginando qual seria a reação daquele homem se ele tivesse visto o desenho nos fundos da casa anexa.

Durante toda a “conversa” deles, a boneca, Rebbeca, não saía dos braços de Marie, o que deixou Ellyze desconfortável. O professor não se incomodou. “Não tem problema! Não tem problema algum... até porque, deve ser muito ruim estudar sozinha... não é, Marie?”

A menina respirou fundo, e quando falou, Ellyze franziu o cenho, irritada.

“Então o senhor não se importaria de ensinar a Rebbeca a ler também?”

“Oh, de maneira alguma. Podemos dizer que ela é sua... colega de classe. Pode ser?”

“Ela é muito mais que isso, senhor...”, disse Marie, abraçando-se à boneca e por fim se soltando diante do educador. “Ela é como uma irmã para mim!”

“Pois não vejo proble...”

“Ora, mas que *tolice*, Marie!”, explodiu Ellyze, e por um momento o rosto do professor se congelou, como se repreendido por uma falha. Oliver estava com um sorriso discreto no rosto e este desapareceu. Ellyze notou seu exagero de imediato, e emendou, ruborizada: “Faça o favor de não amolar o professor com essa bobagem, certo? Quando estiver estudando, você vai deixar a boneca de lado e vai *estudar*, está entendendo?”

“Mas o professor disse...”, começou Marie, com aquela voz arrastada.

“Ouça sua mãe, Marie”, disse Oliver. “Enquanto o senhor Strauss estiver lhe dando aulas, deixe a boneca no quarto ou onde for, mas não faça o professor perder tempo. Estude direito e terá o resto do dia pra brincar com a sua... boneca.”

A menina resmungou, gemendo um choro infantil, e apertou a boneca com mais força ainda. Vi nos olhos do professor que ele não compreendera nem um pouco aquela situação. Adiantei-me, gesticulando para Oliver, e disse-lhe ao pé do ouvido que seria de bom grado que o

professor fosse para seus aposentos e descansasse da longa viagem que fizera. Sensato como era, Oliver se levantou e nós acompanhamos o professor até seu quarto, deixando uma chorosa Marie e uma constrangida Ellyze para trás.

Mais tarde, depois do silencioso jantar, do qual o professor não participou culpando o cansaço, segui até seus aposentos e perguntei se desejava algo. Ele estava sonolento, os olhos enterrados em profundas olheiras escuras, mencionou que dormira pouquíssimo desde que desembarcara nos Estados Unidos, e que eu não deveria me preocupar, ele apenas precisava dormir. Enquanto saía do quarto, ele me chamou de volta:

“Eu... apenas gostaria de saber uma coisa.”

Analisei-o e fui sincero: “Depende de qual coisa deseja saber, senhor”.

“Oh, não quero parecer invasivo, de forma alguma. Inclusive, desculpe a minha indelicadeza. É que notei na situação de hoje à tarde, quando a menina ficou triste devido ao ‘dilema’ da boneca, que o senhor se adiantou e resolveu a questão de imediato me tirando da situação, o que mostra que o senhor é um homem muito perceptivo.”

“Agradeço. O senhor um homem muito observador.”

Ele riu. “De fato. Bom, o que eu queria saber é se... e por favor, espero que não estranhe minha pergunta, é se há alguma... desavença... entre mãe e filha. Algo que eu precise saber, uma vez que ministrarei aulas à menina. E então? Há algum problema entre elas?”

Refleti por um momento, tentando concluir se *havia mesmo* algum problema entre Ellyze e Marie, e não consegui elevar a nível de “desavença” a implicância crescente que Ellyze demonstrava com aquela boneca; porque desde que o “nome” do brinquedo fora revelado, naquele estranho dia, a mãe de Marie parecia, mesmo que levemente, um tanto *alterada*. Na semana que antecedeu a chegada do professor, era comum ouvirmos Ellyze praguejando quando encontrava a boneca em algum lugar da casa que não fosse o quarto da filha. E sabíamos que ela praguejava para a boneca porque em todas as vezes ela convocava Marie de imediato e ordenava que ela levasse o brinquedo de volta para seu quarto. Na maioria das vezes a menina obedecia. Em outras, ela *também* obedecia, mas não sem antes deixar bem claro que ela *deixara* a boneca no quarto, e que não sabia como ela fora parar em qualquer outro lugar.

Eu estava prestes a formular minha resposta quando o professor se adiantou: “Eu espero não estar sendo um incômodo para o senhor, Marten”.

“De forma alguma, senhor”, falei. “Mas é que...”

“O senhor nunca parou para pensar no assunto. É isso?”

“Basicamente, sim.”

“Entendo.”

“Mas eu diria que não há desavença alguma, senhor. Nada que atrapalhe o seu trabalho, se o senhor me entende.”

“Entendo, entendo perfeitamente. E novamente peço desculpas por perguntar algo tão... invasivo. Mas é que meu trabalho fica mais fácil se eu souber se mãe e filha se dão bem ou não. Acredite.”

“No que lhe facilita, afinal?”

Ele respirou fundo e sorriu de lado. “Uma resposta por uma resposta, certo?”

“Acho que sim”, falei, e sorri também. Ele pensou um pouco e então disse:

“Crianças são mundos inexplorados, Marten. Acredite, cada uma delas é um potencial estupendo, desde a mais brilhante até a mais estúpida. E mundos inexplorados devem ser desbravados com *cautela*. Conhecer o terreno no qual se pisa é essencial. Veja, eu vou conviver quatro horas por dia, cinco vezes por semana, com essa menina. Além disso, ela vai me ver aqui nesta casa basicamente o tempo inteiro, do café da manhã ao jantar.”

Ele fez uma pausa, olhando para as pontas dos pés enfiados em meias cujas pontas estavam úmidas. Continuou, as mãos procurando abrigo nos bolsos:

“Eu já vi casos de alunas que se apaixonaram perdidamente por seus professores. Na maioria das vezes é um amor infantil, tolo, um amor puro. Em outras, é claro, quando as alunas não são tão jovens quanto Marie, o amor é mais sensual. O que quero dizer, Marten, é que na maior parte desses casos, o professor, graças a sua proximidade, acaba substituindo o pai ou a mãe. Eles se distanciam dos filhos pois acreditam que, por eu estar cumprindo um papel que geralmente é dos pais, eles não são tão necessários. A relação entre a pequena Marie e a senhora Munford parece um tanto fragilizada. E eu não quero estraçalhar algo que já está frágil. Sempre imponho meus limites, acredite, mas se eu souber que essas duas

precisam reatar seus laços, vou fazer o que for possível para que Marie *queira* reatar esse laço. Compreende?”

“Perfeitamente, e acho nobre. Mas acredito que não vai precisar se preocupar com isso.”

“Então isso é ótimo. Muito obrigado, senhor Marten.”

“É um prazer servi-lo, senhor.”

Deixei o professor sozinho para seu descanso, e enquanto apagava todas as luzes da casa, fiquei pensando *o que* teria lhe despertado a atenção para aquela suspeita. Nos meses seguintes, ele se provaria correto em suas desconfianças, mas nem mesmo ele seria capaz de imaginar o porquê daquele estranho véu turvo de desarmonia.

As aulas de Marie começaram dois dias depois da chegada do professor Johan. Durante seu descanso da viagem ele pouco saiu do quarto, passando a maior parte do tempo dormindo ou lendo algum livro, o que me deixava, de certa forma, mais interessado em conversar com ele. Quando me questionou sobre o relacionamento de Ellyze e Marie, mostrou que era um homem muito atento e observador, além de culto em sua explicação, e se há pessoas boas para se conversar, são essas. Hoje, decrépito e cansado aqui neste asilo, sinto muita falta daquele tempo... mesmo que tudo tenha se transformado em um feroz pesadelo.

Um dos muitos quartos da casa foi adaptado para se tornar uma sala de estudos. Um quadro negro de tamanho médio foi fixado em uma parede, e uma pequena escrivaninha foi comprada especialmente para o professor Strauss. Para Marie, uma mesa pequena com uma cadeira de madeira feita sob medida foi trazida de Nova Orleans. Alguns cadernos e livros foram solicitados por Oliver, e chegaram diretamente de Washington D.C., deixando claro que, no que dizia respeito à educação da filha, não haveria mesquinhasias. Algumas estantes foram levadas para a nova “sala de aulas”, e Johan demonstrou imensa felicidade em poder tirar seus livros das malas e posicioná-los com cuidado no móvel. Era visível sua aptidão e deleite no ofício de ensinar. Quando as aulas começaram, era possível ouvir partes de suas explicações, se você estivesse no corredor ou do lado de fora, sob a janela daquele quarto. Ele exalava cultura e conhecimento. Falava com propriedade, preparo e desenvoltura, completamente diferente do professor que educara a mim e a Oliver décadas antes. Era o tipo de homem que o futuro pedia, mas cuja idade tirava as chances de contribuir com a perspectiva científica do século que viria.

Marie comparecia às aulas sem apresentar dificuldades. Não ouvíamos sua voz se exaltar durante os estudos; o máximo que podia dizer era um “sim, entendi” ou um “não entendi, explique de novo por favor”, o primeiro mais do que o segundo. Quem passasse pela porta da sala enquanto o professor explicava algum cálculo matemático ou alguma regra gramatical de suma importância, notaria seu olhar absorto, seu rosto fechado, a mão sob o queixo, concentrada, e sorria diante da sisudez de uma face tão bela. Seus materiais de estudo eram tratados com carinho e

cuidado e não havia sujeira de lápis ou borracha sobre sua mesa ou embaixo dela quando a aula terminava. Tudo isso era motivo de orgulho para Ellyze e Oliver, que vez ou outra comentavam comigo que a menina se mostrara incrivelmente disciplinada e interessada nos estudos.

Apenas uma coisa incomodava a mãe: a boneca, que durante toda a aula ocupava uma cadeira ao lado de Marie, sentada e virada para frente como se assistisse à aula com a mesma devoção da menina.

O professor parecia não se importar com a indolente aluna que acompanhava Marie. Parecia haver um trato entre os dois: “eu presto atenção na sua aula e o senhor deixa minha boneca aqui onde está”, e eu não duvido que para o professor, em toda a sua experiência, aquilo funcionava. Marie estudava com afinco, e a cada dia podia-se notar seu avanço.

Depois que a aula terminava, Marie ajudava o professor a organizar a sala, e eles saíam dali direto para a sala de jantar, onde almoçavam com Ellyze e às vezes também com Oliver, que estava tomando conta de alguns negócios da fazenda e por isso na maioria das vezes ia de cavalo à capital e só voltava à noite. Quando o almoço terminava, Marie pegava sua boneca e corria para seu quarto, para brincar sozinha. Depois do episódio do desenho, ela não voltou a brincar com Patrícia e Owen.

O professor, tendo cumprido sua obrigação, se via diante de várias horas livres, horas essas que ele administrava com disciplina: depois da refeição, subia para seu quarto e tirava uma pequena sesta de uma hora. Quando despertava, pegava um livro, sentava-se diante da janela (que dava para um largo campo de algodão) e punha-se a ler por horas. Na maioria das vezes, só parava quando o céu estava escurecendo. Nessas horas ele parava sua leitura e descia para a cozinha, onde tomava um café da tarde, silenciosamente e sem incomodar ninguém. Após isso, seguia para o quarto de novo e pedia água para um banho. Banhava-se e então se sentava diante de um caderno em branco, e sob a luz de uma vela escrevia durante algumas horas. Era talvez o momento em que parecia fazer sua mais sublime arte, o ato mais belo. Manejava a pena com maestria, as palavras surgindo sobre o papel numa espécie rara de caligrafia, inclinada e fina. Não sei dizer sobre o que o homem escrevia, pois quando partiu, enquanto as coisas realmente ruins aconteciam, levou seus escritos consigo. Aquele ato, no entanto, me marcou profundamente. Era como ver um homem fazer aquilo para o qual nascera para fazer, e não posso esconder a

obviedade de que esse texto só existe porque a paixão que Johan Strauss infundia na prática da escrita, esse ofício tão gracioso, se espalhou para mim.

Ele parava de escrever na hora do jantar, descia e se alimentava com a família Munford. Depois do jantar ele quase sempre tomava uma dose de *scotch* e voltava para seu quarto, de onde só saía no dia seguinte, cedo, para preparar a aula para Marie.

Foi no dia em que Marie cortou o cabelo da boneca que as coisas começaram a mudar para todos. Ela estava estudando com Johan havia três, talvez cinco semanas, e ainda se comportava com timidez diante dele. Presenciei algumas vezes em que ele tentara conversar com Oliver e Ellyze, comentando sobre os avanços da menina nos estudos, mas não conseguia fazer com que Marie participasse de sua exaltação; ela ainda o tratava como o estranho que era, mesmo já estando familiarizada com sua presença e conformada com o fato de que o tempo para brincar diminuía. Parecia, aos olhos de todos, inclusive, que a menina crescera consideravelmente naquelas últimas semanas. Já não era mais apenas uma criança. Seu sorriso não era mais a gargalhada jocosa e infantil, e sim apenas um riso fino e silencioso, que lembrava muito o de sua mãe na juventude. Seu corpo parecia um pouco mais alongado, mesmo, deixando a infância rapidamente, mesmo que ainda tivesse menos de oito anos. A única coisa que ainda denotava sua idade era a boneca a tiracolo. Algumas vezes, ela parecia uma pequena mãe, embalando o brinquedo no que parecia um consolo febril.

Toda vez que Ellyze olhava para Marie e ela estava com o a boneca no colo, eu percebia que seus olhos se estreitavam e ela se arrepiava, como um gato quando vê um cão.

Foi Ellyze quem encontrou os cabelos espalhados pelo corredor, começando na porta do seu quarto e formando um rastro até o quarto de Marie. Eu não presenciei nada, mas depois ela me contou como pegou Marie no flagra, cortando algumas mechas do cabelo da boneca. Ellyze parecia furiosa enquanto contava para mim e para Mama Cohle que Marie levou um belo susto quando a viu parada na porta do quarto.

“Eu tomei a tesoura da mão dela e falei ‘menina, o que você está fazendo? Oliver vai ficar furioso se ver o que você fez com esse maldito presente de aniversário’.” Ela não conseguia esconder que estava furiosa enquanto nos contava, mesmo sorrindo nervosa e levando a mão à testa,

inconformada. Também não conseguia esconder que não suportava o brinquedo.

“Crianças são assim mesmo, meu bem...”, disse Mama Cohle, passando a mão em seu ombro.

“Ah, se fosse só isso, Mama... se fosse só isso...”

“Como assim, senhora?”, perguntei. Ela levantou o olhar, e então vi que seu sorriso havia sumido. Seus olhos percorreram a cozinha, onde outras mulheres trabalhavam fingindo que não prestavam atenção na conversa. Ellyze se encolheu, e instintivamente eu me aproximei dela. Então ela cochichou, os olhos fixos nos meus, e eu senti todo o meu corpo se arrepiar.

“Quando eu perguntei para ela por que ela cortou o cabelo da boneca, ela me disse, com toda a honestidade que aqueles olhinhos são capazes de demonstrar, que foi porque *a boneca pediu*. ‘A Rebecca pediu, mamãe’... ah, se vocês imaginassem como não suporto ouvir esse nome!”

O final da frase saiu quase rasgado de ódio, e Mama Cohle me olhou de um jeito indagador. Devolvi o olhar com o mesmo sentimento.

Ellyze continuou: “Eu não suporto olhar para Marie enquanto ela está com aquela boneca. Ela fica parecendo uma... uma... lunática, mexendo os lábios e cochichando sozinha, como se estivesse enlouquecendo. Eu não faço ideia de onde Oliver tirou aquele brinquedo, mas eu, definitivamente, não *gosto* dele. Nem um pouco!”

Ela suspirou, e percebi que suas mãos tremiam. “Por favor, que isso fique apenas entre nós”, disse.

“Não se preocupe, senhora”, falei. Ela saiu da cozinha, apoiando uma mão na parede e levando a outra à testa. Seu rosto estava avermelhado e ela parecia doente.

Naquela noite eu acordei de súbito, ainda de madrugada, sentindo o sonho escapando da minha mente ao abrir dos olhos, como a maioria dos sonhos fazem, sejam eles ruins ou bons. Algo me dizia que aquele fora um dos *ruins*. Eu estava com o corpo inteiro suado, podia ver o brilho líquido na pele do peito nu iluminado pelo rastro da lua que atravessava a cortina clara. Meu coração estava em disparada e minhas mãos tremiam. O quarto parecia quente como uma fornalha, então abri a janela e a brisa noturna entrou e melhorou um pouco a sensação de aprisionamento. Sentei-me na cama, sabendo que o sono demoraria a voltar. Minhas mãos ainda tremiam, mesmo minutos depois de ter despertado. Respirei fundo,

sentindo meu corpo inflar com o ar frio da noite. Pouco a pouco a sensação de medo se foi e eu pude notar o silêncio. Era opressor; parecia uma camada de verniz cobrindo tudo. Não havia um ruído noturno sequer, nem mesmo um grilo ou uma coruja. Tudo estava calmo e sereno. A escuridão do quarto pouco a pouco se tornava menos desconhecida. A visão enturvava-se lentamente. Bocejei. O sono estava voltando.

Quando me deitei de novo, ouvi um barulho vindo do andar de baixo. Uma porta fora aberta.

Levantei-me de imediato, o coração aos pulos outra vez, e permaneci atento. A porta bateu, fechando-se. Conhecia tão bem aquela casa que sabia de onde vinha: da cozinha. O rangido da porta era o mesmo, e eu nunca o confundiria, não depois de tantos anos. Respirei fundo, fui até meu armário e apanhei minha espingarda, devidamente guardada para emergências do tipo (mesmo que eu não soubesse do que se tratava). Abri as câmaras e vi que já estavam carregadas.

Sai do quarto e caí dentro da escuridão. Todo o corredor estava entregue à penumbra, como uma caverna nunca desbravada. Esperei alguns segundos até ter certeza de que não havia ninguém *já ali* no corredor, enquanto os olhos se acostumavam com o novo volume de escuridão, e então segui a passos leves, o frio da noite que nunca se esvaia do resto da casa batendo no meu peito e me fazendo arrepiar. Cheguei às escadas e olhei ao redor. Um manto preto encobria tudo. Pensei que se alguém invadira a casa, estaria em uma situação parecida com a minha, andando devagar e esperando os olhos se acostumarem. A diferença era que eu sabia como a casa era. Desci os degraus sem me preocupar em olhá-los, a espingarda apontando para frente, o brilho do metal refletindo a lua que vez ou outra surgia detrás de alguma janela. Virei à esquerda e cheguei ao corredor que levava à cozinha. Uma vela acesa brilhava sobre a mesa. Eu podia ver as sombras das panelas na parede. Arrepiei-me novamente ante a situação em que me encontrava: se fosse alguém invadindo a casa e eu lhe desse um tiro, acordaria todo o estado da Luisiana. E isso levaria algumas pessoas a algo bem perto de um ataque do coração. Minhas mãos queriam tremer, queriam não segurar a arma com firmeza. Uma parte de mim ansiava que tudo aquilo, aquela vigilância, fosse em vão. Outra parte queria que eu usasse a arma. Que se caso não fosse em vão, eu pelo menos fosse capaz de dar cabo ao que pretendia com uma arma daquelas. Dei um passo na direção da cozinha e a porta se abriu

de novo. Estaquei, o peito explodindo em batidas que ecoavam detrás dos meus ouvidos.

Havia alguém na cozinha, sem dúvida alguma. A vela jogava sua sombra contra a parede do corredor.

Ergui a arma, sem notar que a deixara descer quase até o chão, e voltei a andar na direção do desconhecido. Uma gota de suor escorreu pela minha testa e caiu no meu olho esquerdo. Fechei-o, ajustando a coronha mais corretamente na junta do ombro. Lambi o lábio, que parecia ressecado, e preendi a respiração. Mais alguns passos e eu estaria na cozinha.

O outro parou a busca, silenciando-se. Ouvi quando puxou o ar com o nariz, com força. Parei de imediato. O estranho sibilou da cozinha, uma voz masculina que eu não conseguia reconhecer. Meu rosto esquentou-se, ferveu como uma panela. O dedo caiu delicado, mas preciso, sobre o gatilho.

O invasor falou: “Quem está aí?”

Eu já estava na cozinha, a arma apontada para uma altura que seria o peito de um homem normal, mas meu dedo já relaxara quando a voz chegou aos meus ouvidos. Olhei atentamente e vi o professor Johan, usando calças e uma camisa abotoada até o meio do torso, os braços erguidos para cima, uma das mãos segurando uma pequena garrafa.

“Por Deus, abaixe essa arma, Marten!”

Relaxei meus ombros, como quem solta um grande peso.

“Seu sotaque lhe salvou, professor.”

Ele riu. “Que bom. Mas meu nariz não é mais o mesmo. Senti o cheiro da arma tarde demais.”

“Sorte sua que era eu.”

“Sim. Sorte. Sinto tê-lo acordado, Marten.”

“Não acordou, acredite. Só me fez sair da cama.”

“Ótimo, porque eu também acordei sem mais nem menos, e agora o sono não me volta.”

Olhei para ele e ri. Meu corpo parecia trinta quilos mais leve. Minhas pernas estavam moles. Encostei o corpo na parede, exausto.

“Desculpe-me se o assustei, Marten.”

“Digo o mesmo, professor.”

“Quer me fazer companhia?” Sacudiu a garrafa. Sob o bigode havia um meio sorriso.

Fechamos a porta da cozinha e seguimos silenciosos para a varanda. Aquela seria a primeira de muitas outras noites em que acordaríamos de madrugada sem motivo aparente, os dois quase ao mesmo tempo. Descer para a varanda e tomar alguns goles de conhaque se tornou nosso ritual para recuperar o sono, mesmo que vez ou outra eu acordasse de manhã com uma dor de cabeça tremenda e jurando para mim mesmo que aquela seria a última vez que beberia de madrugada. No começo era agradável, evidente, não só a companhia excelente do professor como o sabor forte do conhaque e as conversas na maioria das vezes sem a menor profundidade. À medida que as noites iam se repetindo, no entanto, e acordávamos quase todos os dias da semana *na mesma hora*, durante a madrugada fria, começamos a notar que havia realmente algo estranho acontecendo. As conversas se tornaram mais sérias e existenciais, e sempre havia a impressão de que não éramos os únicos passando por aquilo. Principalmente quando olhávamos nos olhos de cada pessoa daquela casa no dia seguinte e víamos que eles estavam tão vermelhos e cansados quanto os nossos.

Em uma daquelas noites, uma madrugada fria que não consigo esquecer, Johan e eu acendemos a lareira discretamente e nos sentamos no chão, perto do fogo. Várias vezes pensei em conversar com Oliver sobre o que fazíamos nas madrugadas, imaginando que seria de mau gosto que ele nos encontrasse acordados numa hora daquelas e achasse ruim que desfrutássemos da lareira ou da sala de estar, mas nunca o fiz de fato. Primeiro porque raramente Oliver estava na fazenda. E segundo porque tudo aconteceu tão rápido que não tive tempo de falar com ele. Depois que tudo ruiu, decerto o fato de usufruirmos da sua lareira seria a última das suas preocupações.

Johan olhava para o fogo com afinco, como se estudasse seus movimentos. Estava sentado sobre o tapete com um lençol em volta do corpo. A garrafa ia até a boca de tempos em tempos.

“Já sentiu como se algo ruim estivesse para acontecer e você não pudesse evitar?”, foi o que ele me perguntou, sem deixar de fitar o fogo. Eu suspirei e olhei para ele. Me passou a garrafa. Dei um gole curto, o conhaque queimando meu corpo por dentro.

“O que o senhor quer realmente perguntar é se *estou sentindo* que algo ruim vai acontecer, não é?”

“Muito perspicaz”, disse.

Sorri, escondendo minhas mãos nas mangas do casaco que usava.

“Desde aquele dia em que desci daquela diligência e coloquei os pés nesta casa, eu sabia que havia algo estranho. É como olhar através de um vidro embaçado e ver um vulto se aproximando, mas não saber *o que* vem de fato ao seu encontro.”

“Talvez eu entenda o que o senhor quer dizer, mas não veja com tanto receio assim...”

“Muito pelo contrário: tenho certeza absoluta que o senhor sabe muito bem o que pode estar acontecendo. Sabe que há algo se avolumando por detrás do vidro embaçado. Algo sinistro e poderoso. Só... só não acha que seja sua obrigação se envolver. Não é mesmo?”

Não respondi.

“O senhor conhece todas essas pessoas dessa família mais do que eles próprios. Tem noção completa de que as coisas parecem boas na superfície, mas estão por um fio na profundidade. E sabe também que quando esse fio não resistir, as coisas irão piorar. O senhor sabe, mas tem medo de se meter. Eu o entendo, perfeitamente. Apenas não concordo com sua atitude. E digo isso porque sei que depois o senhor vai se culpar.”

“Do que o senhor está falando exatamente? De despertar todas as noites no mesmo horário? Acha que há algo... nos influenciando?”

“Não finja que nunca percebeu, Marten”, disse, olhando-me nos olhos. As chamas brilhavam dentro deles. “Pode ver nos rostos de todos que não somos os únicos que acordam de madrugada, tremendo e engolindo um gemido de pavor, como se algo horrendo estivesse ao nosso lado, na cama... tenho certeza que Ellyze está neste exato momento com os olhos arregalados, olhando para o escuro do quarto ou para alguma foto do marido que está longe, procurando pelo sono que se foi. Não duvido que os outros empregados também não estejam acordados, talvez rezando ou bebendo como nós para que o sono volte. É fácil saber, basta olhar bem para cada um e você vai *se enxergar*.”

Ele deu um longo suspiro. Puxou mais o lençol sobre o corpo.

“Há *algo aqui*, Marten. Algo que nós dois, meros mortais, jamais poderemos compreender. Algo que sussurra injúrias e murmura pragas, algo que destila o mais terrível veneno. Dá para sentir no ar... deixa tudo cinza. É *mal*, Marten, mas não porque tenha nascido assim, e sim porque *se tornou* mal... devido às circunstâncias. Mas o pior é que está apenas

brincando... a parte séria não começou de verdade. Quando começar... eu não gostaria de estar aqui para ver.”

E ele não ficaria, realmente. Não até o fim. Quando o horror que assolou a fazenda Munford começou, Johan ainda estava ali, do nosso lado. Só Deus sabe quais temores a coisa infundiu em sua mente e em seu peito, fazendo-o abandonar as pessoas pelas quais parecia se importar no começo. Depois da noite em que o professor Johan expressou sua preocupação e sua percepção da maldade que habitava aquela casa, decidi observar com mais atenção os sinais que vez ou outra surgiam pelos cantos. E a cada detalhe que se revelava, eu sentia estar mergulhando em uma loucura que até então não acreditava ser possível. Afundei na loucura alheia como se ela fosse minha, e quase me rendi.

Preciso voltar um pouco na minha narrativa aqui e explicar o porquê de tanta apreensão da minha parte e da parte de Johan. Naqueles dias, a sensação era de constante observação. Acordava de madrugada como se sob ordem. Estava em sono profundo e de repente ele *desaparecia*, e eu era puxado para a madrugada silenciosa. Ficava alguns minutos ainda deitado, tentando retomar o sono e o que quer que percorresse as paredes da minha mente enquanto dormia, mas era inútil. Então eu descia e encontrava Johan, e podia ver nos seus olhos que acontecera da mesma forma para ele. Não tocávamos no assunto, entretanto, e no começo eu achava que era por mera timidez, uma vergonha infantil do que o outro pensaria daquela atitude para um homem feito. Depois, eu compreendi que não falávamos nada pura e simplesmente por causa do *medo*.

Nos sentávamos, bebíamos até o sono voltar, e retornávamos aos nossos quartos uma, duas horas depois, ainda inquietos, mas já cansados. No dia seguinte, a ausência de uma noite de sono completo era notada em vários empregados, dormissem eles na Casa Grande ou na casa anexa. Camareiras de olhos vermelhos passavam por mim trôpegas e distraídas. Os colhedores de algodão pareciam mais cansados e alheios do que o

normal. Havia, porém, uma pessoa que obviamente sofria mais do que todos com as noites de insônia, e esse alguém era Ellyze.

Quando a “insônia coletiva” começou, Oliver ainda estava na fazenda, mas tinha uma viagem de negócios marcada para dali a duas semanas. Foi nessa semana que encontrei o professor na cozinha, durante a madrugada, e quase lhe enfiei uma bala de espingarda. Depois de cinco dias acordando quase na mesma hora todo dia, tive certeza de que algo estava atrapalhando meu sono; cortei pela metade o café que tomava durante o dia. De nada adiantou. Pedi que Mama Cohle me fizesse um chá calmante antes de ir me deitar. Ela me olhou como se eu tivesse lhe dito “por Deus, não estou dormindo bem, *algo me desperta* todas as noites, me ajude!”, e fez o chá. Nenhum efeito. Quando a outra semana começou, meu corpo demonstrava sinais de estar acostumado com aquilo, mas minha mente berrava por descanso toda vez que meus olhos se abriam no escuro do quarto, sabendo que horas se passariam até que o sono voltasse. E os despertares eram deveras agoniados e nada sutis. Um intenso tremor percorria o meu corpo, próximo de um frio álgido, e paradoxalmente, acordava todo suado. O despertar era acompanhado de uma singular sensação de presença no quarto, e de que sonhara com algo terrível, tão assombroso que minha mente se negava a relembrar. Depois disso, era certo que se eu saísse do meu quarto encontraria o professor Johan no corredor ou nas escadas, seguindo para o lado de fora da casa, para o frio da madrugada.

Durante aquelas semanas, só podíamos *supor* que as outras pessoas da fazenda estavam despertando também. Não havia como confirmar, mas era normal vermos luzes fracas de velas escapulindo por debaixo de várias portas. Normalmente todos dormiam dentro da escuridão total, o que também não significava que um ou outro talvez tivesse se esquecido de apagar a vela antes de deitar-se; sem falar, é claro, da chance de haver pessoas que *não gostassem* de dormir no escuro. Dessa forma, só havia a estranha sensação de que todos naquela casa estavam experimentando aqueles despertares incômodos, interrupções do sono que nos custava caro no dia seguinte: cansaço, irritabilidade, distração. Só pudemos confirmar nossa teoria quando nos deparamos com *outros* insones.

E o primeiro deles foi justamente Oliver. Eu e Johan conversávamos na varanda, sentados nos degraus da escada, quando ouvimos a porta abrindo e nos levantamos de ímpeto. Ele saiu para a varanda, o peito nu, a

testa franzida e o olhar indagador. Trazia uma arma na mão direita, um revólver que pertencera ao pai, o qual ele liberou o cão assim que constatou que éramos eu e o professor ali na varanda. Cruzou os braços nas costas, escondendo a arma.

“Senhores... Marten, Johan... o que fazem aqui nessa hora da madrugada?”

“Perdoe-nos, senhor, não queríamos acordá-lo”, falei, e ele apenas sacudiu a cabeça. “Não acordou”, respondeu, e olhou para Johan. “Eu já estava acordado... mas ouvi vozes e fiquei com medo de que fossem ladrões... espero não ter vos assustado.”

“Já estou me acostumando...”, disse Johan, sorrindo.

“Mesmo assim, perdoe-nos”, continuei. Oliver ergueu a palma da mão e a sacudiu de leve. Um gesto bem “munfordiano”, que seu pai Conrad sempre fazia quando não queria ouvir palavras inúteis.

“Não me deve explicações sobre como passa suas noites... mesmo que eu acredite que deversem estar descansando para o longo dia de amanhã.”

“Tem toda a razão”, disse Johan. “O senhor também deveria fazer o mesmo.”

Oliver o encarou com o lábio repuxado.

“Sim, é verdade. Mas acho que não está dependendo de nós ter uma boa noite de sono... pelo menos não ultimamente.”

Olhei de soslaio para Johan novamente, mas ele não tirava os olhos de Oliver.

“Bom, acho que vou voltar para a cama. Ellyze está me esperando.”

“Ela também está...”, começou Johan, mas no segundo seguinte já percebia sua falha e se calou como quem é forçado por uma mordança. “Sinto muito, não é uma pergunta que eu deveria...”

“Se ela está acordada?”, perguntou Oliver. Ele já tinha se virado para entrar em casa, mas voltou-se de leve, a arma aparecendo nas costas graças ao brilho da lua. “Sim, ela também acordou. Na verdade, eu só acordei por causa dela. Deve ter tido algum tipo de... pesadelo. Aconteceu essa semana inteira... Mas hoje foi... mais forte. Até fui ver se Marie estava bem. Ela dormia como um anjo... sorte a dela.”

Virou-se e entrou na casa, deixando um envergonhado Johan para trás, e um desconfiado mordomo mais suspicaz do que nunca.

Dias depois, Oliver entrou em uma diligência e partiu para Nova York, de onde só voltaria em dois meses.
Então o horror começou.

16

Certa manhã após a partida de Oliver, Ellyze e Marie discutiram com ferocidade. Foi impossível descobrir o que de fato originara a discussão, mas pudemos ouvir com clareza quando a mãe proibiu a menina de ficar em posse da boneca Rebbeca.

Era perceptível a mudança comportamental de ambas à medida que os dias passavam e as estranhezas dos acontecimentos se desdobravam. Ellyze parecia mais cansada e irritadiça. As palavras que usava com os empregados eram ríspidas e sem qualquer nota de compaixão. Sua voz exalava um hálito ácido do mais puro ódio. Durante o dia, ficava em constante movimentação pela casa, zanzando pelos cômodos e inspecionando o serviço de cada empregado. Até mesmo meus serviços foram questionados vez ou outra por ela. Quando a noite chegava, ela jantava só. Johan às vezes se arriscava a acompanhá-la, mas seus esforços em manter uma conversa ou uma relação amigável eram sempre quebrados pela frieza da mulher, cada vez mais exposta.

Marie também demonstrava uma apatia constante, mas ao contrário da mãe, a irritabilidade dava lugar à tristeza. Era comum vê-la na varanda, sentada com a boneca no colo, olhando para o horizonte. Seu rostinho parecia cada vez mais sofrido e maduro, e mesmo que o semblante desolado não combinasse com aqueles maravilhosos olhos, ainda assim havia uma iminência de futura e poderosa beleza, coisa essa que fazia parecer, pelo menos um pouco, que qualquer sofrimento seria ínfimo. Havia algo de incômodo quando ela carregava Rebbeca nos braços: a boneca parecia desgastada, velha, como se já tivesse passado por poucas e boas, e mesmo sabendo que ela não estava com aquele brinquedo nem por dois meses, tudo se tornava ainda mais incompreensível quando se reparava que os cabelos da boneca *havam crescido*.

As madeixas negras não estavam tão compridas quanto quando ela ganhara a boneca de presente do pai, mas eles visivelmente não estavam curtos como da vez em que ela os cortara. Os espaços outrora vagos no crânio da boneca já estavam preenchidos de tufo rijos de cabelo. Aquilo dava um aspecto ainda mais deplorável ao brinquedo. Além disso, a boneca cheirava mal. Sempre que passávamos por Marie, era possível sentir o odor rançoso que a boneca em seus braços exalava, algo parecido com mofo e frutas podres.

Ainda assim, parecia difícil admitir que a causadora de tanta discórdia entre mãe e filha fosse simplesmente *uma boneca*. Nem mesmo no mais absurdo dos pesadelos isso faria sentido, então eu procurava explicações onde parecia haver mais lógica: a ausência de Oliver era a causa daquilo tudo. Ellyze e Marie já não suportavam mais viver sem o marido e pai.

Um dia Marie não quis mais estudar. Ela apenas foi até seu professor e lhe disse “o senhor não me ensina mais”. Quando ele me contou como acontecera, pude notar em seus olhos o quão perplexo ele ficara. Naquele instante, foi como se ele tivesse envelhecido dez anos em segundos. De repente seu rosto parecia mais magro, sua pele mais flácida. Seus olhos ficaram esbranquiçados, quase cegos... e sua voz tremia, como se à beira de um colapso.

“O senhor jamais vai acreditar em mim, Marten, mas eu juro por Deus e por minha mãe que há anos partiu que enquanto ela dizia essas palavras, eu podia ver... que a boneca *sorria*, Marten... sorria tão malignamente que por um segundo tudo se tornou apenas silêncio, e *aquele sorriso* tão malévolos como as trevas infinitas do abismo. Eu só posso estar enlouquecendo, Marten! Diga que estou louco?”

Logicamente que a recusa de Marie em estudar causaria outra discussão com a mãe, e como que ensaiado, assim que Johan terminou seu relato, pudemos ouvir Ellyze aos berros na sala de estar:

“Pois você vai *agora mesmo*, imediatamente, se desculpar com o senhor Strauss e voltar a estudar! *Agora mesmo*, senhorita Marie Munford!”

Johan me encarou, os olhos repletos de agonia. Nos levantamos e seguimos em direção à sala.

“Não preciso mais estudar. Já sei tudo o que preciso saber”, disse Marie. A voz veio com uma altivez estranha ao comportamento da

menina, e no caminho eu e Johan nos entreolhamos, constrangidos.

“O que foi que você disse?”

“Isso mesmo que ouviu. Não preciso mais estudar. Tudo o que eu precisava saber já me foi dito por Rebbeca...”

“Oh, Deus, de novo essa maldita!”

“... e nada do que você me disser vai mudar minha decisão!”

“Veja bem como fala comigo, menina...”

“Ou o quê? Vai me matar?”

“Como é? O que *você disse?*”

“Eu já sei de tudo, mamãe. Você não é a pessoa maravilhosa que todos pensam que é. Eu sei de tudo. Rebbeca me contou. E você não pode fazer nada.”

Quando chegamos à sala, Marie estava sentada confortavelmente em um sofá, a boneca horrenda no colo, os cabelos do brinquedo no tamanho original. Ellyze estava de pé diante da menina, muda, petrificada, os braços estendidos e os ombros caídos como quem recebeu a pior notícia que jamais poderia receber.

“Você... já sabe... de tudo?”

“Sei, mamãe. E não posso dizer que não senti ódio de você quando Rebbeca me contou tudo, pois eu senti. Senti *tanto ódio* que chorei. Tentei entender por que você fez algo tão ruim para o meu pai... e não me importa seus motivos. Você estava errada. O que você fez é imperdoável. Um pecado. Mas você vai pagar, mamãe. Sabe que vai. Tudo tem o seu preço, e o seu será cobrado a partir de agora.”

Nunca imaginei que um dia ouviria palavras tão duras dirigidas de uma filha para sua própria mãe. E mesmo depois de descobrir tudo, eu ainda sinto cada palavra daquela menina perfurar meu peito tanto quanto seria possível perfurar o daquela mulher, que ali, de pé diante da filha, parecia ter sido humilhada publicamente pelos mais sádicos meios. Qualquer um que ouviu aquelas palavras dirigidas a Ellyze sentiu pena dela, mas não conseguiu deixar de perceber um incômodo semblante de culpa escapar daquele rosto pálido e magoado. A contrição parecia tão óbvia e vergonhosa que depois que Marie terminou de falar e se levantou, saindo da sala sem arrancar qualquer reação da mãe e levando consigo a boneca, foi impossível que Ellyze continuasse de pé. No mesmo instante seus olhos viraram e ela caiu desmaiada, não batendo a cabeça no chão por

pouco, graças à velocidade assombrosa com que Johan a acudiu e a acolheu em seus braços.

Naquela noite, os risos começaram. Os mesmos que ecoam vez ou outra nos corredores do asilo onde passo o que resta dos meus dias. Não sei se outras pessoas os ouvem. Acredito que não. Assim como acredito que tudo não passa de imaginação, ou dos reflexos de uma mente amedrontada que quase retrocedeu aos instintos mais primitivos quando todo o horror se descortinou sobre a fazenda Munford. Não duvido que um medo tão profundo seja capaz de evadir-se da alma aterrorizada e reproduzir-se no ambiente que o cerca como um cinematógrafo que projeta em um plano branco logo diante de si fotografias em veloz transição, criando a ilusão de um movimento contínuo. Ou isso, ou as risadas loucas que ouço de madrugada são a presença maligna de Rebbeca e sua maldição incompleta, me perseguindo por ser o último que resta.

Após a discussão entre mãe e filha, Johan levou Ellyze para o quarto e Mama Cohle lhe preparou um chá. Ela despertou assim que o professor a colocou na cama, mas seu rosto estava tão abatido e febril que tivemos que mandar um laçao cavalgar até a cidade para trazer um médico. Ela parecia convalescer diante de nós. Seu conhecido vigor fora drenado de forma inexplicável. Sua pele estava mais branca que a mais alva neve, mas era um branco apático, insosso, sem vida. Os olhos pareciam perdidos em duas covas profundas. Suas mãos tremiam. Além disso, ela estava extremamente desorientada, falando coisas desconexas das quais pouco me lembro. A maior parte eram lamurias de perdão ao marido, para as quais reagíamos com preocupação, olhando nos olhos uns dos outros sem compreender nada, até o sentido se perder de novo.

Depois que os empregados foram continuar seus afazeres, apenas eu e Johan ficamos no quarto com Ellyze. O professor olhava pela janela com ar perturbado. Eu permaneci por um bom tempo sentado ao lado de sua cama, pensando se deveria mandar que buscassem Oliver o mais rápido possível, pois a aparência de Ellyze levava a se conjecturar que uma

enfermidade muito severa e repentina se abatera sobre ela. O professor virou-se para mim e leu os meus pensamentos, dizendo:

“Creio que chamar Oliver seja a melhor opção... o que acha?”

“Eu estava pensando justamente nisso”, balbuciei, e me apoiei na cadeira para me levantar.

A mão direita de Ellyze agarrou-se à minha com força. Estava fria como pedra. Olhei para ela e sua testa suava. Seu pescoço eram duas tiras de músculo retesados e mais nada.

“Não me deixe sozinha, Marten... por favor...”

“Não vou deixá-la, senhora. Acredite. Estarei aqui o tempo todo.”

“Eu não quero ficar sozinha! Não quero!”

“Não vamos deixá-la. Estaremos aqui. Não é, Sr. Strauss?”

O professor me encarou, deixando escapar um mínimo olhar duvidoso, mas concordou. “Sim, senhora. Marten diz a verdade. Não a deixaremos.”

Ela forçou um sorriso que pareceu esticar todo o seu rosto com uma força sobre-humana, não natural.

“É tudo culpa daquela boneca, sabiam?”, ela disse, e seus olhos se arregalaram de tal forma que eu quase desviei meu olhar dela, tamanho o constrangimento que me causaram, mas nada fiz, para evitar que ela o percebesse. “Aquela coisa... Rebecca... esse nome... esse *maldito nome* de novo... na minha vida... oh Deus, por quê? O que foi que eu fiz? O quê?”

Johan já não olhava mais para ela. Suas mãos aflitas correram para os bolsos. A minha suava debaixo da dela.

“Só vai ter um jeito, Marten, e eu preciso de você pra isso... você é o único que eu sei que vai fazer algo por mim... eu sei...”

“Tudo, senhora. O que estiver ao meu alcance e o que não estiver!”

“Tem que acabar com ela... destruir ela de uma vez por todas. Só assim... só assim vou ter paz de novo!”

Então entrou em um silêncio perturbador. Sua mão relaxou, e eu me preparei para me levantar.

“Com licença, senhora. Eu preciso ir lá embaixo. Vou pedir que alguém chame Oliver...”

“*Não! Não faça isso!*”, ela berrou, e por um segundo foi como ver a mais intensa loucura estampada naqueles olhos claros. Seu corpo todo se

empertigou, e ela agarrou minha mão com mais força. “Não, eu não quero, não quero que Oliver me veja assim, por favor, *por favor*, Marten!”

Virei-me para Johan, que olhava para Ellyze com o mesmo espanto que eu.

“Ele não vai me perdoar! Ele nunca vai me perdoar! Por favor, *por favor...*”, dizia, gemendo.

O que nos salvou de tão humilhante cena foi a chegada do médico. Era um doutor bem velho, mais até do que o professor Johan. Seus olhos estavam escondidos detrás de gigantescas sobancelhas, mas seu diagnóstico foi categórico: choque e histeria.

“Ela está mal dos nervos”, disse o velho, com uma voz rouca. “Vou lhe passar esses calmantes, mas serei franco.” Parou e olhou para mim. “Acho que é melhor chamar o marido dela. Pelo que eu sei, ele viaja muito, e, bem... ah... o senhor sabe... pessoas que se amam sentem falta uma da outra. Na distância, eu digo. E nunca é bom quando uma mulher fica muito tempo sozinha... sem seu marido, quero dizer.”

Quando o doutor partiu, o sol havia se escondido e a noite reinava. Eu e Johan nos revezávamos para olhar Ellyze, que dormia depois da medicação. O cansaço nos pegou, no entanto, e decidimos que deveríamos ir cada um para seu quarto. Também mandei que outro laçao, em segredo, enviasse um telegrama a Oliver. As instruções eram claras: ele deveria voltar para sua esposa *imediatamente*.

Nenhum de nós viu Marie naquela noite. Segundo uma das camareiras, ela passara o dia inteiro dentro do quarto, falando sozinha.

“Tem certeza que não tinha alguém no quarto com ela?”, indaguei, mas a camareira apenas disse que só ouviu a voz de Marie.

Eu estava mergulhando no início de um sono revigorante quando a primeira risada ecoou pelo corredor, atingindo meus ouvidos em cheio. A sensação era de que ria ali, dentro do meu quarto, bem ao lado da minha cabeça. Permaneci deitado durante alguns minutos, tentando acreditar que era tudo um sonho, aquele riso louco, ensandecido, ecoando pela casa. Desisti logo depois e me levantei, enquanto a gargalhada continuava e continuava. Era um riso maligno, repleto de uma energia negra tão intensa que fazia minha cabeça doer. Quando coloquei a mão sobre a maçaneta e abri a porta, o riso parou. Olhei para os dois lados do corredor, tentando ver se alguém despertara pelo mesmo motivo que eu, mas o corredor estava vazio. Talvez eu tenha visto *algo*. Uma coisa pequena nos fundos do

corredor, com dois pontos brilhantes que seriam olhos apenas nos mais terríveis pesadelos. Uma presença. Desisti, fechei a porta e voltei para a cama, apenas para ouvir, depois de alguns segundos, a mesma risada maléfica despertando, atravessando paredes e fazendo meus ossos vibrarem e doerem.

No dia seguinte, era possível ver mais do que uma noite de sono mal aproveitada nos olhos dos empregados. Via-se *medo* também. Encolhendo-os. Oprimindo-os com suas próprias fraquezas. Não sei se posso descrever a intensidade daquele sentimento... mas era algo que parecia remover de nós qualquer senso de humanidade. Era o irreal se manifestando, ganhando forma e som.

Encontrei Johan na varanda, encarando os campos de algodão. Percebi que sua permanência ali não parecia ter sentido. Ele já não ensinava mais nada a Marie, que se proclamara independente um dia antes, revelando à mãe algo que a deixara extremamente perturbada. Chamei o professor e ele me seguiu até o gabinete de Oliver. Fechei a porta com um breve sentimento de culpa por utilizar o cômodo com tanta desenvoltura, como se fosse meu por direito. O sentimento logo desapareceu ante a urgência da situação que presenciávamos.

Oliver não estava ali, e Ellyze estava doente. Alguém precisava assumir o comando da fazenda.

“Sr. Strauss, faz alguma ideia do que pode estar acontecendo aqui?”

A pergunta o pegou desprevenido. Ele me olhou com cautela. “Bom... não posso dizer que não sei do que está falando, porque sei do que se trata. E lembre-se que eu o avisei. Mas não, não tenho a menor ideia do *que* está causando isso tudo.”

“Ora, é óbvio que é a boneca!”, falei, mas ele balançou a mão, calmamente.

“Não é disso que estou falando. Sabemos que é a boneca. Nós *vimos e ouvimos* o que ela pode fazer. Mas não sei o que *é* aquilo, Marten. Se é bruxaria, vodu, satanismo ou apenas possessão espiritual. Não sei mesmo, e acho que não quero saber. Mas obviamente é ela, e obviamente usa a criança para realizar seus feitos. O que me intriga de verdade, Marten, e que me faz pensar sem atingir resultado, é o *que* trouxe essa coisa para cá. O que causou isso; o *que* a senhora Munford fez para despertar tamanha... desforra, isso é o que me intriga, entende?”

Desabei sobre uma cadeira e me pus a pensar no que o professor me explicara, mas nenhuma hipótese sequer nascia na minha mente. A existência daquela boneca e os infortúnios que pouco a pouco dominavam aquela casa pareciam coisas distintas. A participação de Ellyze naquilo tudo, menos clara ainda. Por que ela odiava tanto aquela boneca? Qual a importância do nome “Rebecca”? Por que esse nome parecia perturbá-la com tanta eficiência?

Não demoraria até que tudo se descortinasse.

18

Quando eu vi o cavalo correndo solto pela estrada, sozinho, no fim do dia seguinte, comecei a entender que, na verdade, o controle da situação não estava em nossas mãos.

Eu sabia que era o cavalo que levava um dos lacaios, o que eu mandara que enviasse o telegrama a Oliver o mais rápido possível, porque eu o vi selá-lo, montá-lo e partir pela estrada durante a noite, sob uma lua gigantesca. Ela já estava no horizonte naquela hora, enquanto eu olhava pela janela para o cavalo correndo a esmo pela estrada, tentando forçar minha mente a não acreditar que via aquilo. Só havia uma explicação: algo muito grave acontecera.

Enquanto eu seguia montado noutro cavalo em direção ao que corria desembestado pela estrada, imaginei diversos infortúnios que poderiam ter acontecido com o infeliz laçao que mandei, um negro jovem e magro de apenas dezoito anos, desde ter sido roubado no trajeto até ser picado por uma cobra. Não havia sinal dele no cavalo. Nada da bolsa que levava, nada de arma, nada de água. Só a sela sobre o cavalo, que corria e corria em círculos amplos. Mais próximo, pude notar que estava muito arisco.

Consegui domá-lo com esforço e conduzi-lo de volta à fazenda, e nisso o céu já estava escuro como breu e eu mais cansado do que o esperado. Apenas quando desci do cavalo e sentei-me exausto nas escadas que parei para pensar que, mesmo com o cavalo ali, não havia nenhuma pista do jovem laçao. Até hoje não sei se o telegrama chegou a Oliver. Não sei o que aconteceu com o garoto. Nunca mais o vi. Foi, decerto, o

primeiro a partir da fazenda, mesmo que contra a vontade, depois daqueles acontecimentos estranhos. Mas não acredito que tenha fugido, não; imagino coisas mais terríveis, uma estranha e maligna interrupção em sua jornada. Mas como poderia provar? Todas as minhas suspeitas levavam à coisa que naqueles dias assombrava a fazenda. Mas *o que* era essa coisa, afinal?

19

As gargalhadas se repetiam todas as madrugadas. Não havia mais o despertar noturno, porque na maioria das vezes sequer pegávamos no sono. Por algumas noites não consegui dormir devido aquele som, tão desumano e irreal, tão abstrato e convincente, e diversas vezes pensei em pegar minha espingarda no armário e sair à caça da coisa que soltava aquela risada; humana ou bestial, viva ou morta, eu quis caçá-la. Percorrer os corredores escuros e quartos desabitados à procura daquela boneca. Meteria um tiro naquela criatura demoníaca se a encontrasse, juro por Deus!

Mas o medo... ah, ele nos *castra*, acredite. Nunca cheguei a pisar fora do meu quarto durante aquelas madrugadas, e não parti em busca dela armado. Naquele momento, parecia mais sensato e seguro permanecer dentro do quarto, quieto, tapando os ouvidos com algodão ou com o travesseiro, esperando não enlouquecer e dormir.

Não vi o professor Johan naquelas noites. Talvez não tenham formado uma semana, mas foram dias com noites difíceis. Minha cabeça estava sobrecarregada de preocupações e temores. O desaparecimento do laçao me mostrava o quanto aquela situação era incontrollável. Oliver só voltaria para a fazenda, se seguisse seu planejamento, dali a cinco semanas. Ellyze parecia à beira de um colapso, e eu me preocupava tanto com ela que quase me esquecia de que Marie, apenas uma criança, vivia dentro de seu quarto, aprisionada voluntariamente ao que parecia, e só Deus sabia como estaria se alimentando. A colheita do algodão devia estar fora de ordem. E acima de tudo, havia a boneca e sua misteriosa natureza.

Perguntava-me, nessas noites, o que mais poderia acontecer de ruim para contribuir com aquela situação.

O primeiro empregado que me falou que estava indo embora se chamava John Dalton, pelo que me lembro. Era negro, um dos cuidadores dos cavalos de Oliver. O dia estava chuvoso, repleto de nuvens que despejavam água em intervalos irritantes de pausas calmas. John usava uma camisa e uma calça, ambos velhos, seu único par de botas e um chapéu de palha. Na mão, levava uma maleta surrada e nada mais. Tudo o que tinha. Ele me avisou que estava indo embora, e entenda bem essa parte, ele *avisou*, ele não *pediu* para ser demitido, de forma alguma. Solicitou apenas que eu redigisse uma carta de recomendação para ele, mas emendou dizendo que se eu não tivesse tempo para isso ele não se importaria de ir embora sem ela. Lembro-me que o levei até o gabinete de Oliver, o que decerto seria sua primeira visita à Casa Grande, e vi como seu rosto mudou, se fechou, *infantilizou-se* no pavor visível, quando se viu sob aquele teto. O medo pulsava em seus olhos como estrelas negras e sem vida. Fiz sua carta de recomendação, e ainda me lembro de como me aconselhou, em sua simplicidade: “Se eu fosse o sinhô, fazia mais dessas. Pra deixar esperando. Não é só eu que vai embora”.

Contemplei John se afastando a pé pela fazenda até atingir a porteira, e continuei observando-o até que chegasse à estrada. A chuva caía em torrentes sobre ele, mas aquilo não o impediu de prosseguir. De *fugir*. Enquanto ele se afastava, eu pude notar o quanto a casa parecia silenciosa. Só a chuva produzia seu ruído constante sobre as telhas. Andei até a sala, e da sala para a cozinha, e não havia ninguém. Sem que eu soubesse, todos os empregados se reuniam na casa anexa. Soube depois porque Mama Cohle me contou. Diante do meu visível desgosto em não ter participado de tão “importante e extraordinária reunião subalterna”, fui silenciado por sua complacência:

“Marten, entenda, você não foi chamado porque todos sabem que você *nunca deixará este lugar*, apenas por isso! Não temos nada contra você, acredite; nós só achamos que você não entenderia que alguns empregados não pretendem ficar por aqui se essas... *coisas*... continuarem acontecendo. Alguns já foram embora, se você não percebeu.”

“Só sei de John Dalton”, disse-lhe, desgostoso.

“Ele só foi o único que teve a decência de falar com você, Marten. Cory Stephen disse que essa é a última noite que passa aqui, e que amanhã

parte pra encontrar Oliver e quando trouxer ele vai embora no mesmo instante. Pra não voltar mais.”

“Susan deve tê-lo colocado pra correr”, respondi, amargo, sentindo o veneno da incompetência invadindo minhas veias. Como eu não percebera aquilo, aquele *êxodo*?

“Susan também não quer ficar aqui. Ela não tem pra onde ir, mas acho que já está preparando algo. Alguns colhedores já foram embora ontem de madrugada, a cavalo. Gary Handel os levou até a ponte do Mississippi, e deve estar voltando, mas não acredito que volte mesmo...”

“Não é justo, Mama. Não é justo o que estão fazendo. Estão abandonando o lugar que os acolheu! Que lhes deu dinheiro e moradia em troca de trabalho. Muitos seriam apenas ex-escravos se não fosse por Oliver e Ellyze Munford!”

“Que também precisavam da mão de obra deles, certo, Marten? Olha, não quero justificar o que estão fazendo. Eu mesma não vou abandonar esta casa. Pelo menos não agora. Mas entendo perfeitamente quem não consegue ficar aqui. É assustador, Marten, e você sabe que é. Você também acorda de madrugada, e também entende o medo que estão sentindo. Você também *sente*. E sabe que é algo que foge de nossa compreensão. Por Deus, não dá pra dormir! Então, se algum empregado quiser partir, apenas aceite. Ninguém deveria viver o que estamos vivendo. É horrível... horrível...”

Mais pedidos de demissão aconteceram no dia seguinte a esta conversa. Na maioria, colhedores que moravam na casa anexa e camareiras que pouco a pouco se negavam a arrumar os quartos de Ellyze e Marie. As que se arriscavam diziam que olhar Ellyze moribunda na cama era deprimente. Outras disseram que o cheiro no quarto de Marie beirava a podridão, e que nunca a encontravam lá quando iam arrumá-lo. Das camareiras que ficaram, recebi reclamações de que até mesmo os quartos desocupados apareciam desordenados toda manhã, e que eu deveria “dar um jeito”, fosse Marie ou “outra coisa” quem os estivesse bagunçando.

A chuva do dia anterior fizera um verdadeiro estrago na plantação de algodão. Tudo estava destroçado, murcho, cinza e sujo, e nenhum colhedor perderia seu tempo com aquele clima. Andei pelos campos, a esmo, me sentindo responsável por todo aquele marasmo. Era desalentador olhar para aquelas plantações, que dias antes pareciam vivas e brilhantes, e vê-las destruídas. Encarei o maior campo que tínhamos, que ficava atrás da

casa anexa, e senti uma onda terrível de melancolia. Como tudo desabou tão rápido? Como tudo aquilo podia ser tão *frágil*, tão *tênue*?

No que eu mais pensava era na reação que Oliver teria quando chegasse à fazenda e presenciasse aquilo. Seria um verdadeiro golpe.

Naquela noite jantei com Johan, e isso me incutiu sentimentos ambíguos. Parecia que não o via há séculos, e senti uma imensa necessidade de falar-lhe como aqueles dias pareciam estranhos, contar-lhe sobre os empregados que partiam e debater a causa daquilo tudo, mas, acima de tudo, tentar convencê-lo a me ajudar a acabar com aquela desgraça. Tentar fazer algo para trazer a paz de volta. Mas quando vi seu rosto, foi como contemplar a face de um morto. Ele parecia dezenas de quilos mais magro e muito mais velho. Seu olhar cansado remetia ao de Conrad Munford em seus últimos dias. Ele forçou-se a sorrir quando me viu e murmurou um cumprimento qualquer, entretanto, não sustentou nenhuma conversa. Sequer comeu direito. Ficou apenas encarando a sopa e sorvendo vez ou outra uma colher rala. Suas mãos tremiam, às vezes. Quando se levantou, sem terminar sua refeição, passou por mim, depois parou e falou para que eu ouvisse:

“Eu sei o que causou tudo, Marten, e peço a Deus que o senhor nunca o descubra e mantenha a mente pura e livre de qualquer perturbação. Não desejo para o senhor a insânia que essa descoberta deseja me trazer... mas está difícil... muito difícil... acho que também vou embora...” Depois subiu as escadas e desapareceu no corredor.

Aquelas palavras me encheram de uma estranha mágoa e um sentimento ridículo de abandono e melancolia. Foi como ouvir a única pessoa com quem se achava que poderia contar assumir sua desistência. Foi *exatamente* isso. Os acontecimentos seguintes explodiriam notáveis e incompreensíveis ondas de horror, mas nenhuma delas me deixou com tamanho sentimento de incapacidade como aquela última frase de Johan Strauss dirigida a mim.

Antes de me deitar, decidi visitar Ellyze, e conferir se ela precisava de algo. Bati em sua porta durante alguns segundos, e quando decidi entrar por conta, notei que estava trancada. Ante meu toque na maçaneta, ouvi alguns passos e cochichos vindos de dentro, e de imediato minhas orelhas ferveram. Eu não sabia o que fazer ao constatar aquela situação. Era embaraçoso e vergonhoso demais, e mesmo sabendo que deveria me mover, não conseguia dar sequer um passo para trás. Então a porta se abriu

de leve, e os olhos índigos do velho professor Johan me fitaram da fresta da porta. Aqueles olhos se arregalaram em constrangimento e arrependimento, ao mesmo tempo em que pareciam inebriados, repletos de linhas vermelhas que pulsavam ao redor da íris colorida. Meu peito batia tão rápido que eu não conseguia ouvir mais nada, só aquela pulsação. Encarei aquela parcela de rosto por um momento, sem saber se meu próprio rosto emitia o que eu pensava. Eu não conseguia entender como... como ele chegara àquele ponto.

Dei as costas para o quarto, respirando fundo, e segui em direção aos meus aposentos, sentindo os olhos do professor me analisarem e depois se esconderem detrás do pedaço de madeira que o prendia no mundo desarrazoado e inconsequente de Ellyze Munford.

20

Na manhã seguinte fui acordado com a visita do fazendeiro vizinho, Cormac Trenton. A madrugada foi conturbada e peguei no sono quase ao nascer do sol, pensando em como seria viver mais um dia naquela fazenda estranha, onde os moradores pareciam não existir, os empregados debandavam e tudo era irreal.

Uma das camareiras me acordou, aos sacolejos, avisando-me que o senhor Trenton e seu lacaio, Howard Snell, estavam na varanda aguardando que algum “representante dos Munfords” fosse recebê-los. Despertei no susto, e isso logo me gerou uma dor de cabeça da qual não me livrei até dormir de novo, na madrugada seguinte. Troquei de roupa em uma velocidade absurda, tentando ficar o mínimo apresentável para receber o senhor Trenton, e já imaginando as diversas hipóteses do motivo de sua visita antes mesmo que vestisse as calças.

Cormac Trenton era o fazendeiro mais rico das redondezas, mais rico que Oliver e que qualquer outro naquela região. Em detrimento de sua riqueza, a fazenda de Cormac cabia dentro do menor campo de algodão dos Munfords. Isso porque os Trenton fizeram dinheiro não com plantações ou gado, mas com ouro. Foram pioneiros na exploração do oeste, tantos anos antes e tantas gerações atrás que eu não saberia explicar.

Seu pai foi um dos primeiros a abrir uma refinaria e garimpar ouro na Califórnia, e depois investiu nas estradas de ferro, ganhando mais dinheiro ainda. Além disso, o Trenton pai era amigo íntimo de um senador muito influente, do qual não me recordo, e cuja recordação de nada acrescentaria. Cormac tinha mais três irmãos, e todos tocaram os negócios do pai após sua morte, em 1867. Eu não saberia dizer quantos zeros em sequência havia em sua conta bancária, mais tinha certeza que chegava nos milhões. Seu ex-contador era então contador de Oliver, e certa vez deixara transparecer o volume da riqueza dos Trenton, comentando, sob o efeito do álcool, que, se quisesse, Trenton poderia ter “comprado o Alasca dos russos com os trocados que trazia no bolso”.

Imagino que a ideia que corria na minha mente naquela manhã era de que Cormac Trenton se interessara pelas terras de Oliver e gostaria de adquiri-las. O que não se pode fazer com alguns milhões no bolso?

Mas, quando recebi a ele e ao jovem Howard Snell, um rapaz magro e simples, de rosto duro e barba por fazer, e os levei até o gabinete de Oliver, fui surpreendido pela rapidez com que Cormac entrou no assunto e com a diferença do tom do “negócio” que ele propunha.

Ele não queria a fazenda, não, isso estava “fora de seus planos”, repetindo suas palavras enquanto alisava o bigode com uma das mãos e enfiava a outra dentro do colete, coçando alguma ferida ou casca que se insinuava por debaixo da camisa. “Além disso, não me parece que os negócios vão bem com essa colheita, se me permite o infeliz comentário... seu algodão está um lixo.” Ele riu, mas Howard não falou nada. Seu rosto estava vermelho.

“Na verdade, Marten, o que quero tratar é simples e não envolve dinheiro... se *não precisar*, é claro... mas, bem, acho que o senhor conhece Howard Snell, meu laçao. Venha aqui, Howard!” Levantou um dos braços, e o rapaz foi até ele, vermelho como um pimentão. “Acho que todos aqui devem saber que esse homem salvou minha vida dois anos atrás.”

E sabíamos. Já tínhamos ouvido tantas versões do salvamento de Cormac Trenton pelo valente Howard Snell que já não sabíamos bem como de fato ocorrera. A história envolvia Cormac, um estado alterado de consciência graças ao *scotch*, um touro, e Howard Snell; do resto, só incertezas.

“Esse rapaz aqui teve hombridade e muita mira na hora de derrubar aquele bicho que vinha na minha direção... eu vi a morte de perto, Marten, e ela tinha chifres que pareciam lanças e catarro escorrendo das ventas! Mas Howard derrubou o maldito com um único tiro no meio dos cornos! E é claro que eu o recompensei naquela época, e lhe dei uma boa quantia em dinheiro para que usasse como bem entendesse, e o garoto foi muito esperto e a guardou no banco, preferindo continuar trabalhando para mim. E quem não gostaria de ter um laçao fiel como ele? Me diga?”

Ele deu tapinhas nas costas do jovem, que ficou mais róseo do que já estava. “Bom, este garoto é como um filho para mim, entende? E então eu não pude recusar seu pedido quando ele chegou para mim e me disse ‘senhor Trenton, o senhor me apoiaria em um pedido um tanto perigoso?’ e eu lhe disse ‘ora filho, o que seria tão perigoso assim para que você precisasse do apoio de um velho quebradiço como eu?’. E esse menino chegou perto de mim e disse ‘quero pedir a mão de uma moça em casamento’, e então eu lhe disse ‘Por que não vai sozinho, ora? Onde estão seus colhões?’”

E então Cormac Trenton riu como nunca achei que veria alguém rir. Suas gargalhadas ecoaram pela casa. Eu me mantive quieto. Quando ele falou “casamento”, diversas situações se desdobraram na minha mente, e eu precisava ouvir o resto.

Seu riso foi morrendo em tosses, e ele secou a boca com as costas da mão, tossiu de novo e fechou a boca. Parou de rir, enfiou uma das mãos no bolso e continuou, tão sério quanto podia.

“Então ele disse ‘quero me casar com a menina de Susan, dos Munfords. Patrícia’. E daí eu parei de rir. Porque sei que Oliver é um homem de respeito, e sei que mantém sua fazenda de forma correta e moral. Justa, acima de tudo, tanto com brancos quanto com negros. E quando ouvi essas palavras de Howard, eu soube que ele não teria coragem de vir aqui e ficar de frente com Oliver Munford sem minha presença para apoiá-lo.”

“Oliver não se encontra na fazenda hoje, senhor Trenton, e a senhora Munford está de cama no momento e infelizmente também não pode lhe falar...”

“Ora, pois resolva o senhor mesmo! Sei que está há anos com os Munford, já é praticamente da família”, retrucou.

“Infelizmente, senhor Trenton, eu não posso decidir pelo meu patrão. Além disso, Oliver não é pai de Patrícia, e os senhores teriam que falar com Susan. E eu acredito que ela não permitirá nenhum casamento, pois sua filha ainda é uma menina...”

“Mas Marten, nós já falamos com Susan. Está tudo acertado. Só queríamos a benção do Sr. Munford, mas...”, começou Howard Snell, e eu o interrompi de imediato.

“Já está tudo acertado? Mas como? Quando foi feito esse ‘acerto’?”

Cormac Trenton se aproximou de mim e colocou a mão no meu ombro. “O senhor poderia mandar chamar Susan e sua filha? Melhor! Howard! Vá lá fora e peça que algum empregado chame Patrícia e a mãe. E o menininho também.”

Howard murmurou um “sim, senhor”, e saiu apressado, como se tivesse se lembrado de que esquecera um lampião aceso no estábulo do patrão. Segui-o com o olhar, e depois voltei-me para Trenton. Ele me olhava com maturidade e sinceridade, mas seus olhos escondiam mais do que eu poderia saber.

“Ora, por favor, senhor Marten. Se Oliver não está aqui, que diferença vai fazer se for abençoado por ele ou não? Além disso, não sei se é novidade para o senhor, mas nós já sabemos que a garota não é mais... pura, se assim não lhe for ofensivo, então, por que dificultar?”

“Isso não é assunto meu, Sr. Trenton...”, respondi, mas ele prosseguiu, então sem modelar suas palavras graças a ausência de seu protegido:

“Exatamente, senhor... exatamente. Mesmo em sua posição, posição essa que eu jamais daria a alguém de cor, mas compreendo perfeitamente e respeito os motivos de Oliver em mantê-lo nela após a morte de seu pai, mas mesmo assim não é algo que lhe cabe.” Eu baixei a cabeça ante aquela afirmação, lembrando que ainda vivia no sul e que os Munfords eram uma exceção. Trenton continuou: “Veja bem, Susan nos procurou, dias atrás. Ela quer sair daqui, Sr. Marten. Ela é uma mulher com dois filhos que não quer mais ficar aqui, e entramos em um acordo, e esse acordo é o casamento de sua filha com meu ‘quase filho’, e sua ida com eles para um pedaço de terra que ele comprou com parte do dinheiro que lhe dei. Se eu fosse seguir meus princípios, eu nunca permitiria isso. Jamais. Mas tenho uma dívida com esse garoto, e me sinto na obrigação de o ajudar. Além disso, eu já posso ver o que vocês ainda não viram: essa fazenda não vai

durar, tendo Oliver dinheiro ou não. Não sei o que caiu sobre essas terras, se foi praga ou apenas má sorte, mas os Munfords estão com os dias contados aqui. Sei que muitos empregados partiram, e tenho que lhe dizer que muitos foram procurar o que fazer lá nas minhas terras. Infelizmente, isso não cabe à minha pessoa. Estou aqui apenas pra satisfazer o garoto e retribuir-lhe pelo que fez por mim, o que não tem preço. Então, pela paz de sua mente, e da minha, principalmente, não se oponha ao casamento. Permita, deixe a garota e a mãe e o irmão irem conosco. Posso inclusive recompensá-lo pela ajuda, se assim quiser... olha só a senhorita aí!”

Patrícia entrou no gabinete, seguida de um rubro Howard e de Susan. Owen ficou na porta, olhando para o chão, desanimado. Sua irmã compartilhava da mesma face.

“Pois então, nos diga, Marten: meu querido garoto pode tomar a mão dessa jovem de cor tão rara e bela e casar-se com ela? Só preciso de sua aprovação, e depois não o importunarei mais.”

Olhei para Patrícia. Seus olhos não saíam das pontas dos pés, ao contrário de Howard, que mesmo envergonhado não desviava o foco de sua visão da curva avantajada do quadril da menina. Ela me olhou de leve, o sofrimento em seus olhos. Dei um passo em sua direção.

“É o que quer? Casar-se com Howard? Se for, não poderei me opor.”

Susan deu um passo à frente. “Isso não cabe a ela, Marten. E sinto lhe dizer, nem a você. Respeitamos muito você e os Munfords, e só por isso estamos te falando e te pedindo. Se não fosse por isso, já teríamos partido. E digo com toda sinceridade: partiremos mesmo que o senhor diga não.”

E entre os lábios, sibilante, ela completou: “nos perdoe”.

Não tive o que fazer. Oliver se oporia àquele casamento com toda certeza. Patrícia tinha só nove anos. Dois anos mais velha que Marie. Era uma *criança*. Howard tinha pelos na cara e mãos calejadas. Mas que poder tinha eu diante do desejo, e por que não dizer do *pavor*, que impulsionava Susan a levar sua cria para longe daquela casa?

Depois que Trenton e Snell partiram, prometendo voltarem para buscar Susan e as crianças em dois dias, sentei na cadeira de Oliver, pensei na minha filha há muito perdida no mundo e chorei o fim da inocência.

No final daquele dia meu caderno de registros já marcava trinta e nove demissões, mas pelas estimativas dos que haviam fugido sem prestar esclarecimentos, sabia que a fazenda havia perdido mais da metade de seus funcionários. Dos colhedores, só sobraram treze pessoas, e elas não trabalharam naquele dia, com o tempo ainda úmido e de chuva iminente. A curiosidade me assolou quando o sol descia pelo horizonte, encoberto por nuvens cinzas, e decidi ir até a casa anexa para saber por que não executaram suas tarefas, e fui surpreendido ao encontrar todos os colhedores restantes arrumando seus pertences, que não eram muitos, para partirem no dia seguinte; um representante dos colhedores me entregou uma baixa quantia de dinheiro em troca de um cavalo, que eles atrelariam a uma carroça velha que lhes pertencia. Dei um cavalo para eles e o dinheiro de volta, sabendo que eles sentiriam mais falta do dinheiro do que Oliver do cavalo.

Pela primeira vez em dias pensei em Gary Handel, e notei finalmente que ele já não estava mais na fazenda.

Quando a escuridão desceu sobre a terra eu pude *sentir* o silêncio que vinha daquela casa, e apenas o vento lamuriante e o tamborilar da chuva pareciam ocupar espaço naqueles campos imensos. Olhando de fora, a casa parecia um verdadeiro túmulo.

Dentro, porém, as coisas eram diferentes. Os sons existiam, mesmo que mais *discretos*, escondidos. O rumor das vozes das camareiras, comentando o medo que aqueles risos à noite lhes causavam, ou falando do estado dos quartos não ocupados, que apareciam quase devastados a cada dia; o ruído das panelas sob o fogo, cozinhando mesmo que ninguém descesse dos seus aposentos para se alimentar; o som das vozes de Ellyze e Johan, detrás da porta trancada do quarto, um sussurro baixo que guardava segredos perturbadores e confissões voluptuosas das quais eu não ousava concluir nada; e, é claro, o riso maligno e cruel que fugia do quarto trancado de Marie. Um riso que não era o seu, mas da peça amaldiçoada que lhe acompanhava dia após dia.

Segui até o gabinete de Oliver outra vez, abri um de seus *scotches* mais valiosos e me servi de uma dose dupla. Sentei-me em sua cadeira pessoal, atrás da escrivaninha, já não mais sentindo a embaraçosa

impressão de que desfrutava de algo de sua propriedade, ainda que, no quarto logo acima, alguém de fato fazia isso sem qualquer remorso, e, sob a escuridão, bebi e pensei sobre os rumos que poderíamos tomar dali para frente.

Não me lembro bem no que pensava, a não ser que elucidava sobre o que era possível plantar após a colheita do algodão estragado para que não saíssemos no prejuízo, quando notei, para meu espanto e mais absurdo terror, que a boneca Rebbeca estava sentada diante de mim, na cadeira à frente da escrivaninha, me encarando com olhos brilhantes. Ela não se movia. Apenas me olhava, e eu *sabia* que me olhava, porque sentia, quando fechava os olhos, aquela presença terrível que um par de olhos ocultos lhe impõe quando se está cercado de escuridão. Seus lábios eram um desenho misterioso de um sorriso, mas entre as sombras a boca parecia aberta, e trevas tentaculares se esgueiravam dali, como que buscando vir ao mundo que me rodeava para escurecê-lo ainda mais. E havia o cheiro, como o de um corpo em decomposição.

Senti minha cabeça rodopiar e culpei a bebida. Ainda havia em minha mente a ideia de que *outra coisa* estaria por trás de toda aquela situação avessa. Mas a presença do brinquedo era forte demais. Atraía meu olhar como um par de mãos segurando minha cabeça e apertando minhas têmporas. Um magnetismo de proporções absurdas. Encarei-a como se houvesse uma pessoa diante de mim, e não posso dizer que não sentia que havia.

Seus cabelos estavam mais longos, madeixas escuras e desgrenhadas que me incitavam uma irritante e desconfortável familiaridade, até que decidi sair do gabinete, pois aquela visão aterradora parecia drenar minhas forças como um súcubo. Levantei-me cambaleante e saí, batendo a porta logo atrás de mim.

A sensação de olhos me seguindo continuou mesmo depois da porta fechada. Cocei os olhos, sonolento, e o mundo se inclinou quase em quarenta e cinco graus. Obviamente havia bebido mais do que o costume enquanto encarava a boneca, e decidi seguir para meu quarto e dormir, sem jantar mesmo. Subi as escadas com dificuldade, a cabeça latejando como se já cobrasse o preço pelo exagero. A casa era silêncio puro. No patamar superior, peguei uma vela e a acendi, virando-me para o corredor cujas sombras serpenteavam ante a chama.

Não sei por que não segui para meu quarto. Era quase como um chamado. Eu podia sentir, mas não saberia explicar, mesmo que pudesse reviver aquilo de novo. E sinto dizer que, escrevendo essa memória, é quase como se a revivesse, nítida como a imagem de um peixe laranja nadando tranquilo em águas límpidas. A chama da vela tremeluzia enquanto eu seguia pelo corredor oeste, onde todos os quartos estavam vazios exceto por camas e armários de qualidade que nunca viram hóspedes. O fogo feria meus olhos com sua luz, e tão próximo da face eu o mantinha que vez ou outra sentia o suor que insistia em escorrer secar e evaporar num segundo, para brotar em gotas na minha testa. As imagens se revelavam como se houvesse uma camada d'água cobrindo meus olhos, e eu pisava com leveza, mal notando a dormência do meu corpo. A cera da vela pingava quente sobre minha mão, secava e endurecia, e eu não percebia.

A primeira porta se revelou à direita, bela, larga e talhada em detalhes florais. Ela deveria estar trancada à chave, mas quando lancei minha mão sobre a maçaneta, ela girou e a porta se abriu. Dentro do quarto tudo era desordem. A cama estava virada para baixo, lençóis se espalhavam pelo cômodo, rasgados e manchados com o que eu não saberia dizer apenas vendo, mas cujo cheiro me dizia que era sangue. A boneca estava lá, no meio do quarto, me encarando com olhos vazios. Mas havia mais. Havia vômito e havia fezes. Os odores chegaram juntos às minhas narinas e eu cobri meu rosto com a mão, sentindo o amargo da bebida subir pela minha garganta, queimando-a. Resisti ao instinto de regurgitar diante daquela mistura intrépida de cheiros e fechei a porta, cambaleante e fraco.

Abri a porta logo à frente do quarto do qual saí, e o cenário era tão desolador quanto. O cheiro era mais forte e trazia odores mais claros, além de um especial, que nada me significou naquela hora: leite, mas apodrecido, e era quase possível ver sobre o chão as manchas brancas da bebida, repletas de coalhos e bolores que me induziram dores estomacais ainda mais intensas. Fechei a porta com força, não sem antes ouvir o som dos móveis se debatendo e caindo, como que impelidos por uma força sobrenatural.

Eu não sentia mais meus passos. Não sentia que os controlava. A chama da vela apenas me guiava adiante. Abri outra porta e me arrepiei com o terrível som que saiu de dentro do quarto, tão real e desesperador

que por um momento eu concluí que finalmente enlouquecera. Era um choro de bebê; meus poucos anos de experiência paterna me bastaram para deixar claro que aquele choro era de fome, e ele existia, ali, *dentro daquele quarto*, tão verdadeiro que eu poderia embarcar naquelas sombras indefiníveis e encontrar a criança que sofria entre os móveis revirados. Havia mais sangue e mais sujeira. Eructei sonoramente, sentindo a garganta arder de novo. Precisava sair dali. Puxei a porta sem pensar, mas ela chocou-se com o batente e abriu de novo, deixando o choro enlouquecido daquela criança que não existia ecoar pelo corredor.

Olhando por sobre o ombro, pude ver a face cruel da boneca me olhando pela fresta da porta entreaberta.

Acho que corri, passando por mais portas que se abriam sozinhas só para me revelar o caos completo e a face pálida de Rebecca, que saltava de um quarto para o outro entre as sombras. O cheiro era tão intenso que não resisti. Caí de joelhos, derrubando a vela sobre o tapete que revestia o chão, e vomitei todo o uísque que bebi, algo tão amarelo quanto urina, enquanto minha goela parecia pegar fogo. As contrações no meu estômago travavam minha respiração. Os músculos da mandíbula repuxaram até o impensável, até que tudo estivesse fora de meu corpo.

Um cheiro da fumaça atingiu meu nariz e me despertou de imediato. Puxei a vela do chão e bati com a palma da mão sobre a pequena chama que se insinuava no tapete, sentindo, com essa urgência, a lucidez voltar um pouco. Os cheiros ruins já não existiam, assim como a estranha escuridão que parecia se aglutinar em volta. O choro de criança, graças a Deus, cessara, e só de pensar naquele lamurio ainda me arrepio.

Levantei a cabeça e vi que estava diante do último quarto do corredor. A porta estava entreaberta e uma improvável luz escapava pela fresta. A vela se apagou em minha mão, mas a escuridão não aumentou, muito pelo contrário, parecia que já era dia e a janela do quarto à minha frente estava aberta, despejando a luz do sol sobre o cômodo.

Era o último quarto, e eu sabia que devia entrar. Eu não imaginava o que aquilo significava, nem por que tudo aconteceu, mas eu *precisava* empurrar a porta e saber o que existia detrás daquela falsa realidade, daquela ilusão assombrosa.

Levantei-me, fechei as mãos tremulas e caminhei na direção da porta, sentindo o incômodo olhar na minha nuca outra vez, me impelindo para adiante e me impedindo de me virar e constatar que tipo de besta

maligna me observava. Ergui o braço esquerdo, os músculos rangendo como se endurecidos por décadas de repouso, e empurrei a porta, um estranho formigamento atingindo minha mão.

A porta se abriu como se puxada, e uma lufada de ar quente me atingiu no rosto, trazendo consigo um cheiro mais terrível do que o de outrora, um odor lesivo, pútrido, capaz de despertar os mais animalescos instintos. A luz me cegou por um instante, e então meus olhos se abriram e eu vi. Era um quarto, mas não era *aquela quarto*, e era dia lá fora, mas um dia anormal, inexistente, tão claro que o céu parecia vermelho; no meio do quarto revirado havia uma cadeira, e sentados nessa cadeira havia dois corpos. O corpo de uma mulher segurava no colo o corpo de um bebê, que se ligava à mãe pela boca que abocanhava um seio seco e cinza, murcho como o restante de ambas. Uma dúzia de corvos repousava sobre as duas, bicando partes ressecadas e arrancando nacos de carne seca como cascas de uma árvore. E então eu ouvi um grito, e não sabia se era meu ou se atingia meus ouvidos, mas era intenso e real, um berro horrendo de confirmação, doloroso como aquela visão agourenta.

Rodopiei, sentindo tudo escurecer e se ocultar. Acho que desmaiei. Não tenho certeza. Só sei que senti meu corpo despertar, dolorido, o estômago doendo, pulsando, a garganta em chamas, enquanto as trevas encolhiam e a luz invadia meus olhos, revelando a claridade do dia que entrava pelas janelas do meu quarto. Estava deitado na minha cama. Não sabia como fora para ali, mas o gosto terrível na minha boca deixava bem claro: aquilo acontecera. Pelo menos o vômito. Sentei na cama, sentindo a cabeça rodopiar, os olhos querendo se fechar ante o impacto do sol sobre meu rosto, e agradecendo por escapar daquilo que pareceu o mais horrível pesadelo que já tive.

Mas ainda havia algo errado. Meu corpo parecia leve demais, e o som que ecoava pela casa era tão difuso quanto o ruído exasperado que me golpeou e me desmaiou. Coloquei as mãos sobre as têmporas, tentando acalmar minha cabeça, e comecei a perceber aquele som se avolumando, crescendo, ganhando forma. Minha cabeça parou de girar. Meus pés tocaram o chão. Olhei para frente, vi minha face no espelho, e então despertei para a realidade que me cercava.

O grito do sonho ainda ecoava, mas não *era* o grito do sonho, porque *não fora um sonho*. Era um grito real, vivo, do mais puro horror e da mais

decadente loucura. Um grito que ecoava no corredor. Feminino. Enlouquecido.

O grito de Ellyze.

22

Saí do quarto em disparada. Por alguns instantes não sabia para que lado ir, eu só queria correr e seguir até que aquele grito cessasse. Mas era um clamor urgente e, por Deus, *demente*. Tão agudo e pungente que parecia sólido. Quando decidi que deveria seguir para a esquerda, notei que empregadas e camareiras já ocupavam o corredor com rostos assombrados, transparecendo a descrença naquele ruído surreal e tresloucado. Eu imaginei o rosto de quem emitia tal som se rasgando, expondo a raiz da língua e as finas cordas vocais tremendo como um verme sobre a carne. Não era *humanamente possível* que alguém pudesse gritar daquela forma.

Corri na direção do quarto de Ellyze, ultrapassando trêmulas empregadas uniformizadas, algumas parecendo fincadas no chão, e outras com as mãos sobre as orelhas, como se aquilo fosse o suficiente para extinguir o grito descomunal. Ninguém falava, mas as bocas permaneciam abertas em espanto, mesmo que nenhuma delas estivesse dentro do quarto cuja porta fechada não parecia fazer a menor diferença em abafar o grito.

Aproximei-me e forcei a maçaneta dourada do quarto, mas a porta não se moveu. E o grito continuava, com espaços curtos de pausa onde uma chorosa respiração feminina se fazia ouvir. O horror daquilo era tão óbvio que por alguns instantes eu não soube o que fazer, apenas fiquei ali, encarando a porta trancada diante de mim como se esperasse que ela fosse abrir-se sozinha, ouvindo o som crescente daquele grito se avolumar sobre minha cabeça, sentindo o ar desaparecer. Uma horrível pressão furava meus ouvidos, elevando a dor que eu sentia entre os olhos e atrás deles a um nível absurdo. Por alguns segundos eu agi como algumas das camareiras: só pude forçar as palmas das mãos sobre as orelhas e torcer para que aquele som parasse.

Aos poucos o terror acumulado foi se transformando em fúria. As situações se seguiam em uma sequência absurda e inevitável, e eu me sentia não só manipulado como sozinho naquilo tudo, observando por fora e tentando resolver coisas que eu sabia que não cabiam a mim. Eu nada devia a *ninguém*! Por que então tudo demandava minha responsabilidade e minhas atitudes? Amaldiçoei Oliver por não estar conosco naquele momento, e amaldiçoei seu pai por ter feito com que eu me prestasse a servir aquela família e sentir, contra minha vontade, a obrigação de sempre achar que deveria fazer algo a respeito, que sempre deveria protegê-los ou guiá-los. Odiei Marie por sua personalidade mimada e explosiva, odiei Ellyze por sua visível depravação e odiei Johan por partilhar dela. Odiei Susan por seu egoísmo, Gary Handel por sua covardia e Mama Cohle por sua conivência. Odiei todos daquela fazenda, inclusive a mim. E odiei ainda mais aquela maldita boneca. Rebbeca. Que o diabo a levasse logo!

A fúria explodiu em meu corpo. Abri os braços, afastei-me da porta e avancei de volta a ela com fúria, impulsionando meu corpo e todo meu peso sobre a madeira, torcendo para que não deslocasse o ombro ou quebrasse algum osso, mas o impacto foi único e certo. A porta estourou na trava e abriu com um estrondo. Os pregos das dobradiças deslocaram-se para fora até a metade e a porta inclinou-se torta para o lado, raspando o chão e travando aberta. Uma onda de calor atingiu meu rosto, e com ela o cheiro que eu mais sentira durante aquela madrugada, naquele sonho/alucinação que perturbara minha noite. O cheiro que eu menos desejava sentir naquela hora.

A cor que mais se via no quarto era a do sangue. Johan estava sentado no chão, só de calças, as pernas afastadas e as mãos sobre as orelhas, e seus olhos me encontraram e me fitaram arregalados quando a porta se abriu. Em seu rosto havia apenas a perturbação genérica que também estampava o rosto das camareiras, o tipo de abalo psicológico que tira de você qualquer atitude prática ou racional. Seu corpo estava cheio de respingos de sangue. Ellyze estava na cama, as pernas estendidas, mas cobertas por um lençol que outrora fora branco, então todo rubro e úmido. Havia sangue nos seus braços e em seu rosto, empapando seus cabelos e pingando de seu queixo, uma máscara de loucura sobre sua face. Suas mãos pareciam aranhas carmin. O líquido se espalhava pelo cômodo em poças e respingos de jatos, pegadas e manchas. Ela ainda gritava, mesmo

sabendo que eu abrira a porta, mesmo sabendo que todos nós olhávamos para ela; fitava consternada e enlouquecida a parede diante de si, como se enxergasse a própria morte.

Aturdido, entrei no quarto pisando sobre sangue fresco, sem entender *de onde ele vinha*, e olhei para a parede que Ellyze fitava desconsolada.

Algumas palavras escritas com sangue marcavam o papel de parede claro. Gotas gordas se acumulavam no chão. Havia marcas minúsculas de dedos e mãos. Não foi preciso olhar por muito tempo para concluir que não fora Ellyze quem as escrevera, mesmo sendo essa a hipótese que o médico convenceria Oliver a acreditar, dias depois. O que senti foi a mais cruel e empática desolação imaginável. E naquele instante compreendi, com um pesar implacável, que se Ellyze sofria, de alguma forma ela merecia.

Na parede, em letras enormes e horrendas, estava escrito “ASSASSINA”. Embaixo dessa palavra, a frase: “Você as tirou de mim, eu tiro o seu de você”.

Não sei quanto tempo levou para que Ellyze parasse de gritar. Foi preciso que alguns dos poucos homens que sobraram na fazenda fossem convocados para tirá-la do quarto e levá-la para fora. Johan ajudou, mas não disse sequer uma palavra. Minutos depois estaria no seu quarto arrumando suas malas para ir embora; ele partiu sem me avisar. Eu só soube porque uma das empregadas me falou, então eu descii correndo para a varanda a tempo de vê-lo se afastando, a cavalo, o cabelo branco já um pouco comprido balançando com o vento. Ele não olhou para trás. Apenas partiu. E aquele foi um momento muito triste para mim, porque foi a confirmação de que Johan se rendera para o mal que corrompia aquela fazenda. Rendera-se e fizera o que ele desejava: partira, deixando para trás as pessoas que ele poderia ajudar se não tivesse sucumbido à moléstia diabólica que rondava aquelas terras. Mais empregados partiriam durante aquela madrugada, e todo o resto no dia seguinte. Entre eles Mama Cohle, que partiu junto com Susan e seus filhos. Foram caminhando para a fazenda de Cormac Trenton. Não suportaram a loucura. Não suportaram os gritos coléricos e ensandecidos de Ellyze. Quando o dia seguinte ao êxodo final da fazenda Munford amanheceu, só restavam eu, Ellyze, Marie e Rebecca naquela casa enorme e sufocante. Eu não imaginava o paradeiro das duas últimas, mas sabia que estavam lá.

Não dormi naquela noite. Por toda a madrugada o som de risos, gritos e passos retumbou pela casa, como se ela estivesse ocupada por uma multidão. Só arrisquei sair do meu quarto durante o dia, com a luz entrando enviesada pelas janelas, quase que com timidez. À medida que os empregados restantes partiam, alguns fazendo questão de levar suas cartas de recomendação, outros apenas arrumando as malas modestas e indo embora, eu observava o quanto a casa se entregava à desordem e ao desmantelo. Não ousei abrir as portas dos quartos vazios, mas a desorganização já se fazia presente nos corredores, onde castiçais vazios jaziam como ossos enegrecidos no chão e quadros pequenos se equilibravam tortos nas paredes. A sala de estar estava coberta de poeira, que se elevava a cada passo dado. Era possível ver as minúsculas partículas no fecho de luz do sol que atravessava a janela. O quadro de Conrad, sobre a lareira, parecia tão envelhecido quanto uma pintura renascentista que não foi preservada. Plantas morriam em tons amarelados nos vasos espalhados pela casa. Buracos e rasgos nas paredes surgiam como que por mágica. Vez ou outra uma panela caía sozinha na cozinha, e eu não conseguia não me sobressaltar ante o som grave que ecoava pela casa inabitada. A solidão era completa.

Eu próprio me sentia totalmente desleixado e deselegante. Não me lembrava de quando fora meu último banho. Olhei-me no espelho e notei os tocos de barba branca brotando no rosto. A pele do meu pescoço caía flácida. Estava mais magro. Amedrontado. A fome fazia meu estômago roncar e doer, mas eu me negava a comer algo, pois a visão de qualquer alimento me causava náuseas horríveis.

Àquela altura eu já havia considerado diversas vezes a hipótese de seguir os passos de todos os outros empregados e também partir. Possuía uma experiência vasta e um conhecimento imprescindível na administração de uma casa, e não tardaria para que eu encontrasse um trabalho, como mordomo ou mesmo como servente ou lacaio. Pensei, inclusive, que não acharia de todo ruim se eu me tornasse um colhedor ou lavrador em qualquer outra fazenda, desde que eu pudesse fugir daquela casa de horrores indizíveis. Acredito que até mesmo Cormac Trenton me

ofereceria um bom emprego se eu lhe explicasse a situação assustadora pela qual havia passado.

Devo assumir: a idade estava pesando nas minhas decisões, mesmo que eu tivesse apenas cinquenta e dois anos naquele maldito 1880; sentia meu corpo cansado. Cada movimento parecia demandar uma incrível quantidade de perseverança e coragem. Pensar nas possibilidades de me ver livre daquele cenário mexeu comigo de uma forma indescritível. Senti-me um indigno, um desonrado.

E então percebi que estava cogitando a hipótese de entregar às mãos do destino duas mulheres a quem prometera servir até a morte: uma mãe enlouquecida e uma menina dominada pela perversidade de algo tão maligno que fugia da minha compreensão. Eu não podia deixá-las; seria meu maior erro, e eu me arrependeria tão logo visse a fazenda Munford na linha do horizonte. Por isso, quando o dia começou a escurecer e o medo profundo foi se insinuando junto com a noite, tomei a única decisão que parecia justa: segui para o quarto de Ellyze, que fora limpo antes que as empregadas todas fossem embora, e onde ela provavelmente descansava ou enlouquecia mais e mais.

Levei algumas frutas à beira da podridão e uma jarra de água. Minha intenção era passar a noite lá dentro, uma vez que não havia ninguém na fazenda para me julgar por tal ato exceto Ellyze e Marie. Ela saiu de seu estado letárgico assim que entrei, e esboçou um sorriso tímido. Estava deitada na cama, apenas de camisola, e seu corpo ossudo despontava do tecido alvo. Ela perdera peso, muito mais do que eu. Seu corpo outrora curvilíneo se apresentava abatido e sem vida. Ela ainda mantinha parte de sua lascívia, algo que jamais perdera, uma vez que isso habitava seu olhar e seus lábios. Mas mesmo ambos já pareciam combalidos, esforçando-se para manter o viço daquela que um dia fora a mulher mais bonita que eu já vira.

Sentei-me em uma cadeira ao lado da cama, e permanecemos calados e quietos durante toda a noite. Apenas uma vela lançava luz no cômodo. Os olhos, quando se fechavam pelo sono, não ficavam assim nem por cinco minutos, pois logo se arregalavam em um pavor alucinado, vagando por cada canto escuro do aposento e registrando qualquer diferença que surgisse naquelas sombras. Foi uma madrugada fria e torturante. Nenhum riso ecoou, mas a apreensão não deixou de existir. Sabíamos que ela ainda estava na casa, esperando, espreitando. Querendo

nos dominar com o medo que causava; por várias horas pensei como estaria Marie, se estaria com fome e sede. Se estaria com frio. Se ainda estaria viva.

Quando o dia amanheceu, olhei para Ellyze e ela me encarava com esforço. Seu rosto estava afundado em dor e cansaço. Apresentava uma sonolência absurda, o resultado de quem se forçou a não dormir. Uma tortura auto imposta em prol de sua sanidade. Algo em seu olhar me entregava um brilho tolo de esperança. Esperança de que a boneca não mais habitasse aquela casa.

Qualquer esperança caiu por terra assim que saí do quarto para me banhar. Encontrei Rebbeca na sala de estar, sentada sobre a cadeira de Oliver. Seus cabelos emaranhados se estendiam ao longo do encosto da cadeira e quase tocavam o chão. O rosto parecia rachado, carcomido. Seu cheiro era insuportável. Segui para o lavabo com desconfiança e me banhei olhando constantemente para a porta, com medo de que a criatura surgisse do nada e fizesse algo contra mim. Pensei na tolice daquela ideia depois, alegando para mim mesmo que se aquela boneca tinha algum poder, com certeza ele permanecia no âmbito psicológico, indutivo, sensorial, e que ela não seria capaz de fazer nada fisicamente, uma vez que era um ser inanimado, um casulo para algo pernicioso e malévolo cujo poder emanava de sua maldade, e não de sua ação.

Isso se provaria um imenso engano.

Dividimos aquele quarto por vários dias. Eu só consegui contar de fato até o terceiro ou quinto dia. A partir daí as lembranças se misturam em lapsos obscuros. Não me lembro se saí para me alimentar ou para fazer minhas necessidades fisiológicas. Parece absurdo, mas depois de vários dias debaixo da escuridão e da enclausura daquele cômodo, a realidade já não parecia mais existir. Os ciclos de dia e noite eram falhos, não surtiavam efeito, não eram perceptíveis. O corpo e a mente não funcionavam da maneira correta.

Lembro-me com clareza de certas visões de horrores que não consigo explicar até hoje. Percepções existenciais repletas de uma intangibilidade incômoda. Imagine sua mente se despedaçando em cacos grandes e pontiagudos, cacos esses que, ao se soltarem, caem e produzem mais cacos, menores, esfacelando o que resta de sua memória, de sua percepção da realidade, de sua identidade; e os que não se soltam ficam a fustigar o que resta de sua força e sua sanidade. Se puder imaginar isso, pode compreender parte do que vivemos naqueles dias, um horror escuro e palpável, repleto de perturbação.

Em uma daquelas noites notei que Ellyze parecia um tanto melhor. Recuperada, é o que quero dizer, o que não significa que estivesse saudável. Seus olhos continuavam fundos, a pele úmida e febril e a boca trêmula e indecisa. Mas saiu da posição débil em que estivera por dias e sentou-se na cama com os pés no chão. Passou as mãos sobre os cabelos e depois pelo rosto, pelas pontas dos ossos que pulavam nos cotovelos, nas clavículas e nas maçãs do rosto. Pareceu prestes a chorar, e aquilo me tirou do devaneio em que estava afundado, uma espécie de “concentração dispersa”, algo como não pensar em nada. Empertiguei-me para levantar e ir até ela, mas suas mãos se afastaram do rosto e ela olhou para mim. A loucura ainda estava lá, enraizada. Ela riu com crueldade, e eu senti com tristeza que ela ria de si própria.

“Marten... como é bom ver que você resistiu. Eu sabia que você não me abandonaria... Marten, o homem mais fiel que já conheci... o velho Conrad sempre dizia isso...”

Ela parou e ficou encarando o chão escuro. Olhei ao redor sem saber se lá fora era dia ou noite. Pensei que não faria diferença. Aquela era uma noite eterna.

“Veja o que ela fez comigo, Marten. Veja como estou! Veja o que me tornei! Uma sombra do que eu era! Nem isso! Uma louca, desvairada! Uma... uma... quase morta. Todos que eu amava me abandonaram! Todos foram embora. Eu não saí deste quarto, mas ainda posso ouvir... e não ouço mais ninguém. Nenhum empregado, nenhum colhedor. Susan me deixou. Mama Cohle. Minha filha. Oliver...”

“Oliver vai voltar, senhora”, falei, tentando evitar só Deus sabe o que. “Já deve estar perto de voltar... ele não passaria mais que dois meses fora e... pelas minhas contas...”

“Não vai voltar, Marten. Não para mim. Só há você aqui. E eu. O que restou. E *ela*, é claro. Aquela coisa.”

Seu corpo tremeu em espasmos de pavor enquanto se referia à boneca. Não consegui evitar sentir o mesmo. “Marie ainda está aqui, senhora”, falei.

“Marie é *dela* agora”, respondeu, com frieza e uma certeza desconcertante. Arrependi-me de citá-la no mesmo instante.

“Sabe, Marten, eu posso estar debilitada como estou e parecer irracional, mas eu passei todo este tempo deitada aqui pensando... pensando no que deveria fazer, acredite, para acabar com tudo isso, com toda essa desgraça que essa maldita Rebecca me trouxe. E você sabe que foi ela, não é? Sabe... porque também viu tudo e passou por tudo. Porque ficou até o final. Sabe do que ela é capaz.”

Balancei a cabeça, sem saber por quê. “Eu sinto que sei, senhora. Mas... não consigo acreditar que aquela... aquela boneca seja...”

“A causa de tudo, Marten? Sim, é ela... mas não é somente ela. Sou eu também, Marten. Eu e Oliver. Mais Oliver. Ele me fez fazer o que fiz. Graças ao seu egoísmo... ele me fez fazer a coisa mais cruel que já fiz na vida, Marten...”

“O quê? Eu não...”

Comecei a me sentir atordoado, mas ela continuava, sem se importar.

“Mas eu sinto que não me arrependo, Marten. Não me arrependo nem um pouco! Isso... isso é horrível! Eu sou um monstro! Só pode ser isso...”

“Senhora...”

“Eu vou ter que matar ela de novo, Marten. É o único jeito. Matar ela de novo, e de novo, e quantas vezes forem necessárias. Ela não vai acabar comigo, Marten. Ela é um... *nada*! É uma bastarda! Uma... cria que não deveria ter existido! Eu só vou fazer com que tudo volte a ser como antes... de novo. Só isso.”

Não existia sentido naquelas palavras, nenhum sentido. Ela falava no passado, como se já tivesse feito aquilo, e me confundia além da conta. No primeiro momento creditei suas palavras a uma evidente incoerência, mas logo em seguida, para meu assombro, as peças foram se juntando. Lembrei-me do grosso sermão que Marie passara em sua mãe semanas antes. Recordei a perturbação momentânea de Ellyze ante o nome da

boneca e ante a revelação de sua filha, revelação capaz de jogá-la em um poço de depressão inimaginável. Vi as palavras escritas em sangue na parede. “Assassina”. Tudo se juntou em um turbilhão perturbador.

Ela agarrou minha mão.

“Venha comigo, Marten! Ajude-me a encontrá-la! Vamos dar um fim nisso! Somos os únicos que podem, e os únicos que devem! Ajude-me a destruí-la, e eu prometo que vou recompensá-lo com qualquer coisa que quiser! Qualquer uma!”

“Mas senhora...”, comecei, porém ela já levantava da cama e me puxava com uma força absurda, uma força digna de insanos. Segundos depois já estávamos na escuridão do corredor, frio e vazio exceto pelas trevas.

Ficamos parados, em silêncio, no que eu achei que fosse um momento de hesitação, mas na verdade Ellyze apenas *ouvía*. Mesmo na penumbra eu podia ver seus olhos fechados e seu rosto petrificado, concentrado, demonstrando uma extrema preocupação em localizar a boneca, mesmo eu não imaginando como ela a acharia naquela imensidão de calmaria. Meus ossos começaram a doer e eu percebi que era pelo frio que agora preenchia cada centímetro daquela casa. Não era possível ver qualquer luz. Nossos olhos se adaptavam com lentidão àquela escuridão. Por um segundo pensei em pegar a vela que estava no quarto. Não tive tempo: Ellyze abriu os olhos com força, *arregalou-os*, e me puxou na direção do que eu acreditava ser o fundo do corredor, mas que naquele momento eu não fazia ideia se era mesmo; apenas nos embrenhamos no escuro, os pés descalços tocando o tapete ressecado e sujo, o medo crescente do que quer que pudesse viver naquele breu que se avolumava.

As portas dos quartos não existiam. Nada era visível, na verdade. Sentia-me preso no labirinto escuro de um pesadelo, um corredor de paredes invisíveis e teto tão alto que se podia sentir ventos ocultos soprarem de cima para baixo, respirações gélidas de deuses há anos perdidos e que habitavam na obscuridade do vazio e do medo, no abismo da obsessão, apenas aguardando a loucura dominar por completo para se revelarem em toda sua bestialidade. O chão era falso, uma ilusão na qual confiávamos por não haver mais no que confiar, no que esperar retorno. Seguíamos porque era a única maneira.

Foram tantos passos sem atingir qualquer parede ou obstrução que por um momento acreditei que estava em pleno sono, viajando nos campos

infinitos de Morfeu, esperando sem pressa atingir um precipício e iniciar uma queda repentina que me despertaria num átimo de perpétuo medo, um susto que levaria meu coração aos limites de seus batimentos e me faria acordar sob a crueldade da realidade. Mas não. Aquilo era real. Só que ao mesmo tempo *não era*. Pude perceber isso só depois de tanto andar e perceber que corremos metros o bastante para dar a volta em todo o perímetro da Casa Grande e não chegávamos a lugar algum. Os contornos das portas se tornaram visíveis e eram *tantas* que já teriam ultrapassado em número a quantidade real. O corredor se encolhia, se movia, tremia, apertava-nos, mas ainda *estava ali*, ainda existia, e ainda corríamos nele.

O cansaço nos forçava a diminuir o passo quando Ellyze parou, obrigando-me a parar também. A sensação era de que ainda estávamos no mesmo ponto, na frente da porta do quarto no qual passamos um período indeterminável de tempo. A mão de Ellyze soltara a minha e agora agarrava o tecido da minha camisa, torcia-o com força e com o que eu sabia ser apreensão, porque eu também a sentia. Havia uma diferença ali onde estávamos. Algo no ar. Uma secura, uma estranha pressão, ou ausência dela, que nos fazia querer mais ar, respirar com dificuldade. *Ela* estava ali. Mas no escuro era impossível encontrá-la.

Passos se fizeram ouvir ao nosso redor. Eram passos pesados e rápidos, e se interrompiam intermitentemente. Primeiro à direita, fazendo os pelos da minha nuca se eriçarem. A terrível presença fez meu corpo inteiro se empertigar. Minhas pernas tremeram. Os passos passaram pela minha esquerda. Ellyze me puxou com força para perto dela. Senti seus cabelos roçando meus lábios. Ela respirava com força. Tremia também. Envolvi-a com meu braço esquerdo, ao mesmo tempo em que ouvia os passos logo atrás de nós. Puxei-a para mim, protegendo-a, e nos viramos. Os passos cessaram. A escuridão aumentou. Os únicos sons existentes eram nossas respirações aceleradas, repletas de medo, e o bater do meu coração, chegando aos meus ouvidos como se o órgão estivesse ali, dentro da minha cabeça. Além dos passos havia um cheiro azedo que nascia e se desfazia, acompanhando os passos, e era impossível não fraquejar ante aquela barreira odorosa. Quando vinha, era como garras que penetravam em nossas cabeças, braços que desciam até o estômago, provocando-o, puxando-o para cima, apertando-o como se esmaga uma maçã podre. Mesmo lançando a mão sobre o nariz, aquele odor ultrapassava os dedos e nos atingia. Era impossível evitá-lo, e mais impossível ainda superá-lo,

fingir que não existia. Engulhava cada vez que a presença se aproximava, e me cansei de quantas vezes meu estômago se pressionou com força, fazendo ácidos flamejantes subirem até a garganta, ferindo-me por dentro. Ellyze, no entanto, parecia alheia àquele cheiro, e não produzia um único ruído de repulsa.

Os passos pararam, e o cheiro diminuiu até se afastar por completo, aliviando-me de imediato. Me senti por alguns segundos livre das mãos pestilentas que me sufocavam. Ao mesmo tempo, foi como se o corredor comesçasse a ondular na escuridão, deformando-se, desconstruindo ainda mais a realidade que nos cercava, e por alguns segundos eu senti que a mão de Ellyze se soltou da minha camisa. Lancei minha mão para frente e encontrei a dela, só para sentir seu corpo ser puxado por uma força oculta que eu jamais sentira.

Seus dedos escorregaram e fugiram dos meus. Ouvi o som de seu corpo caindo, acompanhado por um gemido extremo de dor. O baque surdo foi logo seguido pelo som do arrastar de Ellyze pelo tapete do corredor. Ela gritou, um som agudo e repleto de horror. Algo a puxava pelas trevas.

Corri pela escuridão do corredor, seguindo o som de seus gritos e do rastejo inconfundível pelo tapete velho e ressecado. Passos pesados acompanhavam e aumentava aquela amálgama de ruídos pavorosos, que me encheram de um terror e uma urgência devastadora. O escuro do corredor ocultava qualquer chance de vislumbre do que estaria acontecendo, mas eu não tardaria a saber, ainda que já desconfiasse.

Tropecei em uma dobra inoportuna do tapete e quase caí. Acelerei minha corrida, tentando recuperar a distância perdida e ver o estado que Ellyze poderia estar. Seus gritos de pavor eram enlouquecedores, e vez ou outra, por trás deles, eu podia ouvir gargalhadas pontudas e maléficas, que eu já sabia por experiência ser o som do riso maldito da boneca Rebecca.

Venci os metros seguintes em uma corrida alucinada, meus passos cada vez mais largos, meu corpo a cada passo mais leve e ágil, quente e constante, vencendo o ar e a escuridão em saltos destemidos. Ví a imagem do corpo de Ellyze sendo arrastado se formar logo diante de mim. Podia ver seu rosto, a boca escancarada emitindo gritos espantosos, os olhos apertados de medo e os braços estendidos para frente, as mãos arreganhadas como garras, tentando reter o movimento em investidas constantes ao tapete no qual seu corpo era esfolado continuamente. Seus dedos e seus lábios pareciam sangrar.

À frente era possível ver o corpo minúsculo da boneca, arrastando Ellyze pelo pé com uma energia inacreditável. Ela se ocultava nas trevas e surgia em relances, e era impossível crer no que meus olhos enxergavam. Aquela boneca, feita de madeira, porcelana e cabelo, conseguia arrastar uma mulher adulta por metros e metros sem fim com a força de dez homens.

O cansaço começou a me desacelerar, e eu perdi Ellyze para a escuridão. Ela desapareceu dentro das trevas que se estendiam diante de mim. O som de arrastar foi diminuindo até quase deixar de existir. Parei, exausto, sentindo uma dor absurda perto do fígado, e respirei com dificuldade até me sentir o mínimo disposto de novo. Mas quando isso aconteceu, eu já não ouvia mais som algum.

25

Não sei quantas horas passei imerso nas sombras gélidas, mas foi tempo o bastante para acreditar que estava finalmente louco. Descobri que o escuro tem o poder de drenar nossas forças de forma implacável. Ele pode consumir sua sanidade e extinguir qualquer centelha de esperança que possa surgir no caminho. Não há nada nele, porém, de sobrenatural, senão essa sua capacidade milenar de nos furtar a vontade de viver; não fui tocado por nada, mas me sentia coberto de mãos nodosas, enrugadas e úmidas; não fui ferido por nada, mas sentia como se dentes escuros e sujos estivessem penetrados na minha carne. Tremia, porque era a única coisa que podia fazer.

Eu não conseguia encontrar nenhuma janela, então para mim era como se elas não existissem mais. As portas dos quartos se fundiram às paredes, tornando-se parte delas e não mais placas de madeira talhada com uma maçaneta e um cômodo do outro lado. Eram agora rostos frios e fechados, sem espaço e sem compaixão. O corredor não tinha fim, de qualquer lado. E parecia tão largo quanto um cômodo infinito.

Mas é claro que tudo estava em seu devido lugar. As janelas *existiam*, e havia uma logo diante de mim, com cortinas sujas, mas ainda removíveis, no entanto eu não a via porque minha mente fora cegada pela

desesperança de viver. As portas podiam sim ser abertas, mas eu não conseguia porque não tinha mais força, não tinha mais gana, não tinha mais desejo de encarar aquela vida. Aquela loucura. O escuro me roubara tudo o que eu tinha de bom, e eu não conseguia resistir. As únicas coisas que existiam eram as trevas e o caminho cada vez mais abaixo, para um abismo frio de morte e insanidade.

Então, de uma vez por todas, minha mente se esvaziou. Não havia nada lá além do escuro, além do vazio, além de mim, sozinho e diminuído, louco e sem futuro, sem esperanças e expectativas, sem prazer, sem sonhos. Até mesmo sem medo. Era só o eu e mais nada. E eu nunca me senti tão anti-humano, tão desprovido de qualquer sentimento. Decidi procurar naquele vazio o que poderia me trazer de volta, e não encontrei nada. Prefiri estar morto. Mas não estava.

Foi quando notei que ali havia algo nisso, de estar vivo. *Ainda vivo*. Logo, não havia perdido tudo. Algo restara. O essencial, o singular. A vida. Naquele vazio de trevas, solidão e desespero, ainda havia a vida, e então ainda havia a esperança. E essa esperança não podia ser removida, não podia ser esmagada, a não ser que a vida tivesse chegado ao fim. Mas ela *não havia chegado*. Meus braços estavam frios, mas ainda se moviam; havia mãos nas extremidades, e cada um dos dedos tinha a sensibilidade de antes; havia pernas que formigavam com o peso do meu corpo, e pés rachados e secos que sentia o toque áspero do tapete sob eles; havia pulmões cheios de ar e um coração que não parara de pulsar. Não *ainda*.

O escuro diminuiu. Uma réstia de luz tremeluziu diante de mim, fraca, insegura, mas ainda assim *luz*, e eu a segui, me arrastando. Lancei a mão para frente e toquei nos finos tecidos de uma cortina. Era uma janela. A luz atravessava suas frestas, luz de um sol vivo e quente que existia, e que ainda existiria, independente de quantas gerações ou de quantas maldições atravessassem aquele tempo e aquelas terras. Agarrei o tecido e o puxei, e a luz aumentou. Tateei com a palma da mão e toquei a madeira fria da janela. Ainda sem enxergar direito, me ajoelhei, encontrei o trinco e o afastei. A luz ganhou mais forma, mais cor, mais espaço. Puxei a janela com toda a força que ainda tinha e a abri.

A luz inundou o corredor e me cegou. Era uma avalanche de luminosidade, pureza e calor. Ela empurrou as trevas que pareciam sólidas, expulsou-as da totalidade, dizimou-as. Em apenas um segundo, todo o corredor estava iluminado e limpo. Abri os olhos e contemplei a beleza

divina do dia que se estendia diante de mim. Sorri e chorei ao mesmo tempo, sabendo que algo me trouxera de volta, e que esse algo agora esperava de mim uma atitude. E eu sabia qual era essa atitude.

Deveria encontrar Ellyze.

26

Devo admitir, evidente, que tudo pelo que passei naquelas horas em que caí nas trevas absolutas e retornei para a vida possam ter sido apenas uma ilusão à qual uma mente enlouquecida, em uma atitude desesperada, se agarrara para não sucumbir. Digo isso porque as luzes funcionaram apenas para mim. A casa e os moradores que restavam ainda estavam imersos em trevas. E o horror, afinal, não findou quando a luz do dia mostrou que poderia a tudo, ou a quase tudo, revigorar.

Comecei a procurar Ellyze assim que a luz revelou as arestas do corredor e os detalhes que se ocultavam na penumbra, e percebi que estava bem próximo da escada que levava à sala de estar, logo abaixo. Enquanto corria, notava as manchas de sangue no tapete e a total desordem dos móveis. Tudo estava revirado, destruído e sujo. O silêncio opressor parecia querer me trazer de voltas os medos que me governaram naquelas últimas horas, mas me mantive firme, seguindo em frente e evitando olhar para trás. Fui abrindo todas as janelas que encontrava pelo caminho, pois sentia que receber a luz do dia e fazê-la entrar na casa me ajudaria a continuar. Estava reabastecido de uma fé revigorante. Eu precisava encontrar Ellyze e tirá-la daquela casa o mais rápido possível. Dali, poderíamos selar dois cavalos e partir para a capital, onde nos hospedariamos em algum hotel enquanto tentaríamos nos comunicar com Oliver. Era o único caminho.

Não pensei em Marie. Ela já não parecia mais existir.

Alcancei as escadas e olhei para a sala, que estava em plena desordem, como se um furacão tivesse passado por ali. Ia descer os degraus e abrir a porta da frente quando ouvi um gemido de medo. Minha respiração travou e eu me petrifiquei, atento e receoso.

O gemido veio do corredor do meio.

Corri naquela direção, sentindo meu corpo esfriar e as sombras se avolumarem. Aquele corredor só possuía uma janela, e ela estava no final. Trancada. O gemido foi aumentando à medida que eu me aproximava do último quarto, que sempre fora ocupado por Marie, e cuja porta estava aberta. Entrei sem cerimônia, não imaginando se a boneca também estaria ali e o que poderia fazer comigo, apenas pensando em encontrar Ellyze e tirá-la daquele pesadelo.

Encontrei-as onde antes ficava a cama, que estava encostada na parede, inclinada e torta como um dente prestes a cair. Ellyze estava ajoelhada no chão, de costas para mim, mas seu corpo estava tenso, flexionado, e ela grunhia com raiva. Aproximei-me, enquanto uma angústia crescente se apoderava de mim. Andei e contornei Ellyze, e quando por fim pude ver o que fazia, levei a mão à boca e emití um chiado de surpresa.

Ela estava sobre a boneca, as mãos enfiadas no pescoço fino, apertando-o com fúria e com um ódio que escorria de seus olhos em lágrimas sangrentas. O cabelo de Rebecca se espalhava pelo chão como tentáculos desfalecidos. Seu rosto era uma sombra disforme, quase invisível, e talvez tenha sido isso o que me incomodou de imediato e me impediu de gritar palavras de incentivo à Ellyze, mesmo que algo se contorcesse dentro de mim para que eu a incitasse, para que acabasse de uma vez por todas com a existência maléfica daquele ser. Eu estava prestes a balbuciar uma palavra de apoio, e não posso mentir que senti uma excitação imensa de ir correndo até ela e ajudá-la a estrangular a boneca quando algo pesado me acertou e eu cambaleei, quase caindo no chão. No mesmo instante ouvi uma voz masculina e inconfundível berrar em um desespero agonizante:

“Larga a menina, Ellyze, pelo amor de Deus!”

Era Oliver. Junto com ele estavam mais três homens, decerto capatazes que ele contratara em Washington, e todos ficaram parados encarando aquela estranha situação, sem entender, assim como eu, o que se passava ali. Então eu olhei novamente para Ellyze e para a coisa sobre a qual ela estava montada, repleta de fúria assassina, e notei que seus cabelos não eram assim tão volumosos. E eram de uma cor mais clara, um loiro dourado que não se mostrava por completo na escuridão do quarto. O rosto, outrora uma nuvem vaga e distorcida, agora se revelava quase roxo e inchado, onde dois olhos azuis se arregalavam em um pavor inominável

e irreversível, um pavor vindo das mais profundas cavernas da loucura. Levei minha mão à boca e a mordi, incapaz de compreender o que eu via.

Os pezinhos de Marie se debatiam debaixo da camisola de Ellyze, e mesmo assim ela não soltava o pescoço da filha. Oliver pulou sobre ela, montando-a como um cavalo colérico, e puxou seus braços com toda a força que tinha, berrando em seus ouvidos “*Solte ela, por Deus, Ellyze! Você vai matar a sua filha!*”, mas sem efeito. Lágrimas brotavam de seus olhos. Ele olhou para mim e eu pude ver sua estupefação nas veias saltadas na testa e no pescoço, a surpresa diante daquele furor assassino, diante da insânia de sua esposa, e diante da percepção de que, por um momento, eu *também vira Marie como se fosse o verdadeiro alvo de Ellyze*, a maldita boneca Rebbeca, e por isso não fizera nada para impedir.

Ele soltou um grito exasperado: “Pelo amor de Deus, vocês vão ficar aí só olhando? Me ajudem!”, e então os três homens que o acompanhavam caíram sobre Ellyze. Agarraram-se aos braços dela, enquanto Oliver tentava separar os dedos das mãos da mulher, que se fecharam sobre o pescoço da filha em um ímpeto cego e repleto de ódio. Mesmo com aquele esforço, parecia que Ellyze possuía mais força que os três. Eu permaneci onde estava, olhando para aquilo e sentindo minhas esperanças e pernas cederem. Caí sentado, enquanto tentava imaginar o que se passaria nas cabeças daqueles homens ante a situação em que estavam, e da qual conjecturariam dezenas de hipóteses oriundas de um senso comum baixo, e do qual não tirariam qualquer conclusão. Eles não acreditariam, pensei. Não aceitariam que todo aquele caos tivesse sido causado por uma boneca. Ninguém aceitaria, afinal, nem mesmo eu, depois que tudo acabasse. Mas não acabaria, eu tenho que confessar. Aquele era o ápice do horror, mas não sua totalidade. Ele ainda causaria mais desgraças na família Munford e em todos que tentassem ajudá-los.

Não queria me ater aos detalhes dessa situação em especial, pois são pontos terrivelmente tristes, que ainda me ferem e me desmontam, me derrotam, mas isso se faz necessário. Por anos esses acontecimentos me

seguiram e eu sempre relutei em escrevê-los sem saber por que, mas agora percebo: porque ainda me culpo. Eu não vi Marie. Eu vi *Rebbeca*. A loucura de Ellyze me seduziu de tal forma que nos cegamos juntos. Eu não vi que era Marie e esse foi meu pecado.

Oliver e os homens conseguiram tirar Ellyze de cima da menina após alguns segundos de esforço, no entanto, foi tarde demais. Marie era uma estátua de rosto roxo e petrificado quando os dedos da mulher foram arrancados de seu pescoço, e com isso uma forte onda de reconhecimento estampou os olhos de Ellyze. Um reconhecimento também tardio. Ela só notou que matava a própria filha quando já não podia fazer mais nada para evitar. O corpo minúsculo da menina ficou estatelado no chão enquanto os quatro homens arrastavam Ellyze pelo quarto, afastando-a de Marie, de quem meus olhos não escapavam porque eu não podia acreditar que era mesmo ela quem estava ali, sem vida. Oliver soltou a esposa e correu para a filha, levantando o corpo do chão e o acolhendo no colo, as lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto barbudo e pingando no vestido vermelho que a menina usava, aquele último presente que um dia uniu mãe e filha. Ele sacudiu a menina, bateu de leve em seu rosto, soprou em sua boca, mas nada terreno seria capaz de trazer Marie dos mortos, e por fim se ajoelhou com a menina nos braços e enterrou o rosto no peito magro e miúdo da filha, o choro abafado ultrapassando o tecido e atingindo nossos ouvidos cruelmente.

Os homens soltaram Ellyze, que já não oferecia resistência, apenas olhava para a cena triste do pai chorando a morte da filha e parecia não acreditar no que via e no que fizera com as próprias mãos. Olhou para ambas as mãos brancas e magras, repletas de manchas do próprio sangue e agora marcadas para sempre pelo ranço tetro daquele pecado. Seus olhos se encontraram com os meus por poucos segundos, e eu tive tempo de ver que não havia qualquer sinal de Ellyze ali. Só havia vazio.

“Como *pôde*?”, sibilou Oliver, os olhos virados na direção da esposa com uma fúria desumana. “Como pôde fazer isso com a *minha filha*?”

Ellyze, ou o que restara dela, olhou para o marido com olhos saltados e sacudiu a cabeça em negação, a perturbação escapando-lhe dos olhos.

“Não... não fiz isso... não com ela! Não era ela! Era *a boneca*! Era a outra! *Rebbeca*! Não era... não era ela...”

“O que aconteceu com você? Você está louca... não é possível... não é possível que você...”

“Eu juro, meu amor! Não era Marie... não era...”

“Como foi capaz de fazer isso com minha menininha?”

“Meu amor eu juro...”, dizia ela, agora de joelhos, arrastando-se na direção de Oliver.

“*Cale a boca! Eu não sou o seu amor! Nunca fui!* Não venha me falar de amor agora, sua *louca!*”, gritou Oliver, tão alto que eu não consegui conter um sobressalto e um estremecimento. A loucura contaminava rapidamente naquele quarto. “Eu devia ter ouvido meu pai... ele me avisou que você acabaria com a minha vida... e agora... veja o que você fez...”

O choro voltara à voz de Oliver, e era desolador ouvir aquilo.

“Você matou minha filha... matou minha querida...”, dizia, e aflagava os cabelos de Marie, cujo brilho acompanharam sua alma e se esvaíram daquele corpo num átimo.

Ellyze sacudia a cabeça com veemência. A obviedade de sua loucura só não parecia fazer frente à sua negação naquele ato. Torcia os dedos, os olhos saindo de Oliver e caindo sobre Marie, para logo em seguida voltarem a mirar o marido. Seu rosto parecia uma máscara de papel machê, desmanchando-se e expondo a consternação que agora ocupava sua alma.

Ela pôs-se de pé e continuou a falar:

“Oliver, acredite... não era Marie quem estava diante de mim, era Rebbeca! Ela fez isso conosco... ela acabou com nossa fazenda... com nosso amor... ela queria fazer isso de novo, mas eu não podia deixar... não podia...”

Foi quando um brilho negro de percepção faiscou nos olhos de Oliver. Enquanto a esposa falava, ele levantou-se, deitando a filha morta no chão, e olhou para Ellyze com um ódio quase material.

“Eu não podia deixar ela fazer isso de novo... nos separar como da última vez...”, continuava Ellyze.

Então Oliver a calou com uma ruidosa e violenta bofetada. Lançou as costas da mão direita com força no rosto de Ellyze. O estalo ecoou pelo quarto. Sua cabeça girou para o lado, ela desequilibrou-se e caiu. Meu corpo inteiro se retesou e estremeceu com o som daquele tapa. Me sentia incapaz de me mover.

“Eu juro, Ellyze, juro por Deus, que se você abrir a boca mais uma vez, eu *te mato na frente de todos aqui, e ninguém vai ser capaz de me impedir!* Está entendendo?”

A voz de Oliver transitava em um volume furioso, mas que não conseguia se sobrepôr ao choro da mulher, que, jogada no chão, amparava o rosto arroxeadado com a mão direita.

Eu não sei como me lembro desses detalhes, porque foram os segundos finais mais assustadores daquele dia: Ellyze arregalou os olhos, fitando algo do outro lado do quarto, e eu acompanhei o sentido. A boneca estava ali, escondida debaixo do lençol da cama revirada. A mulher se levantou como um felino, fazendo Oliver se sobressaltar, e atravessou o quarto na direção do brinquedo maldito. Todos nós acompanhamos seu movimento, veloz como uma bala. Ela caiu de joelhos diante da boneca e a puxou debaixo do lençol. Segurou-a diante dos olhos furiosos. O brinquedo estava em frangalhos. O vestido vermelho estava puído e sujo, os cabelos estavam *enormes* e repleto de nós, e o rosto de porcelana repleto de manchas de mofo. Mas ainda *era ela*, e eu pude sentir, assim como Ellyze e todos sentiram, inegavelmente, a malignidade daquele objeto. Seu rosto parecia rir em deboche, enquanto os olhos sem vida encaravam a mulher que a segurava, transbordante em ódio. Ellyze tremia inteira. Ria e chorava em espasmos perturbadores. Era humilhante.

Me movi, decidido em impedir que ela fizesse qualquer outra coisa; estava acabado, afinal. Ela matara a própria filha, e aquilo a levaria para a forca com toda a certeza. Já bastava, então, e que seu sofrimento cessasse ali. Acreditei, naqueles segundos em que segui em direção a ela, que sua maior punição estava ali, deitada no meio do quarto, sem a vida que ela mesmo tirara, então que terminasse. Que ela pelo menos descansasse enquanto a justiça dos homens decidisse o que seria dela.

Seus dedos, então, agarraram-se à cabeça da boneca, e vi na cor pálida das juntas que eles pressionavam o rosto do brinquedo sob o efeito de uma cólera diabólica, num frenesi desumano e fútil. Não havia volta para Ellyze. Sua mente se fora. Só restara a bestialidade.

Logo ouvi o primeiro estalo, e vi seus dedos atravessarem a porcelana da cabeça da boneca. No meio do seu grunhido de ódio escapou um sussurro de triunfo. Pedacos de porcelana caíram sobre o chão, retinindo. Suas mãos se cravaram ainda mais sobre o rosto sem vida da boneca, os dedos se cortaram nos cacos e verteram sangue, e ela continuou

apertando, ferindo a si mesma e ao brinquedo. Os homens a encaravam com um misto de receio e repugnância. Oliver assistia a tudo com espanto e nojo. Então ela gritou, um som repleto de uma humanidade que eu imaginava que não habitava mais ali, seus dedos se afastaram do rosto da boneca e ela esticou os braços para frente, afastando de si algo que se apresentava dilacerado e desfigurado. Foi impossível conter um uivo de horror quando a verdade se revelou diante de nossos olhos, fria, implacável e cruel, trazendo consigo mais uma última dose desleal de loucura. Pois detrás da porcelana pintada à mão e já envelhecida, molhado pelo sangue de Ellyze e coberto pelo marrom putrefato da terra de um cemitério qualquer, havia o crânio desdentado de um bebê.

28

É um dia cinzento o de hoje, assim como era o dia em que finalmente me despedi da Fazenda Munford e tomei meu próprio rumo. É impossível descrever, demonstrar o espectro de dores e frustrações que senti naquela época.

Eu fui o último a sair dali. Tranquei todas as portas e janelas. Uma por uma, quarto por quarto, arrumados por empregados temporários, que trabalharam em um ritmo insano, talvez pela pressa de Oliver em partir logo para Nova York, talvez por saberem que aquela casa carregava uma marca maligna, uma chaga diabólica. Uma casa assombrada, de fato, por atitudes impensadas e carregadas de loucura. Apossada por sentimentos vingativos e maléficos, que jamais se esvairiam dali, mesmo que as janelas permanecessem abertas e toda a luz divinal invadissem os mais escuros cantos; ainda haveria o rastro rançoso de perversidade, de pecado, de depressão e de insânia; um ar carregado, denso, irrespirável. Aquela casa não atrairia ninguém. E se o fizesse, seria por mero capricho maldoso.

Marie Munford, aquela que um dia emanara a luz que animara toda uma casa, toda uma família, foi enterrada em Nova York, na mesma semana em que Oliver levou Ellyze à polícia pelo assassinato da filha. Os três partiram em uma diligência, junto com dois dos três homens que ele

trouxera da última viagem, deixando um deles comigo para que eu não me sentisse sozinho e não sucumbisse de vez ao terror que toda aquela loucura causara. Foi difícil, mais para o rapaz do que para mim, afinal, pois eu já tinha visto tudo o que aquela criatura era capaz de fazer, e ele *não*. As primeiras noites foram aterrorizantes. Prefери não sair do meu quarto.

Não havia mais sinal visível da boneca, que desaparecera assim que Ellyze, ao constatar sua real natureza, caíra em um torpor profundo, mas eu tinha certeza que ela percorria os corredores à noite, enfurecida, berrando por Ellyze, clamando por sua vingança. Quatro dias depois os empregados temporários chegaram, em três diligências, e só então saí dos meus aposentos, para não encontrar mais o homem que Oliver deixou para trás para que eu não me sentisse só. Eu poderia achar isso engraçado, mas não consigo não simpatizar com o rapaz e não o compreender. Sua fuga demonstrava que eu passara por horrores indizíveis e sobrevivera, sem desistir, e isso me encheu de certa presunção. Só Deus pode dizer quais tipos de horrores são capazes de afugentar um homem feito, e saber que resisti me enquadrava em uma categoria diferente. A categoria dos *sobreviventes*.

Oliver voltou no dia seguinte à chegada dos empregados, e eu o auxiliei na organização de seus documentos importantes. Fiz tudo com um confuso sentimento de obrigação. Mas não me sentia feliz fazendo aquilo, não mais. Na verdade, queria deixá-lo, e que ele fizesse tudo sozinho, mas não fui capaz, e o ajudei. Reunimos todas suas apólices, contratos, registros e certificados, dos mais importantes aos mais ínfimos, e fechamos dois grandes baús. Também juntamos alguns livros e álbuns importantes, dos quais ele não queria se desfazer. O resto, da escrivaninha à cadeira mais luxuosa, passando pela estante ainda cheia e o relógio pendulo que pertencera ao pai, ficou como estava, dentro do gabinete da casa que seria fechada e quem sabe vendida, mas certamente nunca mais ocupada por um Munford.

Antes de partir, Oliver me deu um forte e longo abraço. Pude sentir naquele espaço de tempo que aquela seria sua despedida definitiva. No abraço percebi como perdera peso e como parecia cansado, alquebrado, destruído, mesmo que não deixasse transparecer aquilo. Quando me soltou, colocou as mãos nos meus ombros e sorriu por detrás da barba, e seus olhos se encheram de lágrimas que não caíram. Depois, lançou a mão

ao bolso e pegou de lá um envelope, o qual enfiou no bolso do meu colete, sem cerimônias.

“Não é seu dinheiro. Este está bem guardado no banco, como sabe. É uma carta. Quero que a leia, mas não aqui e nem agora, não com esse terror ainda tão... perto. De nós. Não. Espere que tudo se apague, se afaste, e que estes acontecimentos não passem de lembranças vazias, como espero que se tornem, para mim e para o senhor.”

Gostaria de ter dito para ele que aquilo se tornaria realidade e um dia viveríamos longe daquela sombra, mas eu nada disse porque sabia que, no fundo, aquilo nunca seria apenas uma lembrança. Nem supérflua. Ah, não... seria a lembrança mais maldita da qual nunca conseguiríamos nos esquecer. Tanto é que tentei cumprir minha promessa e só ler a carta quando tudo estivesse distante, porém só consegui postergar uma revelação cruel que teria me enlouquecido por fim, se eu não tivesse esperado tanto.

Eu só leria aquela carta vinte anos depois... pouco antes de começar a escrever estas memórias. Foi melhor, penso eu. Certas coisas, quando nos atingem tardiamente, não nos ferem da forma fatal que a fariam se tivessem nos pegado fragilizados pelo terror.

Dois dias depois de me despedir de Oliver os empregados temporários finalizaram a organização da casa. O fizeram, como disse, em uma velocidade espantosa, e era possível ver nos olhos de todos, quando aguardavam minhas ordens para partir, que a apreensão em deixar aquela casa maldita para trás era urgente. Por esse motivo não os retive lá por mais tempo, e os dispensei antes mesmo de avaliar seus serviços. Acredito que não faria a menor diferença se tal peça não estivesse na posição correta ou se determinado cômodo estivesse com os móveis tortos. A casa já não era a mesma, então por que os cômodos deveriam ser?

Todos partiram com expresso alívio nos rostos, enquanto eu adentrava a casa pela última vez. Fui até o ponto mais distante, o último corredor, o quarto de Marie, e quase podia sentir seu cheiro inocente quando abri a porta do quarto e o encontrei tão belo e organizado quanto era quando a menina estava viva. Não derramei qualquer lágrima porque já não sentia mais tristeza, apenas um pesar profundo que me insensibilizava.

Tranquei todos os quartos, sempre dando uma olhada dentro de cada um antes de bater a porta e passar a chave, a apreensão constante de que veria alguma cena ilusória como no pesadelo de dias antes, mas o que

encontrava era a mais correta arrumação. Tudo em seu devido lugar, como se a casa aguardasse hóspedes em um futuro imediato. Cada fechar de porta trancava em mim uma lembrança feliz e evidenciava a tristeza dos acontecimentos que destruíram aquela família. Cada janela trancada diminuía o poder da luz ali dentro, transformando a casa em uma lúgubre caverna de pesadelos e terror. Depois de tudo trancado, parei na sala de estar e encarei o rosto velho de Conrad Munford sobre a lareira, imponente e sisudo, e senti falta de quando meu único medo era se a colheita nos daria lucro o suficiente para prover nossa alimentação diária. Havia naquele momento uma gama imensa de preocupações, das quais apenas quem viveu determinados fatos é capaz de perceber e reviver sinais e medos. Como eu olharia para uma família qualquer sem imaginar os segredos produzidos pela convivência? Como veria na morte o descanso eterno quando, ao descobrir a natureza da monstruosa boneca, vi-me diante de um ato de profanação tão maléfico que, pela sua capacidade de gerar o ódio, trouxe tantas desgraças àquela casa? Como olhar para o próximo sem ver, não na superfície, mas logo abaixo da ínfima película de convenções sociais e morais, camadas e mais camadas de delírio, psicose, terror e insânia? Como olhar no espelho, ajoelhar e rezar, crendo na divina salvação, sem pensar nos horrores que presenciei?

Eu nunca me veria livre daquilo.

Despedi-me em silêncio da pintura de Conrad, peguei minhas malas, que aguardavam na varanda, e tranquei a porta principal da enorme casa dos Munfords. Tranquei para sempre, imaginando poder conter ali, naquele ambiente cujo ar era espesso como o medo, o mal que a habitava. Para que ele não escapasse jamais. Para que a vida pudesse ser reconstruída, reinventada, superada, melhorada. Para que as possibilidades que o pânico tentava suprimir surgissem claras diante de nossos olhos e não parecessem impossíveis, bastando apenas um passo para que fosse possível se reerguer e vencer. Esquecer e viver. E enquanto a diligência que transportava o primeiro e último empregado da fazenda Munford se afastava, eu olhava para trás pela última vez, e conferia se meu coração tinha ficado naquela casa. Mas não. Ele estava comigo e batia. Ainda triste, mas mais forte e mais *vivo*.

Ainda falta uma parte da história, o que seria seu “final”, por assim dizer. Mas essa é a vida humana, e seu final é diferente para cada pessoa. Sempre entendi que o final fosse a morte, então, por Deus, meu “final” ainda não chegou, mesmo que vez ou outra anseie por ele. A solidão dos últimos anos de um homem em um asilo não é uma coisa que eu deseje para ninguém, nem para quem por ventura mereça. Pensar que posso viver mais tempo do que imagino e com isso relembrar e reviver mais vezes essa história me deprime, me corrói. Foram meses ínfimos perto de uma longa vida, eu sei, mas aprendi dessa forma que nem sempre o que define nossa existência é o resumo de nossos atos, bons ou maus, mas aquilo que de pior nos acontece.

Ellyze foi a julgamento público três meses depois de matar a filha. O júri a considerou culpada do assassinato de Marie, mas incapaz de responder ao crime pela instabilidade de sua *psique*, sendo então condenada não à forca, mas à solidão de um manicômio. Acompanhei o julgamento pelos jornais, enquanto procurava um trabalho na crescente e distante Chicago. Descobri sua condenação na mesma semana em que consegui o emprego de mordomo na residência de uma família abastada, cujo chefe era senador. A carta de recomendação de Oliver me garantiu uma rápida aceitação, mesmo que nela não constasse a natureza da situação que presenciei e, infelizmente, não impedi. O senador, do qual suprimirei o nome neste relato, entretanto, não era tolo, e logo percebeu minha preocupação com a condenada, visto que eu sempre lhe solicitava o jornal assim que ele findava sua leitura. Uma vez, dias após a condenação, a qual me abalara muito, ele me abordou e me questionou sobre os acontecimentos terríveis daquela fazenda, dos quais eu pouco falei, suprimindo não só os pontos fatídicos que eu presenciara como também o terror incomum da boneca Rebbeca, e ele, percebendo meu constrangimento e minha tristeza, não mais tocou no assunto.

Meses depois fui dispensado dos meus serviços, e até hoje não sei se foi porque o senador descobriu a verdadeira história do triste acontecimento na fazenda Munford ou se foi devido à pressão popular que sofria regularmente por dar um cargo de tanta confiança a um homem negro. Então na rua, vaguei em busca de trabalho, passando as noites em

pensões de aspecto deplorável e gastando com ponderação o dinheiro que tinha guardado no banco (uma quantia considerável, que faria o senador cair para trás, decerto). Saí de Chicago, já que não conseguia nada por lá além de hostilidade, e percorri todo o estado de Illinois, passando em seguida pelo Missouri e Tennessee, sem jamais colocar os pés de volta na Luisiana, até por fim decidir que deveria ir para Nova York, não só porque era onde Oliver morava então, mas também porque sentia que devia uma última visita a Ellyze.

Viajei por semanas, sem a menor pressa de chegar à cidade que tanto crescia já naquela época; quando cheguei, me surpreendi, pois Chicago era tão grande quanto, e eu esperava algo titânico, de proporções gigantescas, coisa que só acontecerá talvez em um futuro que eu não verei. E creio que seja também um futuro que não desejo ver.

Uma vez em Nova York, peguei-me pensando na minha vida, no que restava e no rumo que deveria dar a ela. Vaguei pelas ruas em busca do endereço da casa de Oliver, sentindo uma estranha esperança misturada com saudade se apossar da minha pessoa. Quando a encontrei, uma mansão suntuosa de pedra branca com colunas gregas e aspecto bruto, em um bairro pouco habitado e que de fato fazia jus a toda a empolgação de Oliver na época de sua compra, hesitei em tentar fazer algum contato. Pensei em como ele partiu naquele dia, deixando-me cuidando da fazenda, e como parecia não querer mais me rever. Como se me enxergasse, mesmo contra a vontade, como um cúmplice atado do crime imperdoável que Ellyze cometera. Encarei a casa durante vários minutos, observando empregados que transitavam, passando pelos vidros claros das janelas, até que decidi deixar os Munfords definitivamente para trás.

No entanto, eu ainda precisava visitar Ellyze. Posterguei, porém, a visitação ao manicômio, que ficava no condado de Essex, e busquei um último emprego, algo que me satisfizesse de fato, e no qual dedicaria meus últimos dias em plena capacidade de trabalhar, e por fim descobri este asilo, localizado em Albany, onde consegui uma irônica vaga de cuidador de idosos. Não tinha experiência alguma, mas consegui me adaptar bem rápido. A cor da minha pele foi motivo de muita discussão no começo, já que era o primeiro negro a pisar naqueles corredores, mas fui aceito logo que meu trabalho, minha educação e fineza se fizeram sentir até mesmo nos mais brancos idosos, de veteranos de guerra civil (havia um ex-comandante aposentado centenário que jurava ter participado da

Convenção de Filadélfia!) a escravagistas velhos que já não tinham mais força para brandir um chicote, mas cujas línguas podiam ser tão dolorosas quanto.

Então, adiei tanto a visita a Ellyze que, infelizmente, não tive chance de me despedir dela. Depois de três meses internada, recebi a notícia de que Ellyze fora encontrada morta naquela semana, em seu próprio quarto. A informação chegou a mim graças aos jornais, que se aproveitaram até o fim do caso da mãe homicida. Segundo a reportagem, ela tivera um mal súbito na mesma semana em que, numa visível piora de seu quadro psicótico, reclamara de ter ouvido risos e vozes infantis ecoando pelos corredores do hospício. Não consegui conter um gemido de pavor quando li que a causa da morte de Ellyze Wallace, ex Sra. Munford, foi um ataque cardíaco fulminante.

A notícia ainda frisava que, estranhamente, Ellyze fora encontrada com fios negros de cabelo enrolados entre os dedos.

30

O desfecho que tanto prometo envolve a carta que Oliver escreveu e deixou no meu bolso, carta essa que li há apenas alguns meses, e as descobertas às quais ela me levou, assim como ao desejo de escrever estas memórias. Devo dizer antes que compareci ao enterro de Ellyze, realizado poucos dias após sua morte, e no qual só havia médicos, enfermeiras e o coveiro. Seu ex-marido, que decerto fora notificado, não prestou uma última homenagem, pelo menos não enquanto seu caixão era descido seis pés abaixo do solo e coberto por terra. Apenas o coveiro sabia quem havia encomendado a lápide que marcava o nome da mulher que um dia eu tivera como uma grande amiga. Eu fiquei até o final, quando o homem cobriu todo o túmulo e firmou a pedra verticalmente, para tentar descobrir se finalmente Ellyze encontrara a paz. Não tenho certeza. Espero que sim.

Os anos passaram e eu não tive mais notícias de Oliver. Se mantinha algum negócio em Nova York, ou era muito discreto ou de pouca importância. Sempre pensava, é claro, na carta que ele me deixara, e na maioria das vezes eu ia até meus aposentos, abria o antigo baú onde

guardava minhas frívolas preciosidades, puxava lá de dentro o envelope grosso e o envolvia nas mãos, lembrando suas palavras, de que só devia lê-la quando as memórias fossem supérfluas, e então sempre o devolvia ao baú. Porque as lembranças insistiam em ser densas e tristes.

Quando decidi abri-lo, há pouco mais de quatro meses, já haviam se passado quase duas décadas. Estamos a um ano de entrar no aguardado século XX, ainda que eu não sinta o otimismo dessa geração, não diante das tristezas e injustiças que caem sobre as pessoas com quem compartilho a raça. Saí da posição de cuidador de idosos para apenas “idoso”. Algumas dores muito fortes nas minhas costas me levaram ao médico, e seu diagnóstico incompleto me sentenciou a passar algumas horas do dia em uma cadeira de rodas e a tomar tanta morfina que às vezes me sinto fora da realidade. Minhas mãos, no entanto, ainda são fortes, e não raro vejo todos os outros senhores adoecerem e tossirem em suas camas por semanas enquanto continuo intacto... mas sei que isso não vai durar... por isso decidi ler o que Oliver me escrevera. Não por achar que as lembranças haviam se tornado irrelevantes, e sim por acreditar que eu não poderia levar aquele papel para o caixão e lê-lo lá dentro, quando nada mais importasse e isso fosse impossível, evidente. Não, eu deveria saber logo. E se fosse para sofrer, que sofresse de uma vez.

Eu não poderia estar tão certo quanto a isso...

O que transcrevo a seguir é a maior parte da carta que Oliver escreveu, vinte anos atrás, e enfiou no meu bolso, me convencendo a não a ler para não decair ainda mais depois de tanto terror, e por mais que eu preferisse nunca saber o seu conteúdo, agradeço por ele ter tido a consideração de me alertar. Eliminarei alguns trechos enfadonhos e desnecessários, me atentando apenas ao que for imprescindível.

Segue:

“Caro Marten: espero que ao ler essa carta compreenda que, assim como qualquer ser humano, errei, pequei, e me arrependo. É terrível pensar que provavelmente fui o causador de toda a desgraça que se abateu sobre minha família, família essa que prometi cuidar, proteger e amar, mas para a qual me vi transformar na pessoa mais fria e vil que jamais pensei que me tornaria. Ainda me lembro de quando meu pai, em uma conversa em particular, me disse que Ellyze

me faria infeliz e causaria minha desgraça. Queria poder olhar para meu pai agora e dizer que ele estava errado. *Eu* seria a desgraça dos Munfords. Que minha mãe no céu me perdoe, mãe que eu nunca pude ver ou tocar, e que por isso talvez tenha me tornado tão insensível com as mulheres. Não quero aqui dizer que não as amava, claro que não. Amava, e amei mais do que deveria. Amei Ellyze além do que seria possível, e ela sempre dedicou seu amor a mim. Amei outra mulher, e esse foi meu pecado. O senhor sabe, Marten, que sempre transpareci ser um jovem sensato, mas no fundo eu apenas controlava minha impetuosidade. Quando tomei Ellyze como esposa, não pensava como seria difícil conter meus instintos masculinos, e tudo saiu do controle quando, com a morte do meu pai, assumi os negócios da família e precisei viajar constantemente para expandi-los. Acredite, Marten, um homem, vendo-se distante de sua esposa, da mulher que ama e deseja, é capaz de reprimir grande parte de seus instintos, por respeito e por moral, mas isso não significa que seja fácil. Nas vielas escuras e nos caminhos viscosos da vida, surgem coisas que desafiam nossa fidelidade, mesmo que imaginemos ser capazes de ignorá-las. Ellyze queria ser mãe logo que nos casamos, mas por recomendação médica (e por bom senso, é claro, ela era apenas uma criança e eu também) nós evitamos qualquer tipo de consumação. Quando isso por fim aconteceu, já éramos casados por mais de dois anos, e, acredite ou não, consegui controlar os instintos que ela me despertava com eficiência. Mas, como é dito entre os mais velhos, depois que o sumo da fruta é saboreado, dificilmente queremos sentir só o amargo da língua novamente. E mesmo tendo uma vida normal e saudável com Ellyze, depois que passei a me ver por semanas e até meses longe dela, sentia que meu desejo se tornava a cada instante mais incontrolável. Ora, devo admitir, eu repugnava bordéis, e ainda os recuso. A maior parte desta repulsa, é claro, deve vir do fato de que meu pai sempre os visitava, nas noites em que a solidão era muito forte, e me levava com ele, ainda criança, à força, para ser tocado por mulheres de olhos pintados e rosto oculto por camadas horríveis de pó e tinta. Me causa enojo imaginar as situações pelas quais passam mulheres que poderiam ter uma vida diferente, mas que se veem, por gosto, por opção ou por falta dela, vivendo como meretrizes, vendendo seus corpos a quem pagar. Me contorcia

de imaginar que minha filha, por algum deslize do destino, se tornasse algo desse tipo, uma prostituta... hoje penso que daria tudo para que ela estivesse ao menos viva, e que nem mesmo a desonra de vê-la em um ambiente desse tipo me entristeceria mais do que saber que não mais a verei ou a abraçarei. É muito doloroso, Marten, acredite...”

(...)

“Enfim, e como o senhor deve estar imaginando, o que seria de nós, filhos, se não repetíssemos os erros de nossos pais? Ora, eles fazem guerras, nós os condenamos e repudiamos, e veja o que fazemos anos depois? O prostíbulo, é claro, seria um lugar ao qual eu rapidamente me familiarizaria, mesmo que relutasse na maioria das vezes em frequentá-lo, e jurando-lhe de mãos sobre a Bíblia que jamais toquei em outra mulher senão naquela pela qual me apaixonei perdidamente. Tudo aconteceu mais ou menos um ano antes de Ellyze ficar grávida. Eu viajei para Nova Orleans, secretamente, devo dizer, para uma reunião de negócios que na verdade era uma justificativa para visitarmos um dos bordéis da cidade. Foi lá que eu a encontrei. Era a mulher mais bela que eu já vira na vida. Sua pele de ébano era lisa e brilhante, como uma fruta madura. Seu corpo era miúdo, mas curvilíneo, e me evocava os mais ambíguos sentimentos de desejo e paternidade, proteção e luxúria. Quando ela me olhou nos olhos, Marten... senti meu mundo inteiro desmoronar. Era *ela*, a mulher da minha vida, e eu a encontrara em um prostíbulo. Naquela noite mesmo tomei-a para mim. Ela me disse que se chamava Justine, e depois de algumas horas de conversa, na qual eu me via numa espécie de transe onde só ela importava, ouvi-a confessar que era uma jovem viúva de um soldado da União, falecido assim que findara a guerra, e que nada restara de sua herança para que pudesse sobreviver, logo se viu forçada a entrar na prostituição. Eu fui seu primeiro naquela noite, e o único depois. Nosso amor foi quase predestinado. Enquanto estava com ela, e dentro dela, me sentia não só o homem mais completo do universo, mas também *parte dele*, Marten... parte de um universo que antes jamais compreendera, e por mais injusto que isso possa ser, era uma sensação que Ellyze jamais me causara.”

(...)

“Enfim, o senhor deve imaginar a que ponto isso chegou. Tornei-me primeiro seu ‘cliente fixo’, uma exclusividade que eu exigi de imediato, e semanas depois, com a ajuda do meu contador, comprei-lhe uma pequena residência no Missouri. Instalei-a ali, e prometi visitá-la sempre. Não posso mentir e lhe dizer que não me senti culpado ao voltar para a fazenda e ver Ellyze feliz, me esperando ansiosa e repleta de paixão. Eu estava enganando-a, e isso não era algo do qual me orgulhava. Havia também o fato de que ainda a amava, mesmo que isso pareça incompreensível... eu mesmo não sou capaz de entender meus sentimentos, Marten. Naquela época, ainda jovem e imaturo, eu não compreendia. Por isso, arrastei a mentira por um bom tempo. Sempre que viajava, visitava Justine, fosse na ida ou na volta, e nos uníamos em amor com ardor e urgência. A casa tinha estrutura para mantê-la protegida, e eu pagava à parte para que um dos meus advogados verificasse seu bem-estar de tempos em tempos. Ele foi o único com o qual compartilhei meu imoral segredo. Nunca pensei que o incluir naquela soma seria o meu deslize. Também sequer imaginei que ele não teria o mesmo cuidado que eu tinha. Para ele, talvez aquilo fosse algo que, se Ellyze descobrisse, não faria diferença alguma. Eu conhecia minha Ellyze, no entanto. Sabia que seu ciúme era perigoso. Ela sempre me ‘inspecionava’, discretamente, quando eu voltava de minhas viagens. Ela não aceitaria aquela traição, se a descobrisse. Tratei de deixar esse meu advogado ciente disso, mas acredito que ele não levou a situação a sério. De minha parte, agia com máxima cautela diante de Ellyze, mesmo sabendo que suas chances de descobrir eram mínimas. Ela nunca se interessara em me acompanhar nas viagens, o que me magoou no início, mas que se tornara imprescindível então. As coisas mudaram quando ela expressou seu desejo de ser mãe. Eu não havia pensado direito no porquê de não termos tido um filho ainda, depois de tantos anos, e tenho certeza que meu pai teria dito que o infértil do casal seria ela, mas eu não pensava dessa forma, e acreditava que se não tínhamos gerado uma cria até então, era porque não estava em seu tempo. Não era para *ser*, acho que o senhor entende... mas minha surpresa foi enorme quando, ao ver Justine em uma das minhas

visitas, eu recebi a notícia de que *ela* estava grávida. Foi uma reviravolta radical. Senti meu corpo sair do chão, primeiro de confusão, mas depois percebi que era *felicidade*. Eu seria *pai*, Marten, e não imaginava que a sensação seria tão maravilhosa. Naquela noite nós nos amamos pela última vez, e conversamos noite adentro, debatendo qual seria o nome daquela criança quando viesse ao mundo. Eu desejava um menino, é claro, alguém que pudesse levar a linhagem dos Munford adiante, e decidimos que seu nome seria Conrad, em homenagem ao meu pai, um homem pertinaz, mas que sempre me demonstrara seu amor paterno. E, como o senhor já deve ter percebido graças ao rumo dessa conversa e por ter acompanhado os acontecimentos da noite em que Ellyze assassinou Marie, eu e Justine decidimos que se fosse menina, uma linda e graciosa menina, seu nome seria Rebecca.”

(...)

“Talvez agora o senhor possa entender o motivo de ter acertado Ellyze no rosto depois de tê-la tirado de cima da minha querida Marie. O ódio que inflamou meu peito diante da percepção, da descoberta do que ela fizera, era algo incontrollável. Juro que teria tirado sua vida se não fosse minha sensatez, e a certeza de que seria penalizada pela justiça dos Estados Unidos. Se o senhor não compreendeu ainda, Marten, permita-me continuar meu triste relato. Mantive não só minha relação com Justine em segredo, como também sua gravidez. Depois de alguns meses escondendo tudo de Ellyze, comecei a me acostumar com a sensação de viver uma vida dupla, sabendo, e sendo egoísta dessa forma, que poderia viver felizmente com o melhor que ambas as mulheres podiam me dar. A segurança de ter uma mulher como Ellyze do meu lado, de atitudes firmes e liderança pontual, tanto nos assuntos que diziam respeito aos negócios quanto à nossa convivência, era uma benção. Eu não teria a sorte de encontrar alguém como ela em qualquer lugar. E, do outro lado, havia Justine e a realização sentimental, o arranjo perfeito que nossas almas e nossos corpos formavam. Com ela me sentia completo física e mentalmente. Sentia-me homem. O desejo entre nós só não era maior que a felicidade que me trazia ver sua barriga crescendo

mês após mês. Saber que minha filha se formava ali, dentro daquele ventre, parte de mim, criação divina de nossa união... me emociono ao relembrar os momentos de felicidade, tardes que passamos naquela casinha pequena e aconchegante, deitados no chão, os pés próximos da lareira acesa, acariciando a barriga arredondada que protegia aquela que seria meu novo amor, parte daquele sentimento extra-sensorial que me apossara desde o dia que conhecera aquela mulher de pele negra e sorriso encantador. E eu estava fazendo tudo da forma correta. Nosso segredo estava seguro comigo... mas infelizmente meu advogado deixou escapar uma informação desnecessária. Ellyze capturou-a no instante em que elas saíram da maldita boca daquele homem. Não sei se por tolice ou descuido, em uma reunião a três, o advogado mencionou brevemente as despesas da casa no Missouri naquele mês. Senti de imediato sua garganta travando ante o erro imperdoável. Olhei-o ferinamente por alguns segundos, torcendo para que Ellyze não tivesse notado, ou não estivesse atenta ao que ele dizia, mas na verdade ela fazia exatamente o contrário. Não sei se por uma natural desconfiança feminina ou se por uma apurada percepção, mas Ellyze não demonstrou qualquer sinal visível de que ouvira o comentário, porém pude notar um pequeno erguer de sobrancelha e uma palidez repentina de seu rosto. Foi o bastante para eu saber que não só meu segredo estava em risco, como também meu casamento. Acreditei que eu seria o alvo de suas investidas, nas quais eu me veria forçado a revelar todo aquele segredo protegido há meses, mas ela foi incrivelmente mais inteligente: aproveitando um momento em que deixei o advogado sozinho (e jamais saberei se foi naquela mesma noite ou uma semana depois) ela o abordou e o fez revelar o endereço da casa. Tão rápido quanto se pode ler estas palavras. Não culpo o então advogado, tenho que admitir. Ellyze era de uma determinação ferrenha, e eu já deveria esperar uma atitude como aquela. Depois que ele lhe entregou o endereço, coisa que ele próprio confessou para mim dias depois, ela não disse nada, nem sequer ameaçou algum tipo de retaliação, o que me surpreendeu. Me mantive vigilante, sempre atento a qualquer tipo de atitude violenta ou vingativa, mas ela nada fez por vários meses. Sequer demonstrou que sabia daquela casa. Pensei em diversas histórias que poderia contar para ela se algum dia ela me

questionasse, como dizer que a casa era uma surpresa para ela (o que causaria um grande desconforto, desta vez por parte de Justine), ou que na verdade era apenas uma garantia que eu recebera de alguém que devia dinheiro para mim. Entretanto, nunca cheguei a usar qualquer uma destas desculpas. Ellyze, com sua sapiência maléfica, não me questionou sobre nada... apenas esperou e esperou... até o dia em que viajei novamente. Fui extremamente cauteloso nesta viagem, e enviei um mensageiro para que alertasse Justine de que haveria a possibilidade de que ela recebesse uma ‘visita indesejada’. Se Ellyze fosse até a casa no Missouri, que pelo menos Justine soubesse disso e tentasse ocultar qualquer evidência de minhas passagens por lá. Se possível, que fosse embora para a casa da ex-sogra, uma negra que segundo ela inspirava respeito e medo, visto que era conhecida como sendo feiticeira vodu, e com quem ela me dissera uma vez que ainda mantinha contato, até que eu dissesse que era seguro voltar para a casa que eu lhe dera.”

(...)

“Minha atitude foi previamente executada, mas seu efeito, no entanto, foi tardio. Quando o mensageiro chegou à casa de Justine, Ellyze já havia passado por lá. Pelo menos foi o que ela me escreveu, em um bilhete que o mesmo mensageiro me trouxe, dias depois. Havia uma urgência no tom das palavras que usara, palavras escolhidas de forma que não me alarmassem muito, mas que teve efeito contrário. Ela citou que ‘uma mulher muito elegante e de rosto frio, porém belíssimo’ a visitou e lhe fez perguntas um tanto indiscretas, como de onde tirava o dinheiro para manter aquela casa e quem seria o pai da criança que carregava debaixo do busto cheio. Dizia ainda que a mulher, que estava numa diligência, queria entrar na casa e conversar com ela, mas que por sorte ou por alguma coincidência sua ex-sogra chegou de repente e impediu que a mulher invadisse a casa. O final do bilhete era preocupante: ‘ela voltou para a carruagem e saiu daqui soltando fogo pelas narinas!’. Imediatamente encerrei qualquer reunião de negócios que tinha naquele dia e fui para o Missouri. O medo que se instalou no meu peito era genuíno: só de pensar em Ellyze ferindo meus dois amores eu já me sentia destruído.

Não conseguia imaginar mais minha vida sem aquela mulher e sem a criança que nasceria. Rebbeca. Eu só a carreguei no colo uma vez, Marten... Enfim, uma vez averiguado que Justine estava bem, voltei para a fazenda e, reunindo toda coragem que tinha, fui falar com Ellyze. Uma fúria me dominava, acredite, pois achava que sua ousadia em seguir até a casa onde Justine estava era uma afronta, não só a mim, mas à sua condição de esposa. Estivesse eu errado ou não, ela não tinha o direito de questionar minhas atitudes. Eu era *seu marido*. Ela me devia obediência. Abordei-a com o rosto quente e vermelho de fúria. Peguei-a pelo braço e esbravejei, o rosto tão próximo do dela que pude ver seus olhos se dilatando e seus lábios tremerem. Mas o pior de tudo é que ela sequer protestou! Pelo contrário: caiu de joelhos diante de mim, implorando não meu perdão, mas *meu amor* de volta. Aquilo me desconcertou por completo. Seu toque leve e repleto de paixão me despertou sentimentos que eu acreditava estarem enterrados ou escondidos debaixo do que sentia por Justine. O resultado disso? Nos amamos naquela noite como não fazíamos por meses. Creio que Marie foi concebida naquele momento de caos, sentimentos confusos, mágoa e arrependimento. Mas é claro, Ellyze reservava algo para mim e para Justine. Algo que eu jamais desconfiei, e que só pude confirmar depois de muitos anos de tristeza e desgraça. Algo que ela só confessou depois de terminar com o que restava da minha vida. Depois de matar minha pequena Marie.”

(...)

“Quando Rebbeca nasceu eu estava em Washington, acho, e recebi um telegrama de Justine enquanto estava em uma importante reunião. Abandonei-a imediatamente, deixando um dos meus contadores no meu lugar, e parti para o Missouri, para ver meu novo amor, minha primeira filha, aquela que eu guiaria pela vida, amando-a e tornando-a uma mulher de respeito, alguém pela qual eu daria todo meu dinheiro só para vê-la sendo mais importante do que qualquer outra mulher já fora! E quando eu segurei aquela menininha de pele morena nos meus braços, olhando para o rostinho redondo de olhinhos fechados e para os dedinhos minúsculos e rechonchudos,

pensei que fosse morrer, tamanha minha felicidade. E naquele instante, prometi para Justine que as protegeria eternamente. Ah, mas como é cruel saber que falhei miseravelmente, Marten. Como é terrível saber que, por mais que eu tivesse me esforçado, por mais que eu tivesse me arriscado pelas duas, eu jamais poderia ter impedido o que aconteceria. Porque eu subestimei alguém com um potencial assassino que eu jamais suspeitara. Isso causaria minha desgraça.”

(...)

“Os meses se passaram, e eu notei abismado que a barriga de Ellyze começava a se evidenciar. Ela devia estar no terceiro ou quarto mês de gestação quando tudo aconteceu. Da noite para o dia ela mudou completamente comigo. Antes, parecia a mais perfeita esposa, a mulher ideal, quieta, obediente, amorosa. Sequer se lembrava do assunto de nossa discussão, meses antes, então por isso eu jamais desconfiaria que tamanha chama vingativa queimasse dentro de seu âmago... logo ela passou a me encarar com olhos frios e apertados, sua boca curvava-se e crispava-se quando se mantinha calada. Suas mãos apertavam o tecido do vestido em visível apreensão. Ela planejava algo, eu sabia... mas, quando aconteceu, jamais associei Ellyze ao trágico fato... porque, apesar de tudo, apesar de ver aquela fúria contida se manifestando, eu a julgava incapaz de qualquer ato impetuoso, e acima de tudo, de um ato que me atingisse...”

(...)

“Alguns dias depois, durante uma viagem a Nova York, recebi o terrível telegrama. A mensagem que por pouco não me enlouqueceu. Ignorei a diligência, ignorei Cory Stephen, e, montado no cavalo mais poderoso que levara, cavalguei desesperadamente até o Missouri. Acredite, foi a viagem mais perturbadora que já fiz na minha vida. Durante todo o caminho, no qual pouco descansei e quase matei o cavalo de estafa, tive incômodas e enlouquecedoras visões, nas quais tentava de todas as formas descobrir *por que* aquilo acontecera. *Por que comigo? Por que agora*, quando finalmente descobrira a felicidade de ser pai? Eu não imaginei, Marten... eu não imaginei que

Ellyze seria capaz daquilo! Mas enfim... quando finalmente cheguei ao Missouri, vi a coisa mais terrível que veria por toda a vida, até encontrar Ellyze debruçada sobre minha Marie. E tenho que lhe dizer que parte de mim também morreu naquele dia. Elas estavam... mortas, as duas... Justine sentada em uma cadeira com Rebbeca em seu colo... a pequena morrera tentando sugar leite do seio da mãe. Oh, Marten, haviam tantos corvos sobre elas que num acesso de fúria amaldiçoei a todos aqueles carneiros, enxotei-os de cima delas, joguei sobre eles toda a culpa da minha desgraça... oh, Marten... homem algum deveria passar por isso. Relembrar esse fato terrível da minha vida me destrói pouco a pouco. Só continuo a redigir estas palavras porque o senhor é o único que, por direito, deve conhecer toda a história.”

(...)

“Eu quis me matar, Marten, juro que quis. E iria fazê-lo ali, ao lado delas. Puxar da bainha a faca de caça que sempre carrego e cortar meus pulsos, sangrar naquele chão até que a vista se enegrecesse e eu partisse para poder encontrá-las, onde quer que estivessem... mas duas coisas me pararam. A primeira, e que só foi satisfeita anos depois, era a ânsia de descobrir *o que* ou *quem* causara aquilo. E a segunda foi lembrar, mesmo que rapidamente, que na minha casa havia outra mulher, que eu também amava, esperando um filho meu. Eu não podia abandoná-la, não daquela forma. E se haveria um jeito de honrar aquelas duas que jaziam na minha frente, sentadas secas sobre uma cadeira, a mãe no ato de amamentar uma filha faminta, a casa inteira destruída e suja, era *vivendo*. Viveria por elas, e tudo o que faria na minha vida nos anos seguintes seria por elas, para que jamais sentissem que eu deixara de amá-las. E eu nunca deixei, Marten... nunca. Elas nunca saíram do meu pensamento, mesmo que nos momentos mais escuros da minha vida seja a imagem de seus corpos sem vida que me invade, e não do júbilo de suas existências. E quando voltei para casa dias depois e encontrei minha esposa me esperando, a barriga tão saliente sobre o vestido e um sorriso tão deslumbrante no rosto, eu decidi me dar uma segunda chance. Foi o que fiz durante todos esses anos. E foi incrível como ela

soube fingir diante de mim... jamais falou sobre Justine e sobre minha filha bastarda. Jamais mencionou sua visita à casa, meses antes! Lembro-me agora que até mesmo no dia em que discuti com ela, preenchido de ódio por saber que ela fora perturbar minha amada, ela sequer *confessou* sua atitude. Pensando nisso agora, sinto que devo ter parecido um louco para ela, acusando-a de algo sem ao menos ter arrancado dela qualquer confissão. Acho que foi isso, no fim das contas, que me impediu de desconfiar dela. Além de acreditar que fosse incapaz, achei que afinal ela pensara no casamento que tinha, nos privilégios dos quais desfrutava, e preferira acatar, mesmo que contrariada, meus atos extraconjugais. Que tolo que fui.”

(...)

“Claro que paguei para que a morte de Justine e Rebbeca fosse investigada. *Secretamente* investigada, tenho que admitir. Naquela época, assim como ainda é hoje, a morte de um negro não é tão importante e passível de investigação quanto a de um branco (um branco rico, é claro), logo as autoridades não se preocuparam em averiguar o que poderia ter acontecido. Mas eu paguei para alguns investigadores da polícia, e eles, com a ajuda de um professor de química que trouxeram direto de Rhode Island, descobriram a causa da morte de minhas amadas: envenenamento por arsênio, depositado criminosamente no poço que abastecia a casa. Os policiais me aconselharam, inclusive, a não levar o caso adiante, não só porque parecia óbvio que a mulher havia sido morta por questões racistas, mas também porque me deixaria vulnerável ante a sociedade americana, não só por já ser casado, mas justamente por ter me envolvido com uma mulher negra e estar, então, tentando levar seu assassino para a cadeia; segundo eles, minha reputação seria imensamente prejudicada, assim como meus negócios. Por mais egoísta que eu tenha sido agindo assim, acatei o conselho dos oficiais e me calei para sempre sobre a morte de Justine Rosswell e nossa filha, Rebbeca Munford.”

(...)

“Acho que não preciso falar muito mais sobre os acontecimentos seguintes. O senhor ouviu a breve confissão de Ellyze dentro daquele quarto, depois de tentar miseravelmente justificar o assassinato de Marie. Foi ela quem matou Justine e Rebbeca. Eu não preciso de provas. Apenas ter ouvido aquela frase, ‘Eu não podia deixar ela fazer isso de novo... nos separar como da última vez...’, só de ouvir aquilo eu já soube que foi ela quem envenenou a mulher que eu amava e nossa filha. O que eu não consigo entender, e provavelmente o senhor também não, e é isso que torna tudo tão malignamente assustador, é *como aquela boneca chegou até nós*. Oh, Deus, e só de pensar que não era uma boneca... que era a ossada maculada do *meu bebê*, profanada, amaldiçoada eternamente. Eu não sei o que pensar. Só sei que Ellyze enlouqueceu. Nos primeiros meses, quando soube que Marie dera o nome ‘Rebbeca’ à boneca, achei que fosse coincidência... mas agora tudo me confunde. Não sei se Ellyze perdeu a razão apenas pela lembrança do nome, ou pelo fardo que carregava, o fardo da culpa pela morte de uma mulher e uma criança... mas eu me nego a aceitar que tudo foi premeditado... que minha filha, meu bebê, foi preparada como um presente de grego, um brinquedo diabólico com a função de trazer a desgraça da minha família. Não, isso não. Prefiro acreditar que tudo não passa de uma alucinação. Que eu também enlouqueci, junto com Ellyze. Acreditar que seja uma penitência. Talvez não seja só Ellyze quem mereça o castigo divino. Talvez toda a culpa seja minha, afinal. Eu também mereço a punição que estou sofrendo. Mereço e a aceito. Mas, oh Deus... dói tanto! É tudo *tão cruel*... eu não estou suportando! Me perdoe, mas eu não estou aguentando...”

A carta de Oliver termina dessa forma. É com certeza um dos relatos mais tristes que já li em toda a minha vida. Não posso imaginar quanta dor esse homem sentiu. O quanto teve que suportar... mas, ao reler sua história, coisa que fui obrigado a fazer para poder transpor as partes mais importantes de seu relato para essa história, percebi que Oliver não era a peça mais importante daquele macabro acontecimento... e constatar isso me fez esgotar, talvez, boa parte dos anos que teria para viver.

A constatação de acontecimentos aos quais se permaneceu alheio durante anos não beira a dor absoluta, mas é capaz de suscitar uma espécie de perturbação quimérica, uma quase revelação divina, apoteótica, mas duplamente ominosa, nociva em seus detalhes e esclarecimentos. Escrevo estas últimas palavras com uma espécie de perseverança obcecada, porque é a última coisa que me resta. Tudo, absolutamente tudo fez sentido depois da carta de Oliver, e isso, em vez de me satisfazer as dúvidas que há anos me perturbavam, me lançou no mais profundo abismo de tristeza e desalento.

Quando Oliver mencionou a pele morena de Justine, eu já senti um estranho reconhecimento, quase como uma coceira no cérebro, forçando-me a lembrar, a reconhecer o padrão, mas tudo só ficou claro quando ele disse que Justine era uma jovem viúva de um soldado da União... e só então os pontos se ligaram.

Contratei um advogado dias antes de finalizar estas memórias, e contei-lhe de tudo o que precisava. Ele partiu com a promessa de que conseguiria o que eu desejava, mesmo que aquilo, como falou, lhe parecesse “mais um trabalho de detetive do que de um advogado”, mas o dinheiro que lhe ofereci o convenceu de imediato, por assim dizer. Pedi-lhe que pesquisasse, em todo o Missouri, sobre soldados negros falecidos depois da Guerra Civil, e que, uma vez catalogados todos os nomes, que fosse à busca de todas as viúvas, dando, é claro, enfoque para aquelas de pele morena. Se não as encontrasse, que confirmasse suas mortes primeiro, e depois que buscasse as *mães* dos soldados, até encontrar uma cuja descrição caberia nas características que lhe passei: negra, com fama de “feiticeira”, e que deveria trazer uma pequena “prova” de seu trabalho, o qual lhe pedi, enquanto observava seu rosto desconfiado. Levou alguns meses até que ele me retornasse, por carta, parte de suas descobertas, e segundo ele, apesar de cansativa, a empreitada estava surtindo efeito. Disse-me que conseguira separar cerca de vinte nomes de soldados que tiveram o azar de morrer depois do fim da guerra, e que apenas três deles eram negros, citando também que começaria a investigar os três. Semanas depois recebi outra carta, na qual dizia que as investigações, estranhamente, o levaram à Luisiana, informação que li com um amargo sorriso de canto de boca, e onde ainda explicava que apenas um dos nomes pesquisados levava a uma mulher que também já havia falecido, mas que a mãe deste soldado ainda se encontrava viva.

Eu não precisaria do resultado das investigações para concluir minhas suspeitas, mas esperei que o jovem e destemido advogado retornasse ao meu encontro com a certeza registrada, e foi o que ele fez, cerca de três meses depois de iniciar sua cruzada. Quando ele chegou aqui no asilo, percebi que estava não apenas visivelmente cansado, mas também um tanto perturbado. A barba falhada cobria suas bochechas e seus gestos eram súbitos e trêmulos. Colocou uma grande bolsa diante de mim, sobre a mesa na qual conversávamos a sós e ao ar livre, o vento litorâneo sacudindo as palmeiras por toda a costa. Perguntei-lhe se o resultado foi atingido. Ele respirou fundo, enfiou a mão no bolso interno do casaco e retirou de lá um frasco metálico, do qual bebeu alguns goles antes de falar que sim, encontrara um soldado chamado John Gonâve, cujo nome já entregava sua descendência haitiana, e que falecera em 1866, logo após o término da guerra. Coincidentemente, o mesmo ano da morte de Conrad Munford. Ele se casara, pelos registros encontrados conservados com sua mãe (e quando o advogado a mencionou, tomou mais um gole do *scotch*), com Justine Rosswell, em 1862. Disse-me também que não conseguira o atestado de óbito da mulher, e que poucas pessoas sabiam de sua existência. Ele descobriu a residência que ela ocupara, no Missouri, e onde os vizinhos disseram que morrera junto com a filha de forma misteriosa, e trouxe uma pequena gravura feita a lápis, a qual, segundo ele, foi desenhada por um garoto de rua que o guiou por todo um dia e que cobrou apenas cinquenta centavos pelo desenho; era uma pequenina casa de madeira, com uma chaminé modesta e um poço artesiano ao lado.

Segundo ele a casa estava desocupada, e ele sentira um estranho desconforto ao se aproximar dela, partindo então em busca da mãe do soldado, que segundo os vizinhos, era uma bruxa e vivia em Nova Orleans. Nesse trecho do relato ele novamente parou, bebeu o que restou do frasco e me encarou com transtorno nos olhos. Encarou-me e leu no meu rosto o reconhecimento de que seguira exatamente os passos que eu previra.

“Eu encontrei ela”, disse por fim, abrindo a bolsa que estava sobre a mesa, as mãos trêmulas, “e tenho que admitir que nunca vi coisa parecida. A mulher é louca. Completamente louca. Madame Ihntê Gonâve, esse é seu nome. E eu só permaneci vinte minutos dentro daquela casa assombrada porque o valor que o senhor me pagou era muito alto, ou pelo menos o bastante para que eu ignorasse meu pavor. Mas eu lhe peço nesse momento: ou me demita, ou nunca mais me peça para ir lá de novo”.

Então ele tirou um embrulho de papel da bolsa e o jogou diante de mim. Ele estava enrolado com um grosso barbante, o qual eu abri devagar, mesmo sabendo de seu conteúdo. Quando por fim abri o pacote, vi brotar nos olhos do jovem advogado um pavor repentino, mas que se extinguiu de imediato, e ergui diante de mim a “prova” que solicitei: uma boneca de porcelana e madeira, pequenina como um bebê, de rosto graciosamente bem trabalhado. Era possível segurá-la com uma mão só. E, por Deus, era leve. Leve porque era, nesse caso, *apenas* uma boneca.

Depois que o advogado partiu, levando um bônus que de certa forma ajudou a superar seu medo, eu permaneci sentado, olhando para o mar que, naquele dia, combinara com o céu para que ficassem ambos cinza. E tem sido assim desde então, enquanto finalizo estas memórias. Levei alguns dias para terminar o relato, e desde então eu sempre ouço suas risadas... não são maléficas como antes, porque sei que ela não quer meu mal. Ela não faria nada de ruim comigo. Mesmo assim, me arrepio. E além disso, o que mais de ruim pode acontecer com esse ex-mordomo velho e doente, que não teve tempo de levar sua pequena família adiante porque o destino não se preocupou com isso, com suas boas intenções, com seus desejos? Este velho que viu a filha tão jovem, Justine, partir para o mundo junto com aquele também tão jovem soldado da União, um casal de pele negra e sorriso inocente no rosto, acreditando que o mundo se curvaria ao seu amor... este velho que viu a esposa definhando de tristeza e desgosto, e teve que aceitar vê-la partir para todo o sempre, restando para ele então apenas a servidão a um homem que, por vezes cruel, o salvou das trevas de uma existência rasteira, faminta e perigosa, levando-o para uma fazenda que parecia brilhar de esperança naqueles belos campos brancos. Mas o destino, ah... como é *supercilioso*, como é intransigente! Ele não se preocupa em destroçá-lo mil vezes! Mesmo que isso leve anos. Mesmo que você só descubra depois de velho que, indiretamente, teve sua parcela de culpa na desgraça de toda uma família; porque o destino, com seus caprichos, cruzou um homem justo com uma garota sozinha e desviada e os corrompeu, os iludiu e os entrelaçou, causando a ira daqueles que, por completo desequilíbrio ou pela fé na justiça de seus atos, não aceitam a traição. E veja onde estou: sozinho, velho e alquebrado; perdi minha mulher, perdi minha filha e perdi o pequeno raio de luz que jamais conheci em vida, mas que sempre me acompanhou em morte. Pois, por mais terrível que possa ser constatar isso, eu deveria aceitar, e *aceito*, que

Rebecca, a alma danosa que destruiu os Munfords, a centelha negra trazida pela magia mais macabra, *é inegavelmente minha neta.*

O despachante

“Os dias são sempre iguais depois que se fica velho”, pensou Tom, no alto de seus oitenta e três anos, enquanto abria o jornal, sentado em um banquinho de madeira em frente à sua casa.

E ele tinha razão. Muitos anos se foram desde a última vez em que fizera algo diferente de sentar em um banquinho de madeira branca na frente de sua própria casa, uma residência baixa e pequena onde morava sozinho, na Avenida General Sam Willis, via principal de Ben Eagle, e que cortava a razoável cidade quase de canto a canto. Exatos vinte e sete anos, quando viajara com sua esposa Margaret para a Califórnia pela primeira e última vez. Bodas de Prata, lembrava-se. Não revisitou o lugar desde então. Não voltaria sozinho.

Naquela época Ben Eagle era muito diferente. Em 1976, não era nada mais do que uma cidadela medíocre do interior, com apenas uma avenida (não por acaso aquela onde ainda morava), uma igreja na parte alta e casas espalhadas, pingadas aqui e ali em uma paisagem recheada de árvores frondejantes e pastos colossais. Os homens (os jovens, pelo menos) usavam cabelos compridos, bigodes que desciam até o queixo, camisas largas e coloridas e calças boca de sino. As mulheres o mesmo, exceto pelos bigodes. As ruas eram mais estreitas, e poucos moradores tinham carros, privilégio de alguns fazendeiros e chefes de famílias tradicionais da região, como Charles Neilhouse, que tinha uma enorme fazenda e se locomovia de lá para a “cidade” com uma potente C10 bege, ou o velho Edmund Hancomb, que andava pelas estradas apertadas de Ben Eagle com um Eldorado conversível gigantesco. A casa dele ficava no alto da colina, perto da igreja, e todos os fins de semana a alta sociedade das cidades vizinhas se reunia lá para monumentais e esplendorosas festas. O casal Hancomb não tinha filhos, mas por outro lado tinha muito dinheiro para fazer o que quisessem, e era isso que faziam. Reza a lenda que davam festas divertidíssimas e requintadas, e que o casal sempre foi receptivo e caloroso com os convidados. Tom nunca foi a nenhuma delas. Nunca foi

convidado. Não fazia parte da alta sociedade de Ben Eagle, nem de qualquer lugar. Nunca teve vontade de ir também, então nunca fez diferença. Além disso, ele sabia que durante a semana o gordo e fastidioso Edmund batia na esposa, Madeleine, com o atizador da lareira. Histórias que corriam, é claro. Toda cidade tem as suas.

A grande casa continua de pé, mas o casal Hancomb já não existe mais. Estamos em agosto de 2003.

Naquele ano de 76 virou mania viajar pra Califórnia graças à música do Eagles (e que coincidência, não?), mas Tom e Margaret sequer pensaram em conhecer o tal “hotel”, se é que ele existia. Passaram duas lindas e suaves semanas na praia, enquanto o filho Maximillian curtia as férias escolares na casa dos padrinhos, em Nova York. Depois daquela viagem, não houve mais nenhuma.

Ben Eagle começou a crescer naquela época, Tom lembrava-se. Lembrava-se bem, aliás. *Bem demais*. Foi naquele ano que mandaram construir a Universidade Estadual e o Centro de Pesquisas em Parasitologia. Foi também o ano em que a velha fazenda de algodão, uma vez fechada, teve toda a plantação dizimada para que se instalasse ali a fábrica de enlatados que empregaria quase metade da cidade nos anos seguintes. Desde então, pessoas do campo e de cidades vizinhas se mudaram para Ben Eagle em busca de oportunidades. Carros pareciam brotar do chão como se fosse mato. Em poucos meses as ruas da cidade tiveram que ser recapeadas, e em menos de um ano as estradas que se ligavam à Ben Eagle tiveram que ser duplicadas. A Avenida Sam Willis também foi reconstruída, depois alargada. Tom lembrava-se com clareza da anarquia que tomou conta daquela avenida quando caminhões e tratores enormes começaram a esburacá-la. Sua casa ficou recheada de terra e poeira. Sua esposa sofreu com rinite alérgica por sete duros e longos meses. Seu filho tinha 15 anos naquela época. Dois anos depois, morreria devido a uma maldita infecção nos intestinos.

Quando a avenida foi finalizada, em 78, começaram a surgir os prédios comerciais. A casa de Tom era cercada por diversos deles, tão mais altos que sua casa que pareciam prestes a cair sobre ela, e continuava intocada e destoando daquele ambiente porque, naqueles anos de crescimento acelerado e negociações inevitáveis, ele não saiu dali por nenhum valor. As ofertas foram altas, tão altas que muitas vezes despertariam centelhas de arrependimento no velho Tom, mas ele e

Margaret ainda estavam abalados pela morte do filho, e não quiseram sair da casa que construíram com esforço e que parecia conter em sua estrutura parte da felicidade que sonharam viver. Eles viram um grande banco ser erguido do lado direito da casa, um prédio de seis andares que fazia sua pequena casa quase desaparecer, e não dormiram por meses quando foi construída uma grande loja do lado esquerdo, devido ao barulho das máquinas. Desde então a loja mudou várias vezes seu foco, vendendo desde artigos esportivos a roupas e eletrodomésticos, sazonalmente. Na ocasião, era uma loja de calçados. O banco ainda era um banco. Ao lado desses dois prédios havia diversas outras lojas, escritórios de advocacia, um boliche, a oficina do mal-educado Kurt Stewart e uma casa noturna, que se encontrava desativada.

E à frente, do outro lado da rua, havia o Despachante.

Mas eu logo chegarei neste detalhe.

Um senhor de óculos de aros grossos e chapéu na cabeça passou por Tom. “Bom dia, senhor Harlton”, disse. Tom acenou de volta. Ele conhecia o velho, seu nome era Ralph Pipes, setenta e cinco anos, parecia ser bem mais velho que Tom devido às costas curvadas, igualmente viúvo e sozinho. O tempo estava morno naquele momento do dia. Tom gostava de ver a cidade despertando. Gostava de ver as crianças indo para a escola, carregando mochilas e arrastando as rodinhas barulhentas no asfalto, as mães puxando-as pelos braços. Gostava de ver o caminhão da fazenda parando em frente à padaria do outro lado da rua, descarregando o leite fresco que em vinte minutos ele buscaria. Amava o som dos pequenos pássaros, que ainda aturavam o barulho e a aspereza da cidade, pousando sobre as poucas árvores que ainda restavam. Adorava se sentar naquele banquinho de madeira clara, na calçada da própria casa, abrir o jornal e ler o que poderia ter acontecido de tão importante naquela cidade de um dia para o outro enquanto conhecidos e amigos passavam e o cumprimentavam. Gostava de admirar a cidade que viu crescer, mesmo que não gostasse tanto do caminho que ela havia tomado e do que parecia que se transformaria no futuro.

Margaret partira dois anos depois que conseguiram adotar um garoto, em 1986. O vazio era enorme sem Max, dizia ela, e ele sempre concordava. E então, quando finalmente tinham Carl em casa, um garoto de dezessete anos que crescera sem os pais, ela se foi, dormindo, sem sequer dar um sinal ou se despedir. E o vazio continuou para Tom. Graças

ao menino adotado, com quem dividiu suas tristezas, Tom conseguiu de certa forma *superar* aquilo, se é que “superar” seja uma palavra adequada para tudo o que passou, afinal. Ele viveu por Carl, foi o que de fato aconteceu. Fez da vida do garoto a dele, até que tivesse certeza de que ele seria um grande homem, decente e trabalhador, e foi o que se aconteceu. Carl se tornara um arquiteto bem-sucedido, casado e com dois filhos lindos, que Tom amava demais, como se houvesse neles aquele 25% de sangue que deveria. Não que isso importasse. Ele o amava. Carl era *seu filho*, isso ele nunca negaria.

Não abandonou a casa, mesmo assim, mesmo sem sua Margaret. Carl o apoiou, e assim ele viveu, sozinho, desde 86. Dinheiro não era problema para ele, além do mais. Era aposentado do Exército, mais especificamente *veterano* da 2ª Guerra Mundial, fato que poucos naquela cidade conheciam a não ser seus “amigos de praça”, como ele se referia aos três velhos com quem jogava cartas todas as quartas-feiras na praça central, distante apenas cem metros de onde morava. Eram eles o velho Giovanni Accioli, alto e magro, de pele alva e olhos azuis coruscantes, último italiano genuíno da cidade, vivendo em Ben Eagle desde os anos 40; Bill Sharpe, um careca mediano de nariz caído e passos curtos; e Ronald Stevenson, primo de terceiro grau de Tom e padrinho do primeiro filho dele. Ronald era o mais velho dos três, com oitenta e cinco anos, tinha os ombros combalidos e a voz ruidosa e fraca, quase um sussurro. Vez ou outra Ralph Pipes juntava-se a eles, mas normalmente apenas os quatro se encontravam às três da tarde nas quartas-feiras para um carteadado e para conversar. Manter as ideias vivas. Estavam na mesma *condição*, como Bill dizia. “Com um pé na cova e o outro no *sabonete*”, como gostava de falar Philip Montes, um moleque metido que sempre incomodava os quatro enquanto jogavam suas cartas. Tinham apenas um ao outro, em nível social. Eram os “vidas breves” da cidade. As pessoas, é claro, falavam disso também. “Esses deveriam se mudar pra Casper Ville”, disse um dia um homem de barba por fazer e pança caindo para fora da camisa. “Com certeza apostam quanto tempo ainda vão durar”, ouviu uma mulher dizer certa vez, e no fim era isso que a cidade em geral pensava deles. Que eram os próximos da *lista*.

Nos outros dias da semana, no entanto, a rotina de Tom era bem fixa: depois que tomava seu minguaado café da manhã em casa, às 6h00min, ficava sentado no banquinho de madeira, abria o jornal que comprava na

banca do Mark, a cento e cinquenta metros dali, e o lia completamente. Respondia as palavras cruzadas, inclusive, coisa que fazia com uma facilidade que o incomodava (seria ele um velho inteligente demais ou os jovens que elaboravam aquelas cruzadas é que eram *burros* demais?), levantava-se, ia ao banheiro evacuar (sempre após as 8h20min, nunca antes), voltava e comprava o leite, que a bela Judith Peterson deixava reservado para ele assim que o caminhão entregava, levava-o para casa, tomava um pouco e logo em seguida retornava para o banquinho. Vez ou outra alguém passava e o cumprimentava, mas na maior parte do tempo ele ficava lá, observando a rua e a forma como ela se alterava a cada segundo. Quando o estômago começava a reclamar, o que acontecia por volta das 14h00min, ia até a lanchonete na esquina e comia o que desse na telha, desde que não fosse nada extremamente gorduroso. Estava proibido de comer um belo *cheeseburger* desde 1995, quando sofrera um pequeno infarto. Depois daquele dia nunca mais se sentiu mal, mas Carl o vigiava constantemente quanto a isso, e para não o preocupar, Tom seguia à risca as regras do médico. Não que não tenha burlado a “lei” vez ou outra. Arriscava pouco, porém. Sabia que sua idade não permitia uma grande fatia de bacon, mesmo que isso o fizesse salivar.

Após o almoço, Tom voltava para o banquinho em frente à sua casa, olhava para os carros e pessoas que passavam na rua e pensava em milhares de coisas. Divertia-se imaginando o que fulano conversava no telefone ou tentando adivinhar qual rapaz estava apaixonado por tal garota no grupinho que voltava do colégio. Gostava de soletrar os nomes dos carros.

Gostava de *ler* as placas dos carros.

No fim da tarde, após acompanhar o pôr do sol nos dias em que as nuvens não se intrometiam, ele puxava seu banquinho para dentro do quintal, trancava o portão e ia para dentro de casa. Tomava banho, jantava um copo de leite e assistia à televisão o pouco que sua mente ativa e sensata suportava (coisa que começara a ficar difícil há anos), e ia dormir. Rapidamente pegava no sono.

A insônia ainda não o incomodava.

Na manhã seguinte, repetiria exatamente os mesmos passos.

Mas não o deprimia saber que sua vida era uma sucessão de movimentos idênticos aos do dia anterior. Vivia daquela forma amarga como vivem os mais velhos, crédulos de que já passaram tudo o que

deveriam ter passado, que já viram tudo o que deveriam ter visto, e que aquele era apenas o final do carretel que lhes puxava a vida, a ponta desfiada da linha que chega ao fim. Apenas isso. Não se importava, afinal, que a morte lhe viesse com suas mãos frias e o carregasse. Não sentia aquele egoísmo tolo de querer *mais* vida. Não se preocupava mais se chorariam ou não na sua partida. Aquilo era bobagem. Superado.

Estava no fim da trilha, e o resto da viagem já não tinha mais graça. Já sabia o que acontecia.

Ele se orgulhava de sua memória, obviamente, porém, havia nisso algo que o incomodava. Não era *realmente o que* lhe incomodava. *Isso* era o Despachante. O que o aborrecia nos últimos três anos era o fato de saber que aquela rotina com a qual estava tão acostumado poderia ser extremamente abalada, perturbada. Desmantelada.

Encarava o estabelecimento à frente, no outro lado da rua, com olhos intrépidos.

Uma garota alta de cabelos compridos e lábios pintados de vermelho passou por ele. “Bom dia, senhor Tom.” Ele respondeu com um bom dia e um sorriso. Esperou que ela se afastasse, acompanhando as passadas largas e os movimentos ríspidos de seus quadris, e tornou a olhar para o outro lado da rua. Para o Despachante.

Outra coisa da qual Tom se orgulhava, além de sua memória, era sua capacidade de observação. Não era por bisbilhotice que gostava de olhar as pessoas passando na rua; tentava ler os lábios da mulher de roupas verdes e cujos olhos atrás dos óculos escuros ordenavam que a cabeça dela se movesse para os lados constantemente, enquanto falava ao telefone, e o que ele imaginava é que ela estava falando com alguém que não deveria, talvez o amante, e provavelmente estaria certo; ou o que o homem bem vestido estaria pensando detrás do volante do carro enquanto esperava o semáforo passar do vermelho para o verde, ao mesmo tempo em que seguia com um olhar obscuro e vazio a garota de boca vermelha que subia a rua, provavelmente a enxergando nua e imaginando os movimentos selvagens que ela seria capaz de fazer enquanto ele mergulhasse em seu corpo; ou o que o homem baixo, gordo e suarento de terno grande demais e gravata torta pensava todo dia ao passar por ele e fitá-lo, pouco depois das nove da manhã, carregando uma caixa de *donuts* com uma mão e a pasta repleta dos papéis fúteis de seu emprego no banco ao lado, e Tom imaginava se ele o desprezava, um velho que passa todo o horário

comercial na frente de sua casa, observando a tudo e a todos; ou o que o garoto de camisa escura e jeans rasgado, os cabelos raspados exceto por um tufo que se erguia no meio de sua cabeça, os olhos delineados como os de uma prostituta e o olhar dentro daquela pintura vazio como se nada os habitasse, fazia ali na praça, e se ele desejava o suicídio ou apenas não via a hora de encontrar o traficante que lhe venderia sua dose diária de heroína, as feridas bem visíveis no braço, furos avermelhados inconfundíveis; ou o que aquela moça de mãos dadas com um rapaz estaria pensando enquanto encarava o homem dentro de outro carro, visivelmente flertando ao abrir um sorriso discreto mas repleto de intenções não tão ocultas, e ela continuaria o encarando até o semáforo abrir e o carro seguir em frente, sua cabeça acompanhando a trajetória do carro, desviando-se do olhar do rapaz com quem dividia o banco da praça, desviando-se de sua conversa, fingindo que ele não existia. O que, afinal, essas pessoas estariam pensando e fazendo?

Ele queria saber. Mas não era por diversão. Tom fazia isso porque era o que sabia fazer enquanto seu corpo púido descansava no banquinho de madeira. Observar era sua sina.

Mas quando Tom olhava para o outro lado da rua, para o pequeno prédio de paredes amarelas com um letreiro de plástico escrito “Hancomb Despachante”, ele não conseguia *saber*. Não conseguia *ver*. Não como sempre fazia.

E isso era culpa do homem que trabalhava ali, o único funcionário do *Hancomb Despachante*, o senhor James Hallow.

Se perguntasse a Tom, ele com certeza preferiria não o apresentar a você. Gostaria que você sequer o *visse*. Mas é ele quem sai, neste momento da história, de dentro do estabelecimento, a mão sobre o ombro esquerdo de um homem bem vestido e de cabelo penteado, um cliente. Tom se empertiga inteiro diante da presença, mesmo que distante trinta metros, do homem a quem associava *dezoito* assassinatos.

Espera que chegaremos lá.

O homem bateu de leve no ombro do cliente diversas vezes, e após isso eles se cumprimentaram e o cliente se afastou, seguindo seu caminho. Tom ergueu o jornal na altura do nariz para poder observar disfarçadamente o senhor Hallow.

Ele era um homem fisicamente *estranho*. A característica mais proeminente era a careca, uma cabeça lisa, arredondada e lustrosa, apenas

com esparsos fios nas laterais e na nuca, formando uma espécie de coroa caricata. Sua cabeça era incrivelmente pequena em relação ao corpo alto, algo perto de um metro e oitenta (pelas contas de Tom, que jamais se aproximava do bizarro homem). Seus *olhos*, e isso era a coisa que mais assustava o velho Tom, eram miúdos e ocos, como duas azeitonas negras espremidas em volta de um buraco profundo e seco de uma face quase descarnada de tão esquelética. O nariz era pontiagudo e curvado como a lâmina de um abridor de latas. Sua boca era grande, e quando sorria (coisa que fazia naquele momento enquanto esticava os braços para o alto, espreguiçando-se) ela se enchia de dentes brancos e brilhantes. Muitos dentes. Dentes *demais*, pensava Tom. Era como a boca de um tubarão, ou, como Tom gostava de pensar, com um riso nervoso, do tubarão do desenho animado que assistira um mês antes com um dos netos, no cinema. *Procurando Nemo* era o nome da animação. Bruce. O tubarão se chamava Bruce. Em homenagem ao robô-tubarão do Spielberg. Quando Hallow sorria, era como se sua boca dobrasse de tamanho, expondo dentes luzidios e incrivelmente alvos. Era um sorriso tétrico e impudente.

Os braços esguios do homem eram tão compridos que quase chegavam à metade das pernas, igualmente compridas e esqueléticas. As mãos alongadas eram ágeis e quase abstratas. Tom não conseguia acompanhar seus movimentos.

Logicamente que nenhuma desconfiança de Tom partia da análise física que fazia do excêntrico homem. Inclusive, apesar da tamanha feiura, James Hallow era de uma elegância extremamente acentuada. Sempre vestia confortáveis e requintados pulôveres, calças de sarja meticulosamente costuradas e refinados *blazers* de camurça ou veludo cotelê. Seus pés viviam calçados em belos sapatos de couro negro e bem engraxados. Em seu pulso sempre ostentava um belo relógio preto com detalhes em ouro que reluziam nos dias de sol, assim como o anel que ornava o dedo anelar da mão esquerda, e que apresentava algum formato arredondado que Tom não conseguia discernir daquela distância. E não eram também os hábitos estranhos do homem, como sempre usar aquelas roupas quentes mesmo em dias ensolarados, ou o estranho sorriso que despontava naquela boca cheia de dentes perfeitos, nem os seus movimentos quase sem som, inaudíveis, ágeis e etéreos, fantasmagóricos. Talvez fosse um pouco pelo estranho olhar oblíquo e insólito de Hallow,

que conseguia de uma forma inexplicável gelar o sangue de Tom, mas não era *só* por isso. Havia mais. Um pouco mais.

James Hallow era funcionário do *Hancomb Despachante* desde 1995, quando o então proprietário, o gordo espancador de esposas Edward Hancomb, o contratou para substituir uma jovem que trabalhara lá por dez anos até o dia em que faleceu em um acidente de carro. Hancomb tinha então sessenta anos, e morreu meses depois devido a um entupimento na aorta. Nenhuma grande perda, diga-se de passagem. Durante os anos oitenta Edward Hancomb quase dobrara sua fortuna por meio do estabelecimento, quando a explosão econômica de Ben Eagle trouxe diversos trabalhadores que rapidamente compravam seus carros. Experiente com documentações, ele não apenas fazia licenciamento de veículos como também cuidava dos alvarás de praticamente *todos* os prédios comerciais que por ventura se estabeleceram não apenas na Avenida Gen. Sam Willis como em quase toda a cidade. Depois, quando seus problemas de saúde começaram, ele contratou a moça (Julie, talvez fosse esse o nome), que trabalhou para ele os dez anos seguintes. Quando ela faleceu, surgiu James Hallow (não se sabe de onde) e Edward o contratou para o despachante.

E quando Edward morreu, sua herança, que no decorrer dos anos decaiu levemente, foi distribuída dentre diversos sobrinhos e primos, pois não tinha filhos. Os herdeiros mantiveram James no cargo, inclusive promovendo-o posteriormente a Gerente. Aquele estabelecimento nunca teve outro funcionário após Hallow. Ele fazia tudo sozinho, pelo que se via.

O coração de Tom deu um leve salto quando percebeu que os olhos minúsculos do homem o miravam apoiados em um sorriso cínico. Tom ergueu um pouco mais o jornal, até o homem virar-se e voltar para dentro do escritório.

Aquele homem realmente o incomodava.

Tom estava com as páginas policiais do Jornal Popular de Ben Eagle abertas diante de si. Suas mãos tremiam um pouco, e quem passasse por ali com certeza teria pena do velho de baixa estatura, cabeça repleta de ralos cabelos brancos, pele queimada pelo sol, cheio de pintas e manchas nas orelhas, as mãos tremendo, sentado sobre um banquinho de madeira branca que rangia.

Ele suspirou assim que leu a manchete da notícia que ocupava a página quase inteira:

“ACIDENTE DE CARRO MATA DUAS PESSOAS”

“Na madrugada de quinta para sexta, um caminhão Peterbilt 379, placa XN-234K, que vinha de Carbondale, Pensilvânia, para Cortland, Nordeste de Nova York, se chocou contra um Plymouth 1972, placa D8-2003, de Ben Eagle, na Interestadual 81, a 37 quilômetros de nossa cidade. O motorista e o carona do Plymouth, o Sr. Derek Reagan e sua esposa, Susana Reagan, morreram na hora. O motorista do caminhão sofreu algumas escoriações, mas passa bem...”

Tom releu aquela notícia pelo menos três vezes. Seus olhos passavam com insistência sobre os nomes dos falecidos, Derek e Susana, sobre o modelo do carro, um Plymouth 72, e com mais atenção ainda, sobre a placa, “D8-2003”. Ele provava cada letra e sentia nelas um gosto amargo, que inchava sua língua, e com um sentimento que pouco a pouco oprimia seu coração, ele encarava o Despachante, enquanto fechava o jornal e se levantava.

“Vinte, agora”, pensou. Desdobrou seu banquinho de madeira branca, abriu o portão e entrou em casa.

Tom começou, sem se dar conta, a desregular sua rotina.

Adentrou a casa escura, janelas fechadas, e sem acender nenhuma lâmpada passou da sala para a cozinha e dela para o próprio quarto, a passos curtos e arrastados, o máximo que suas pernas permitiam. Dentro do quarto simples com apenas uma cama de casal e uma cômoda, ele acendeu a lâmpada fluorescente, lançando sobre o cômodo uma luz branca e incômoda. Deitou o jornal sobre a cama desarrumada (Janine, a diarista, só ia lá nas quartas-feiras, quando ele ficava na praça com os outros), refletiu um pouco e sentou-se também. Sua mente parecia embaralhada, confusa, onde fatos e informações no mínimo preocupantes passavam, indo e voltando, a todo instante.

Levantou-se na velocidade permitida, os ossos estalando, e foi até a cozinha. Abriu uma das gavetas e, remexendo entre talheres, puxou o que

buscava: uma tesoura de inox, brilhante e pesada. Envolveu-a com a palma da mão e voltou para o quarto, as pernas doendo mais do que o normal naquela manhã, mais do que gostaria. Sentou na cama e foi quase uma dádiva. Com um pouco de dificuldade, passou os dedos grossos e enrugados pelos furos na extremidade oposta das lâminas. A charneira rangeu como seus joelhos quando ele moveu a tesoura diante dos olhos. Com a outra mão, pegou o jornal que acabara de depositar sobre a cama, abriu-o na página policial, onde a manchete sobre o acidente na noite anterior, 15 de agosto de 2003, anunciava a morte de duas pessoas. Um casal. Derek e Susana. Um Plymouth.

“D8-2003.”

Enquanto utilizava a tesoura contra o papel pobre do jornal, ele se lembrou com facilidade do dia em que viu o casal Reagan adentrando o Hancomb Despachante, sendo recebidos pelo senhor James Hallow com aquele sorriso ameaçador, e assinando seus atestados de óbito.

Lembrou-se do carro, um Plymouth longilíneo, azul escuro, com rodas aro 16 e um ruidoso motor V8 que se evidenciava naquela tarde. Lembrou-se do rosto do homem enquanto pisava abobalhado no acelerador, na frente do Despachante, um sorriso débil e impressionado estampado ali. Era o carro da sua vida. Estava nos olhos dele. Era inverno, Tom lembrava-se. Provavelmente janeiro. O ano era 1999. Tinham acabado de se casar, Susana e ele. Podia ver do outro lado da rua o brilho da aliança nova no anelar da mão esquerda. Dava para ver a felicidade nos olhos *dela* também, a forma como observava contente a euforia infantil do marido, sonhando acordado dentro do carro recém-adquirido. Placa de New Hampshire, Tom lembrava-se. Bastava uma passada no Hancomb Despachante, e pronto, o carro seria de Ben Eagle, Nova York. Como um passe de mágica.

Tom não queria se lembrar do que sentiu quando os olhos miúdos do maldito funcionário do Despachante se viraram para aquela felicidade latente, mas era impossível. Lembrava-se de como os olhos quase se encolheram, e de como os dentes despontaram em um sorriso tão largo que parecia que sua cara se rasgaria em segundos. Como se quisesse sorrir *mais* do que aquilo.

A memória fez o velho se arrepiar.

O recorte ficou trêmulo e disforme, mas servia. Ele removeu a tesoura com mais dificuldade com que a colocara, a deixando sobre a

cama, assim como o recorte.

Levantou-se de novo, os ossos travando. Esticando os braços, Tom alcançou a gaveta do meio em sua cômoda, puxou-a, e vasculhando, encontrou uma chave prateada e pequena ao lado de uma caixa azul escuro aveludada cujo conteúdo o envergonhava e o enchia de culpa. Fechou a gaveta e foi até a parede, onde um quadro destoava de toda aquela simplicidade.

Carl o havia aconselhado a não manter um cofre dentro do quarto, mas Tom o tranquilizara, dizendo que não guardaria nada de valor. Isso não era válido, havia ponderado Carl, pois se ladrões soubessem do simples fato de Tom *possuir* um cofre, o risco já seria grande. E mesmo que não encontrassem nada de valor, isso não garantia a vida de Tom, de fato. Na verdade, decepcioná-los seria *bem pior*. Ainda assim, Tom mandou que construíssem o cofre. Ele só veio utilizá-lo de verdade quatro anos depois de pronto, em 2002.

A chave girou com suavidade dentro dos sulcos da tranca, e a porta se soltou em um clique seco. Tom a puxou devagar, olhando para trás antes de fazê-lo, por puro instinto, e retirou de dentro do cofre uma pequena pasta preta. Bateu a porta do cofre e o trancou.

Suas axilas suavam, percebeu. Sequer passava dos 22 graus lá fora. Suas mãos insistiam num tremor leve, que o chateava. Sinal de que aquilo já o assustava mais do que o normal.

Sentou-se pela terceira vez na cama, e o corpo não queria levantar de novo. Acomodou a pasta sobre o colo e passou a palma da mão velha e calejada sobre a capa escura de plástico, produzindo um som seco e arrepiante. Respirou com peso e anseio. Seus dedos estalaram quando ele contraiu o polegar e o indicador para pegar a borda da capa. Abriu-a devagar sobre as pernas. Finos sacos plásticos se revelaram. Ele passou os dedos sobre eles e os folheou. Cada saquinho plástico A4 continha uma folha branca no mesmo formato, e cada folha trazia colado um recorte ou dois de jornal, repletos de anotações feitas com canetas vermelhas, azuis e pretas.

Eram os *acidentes*. Os acidentes que James Hallow causara durante os últimos oito anos.

Tom foi até o primeiro arquivo da pasta e leu, pela milionésima vez, o pequeno recorte que ocupava o centro da folha, com o peito dando solavancos, enquanto passava a mão pela barba baixa.

A data do recorte era de cinco de fevereiro de 1999:

“MULHER MORRE EM ACIDENTE DE CARRO”

“A senhora M.P.S., 42 anos, morreu em um acidente fatal na Interestadual 81, na cidade de Syracuse, NY. Ela dirigia um Austin 1100, placa D2X1999, da cidade de Ben Eagle, e, segundo parentes, ia para Syracuse à negócios. Ela deixou duas filhas e uma neta...”

A senhora em questão, M.P.S., chamava-se Mary Potter Sanson, Tom lembrava-se. Sua memória não falhava. Era uma viúva que possuía um salão de beleza em Ben Eagle. As duas filhas eram gêmeas, com vinte e oito anos, e uma delas era mãe de uma garotinha de apenas seis anos. Tom não a conhecia pessoalmente, mas lembrava-se quando, em setembro de 1995, ela entrou no *Hancomb Despachante* depois de ter estacionado o pequeno Austin 1100 na beira da Avenida, para uma troca periódica da placa, o que é lei.

James Hallow abriu um de seus sorrisos afiados quando a viu.

Tom passou para o próximo arquivo, um recorte um pouco maior que o anterior, no centro da página; o jornal datava de onze de maio de 2002:

“PROEMINENTE ADVOGADO MORRE AOS 30 ANOS EM ACIDENTE AUTOMOBILÍSTICO”

“A cidade de Ben Eagle perde um destemido defensor dos trabalhadores. O advogado trabalhista John Stanton, 30 anos, famoso na cidade por conduzir o processo de dezenas de funcionários contra a fábrica de enlatados ‘Tinsause Ltda.’, morreu de forma violenta em um acidente de carro na rua de sua casa, no bairro de St. Louise, enquanto voltava do fórum. Seu carro foi atingido por uma caminhonete em alta velocidade que carregava barras de aço. O choque matou o advogado Stanton na hora. O prefeito, Harry Steves, decretou luto oficial e feriado para a segunda-feira, quando serão realizadas as homenagens póstumas ao advogado...”

John Stanton, lógico, Tom se lembrava bem dele. Um homem alto, imponente, elegante, e um dos poucos homens íntegros que ele conheceu na vida. Tinha se casado havia poucos meses quando sofreu o acidente. Abaixo do recorte do jornal, algumas fotos do carro que usava na hora, um Audi A8. A frente do carro estava irreconhecível.

Na foto seguinte, a placa: D052XX2.

Quando Tom olhava para aquela foto, lembrava-se do dia em que vira, sentado em frente à sua casa, James Hallow levando a placa do carro novo de Stanton até ele, que aguardava apressado dentro do carro. Isso foi em 2000. Hallow pareceu de certa forma tenso com a situação. O advogado sequer saiu do carro para assinar os papéis, papéis estes que o funcionário do Despachante fez questão de levar até o homem de rosto contraído dentro do carro. James Hallow permaneceu tenso até o momento em que as placas foram fixadas, uma na frente e outra atrás, por ele mesmo. Depois, despediu-se do homem com um aceno supérfluo, ao mesmo tempo em que seu sorriso aos poucos se abria, fazendo a espinha de Tom gelar.

O velho avançou alguns arquivos. Observar aqueles recortes o deixava amedrontado. Parou em um dos que o deixava mais triste. A data era de trinta de novembro de 1998:

“ACIDENTE FATAL NA RODOVIA MATA FAMÍLIA INTEIRA”

“Um acidente automobilístico violento aconteceu na noite de ontem, na rodovia 47, que liga Ben Eagle a Endicott. O motorista de um caminhão que transportava 30 mil litros de óleo diesel perdeu o controle e bateu em cheio contra um carro que vinha no sentido contrário. O tanque do caminhão tombou sobre a pista e iniciou-se um incêndio. A pista foi fechada para o combate ao fogo que rapidamente atingiu o carro. Quando os bombeiros conseguiram apagar o incêndio, já era tarde: dentro do carro havia uma família de três pessoas. Todos morreram carbonizados, entre eles uma criança de oito anos. A família era natural de Ben Eagle, e estava voltando de um passeio...”

Parou. Não conseguiu ler o resto da notícia.

Seu peito se contraía e ele sentia um forte nó na garganta sempre que se lembrava do dia em que viu a feliz família estacionando o carro novo na frente do *Hancomb Despachante*. Lembrava-se da jovem senhora, com uma saia florida que rodopiava no vento, os cabelos cacheados e morenos esvoaçantes. O homem era baixo e atarracado, mas sorria com sinceridade. Sorrisos de felicidade fluíam ao redor daquela família. Saber que James Hallow pegou na mão daquela bela mulher com aqueles dedos finos e aparentemente frios o deixava incomodado. Saber que aquela figura macabra havia pegado no colo a pequena criança, na época com seis anos, lhe causava arrepios. Lembrar que ele beijara a menina no rosto com aquela boca que se abria com um sorriso tão maléfico o enchia de nojo.

Lembrava-se inclusive do número da placa do carro, enquanto o elegante careca as fixava: 11D1998.

Tom esticou o pescoço para trás. As vértebras rangeram e estalaram. Passou a mão pela nuca, e em seguida voltou a coçar a barba. Leu o artigo seguinte, datado de doze de agosto de 2001:

“ENGAVETAMENTO NA INTERESTADUAL 86 DEIXA UM MORTO”

“Durante o horário de pico, um caminhão que transportava carga da empresa ‘Tinsause Ltda.’, placa D082001, de Ben Eagle, acertou a traseira de um caminhão que transportava aço, placa 9BX-465, de Springville, na Interestadual 86, altura de Jamestown. O acidente desencadeou um choque com os carros que vinham logo atrás. Ao todo, foram dez automóveis e cinco caminhões. O motorista do caminhão que iniciou o engavetamento, W.F.L., 25 anos, morreu atingido pelas barras de aço do caminhão da frente...”

Willian Ferrell Lydon, esse era o nome do rapaz, e Tom o conhecia pessoalmente pois durante muitos anos estudou no Colégio Old Fortlage, que fica próximo de sua casa. Ele o cumprimentava todas as vezes que passava na frente da casa. Uma vez, antes de completar dezoito anos e começar a trabalhar, ele jogou baralho com Tom e os outros velhos, em uma tarde divertida. Era um dos poucos jovens que os respeitava da forma que mereciam.

Tinha comprado o caminhão para trabalhar, e veja que coincidência, onde você acha que ele foi fazer seu licenciamento?

James Hallow foi muito gentil com o jovem que mal tinha saído das fraldas. Foi em 1995, um dos primeiros licenciamentos que Hallow fizera ali. Talvez, a primeira pessoa que ele *marcara*.

Tom coçou os olhos, que já ardiam, esticou a coluna e respirou fundo. Bocejou e olhou o nada, desejando que sua mente divagasse, mas ela queria retornar para a pasta. Queria continuar se remexendo naquela cachola velha. *Tom* não queria.

Recorte de 27 de setembro de 1997:

“ACIDENTE DE TRÂNSITO MATA PROFESSOR”

“O professor K.L.H.M., 57 anos, morreu na manhã do dia vinte e seis quando seu carro atingiu um poste no centro da cidade. Seu carro, um Beetle, placa 919-97D, ficou completamente destruído no impacto...”

Nota de 12 de março de 2003:

“MOTORISTA BÊBADO BATE CARRO E MORRE”

“Um homem que dirigia embriagado pela Avenida Sam Willis, nesta terça-feira de madrugada, teve um fim trágico. O carro que dirigia, um Honda CR-V, placa X3D2003, capotou diversas vezes na Avenida Gen. Sam Willis, na altura da saída da cidade...”

Recorte com data de 15 de abril de 1998:

“ACIDENTE MATA DOIS”

“Um trágico acidente marcou a festa de aniversário de Ben Eagle, na última sexta-feira. Dois jovens ligeiramente embriagados perderam o controle do carro que dirigiam, uma caminhonete Silverado, placa D4-XX98, e bateram contra um muro...”

Recorte de 1 de novembro de 2002:

“ACIDENTE FATAL NA RODOVIA”

“Um acidente cruel levou a vida de um homem de 50 anos na noite de ontem. O senhor G.O.M. dirigia seu carro, um Porsche Cayenne, placa 11DKH02, quando um cervo atravessou a estrada, bloqueando o caminho. O homem não conseguiu frear a tempo e chocou-se contra o animal, que atravessou o para-brisa...”

Recorte de 25 de maio de 2000, o primeiro acidente a chamar a atenção de Tom, e que despertou nele a desconfiança que o perseguia desde então:

“FILHA DO PREFEITO MORRE EM ACIDENTE DE CARRO”

“A cidade está de luto. Na madrugada de ontem, a filha do prefeito Harry Steves, Pamela Steves, 26 anos, faleceu em um acidente de carro na Interestadual 81, enquanto voltava para Ben Eagle. Em um retorno, seu carro foi atingido e arrastado por duzentos metros por um caminhão desgovernado. O motorista estava alcoolizado, e fugiu sem prestar socorro à moça. Ele foi preso horas depois, em Middletown.

Pamela Steves era uma jovem e promissora empresária e filantropa. Em Ben Eagle, ela administrava a instituição de apoio a

órfãos fundada por seu pai, a OBI. Ela voltava de Filadélfia, onde fazia uma palestra.

O prefeito Harry Steves declarou luto oficial...”

Na foto do carro acidentado, a placa continha os dígitos D052000.

Acidentes. Acidentes, acidentes e mais acidentes. A cabeça de Tom rodava. Aquela pasta lhe esmagava o cérebro com uma força mórbida. Não queria continuar vendo aquilo. Folheou até encontrar um arquivo vazio. Puxou o papel em branco de dentro, colocou-o sobre o colchão, esticou o corpo até a gaveta da cômoda e tirou de lá um pequeno bastão de cola. Pegou o recorte que acabara de tirar do jornal e esfregou o verso diversas vezes com a cola bastão, devagar. Depois, pegou o sulfite branco e colou a notícia bem no centro da folha. Ficou encarando a manchete por alguns segundos. Em seguida, pegou uma caneta vermelha que estava dentro da gaveta e circulou os nomes, Derek Reagan e Susana Reagan, a data que o jornal marcava, 2 de agosto de 2003, e por último, com um círculo mais grosso, circulou a placa do veículo, D8-2003.

Aquela era o detalhe mais importante.

Para Tom, era óbvio que todos aqueles “acidentes” tinham uma ligação, e não tão ínfima como parecia. E essa ligação chamava-se *James Hallow*.

No início, questionou a si mesmo se a desconfiança que sentia era culpa do preconceito que nutria pelo homem, um sujeito de aparência estranha e asquerosa, mas de alguma forma sedutora, pelo jeito como tratava todas as pessoas e como se portava. Mesmo com aquele sorriso macabro, as pessoas não pareciam se incomodar com sua presença. Não se importavam com a forma como olhava para elas. Não *notavam* o olhar que Tom notava. Não pareciam sentir a malignidade do sorriso que ele lhes mostrava. Não achavam estranho o movimento quase impalpável de suas mãos. Apenas entravam no Despachante sorrindo e saíam sorrindo, às vezes com o sorriso *maior* do que quando entraram. Era como se o enorme e forçado sorriso de Hallow os forcesse a sorrir como ele. Uma indução.

Mas, quando começou a ligar os pontos... quando começou a notar as *coincidências*, percebeu que não era um julgamento injusto.

James Hallow, afinal, tinha algo de maléfico. E tinha relação com aqueles acidentes. Com aquelas mortes. Uma ligação macabra.

Mentes mais céticas, como a de Bill Sharpe, refutariam de imediato as ideias de Tom. Ele sabia disso, e por esse motivo guardava segredo de seus amigos sobre suas suspeitas. Para Bill, por exemplo, o fato de os acidentes acontecerem cada vez mais em Ben Eagle se devia ao fato de a frota de carros aumentar gradativamente, com o passar dos anos. Era o natural de uma cidade que crescia a cada mês. Além disso, mais absurdo ainda seria associar isso a James Hallow, como se ele fosse um “gato preto” em pele de homem. No fim das contas, o Hancomb Despachante era o único Despachante da cidade, e onde diabos as pessoas que moravam em Ben Eagle licenciariam seus carros se não fosse lá, com James Hallow?

Já mentes um pouco inclinadas ao sobrenatural ouviriam o parecer de Tom com atenção e certamente compartilhariam com ele suas suspeitas e seu medo. Mesmo que as estatísticas mostrassem que ele estava apenas viajando na maionese, afinal, pessoas sofrem acidentes de trânsito e morrem todos os dias. Se houvesse algo de macabro em Ben Eagle, especialmente no Hancomb Despachante, onde aparentemente vinte pessoas que licenciaram seus veículos morreram anos depois, o que dizer dos Despachantes em Nova York? Quantos não morriam em batidas de carro todos os dias naquele inferno?

Porém, e quanto a isso Tom tinha certeza absoluta, e acreditava que ninguém seria capaz de fazê-lo pensar diferente, ele tinha *provas*. Não materiais, mas visuais. Coincidências, talvez. Mas coincidências que eram *coincidências demais*.

E estava tudo ali, naquelas páginas de jornal, naquelas fotos. Naqueles carros.

Naquelas *placas*.

Ele puxou do último saquinho da pasta um pequeno caderno de anotações. Abriu-o, e diversos números e letras surgiram, em uma ordem que pareceria desconexa para quem olhasse de primeira, mas que para Tom fazia o maior sentido.

As placas eram a resposta.

Ele puxou uma caneta do bolso da camisa, e, consultando o recorte que acabara de colar, escreveu:

*** 02/08/2003 – placa D8-2003**

Encarou com o rosto fechado o que escreveu, e depois passou os olhos pelas anotações anteriores:

- * **06/07/1996** – *placa D07X-96*
- * **12/08/1997** – *placa 0819D97*
- * **27/09/1997** – *placa 919-97D*
- * **15/04/1998** – *placa D4-XX98*
- * **30/11/1998** – *placa 11D1998*
- * **05/02/1999** – *placa D2X1999*
- * **07/12/1999** – *placa 12XX99D*
- * **25/05/2000** – *placa D052000*
- * **13/07/2000** – *placa 07DT000*
- * **12/08/2001** – *placa D082001*
- * **31/12/2001** – *placa 122001D*
- * **11/05/2002** – *placa D052XX2*
- * **01/11/2002** – *placa 11DKH02*
- * **12/03/2003** – *placa X3D2003*

Quinze acidentes em oito anos, dois por ano, quase que obrigatoriamente. Vinte pessoas mortas. Todas de Ben Eagle. Todas com carros licenciados pelo Hancomb Despachante, ou melhor, por James Hallow.

E em cada data e cada placa Tom *não conseguia não ver os números quase idênticos*, como se em cada placa houvesse uma sentença de morte.

Ele não era tolo. Consequia selecionar bem o que queria *ver*. Era como um código. Mas era simples. Ignorando as letras (menos o “D”, Tom achava estranho *demais* que em todas as placas houvesse uma letra “D”), era possível ver as *datas*, com o mês e o ano dos “acidentes”, e consequentemente, da morte do dono do carro e de quem quer que esteja com ele.

Simple assim. A “assinatura” estava óbvia naqueles recortes.

E mesmo com aquilo tão *visível*, Tom sabia que qualquer manifestação sua em relação àqueles números e letras, e à ligação dos respectivos acidentes com James Hallow, o levaria imediatamente para um manicômio. Isso também era *bem* simples.

Era um fardo um pouco pesado para um velho. Tom acordava todos os dias pensando quem seria a nova vítima de James Hallow. Quem estaria na página policial ou nas notas de falecimento, partindo em um acidente de carro. Será que ele se lembraria do dia em que a pessoa visitou o Despachante para licenciar o carro? Será que reconheceria o cidadão dentre tantos moradores, tantas pessoas que cruzavam seu caminho todos os dias, passando na frente de sua casa e o cumprimentando ou parando para jogar uma conversa fora? E qual seria a combinação numérica na placa? Será que aquilo só chamava *sua* atenção? Como era possível que mesmo com tantas mortes ninguém além dele tivesse parado para analisar as malditas placas e as datas dos acidentes? Como era possível que ninguém relacionasse as coincidências aos fatos e consequentemente desconfiasse, assim como ele, do exótico homem que atendia as pessoas do outro lado da rua? Como não *notaram*?

Lógico, pensava ele, poucas pessoas tinham tempo para jogar fora como ele. Tempo para observar as pessoas na rua, ver os carros passando e ler suas placas. Tempo para perder procurando páginas de jornal de anos anteriores na ânsia de encontrar uma similaridade entre dígitos. As pessoas eram ocupadas, tinham suas vidas repletas de atividades estressantes e inúteis, e não parariam para analisar fatos como esses. Para fazer ligações que eram esdrúxulas demais, até mesmo para ele.

O problema era que a morte se tornara rotina para todos. Um acidente de carro, uma vida que partia... se tornara comum. Não chamava mais atenção.

Mas chamara *sua* atenção. E agora ele não conseguia dormir direito. Não conseguia sossegar sabendo que o homem que passava nove horas por dia do outro lado da sua rua, às vezes *olhando-o*, era um assassino.

Com certeza você deve estar pensando, assim como Bill Sharpe pensaria, que Tom estava ficando senil. Enlouquecendo. Pirando. Ficando “lelé da cuca”, para adotar uma expressão datada como ele. Provavelmente, você pensa ler agora sobre um velho que, por falta de companhia, começou a elaborar complexos “jogos mentais” para se divertir enquanto está sentado quieto em seu banquinho. Jogos solitários e imaginativos, como uma aventura de faz de conta. Ou apenas que Tom é um velho bocó que não tem mais o que fazer. Certo?

Inclusive, se isso tudo fosse verdade, como James Hallow matava as pessoas?

Céticos, como você, diriam que ele não faz absolutamente nada contra ninguém. Alguém com um pouco mais de credulidade diria que ele, de alguma forma, sabota o motor dos carros. Bem... não é lá uma hipótese provável, visto que algumas pessoas morreram *anos* depois de receberem a placa das mãos longas e sinistras de Hallow (como o jovem Willian Ferrell, que licenciou seu modo de sobrevivência em 1995 e morreu em 2001).

Supersticiosos, como Tom, diriam que James Hallow usa algum tipo de *magia*. Feitiçaria, é o que o próprio Tomas pensa. Algum toque maligno. Alguma sombra negra de morte escorre das mãos de James Hallow.

A placa só serve para marcar a data.

Tom guardou seu caderninho dentro da pasta escura e a fechou em silêncio. Levantou-se com esforço, sentindo fisgadas nas costas que fizeram seus olhos se perderem em pontos luminosos que surgiram do nada. Andou com a lentidão que lhe era natural e da qual não gostava até o cofre, abriu-o e guardou a pasta dentro dele, com cuidado, olhando para trás antes de trancar o cofre por aquele dia.

E pelos próximos. Ou até que algum acidente acontecesse, coisa da qual ele não duvidava.

Você pode imaginar qual foi o tamanho da surpresa e do pavor que se abateu sobre Tom quando ele viu seu filho, Carl, estacionando o carro novo e sem placa na frente do Hancomb Despachante.

Por sorte ele estava sentado. Mas seu corpo inteiro formigou e a cabeça rodopiou, como se ele observasse o mundo inteiro do ponto mais alto que existe e tudo abaixo dele fosse minúsculo. Seu estômago se contraiu, trazendo sabores matinais de volta à sua garganta. As pernas vibraram e o sangue correu quase inteiro para a cabeça, num esforço de mantê-lo vivo, e por Deus, conseguiu. Ele apertou os dedos com força nas coxas e seu pescoço se retesou enquanto seu filho descia do novíssimo Mercedes Benz C180 com uma pintura preta brilhante que refletia a luz do sol e seguia de encontro ao ardiloso careca James Hallow. Ele veio de dentro do estabelecimento com o braço esticado para Carl, o sorriso

surgindo discreto no rosto e curvando a pouca carne embaixo dos olhos. Carl o cumprimentou firmemente, pegando na mão alongada e tétrica e a balançando com força. De costas para Tom, a cabeça erguida, parecia feliz.

O velho se levantou, ignorando as costas que beliscavam. A voz travara na garganta, como se estivesse engolindo um saco plástico. Tentou chamar pelo filho, mas foi inútil. Os carros passavam velozes pela avenida, e o ruído grave de sua voz não foi ouvido por Carl que, no outro lado da rua, conversava com o maléfico homem que habitava os pesadelos de Tom.

As mãos de Tom pareciam fora de seu controle. Ele deu um passo adiante, erguendo o braço, e um garoto quase o atropelou com a bicicleta. Ouviu um “Sai da frente, vovô!”. Assustou-se, puxando o braço de ímpeto e andando para trás. Voltou os olhos arregalados para o outro lado da rua.

James Hallow o fitava, por cima do ombro do filho; o ar pareceu congelar ao redor de Tom. Os carros passavam na rua, mas já não produziam nenhum som. As pessoas davam passadas em câmera lenta, cabelos esvoaçando devagar como se estivessem na Lua. O peito de Tom não queria se encher de ar. Encarou Hallow nos olhos negros que pontuavam aquele rosto seco, enquanto o sorriso cínico e funesto aumentava. A cada tentativa inútil de puxar o ar, o sorriso do homem se esticava, lhe rasgando as bochechas, e junto surgiam os dentes brilhantes e lustrosos, e Tom pôde ver que eles eram enormes e *pontiagudos*, como dentes de uma fera demoníaca escorrendo saliva e a língua rugosa e amarelada dançando trêmula entre eles.

Quando Tom achou que não conseguiria mais segurar o próprio corpo de pé e o sorriso do homem já atingia os lóbulos das orelhas, o som que o rodeava voltou. Buzinas e motores queimando explodiram em seu ouvido. Vozes vindas de todos os lados rodopiavam em sua cabeça e entravam pelas orelhas. O ar invadiu seus pulmões à força, fazendo-o curvar-se para trás. Não suportou o peso do próprio corpo e se sentou no banco. *Estatelou-se* nele. Respirou como um cão cansado, então voltou os olhos para o Despachante, aturdido.

Carl olhava para ele, sorrindo. Acenou. Tom percebeu que ainda estava com o braço erguido.

— Já dou um pulo aí, pai! — gritou para Tom, e do outro lado sua voz parecia distante. Distante *demais*.

E então entrou com James Hallow, que o conduzia com o braço em volta de seus ombros. Ele ainda olhou para trás, de soslaio, e Tom não enxergou nada de bom naqueles olhos negros.

Desapareceram dentro do estabelecimento.

Só então Tom pôde notar o quanto seu coração pulsava descontrolado. O quadro trágico estava ali, diante dele. Ele sabia.

Seu filho estava em busca do licenciamento do carro. E pelo olhar de Hallow, Tom sabia exatamente o que ele *faria*.

Mataria seu filho. Poderia ser dali a seis meses, um ano ou dez anos, mas o *mataria*. Teria um toque dele na hora.

Imaginou o carro do filho capotando, dando dezenas de rodopios pelo asfalto até parar, e não conseguiu permanecer sentado. Mas também não sabia *o que fazer*. O que fazer para mudar aquilo; o que fazer para impedir. Poderia entrar gritando desesperado dentro do Despachante, fingindo um infarto ou algo parecido, mas sabia que apenas adiaria as coisas. Poderia ligar para o filho naquele instante e lhe dizer que James Hallow era um assassino, um maldito *bruxo* homicida, mas será que Carl acreditaria? O que pensaria *dele*?

Que estava ficando maluco, era o que pensaria.

Entrou em casa. Seu peito batia tão acelerado que teve medo de morrer, do nada, sem poder fazer algo para proteger o filho. Foi até a cozinha e bebeu um copo de água. Depois outro. A água esfriou sua mão e ela começou a doer, e ele percebeu que a bicicleta o acertara. Havia uma mancha vermelha perto do polegar, que inchara. Os ossos velhos e trincáveis da mão começaram a pulsar. Foi titubeante até a geladeira e enfiou a mão dentro do congelador. Uma onda perfurante percorreu seus dedos, passando pelo punho até quase o cotovelo. Aliviou um pouco a dor, mas a preocupação dentro de seu peito permanecia e só aumentava.

Alguém abriu a porta e entrou. Pelos passos pesados, Tom sabia que era Carl. Ele foi até a cozinha e viu o pai com a mão enfiada dentro do congelador.

— Algum problema, pai?

— Eu bati a mão na pia — mentiu Tom. Olhou para o filho e forçou um sorriso. — E que carro é aquele lá fora, hein?

— Sabia que o senhor ia gostar! — Carl puxou a calça para cima, ajeitando-a sobre as dobras de gordura que o cinto criava na barriga

redonda. — Isso porque o senhor ainda não entrou nele... quer dar uma volta pra ver?

— Não! Não, agora não, filho... — disse, sem pensar. Mas será que não pensou *mesmo*? Ou será que se imaginou dentro do mesmo carro que o filho, enquanto ele *capotava*, e recusou a proposta por isso?

— Bem, o senhor que sabe. Se quiser dar uma volta... aproveitar um pouco os dias ensolarados de agosto. Vai ser bom pro senhor. Só fica aí nessa calçada o dia todo, sozinho...

— Depois de amanhã eu tenho carteadado com os outros...

— Tudo bem, acho ótimo... mas quando quiser mudar um pouco essa rotina, me liga. Estou de férias!

Carl sorriu, e Tom se esforçou para retribuir o sorriso.

Mas em seu peito, uma mão gélida cutucava, *lembrando-o*.

Carl almoçou com ele naquela tarde. Comeram panquecas no *Rudolph's*, um restaurante que ficava ali mesmo na avenida, a menos de cem metros, então foram andando. Mas Carl lhe mostrou o carro, e Tom pôde ver que era um belo automóvel, com um desenho moderno (“E um motor *espetacular*, o senhor tem que ver!”, disse Carl). Conversaram um pouco, sobre os remédios que Tom estava tomando, bem poucos ultimamente, e sobre os planos de Carl para as férias. Depois ele foi para casa, que ficava do outro lado da cidade. Antes de ir, disse que voltaria em uma semana, para buscar a placa do veículo.

A afirmação fez os cabelos da nuca de Tom se eriçarem.

Decidiu, no dia seguinte, que deveria fazer algo para impedir que Carl pegasse a placa. Imaginou se haveria alguma forma de anular qualquer tipo de magia que Hallow por ventura tivesse feito. Quem sabe se ele quebrasse a placa com a data determinada, e ele não pudesse mais fazer outra para Carl, sendo então forçado a fazer uma *sem* seu toque maligno? Era uma ideia que fazia sentido, visto que não foram *todas* as pessoas que pegaram suas placas lá que morreram. Ele podia ter um sistema de escolha de vítimas, pensava Tom, ou que fosse aleatório, isso não importava. O que o amedrontava era o fato de *sentir* que James Hallow faria algo contra o filho dele. Aquele olhar não dizia outra coisa.

Aquele *sorriso* não significava nada mais do que isso.

Mas as ideias não tomaram forma, e Tom não teve coragem de ir até o Despachante. Passou o dia inteiro sentado no banquinho, encarando o estabelecimento amarelo e imaginando se o bizarro homem careca de

olhos pequenos o olhava lá de dentro, e se ele *percebia* Tom e aquela vigilância. Se fosse lá dentro, se um dia tomasse coragem e entrasse lá, o que faria? Quebraria as placas? Teria coragem para tanto? Por seu filho, teria. Mas *qual* seria a placa de Carl? A placa já estaria lá?

Nunca saberia.

E, para angustiá-lo ainda mais, tinha apenas uma semana para agir.

Na quarta-feira, como de praxe, foi jogar cartas com os amigos da praça após o almoço no *Rudolph's*, onde se permitiu comer uma bela e grossa fatia de bacon defumado com molho de pimenta, sob o olhar constante de Kelly Rudolph atrás do caixa. Ela conhecia Tom e sabia que ele não poderia se arriscar com aquele pedaço de carne, mas nada fez ou falou. Assim como meia cidade de Ben Eagle, pensava que Tom estava no fim da vida, e deveria aproveitar os últimos momentos. As últimas sensações. A única coisa que ele sentia, no entanto, além da azia pós-bacon, era um terror sufocante.

Giovanni, Bill e Ronald o esperavam no grande coreto da Praça Sam Willis, com as cartas sobre a mesa. O italiano fumava um escuro cigarro de palha, enquanto Ronald pitava um pequeno cachimbo. Sorriram quando viram Tom se aproximando. Giovanni bateu na mesa.

— Chegou meu pato preferido! — disse. — Tom, se eu fosse você, limpava bem a barba depois de comer bacon. Ou então *fazia* ela. O cheiro tá todo impregnado. Carl vai cortar sua mesada.

— Tá farejando bem hein, seu cachorro velho — disse Tom. Bill caiu na gargalhada.

— Enfim, vamos nos ajeitar aqui — disse Ronald, com o cachimbo pendurado no beijo largo, a voz sussurrada. — Eu e você de novo, Gil?

— Claro.

— Prontos pra tomar uma surra então? — disse Bill. Ronald resmungou.

— Lembro de ter ouvido isso semana passada...

O jogo começou, mas Tom não se sentiu à vontade. Não o distraiu como das outras vezes. De onde estava podia ver o Hancomb Despachante, meio de lado, os carros passando na frente o tempo inteiro. Pensou por um instante em revelar suas descobertas e suspeitas a Giovanni, Bill e Ronald. Eram velhos como ele. Deviam ter os mesmos medos que ele tinha. Podiam ser capazes de *entendê-lo*. Podiam acreditar nele! E talvez, juntos, podiam dar fim à pilha de mortos que Hallow aumentava a cada ano!

Bill o ajudou a vencer a primeira rodada, mas se dependesse de Tom, perderiam pela terceira semana consecutiva.

— Até que depois de duas semanas o senhor começou a aprender a jogar... — brincou Giovanni.

— Esse é só o começo, senhores... hoje quero massacrá-los! — respondeu Bill.

Ronald encarava Tom detrás da fumaça do pito.

— O senhor parece meio perdido hoje, Tom. Algum problema?

— Não, nenhum, Ronald... — disse, sem desviar os olhos do Despachante. — Não se preocupe.

— Olhando pra sua casa... — disse Giovanni. — Tá com medo que alguém entre lá e roube suas fraldas?

Os três explodiram numa gargalhada. As pessoas que passavam pela praça olharam por alguns segundos e depois voltaram à sua rotina.

Até Tom riu, de leve.

— Muito engraçado, velho mijão. Na verdade... não estou olhando pra minha casa.

“Agora, *tem que ser* agora”

— E pra onde olha então? — perguntou Bill. — É o banco que lhe interessa?

— Sinto dizer, mas não me sinto num estado de vigor físico que me permita ajudá-lo em qualquer assalto... mas se precisar, pode se esconder lá em casa — disse Ronald.

— A não ser que esteja cavando um túnel — disse Giovanni.

Mais gargalhadas.

— Não é isso... túnel, por Deus, se eu quisesse fazer isso, tinha feito quando Carl ainda era magro... pelo menos passaria comigo pelo buraco.

Ronald tossiu fumaça entre risos.

— Mas tem outra coisa... me incomodando.

Tinha que falar. *Agora*.

— O que te incomoda, Tom?

A voz de Bill, sempre suave, agora tinha saído grave e direta. Ele o olhava nos olhos; aqueles dois olhos verdes olhavam dentro da alma velha que o habitava.

— Diga, Tom — disse Ronald, afável. — Não se preocupe, estamos entre amigos.

Giovanni o olhava também. Tinha fechado as cartas dentro da palma da mão.

— Bom... não é bem um incômodo. É só...

Então ele viu James Hallow na calçada, olhando os carros que passavam na rua com as mãos atrás da nuca. Tom parou de falar e sua respiração travou.

Foi automático. Os outros três olharam na mesma direção.

— Qual o problema? *James Hallow* é seu problema? — perguntou Giovanni, sorrindo, enquanto embaralhava as cartas.

— Bem...

— Ele é estranho, não é? — disse Ronald, baforando. A pergunta saiu como uma afirmação.

— *Bem* estranho. O cara não sente calor — comentou Bill.

“Se fosse *só* isso, tudo bem...”, pensou Tom.

— Eu já ouvi umas coisas estranhas sobre ele — disse Ronald, abastecendo o cachimbo. Tom olhou para ele.

— Como assim? Que coisas?

— Bom... umas coisas. Ninguém sabe nada de verdade dele, pra ser sincero. Ninguém sabe quantos anos tem, nem de onde veio... nem onde mora... Ele entra nesse bendito despachante às sete da manhã, cumprimenta todos que vê, faz documentos e o cacete, e depois das cinco fecha as portas e simplesmente *desaparece*. Esquisito...

— Bem esquisito mesmo... — disse Bill, cortando o baralho.

— Acho que ele é uma bichona — disse Giovanni, fazendo Ronald e Bill caírem na gargalhada. Tom não riu junto. Observava o homem estranho dirigir-lhes um olhar de soslaio, que mesmo daquela distância conseguia ser notável, e em seguida entrar de volta no estabelecimento.

— Só você mesmo, Gil... — disse Bill, enquanto pegava as cartas e as conferia, sorrindo.

— É lógico que é uma bichona, é só olhar para ele! — continuava Giovanni, enquanto distribuía as cartas. — Ele é meio afetado, fica mexendo as mãos enquanto fala... sem falar naquele sorrisinho escancarado. Tenho certeza que curte uma enrabada.

— Você é um velho desbocado — disse Ronald.

Tom não se pronunciou, e nenhum deles achou estranho. E ele percebeu com tristeza que não lhes cabia mais qualquer coisa. Não lhes cabia notar as mortes que Hallow causara, nem impedir mais delas. Não

cabia àqueles velhos lutar pela vida de ninguém, porque irremediavelmente já haviam renunciado até mesmo das próprias.

Depois do carteadado, quando Bill, Giovanni e Ronald seguiram seus caminhos, Tom entrou no Despachante *sem querer*.

Ele não conseguiu evitar. Foi como se tivesse o puxado.

Pararam de jogar por volta das 16h30min, pois Giovanni disse que tinha que ir até o supermercado para sua esposa, que estava em casa com dores no corpo. A inseparável companheira do velho, a tal da dor. Bill seguiu para sua casa, de bicicleta, reclamando das costas e da dor no saco que aquele maldito banquinho lhe dava. Ronald sugeriu a ele que colocasse uma boia no banco, antes de ajeitar o baralho e também partir, a pé, como sempre fazia. Tom desceu a avenida pelo lado direito, acompanhando os carros. Desceu pelo lado do Hancomb Despachante.

O fluxo de carros era intenso naquele horário, e ele não imaginava o porquê, se ainda estavam em horário comercial e a maioria das pessoas ainda trabalhava. Mas o trânsito estava intenso. O semáforo e a faixa de pedestres ficavam a trinta metros do Despachante. Ele não queria descer além da sua casa para poder atravessar e depois subir a rua novamente. Entretanto, era o que teria que fazer, pois sua velocidade atual não o permitia atravessar a rua correndo, ainda mais com o tráfego tão volumoso como estava. Fazia isso em dias mais calmos. Não se atreveu *nunca* a passar perto daquele lugar.

Desceu pela calçada, olhando a todo instante para frente, para *adiante*, para o estabelecimento amarelo onde Hallow trabalhava, e seu coração insistia em fortes galopes para que ele não *se aproximasse dali*, que atravessasse a rua ali mesmo onde estava. Seria melhor. O cérebro, por outro lado, alarmava o quanto poderia ser perigoso a travessia em local proibido.

Os carros passavam zunindo ao seu lado; quando o semáforo ficou vermelho, cerca de cem metros à frente, ele tentou se esgueirar entre os carros, mas uma moto passou velozmente entre dois veículos pequenos, quase arrancando o retrovisor de um deles e o lembrando o quanto era lerdão. Deu alguns passos para trás e continuou descendo.

O sinal abriu e os carros seguiram. Dezenas deles. Nenhuma pausa. Calor e barulho de motor e buzinas. Sem brechas. Já estava a cinquenta metros do Despachante.

Começou a respirar com uma rapidez que o assustava. Lembrou-se do coração, da fatia de bacon no almoço e do infarto, e o que antes parecia tão distante agora era um risco. Ele saltava em seu peito, enquanto seus passos o aproximavam cada vez mais do Hancomb Despachante.

De James Hallow.

O sinal fechou outra vez. Ele olhou para a rua, ainda seguindo. Um caminhão enorme parou, bloqueando sua visão. Não conseguiria atravessar ali, a não ser que pulasse pelo grande veículo. Continuou seguindo, tentando não olhar para o estabelecimento que se aproximava. O caminhão ainda bloqueava seu caminho. Motos passavam à tona do outro lado, buzinando. Quando o semáforo abriu, Tom parou, o rosto virado para a rua escondida pelo caminhão. Ele passou pelo velho, cuspidando sobre Tom uma espessa fumaça negra que o fez tossir e apertar os olhos. Baixou a cabeça e passou as costas da mão sobre a boca úmida.

Quando abriu os olhos de novo, sua casa estava diante de seus olhos, no outro lado da rua.

Suas pernas formigaram. Virou-se e encarou com olhos espavoridos o Hancomb Despachante, que parecia quase cair sobre ele.

De perto, o estabelecimento parecia ainda mais apavorante, quase como se repelisse Tom com a escuridão que vinha de dentro dele. Ao mesmo tempo, ele se sentia tentado a entrar. Entrar e ver o que haveria ali de fato. Ver como James Hallow fazia para *matar* aquelas pessoas.

Ver, e quem sabe acabar com tudo...

Seus passos vacilantes o levaram para dentro do Despachante, a escuridão pouco a pouco diminuindo à medida que as pupilas de Tom se dilatavam. O que ele viu não o assustou. Na verdade, se sentiu um tolo.

Primeiro porque James Hallow não estava lá, e isso era uma dádiva, ao mesmo tempo em que deixava Tom nervoso. *Onde ele estaria então?* Havia um balcão de madeira, daqueles que é possível levantar uma parte do tampo para passar para o outro lado. Atrás do balcão havia uma pequena mesa de escritório, um computador de tela de tubo e papéis. *Vários* papéis. No balcão, além de catálogos, listas telefônicas, pastas e adesivos à venda, havia uma bela e luminosa caneta preta com detalhes dourados. Tom passou a mão sobre ela, incerto, e sentiu seu corpo tremer quando notou o quanto estava *fria*. Ergueu a cabeça e olhou para a parede atrás da pequena mesa, onde se encontrava dezenas de placas de carro penduradas, *modelos* de placas, dos mais simples, de cor clara, algo entre

cinza e branco, com dígitos aleatórios que sua mente veloz não conseguiu associar a nenhuma data, até os modelos comemorativos. Um deles trazia um desenho da Universidade Estadual e os dizeres “*Ben Eagle sob as asas da sabedoria*”; outro dizia “*Sou de Ben Eagle e me orgulho disso!*”, acompanhado de um pequeno desenho sorridente. As placas cobriam cada centímetro daquela parede, formando um péssimo mosaico de letras e números desconexos.

Do lado direito, no canto, havia uma porta. Estava aberta, e levava a um cômodo escuro. Tom a encarou, nervoso.

Seus olhos foram de novo atraídos para a caneta sobre a mesa. A fria caneta. Pousou os dedos sobre ela, experimentando de novo seu toque gélido. Imaginou James Hallow a manipulando, com aqueles dedos longos e secos, escrevendo, anotando nomes, datas e números, e então entendeu, de uma forma sombria e até mesmo duvidosa (coisa que ele constatou mais tarde), que aquilo era *um dos* seus instrumentos de morte. Porque ele precisava da caneta, não é? Anotava o nome das *vítimas*, depois entregava a caneta para a pessoa assinar sua sentença de morte. Com certeza a pessoa sentiria a temperatura gélida do objeto e decerto acharia estranho o frio que lhe subiria pela espinha, mas *assinaria*, invariavelmente. Estaria lá para isso. Com a mesma caneta James Hallow provavelmente escolheria o número da placa do veículo. A data da morte.

Lembrou que seu filho fizera isso dois dias antes e tremeu.

Não percebeu quando James Hallow apareceu. Sua voz baixa apenas *surgiu*, vinda do nada. Soube que não era da angustiante porta aberta no canto direito porque seus olhos imediatamente correram para lá quando ele o ouviu dizer:

— Senhor Tomas, como vai?

Sua mão se fechou em volta da caneta, e sem saber por que, a enfiou dentro da manga do pulôver que usava.

Virou-se para Hallow, tentando esconder o pavor nos olhos.

— Olá senhor... estou bem, obrigado.

Hallow segurava uma caixa pequena nas mãos. Um cheiro apetitoso saía dela.

— O senhor precisa de alguma coisa?

— Não, não, na verdade não... — disse Tom, afastando-se do balcão.
— Só... passei aqui na frente e...

— E decidiu entrar! Lógico! Achei que ia ficar do outro lado da rua para sempre! — disse o careca, animado, passando por Tom e atravessando o balcão pela passagem. Baixou-a em seguida.

Tom percebeu, com o canto do olho, quando ele olhou fixamente para o balcão por um mero segundo. Não pôde deduzir se notara a ausência da caneta. Tão logo fez isso, seu rosto voltou à animação de um segundo antes.

— Seu filho esteve aqui antes de ontem... acho que o senhor viu.

— Vi sim... ele passou em casa depois.

— E que *máquina* ele comprou hein? — disse o homem, colocando a caixa sobre o balcão e a abrindo. Dentro havia um enorme pedaço de torta, ainda fumaçando. — Servido?

Olhou para Tom. O velho estava de lado para o balcão, quase evitando cruzar o olhar do macabro homem que temia. Decidiu que não poderia deixar *que ele percebesse*.

— Não, obrigado. Bom apetite.

— OK. *Obrigado pela comida*, senhor!

Então meteu a mão por baixo da torta visivelmente quente, a pegou e a levou até a enorme boca. Os dentes se arreganharam sedentos e ele mordeu o salgado sem ao menos assoprar.

De perto, Tom podia ver que, afinal, seus dentes não tinham nada de *anormal*. Mas aqueles *olhos*...

— Bom, eu já vou indo...

— Triste, não? — perguntou Hallow, a boca ainda cheia, e Tom não entendeu.

— O quê?

— Giovanni. — Apontou com a cabeça para a rua. Tom olhou e viu Giovanni Accioli descendo a avenida pelo outro lado, o corpo grande e robusto coberto por um grosso casaco. As mãos enfiadas nos bolsos indicavam que o fim de tarde trazia uma brisa fria que Tom sequer havia notado. — Triste não... o câncer dele?

“*Câncer? Em Giovanni? Como é que é?*”, a mente de Tom gritou, berrou, esperneou atrás de sua testa, e ele se controlou para não deixar a frase do homem o afetar fisicamente, ou de uma forma que ele pudesse perceber. Balançou a cabeça, devagar. Hallow continuou, repetindo as malditas palavras e ainda mastigando. Parecia saborear o que dizia:

— Triste o câncer dele. Digo, o câncer já é uma coisa terrível, mas, na idade dele... e da forma como apareceu nele... é triste.

Tom não se manifestou. Tentava não deixar o tremor perceptível, e entender de onde James Hallow *inventara aquilo*.

— Vocês são amigos, o senhor já deve saber...

“Eu não sei de *nada*! Como você...”

— Sim, sim... — mentiu Tom.

— Mas é uma coisa que eu digo: essa maldita doença é sem vergonha. E quando a pessoa não se cuida, o senhor sabe... Giovanni não parece ser aquele tipo de velho que vai ao médico. Talvez para uma gripe ou uma febrezinha, mas... para ir em médico de *homem*, ah, eu tenho certeza que para isso ele sequer cogita levantar. Mas essa doencinha *sem vergonha* não escolhe... ela não separa os que se cuidam dos que não se preocupam. Ela simplesmente *vai*, a filha da mãe... e pega quem aparecer na frente. É uma coisa!

O rosto de Tom fervia. Suas mãos estavam contraídas, os dedos calejados e grossos comprimidos, perdendo a cor. Forçou-as contra o abdome velho e depois as enfiou no bolso. Hallow não podia ver...

— Esses senhores “machões” demais... o senhor me desculpe, senhor Tomas — Tom resmungou um “não tem problema”, enquanto sua cabeça latejava —, mas Giovanni não é o tipo de homem que deixa o médico enfiar o dedo nele. Se tivesse deixado, talvez tivesse descoberto antes e poderia se tratar. É o maldito preconceito. E eu te digo: quando aquela coisa se enraíza *ali*, onde está nele... não tem mais jeito.

Tom sentia o ar entrar quase que sólido em seus pulmões, travando seu peito. A caneta escorregou para dentro do bolso.

“Não *caia*! Não encontre um furo no bolso pelo caminho, *por favor*...”

— Bem... eu já vou indo...

Respirava com dificuldade, e se surpreendeu por conseguir falar.

— Tenha uma boa noite, senhor Tomas. Pode vir aqui mais vezes, quando quiser. É bom conversar.

“Não quero vir aqui *nunca mais*...”

— Sim, com certeza...

— Além do mais, eu não faço tanta coisa aqui durante o dia. Vez ou outra aparece alguém, como apareceu seu filho ontem... é um trabalho parado, percebe?

“Meu filho... *fique longe do meu...*”

— Mas uma coisa eu tenho que falar: eu *adoro* esse trabalho.

Tom deixou o homem falando sozinho, enquanto atravessava a rua o mais rápido que podia. Um carro passou tão perto dele que o vento quase o desequilibrou. Uma moto buzinou quase em cima dele, enquanto ele lançava os pés para frente, desenfreado, tossindo e puxando o ar com força, o ar que não parecia existir enquanto ele falava com o horrível homem no Despachante.

Pisou na calçada, já do outro lado da rua, sentindo como se tomasse sua vida pelo braço e a puxasse de volta.

Ele não olhou para trás, mas sabia, *sentia*, que James Hallow arreganhava aqueles dentes alvos e enormes em um sorriso demente para ele.

Quando por fim se sentiu seguro, e isso significava dentro de seu quarto, com a porta fechada, parou para pensar no que tinha ouvido de James Hallow. Sobre o *câncer* de Giovanni.

Saberia se o amigo estivesse doente. Eram amigos a mais de quarenta anos. Ele contaria. Contaria para ele, Bill e Ronald, porque sabia que eram os únicos com quem podia contar.

Logo em seguida, se lembrou que ele próprio guardava um segredo dos amigos, e que nem sempre a mais absoluta fidelidade é o bastante para se revelar segredos. E era um segredo e tanto: a identidade de um assassino maléfico e serial, que de alguma forma encobria muito bem seu rastro. Um ser que arranjou uma forma muito misteriosa de matar. Se ele escondia isso dos ditos “amigos”, por que Giovanni não esconderia deles que tinha câncer?

Sentiu um peso em seu bolso. Puxou a caneta que furtara. Estava tão fria quanto antes, como uma pedra de gelo. Quis voltar para o estabelecimento e devolver a caneta, da forma mais disfarçada possível, mas não conseguiu juntar coragem. Colocou-a no bolso do casaco, se sentindo um verdadeiro ladrão.

Poderia pedir a Carl que devolvesse a caneta para Hallow quando fosse buscar a placa. Pensou nisso e quis chorar.

Também queria chorar por Giovanni, mas começava a desejar que aquilo tudo fosse invenção do homem; ele *notara* que Tom havia pegado a caneta, não tinha como não ter percebido. E se não percebeu, descobriria

em breve que sua “ferramenta” não estava mais lá. Talvez tivesse falado do câncer para o amedrontar. Mas *só por isso*? Só pela caneta?

Tentou dormir naquela noite, mas não conseguiu, mesmo depois de ter conferido todas as portas e janelas. Sua mente gritava que James Hallow entraria em sua casa para pegar a caneta de volta, como um vampiro esquelético, passando pelas frestas da janela em forma de névoa e se materializando diante dele. Mataria Tom, obviamente. E depois faria parecer que foi apenas um infarto ou uma parada respiratória. Uma coisa que não levantaria suspeitas, já que ele era um velho.

Se conseguia matar sem encostar as mãos nas pessoas, como não seria capaz disso?

O vento cantava lá fora, na madrugada, e seus olhos não se fechavam. Teve medo, na verdade, de que se fechassem e não abrissem mais, e então todos os crimes, todas as mortes e todo o sofrimento que James Hallow causara cairiam no esquecimento, para sempre. Uma queima de arquivo. Toda a verdade sobre as placas dos carros e o toque maligno de Hallow desapareceria. Em certo momento da noite, simplesmente desistiu de dormir.

No dia seguinte, não saiu para comprar o jornal. Não tomou café na padaria. Não se sentou do lado de fora, em seu banquinho branco, para ler o jornal e resolver as palavras cruzadas. Não comprou o leite com Judith Peterson. Não almoçou no *Rudolph's*. Não quis sair para ver as pessoas e os carros. Não quis olhar para o outro lado da rua. Sabia que o homem o encararia com olhos negros e inquisidores. Sabia que de alguma forma, se fizesse isso, se sentasse lá fora e olhasse para o outro lado da rua, o olhar de Hallow o *enlouqueceria*. Além disso, tinha medo de que o maldito atravessasse a rua e fosse conversar com ele. Se arrepiava só de pensar nisso.

Em vez disso, ligou para a casa de Giovanni. Uma ansiedade torturante martelava em seu peito enquanto o telefone chamava do outro lado, uma, duas, três, quatro, cinco vezes, e ninguém o atendia. No sexto toque, afastou o telefone do rosto para o colocar de volta no gancho quando ouviu o estalo no outro lado.

— Alô? — uma voz meio rasgada chamou. Era a mulher de Giovanni, Madalleine.

— Alô, Madalleine... é Tom... Tom Harlton.

— Sei que seu sobrenome é Harlton, Tomas... não precisa falar isso toda vez — respondeu a mulher.

— Desculpe, Mada — disse Tom, sorrindo. — Eu queria...

— Giovanni não está, Tom.

— Mas eu...

— Fiquei aqui imaginando por que ligaria pra cá, e adivinha o que pensei? Que queria falar com Giovanni! Sou genial, não sou?

— Com certeza que é, Mada. — Tom não se ofendeu. Era o jeito imutável dela.

— Ele não está, ele... ele saiu, Tom. Não me disse aonde ia, na verdade. Depois de velho, tá ficando saidinho.

— Mada, eu quero te perguntar uma coisa... e não quero que minta pra mim.

Ele ouviu a velha respirar fundo do outro lado. O som foi capaz de falar por si só, e ele confirmou o que não queria antes mesmo que Madalleine respondesse.

— O que quer saber... Tom?

— Giovanni... ele está doente?

Por dez segundos ele pensou que a mulher não responderia. Foi o tempo que ela ficou calada, a respiração batendo no fone e saindo ruidoso na orelha de Tom.

Por fim, ela falou, a voz grave:

— Sim, Tom.

— É câncer, não é?

— No intestino. Foi o que o médico disse hoje de manhã, quando ele foi buscar o resultado dos exames.

— Meu Deus...

— Você não sabia, Tom?

— Não Mada, eu... não.

— Eu não sei por que ele não contou para você, Tom... achei que você soubesse. Ele vem fazendo exames há dias... era certo que era câncer, mas não tínhamos certeza do lugar... mas o médico confirmou hoje. Estou pensando agora aqui comigo, que ele vai ficar um pouco *bravo* por isso. Por ter te contado.

— Eu... bem... apenas não conte a ele... que eu sei. OK, Mada?

— Tudo bem, Tom. Se assim quiser.

— Eu juro que não tocarei no assunto com ele. Eu só... precisava saber.

— Tudo bem, Tom.

— Tá certo... até mais, Mada.

— Até, Tom. Apareça aqui qualquer dia. Tem uma mesa pra vocês jogarem baralho aqui na varanda também. E tem chá. Na praça não tem chá.

— OK, Mada. Tchau.

Quando desligou, Tom pensou se Madalleine estranharia a pergunta dele. *Como* ele suspeitara?

Ela sequer pensou nisso.

Para ele, entretanto, a pior sensação veio quando tentou imaginar *como* James Hallow sabia daquilo. Isso o perturbava.

Ficou sem sair de casa durante o final de semana. Tentava planejar o que deveria fazer quando Carl fosse buscar a placa na segunda-feira. Não saber o que fazer o deixava desesperado.

Passou o sábado e o domingo examinando minuciosamente os recortes na pasta. Pela bilionésima vez, era o que pensava; tentou a todo custo encontrar naqueles artigos algo que mostrasse que ele estava *errado*, que perseguir aquele homem como ele fazia era tolice de velho, mas não conseguia provar a si mesmo que estava enganado. Cada acidente, cada morte e cada placa apontavam para James Hallow, gritando. Sua assinatura era evidente. Óbvio demais para ninguém ter visto além dele. E mesmo assim...

Só ele havia visto. Só ele enxergara as coincidências.

A não ser que

(*estivesse enlouquecendo*)

mostrasse para *outra pessoa*. Não falar, mas mostrar. Os recortes, as datas e as placas, explicar em detalhes cada ponto, contar quando e como aquelas pessoas cruzaram o caminho do homem careca, e provar de uma vez por todas que *era ele* quem as matava.

Mas precisava de alguém para isso. Alguém de confiança.

Por um lado, já havia excluído as pessoas em quem mais confiava: Giovanni, Bill e Ronald. Sabia que não o levariam a sério. Por outro lado, não eram as únicas pessoas que ele conhecia. Podia falar para o Mark da banca de jornal. Não precisava contar a ele, bastava comentar, e “esquecer” a pasta no balcão dele. Com certeza ele leria tudo, curioso

como era. Ou então Kelly Rudolph. Poderia escrever um bilhete para ela, deixado junto da pasta sobre a mesa quando ela fosse pegar o dinheiro. Ela leria tudo e entenderia. Também tinha Judith Peterson, da padaria. Se comentasse com ela enquanto comia algo no balcão, certamente ela lhe daria atenção. Perguntaria de onde havia tirado aquilo. Então, ele mostraria a pasta. Revelaria as “provas”, e ela estaria do seu lado.

Estaria?

Pensando melhor, Tom concluiu que, se nem mesmo seus melhores amigos acreditariam nele, que dizer de pessoas com quem ele falava no máximo cinco minutos por dia? Para todos eles, Tom, era apenas um velho, e um velho *solitário*. O que mais faz um velho solitário se não *fantasiar* para tornar a vida menos tediosa?

Tom está enlouquecendo, é o que pensariam. Pirando. Ficando “lelé da cuca”.

No ímpeto, apanhou o telefone na cozinha e discou o número do filho. Era sua última chance. Tinha que o convencer a não ir no Despachante. Nem que fosse pedindo para que passasse em sua casa antes de ir apanhar a placa. Então seguraria o filho dentro de casa e lhe mostraria tudo. Salvaria sua vida. Era sua *obrigação* como pai.

Ele já notou algo errado quando o telefone não mostrou seu ruído característico. Havia uma espécie de chiado no fundo, como estática de televisão. Discou o número do filho com os dedos grossos.

Nenhuma chamada. Nenhum som além daquele ruído, daqueles estalos. Bateu o telefone no gancho, olhou para o nada, o peito acelerando. Pegou o aparelho e tentou de novo. Uma, duas, três vezes. O mesmo ruído, a mesma estática, a mesma frustração. Discou o número da operadora de telefone. A mesma coisa. A linha não funcionava.

Quase quebrou o telefone quando empurrou o fone no gancho com toda a raiva contida que sentia. Até *naquilo* Hallow o estava impedindo. Nem mesmo podia ligar para o filho e alertá-lo. Durante alguns minutos, tudo o que ele fez foi pensar se o despachante tinha mesmo poder para isso.

Decidiu mudar de estratégia. Ficaria sentado na frente de casa, em seu banquinho, seu *forte*, esperando que o filho estacionasse diante do Hancomb Despachante, e levaria a pasta para ele antes que entrasse lá. Mostraria para *ele*, a única pessoa no mundo que lhe daria ouvidos.

Assim esperava.

A noite de domingo veio e ele não dormiu. Seus olhos permaneceram escancarados, virados para o teto. Quando conseguia fechá-los, Tom via o sorriso de James Hallow, e aquilo bastava para que os abrisse de novo. O peito tremia com o ritmo em descompasso do coração. Ouviu quando o vento começou a acelerar do lado de fora, fazendo sua janela balançar. Ouviu quando a chuva caiu, forte e implacável. E mesmo com aquele ruído etéreo, o sono não veio.

O dia amanheceu e seu corpo reclamava a noite perdida. Saiu da cama antes que a padaria abrisse. Não tomou café. Apenas pegou seu banco branco e o colocou na calçada. Viu quando James Hallow subiu a grande porta de correr do Despachante. Os olhos negros o fitaram durante míseros segundos e Tom tremeu inteiro. Mas devolveu o olhar até que o homem entrasse no estabelecimento.

Não levantou para comprar o jornal. Não levantou para almoçar. Não respondeu às pessoas que passavam por ele e o cumprimentavam. Ficou o dia inteiro olhando para o Hancomb Despachante, aguardando... esperando o momento que Carl chegasse. Não deixaria acontecer. Não *permitiria* que seu filho pegasse a placa das mãos daquele homem.

O destino, entretanto, é um tanto quanto *obstinado*. Tom sabia disso, assim como você sabe, não é, caro leitor? Não seria de se esperar que algo impedisse Tom na hora que seu filho aparecesse?

Às 16h30min, enquanto Tom achava que seu filho não apareceria naquele dia, o telefone tocou. Ele o ouviu, mas fingiu que aquele objeto não existia. Não queria saber quem o chamava do outro lado da linha. Tinha uma missão mais importante: salvar a vida do filho, e isso dependia muito de que ele agisse no momento certo, no minuto que seu filho aparecesse. Desviar-se do plano acabaria com tudo.

Mesmo assim, o telefone continuava. Passara do décimo toque, pela contagem dele.

Forçou a vista para o outro lado da rua. Estava certo de que era James Hallow quem ligava para ele. Para tirá-lo dali, da vigilância, da *campana*, como nos tempos da guerra. Uma jogada. Sua estratégia de defesa. Por isso que Tom não podia sucumbir, não *podia*...

“Ele é insistente”, pensou Tom, depois do décimo sétimo toque. “Sabe que não vou sair tão fácil daqui. Sabe que eu...”

Vinte toques. Trinta toques. O som começou a irritá-lo. Dois minutos de um telefone ininterrupto tocando. As pessoas passavam perto

de Tom e olhavam incomodados para a casa ante o tilintar do aparelho na parede. “Por que não atende, velho tonto?”, é o que pensam, com certeza”, imaginou Tom. Mas ele não podia. Não...

Cinquenta toques. Seus ouvidos doíam. A contragosto, se levantou. “Hallow conseguiu. Ou acha que conseguiu”, pensou Tom. “Vou mandar você tomar no cu. Espere um pouco, seu careca maldito!”

Entrou em casa, quase andando de costas, e abriu as cortinas. Podia ver o estabelecimento da sala. Da cozinha, entretanto, era impossível.

Chegou perto do telefone e o encarou com amargura. Não queria atender, mas o faria. E iria mandá-lo para o inferno, foder com o diabo, ah, iria sim, e voltaria em um segundo para a calçada, para o banquinho. Impediria que o filho entrasse naquele maldito Despachante e assinasse sua sentença de morte, nem que fosse o último ato de sua vida.

O sol se escondia entre nuvens no horizonte quando Tom puxou o telefone do gancho e o colocou no ouvido.

Não teve tempo de falar “alô”; seu rosto congelou com a voz que ouviu do outro lado. Uma gota de suor brotou e escorreu da testa, rolando pelo rosto. Sua boca abriu de forma débil, e seu queixo pesava centenas de quilos, assim como os poucos cabelos em sua cabeça.

Não foi a voz de James Hallow que ele ouviu do outro lado. Era uma voz mais fina. Uma voz de mulher.

Era a voz de Margaret.

— Tom, querido? — As duas palavras sussurradas da mulher morta escorreram pelo fone e penetraram no rosto de Tom como cem agulhas quentes. — O que está fazendo, meu bem?

— Não... não pode ser... — Seu rosto congelou-se, formigando. O máximo que fez foi levar a mão até a boca para mordê-la.

— Tom, meu amor, você está aí?

— Margaret? Por Deus, *Margaret*? — “Você está *morta*, você está *morta*, você está *morta*!”, pensava, transtornado com aquela voz que não ouvia há mais de dezessete anos.

— Tom, querido... o que você está fazendo? No que você está *se metendo*, meu bem?

— *Mas que maldita brincadeira é essa?* — berrou em fúria para a coisa do outro lado, a coisa que não era sua esposa, mas uma reprodução perfeita de sua voz à beira do choro.

— Oh, Tom, está tão frio aqui Tom...

“Oh meu Deus, ela está morta, *ela está morta!*”

— Vem ficar comigo Tom... está *tão frio*... vem, Tom...

“Isso é loucura! É *loucura!*”

— Oh meu Deus...

— Qual o problema, Tom? Não quer ficar comigo...

— Pare com isso, por favor...

— Se continuar com isso, meu amor, vou acabar te vendo mais cedo do que imagina...

— Ora, seu maldito...

— Vem ficar comigo, Tom, vem...

— Morta! VOCÊ ESTÁ MORTA! VOCÊ ESTÁ MORTA!

Seu grito ecoou pela casa. O fone já estava solto, pendurado pelo fio, e ele estava na sala, olhando pela janela. Apavorado.

Seu filho ligava o carro e saía, buzinando, enquanto James Hallow acenava para ele, se despedindo.

Havia uma placa pendurada na traseira de seu carro.

Esqueceu que Margaret estava do outro lado da linha. Sabia que era uma ilusão de James Hallow, e aceitou a única explicação óbvia para não enlouquecer. E por fim o maldito conseguiu: a placa estava no carro de Carl. Não podia mais impedir que o filho...

Pensou no que podia fazer. A ideia veio rápida. Só restara uma alternativa: saber *qual era o número na placa de Carl*.

Qual seria a *data*.

Se não podia impedi-lo de ter a placa, então, que houvesse uma forma de safá-lo, por Deus...

Quando conseguiu cruzar a casa, abrir a porta, atravessar o pequeno quintal, abrir o portão e sair, o C180 de Carl era apenas um ponto negro descendo a Avenida.

Do outro lado da rua, James Hallow abriu um sorriso lesivo para Tom. Então acenou, a mão esquerda se movendo quase irreal. O velho conseguiu sentir a maldade daquilo, algo como uma doença. Conseguiu ouvir o riso abafado enquanto ele se virava e desaparecia para dentro do Despachante.

Tom lançou as mãos à cabeça. Ela latejava, fazendo pressão contra os tímpanos. Seu filho *pegara a placa!* A *única coisa* que ele devia ter impedido, e não conseguiu!

“Como pôde ser tão burro, Tomas Harlton?”, pensou, e um som ensurdecido o assustou, fazendo com que notasse que estava no meio da rua: se virou e viu dois olhos luminosos se aproximando repentinamente, seguidos pelo ruído agudo de rodas derrapando. Cobriu o rosto com os braços e encolheu o corpo, as forças das pernas querendo abandoná-las, a morte querendo levá-lo. A luz parou poucos centímetros diante dele.

— *Mas que diabos o senhor tá fazendo no meio da rua, seu Tom?*

Tom abriu os olhos. Com a cabeça pra fora da caminhonete parada diante dele, Louis Peterson, o gerente da padaria, o encarava abismado.

— Quase atrolei o senhor! *Meu Deus do céu!*

O velho mal deu ouvidos ao que Louis falava. Enxergou a oportunidade.

— Louis, preciso de uma carona! — gritou, apertando os olhos diante da luz.

Antes mesmo que Louis pudesse abrir a boca para responder, Tom escancarou a porta da caminhonete e entrou.

— Seu Tom, eu preciso ir pra casa! Aonde o senhor tá querendo ir?

— Não importa, apenas siga aquele carro. — Apontou no fim da avenida.

— Qual carro, seu Tom?

— Aquele preto, no final! Por favor Louis, apenas *siga ele!*

— Mas que diabos o senhor quer com esse carro, seu Tom?

— A vida do meu filho depende disso, Louis Peterson! Então, pelo amor de sua mãe, *siga aquele maldito carro!*

— É pra já, seu Tom! Santo Deus...

As buzinas cantavam para os dois quando Louis pisou no acelerador e tirou a caminhonete dali.

Tom olhou para o fim da avenida e conseguiu ver o carro preto do filho se esgueirando entre outros veículos. Louis cortou para a pista da esquerda. Ao fundo, o céu escurecia para um azul cobalto estonteante repleto de nuvens carregadas.

O semáforo fechou duzentos metros diante deles. Louis começou a frear.

— Passe direto.

— Como é?

— Passe direto, Louis, pelo amor de Deus...

— Sinto muito, seu Tom — disse Louis, parando o carro. — Eu posso levar o senhor atrás daquele carro, posso sim, mas não vou quebrar nenhuma lei de trânsito e perder meus pontinhos queridos pra isso. Não, isso não.

Com a cara fechada, Tom observou o semáforo vermelho ficar aceso durante infinitos sessenta segundos.

Quando o sinal abriu, o carro de Carl havia desaparecido.

— Droga!

— Calma, seu Tom... a avenida vira pra esquerda, o carro não pode ter ido pra outro lugar.

Os constantes 60 km/h de Louis incomodavam Tom. Ele assoprava e resmungava a cada carro que os ultrapassava. Louis olhava magoado para Tom a cada muxoxo que o velho soltava.

Eles chegaram ao fim da avenida e viraram à esquerda. A rua se estreitou e continuou apinhada de carros, mas Tom viu, ao fundo, o C180 preto do filho.

A rua levava para o subúrbio de Ben Eagle, adentrando a cidade cerca de meio quilômetro. Após isso, ela reabria para diversas saídas: uma que levava para a Interestadual 81, e outra que levava para a zona sul da cidade. Carl, entretanto, fez o retorno e voltou para a Avenida Gen. Sam Willis. Tom ficou intrigado.

— Ele tá fazendo o retorno?

— Aquele é o seu filho, seu Tom?

— Sim, Louis.

— Ele tá voltando, seu Tom. Ele vai até a sua casa, quer apostar?

— Por Deus, eu adoraria perder a aposta, acredite!

Metros depois, os dois pegaram o retorno e subiram a avenida de novo. O fluxo de carros era mais intenso no sentido contrário. Louis se deu ao luxo de acelerar para 75 km/h e conseguiu se aproximar do carro preto. Cerca de cinquenta metros os separavam. Ainda assim, Tom não enxergava os dígitos da placa. As nuvens se fechavam devagar sobre Ben Eagle.

Contrariando as expectativas de Tom, Carl passou direto de sua casa. Até mesmo Louis estranhou.

— Ele passou direto, seu Tom. — Olhou para o rosto aflito do velho — Fala pra mim, seu Tom, tem *alguém* com ele no carro? Algum bandido?

“Antes fosse, Louis, antes fosse...”

— Não, Louis. Tenta encostar, pelo amor de Deus, para de falar e tenta encostar!

Antes que Louis sequer pensasse em passar a marcha, Carl acelerou o carro novo, o motor moderno mostrou para que servia, e ele se afastou ainda mais dos dois. Em poucos segundos, Tom viu o carro saindo no fim da estrada, seguindo para fora da cidade. Louis soltou um suspiro que deixou Tom irritado.

— Tem certeza que quer continuar, seu Tom? Seu filho se mandou...

— Vai em frente, Louis! A gente alcança ele!

Tom sabia agora para onde Carl seguia: sua sogra tinha um sítio entre Bem Eagle e Casper Ville, e provavelmente sua esposa estaria lá com as crianças. Era a única explicação que ele tinha, então se apegou a ela como a uma santa.

A caminhonete fez a volta e pegou a estrada. No mesmo instante, o céu desabou sobre eles.

Minutos depois, uma fina camada d'água cobria a pista. A chuva caía com a força de mil elefantes, criando uma cortina diante deles. Os carros que vinham em sentido contrário jogavam litros de água contra o para-brisa de Louis. Ele ligou o limpador e começou a diminuir a velocidade, amedrontado.

— Droga, Louis, assim a gente não chega perto dele nunca!

— Isso eu já sabia desde que o senhor pediu pra gente seguir ele. Não vamos ver nem a marca do pneu...

E Louis tinha razão. Razão *demais*, pensou Tom, e isso começou a se enraizar dentro dele. Um sentimento de temor gigantesco e absoluto. Aquela chuva, aquele espelho d'água na pista, os carros lançando luzes altas contra o rosto de Louis. Tom começou a se sentir *claustrofóbico* dentro daquela pequena cabine que fedia a cigarro, balas de menta, pães doces e peidos vespertinos. Havia uma sensação única de fatalidade ali. Queria descer, queria pedir a Louis que parasse e o deixasse descer *ali mesmo*.

Sentiu um pequeno peso no bolso do casaco. Quando enfiou a mão dentro dele, tateou a *caneta* de Hallow, gelada como a chuva. Sua garganta emitiu um ruído engasgado.

De alguma forma, Louis notou o nervosismo de Tom pela forma como apertava a coxa com os dedos.

— O senhor tá meio nervoso, seu Tom... deixa eu por um Neil Young aqui pro senhor relaxar a cabeça.

Ele inclinou o corpo para o rádio. Tom gemeu:

— Deixe isso pra lá...

— Não, é rapidi...

Não houve tempo. Quando a luz forte e ofuscante inundou a cabine, por instinto, Louis puxou o volante para a direita.

Foi seu último erro.

O carro deslizou pela água e pelo óleo na pista. Dez metros depois, as rodas do lado direito saíram do chão. A cabeça de Tom se chocou com força no vidro e ele sentiu tudo rodando, enquanto o carro dava voltas incontáveis pelo asfalto molhado. Um barulho terrível de aço se torcendo lhe atingiu os ouvidos. Vidros se esfaquearam e encheram seu colo de cacos pequenos e afiados. Sangue escorreu pela testa e cobriu seu olho direito. A cabine se encheu de água da chuva. Chaves, ferramentas e cachorros de plásticos passaram voando por sua cabeça. Ele viu os faróis de outros carros iluminarem seu rosto, ouviu as buzinas de vários deles, enquanto desviavam da mira daquela caminhonete que capotava desvairada. O som preencheu seus ouvidos. Não parecia existir mais nada no mundo a não ser aquele som de destruição, de ferro fundido, vidro e plástico sendo retorcidos, dobrados e quebrados. Sentiu seus órgãos chacoalharem e se espremerem uns contra os outros graças à força centrífuga.

E permaneceu preso ao banco graças ao cinto.

Quando a caminhonete parou, a cento e cinquenta metros de onde começara a capotar, ele desmaiou. O carro de Louis Peterson parecia uma bola de papel amassado.

O som da chuva e a buzina dos carros acordou Tom trinta segundos depois. Estava de cabeça para baixo, uma sensação angustiante que por anos não sentia. A chuva caía do lado de fora e respingava em seu rosto pelo vidro quebrado. Ele olhou para o lado, ainda atordoado, e virou o rosto no mesmo instante. A face de Louis parecia carne de açougue, vermelha e vertendo sangue em gordas gotas. Ele tateou o encaixe do cinto perto do quadril. Quando o encontrou, apoiou uma mão no teto, que estava embaixo então, e a destravou. O corpo despencou veloz, e ele amorteceu de leve a queda. Rolou suas costas sobre cacos de vidro e sentiu-os como se queimassem sua pele.

Se arrastou para fora do carro. Sua cabeça pulsava. Tinha sangue em suas mãos e pequenas lacerações no braço. Levantou-se com certo esforço, as pernas bambas e um dos olhos completamente encharcado do sangue que escorria do corte na testa. Caminhou até o meio da pista, segurando a mão que sangrava com a outra que parecia mais inteira. Nenhum carro veio na direção deles, e os que se afastavam pareciam fingir que não tinham visto aquilo. A chuva lavou seu rosto e seu corpo. Tremeu de frio. Lembrou-se de seu filho.

Tom começou a se afastar do carro retorcido sobre o acostamento, andando de costas, a ar forçando caminho por sua boca, o peito batendo tão desregulado que parecia perto de um colapso. Seus olhos, entretanto, foram atraídos pela placa da caminhonete de Louis Peterson. Não fosse pela chuva que tirava o sangue de seu olho, Tom nunca teria visto os números na placa.

Preferiria não ter visto.

A placa do carro dizia: *Ben Eagle, NY*. E embaixo: *08DX003*.

Tom suspirou, e no instante seguinte tudo se consumiu em uma gigantesca e ruidosa explosão.

Quando Tom acordou, estava deitado em uma cama num quarto de hospital.

Seus olhos ardiam, e as paredes brancas e limpas do quarto, assim como os aparelhos que piscavam ao lado e as flores amarelas no vaso, ondulavam como se tudo ao redor fosse líquido, gelatinoso. Sentia-se como que flutuando sobre a cama. E não sentia mais *nada*.

Após alguns minutos enxergando aquela paisagem sacal, começou a sentir *algumas* coisas e a se *lembrar* de outras. A primeira coisa que percebeu foi a pequena mangueira enfiada no nariz. Coçava. Tinha um acesso no braço esquerdo, onde outra mangueira empurrava para dentro de seu corpo um líquido translúcido em gotas lentas e agonizantes. Sua cabeça latejava em um local próximo da sobrancelha, onde cinco pontos fechavam um corte profundo. Estava muito inchado ali. Seu braço direito estava imobilizado por um grosso gesso branco, e pendurado por uma alça que descia de uma armação na parede atrás dele. Suas pernas não se

moviam, mas ele as sentia, o que o deixou um pouco mais aliviado. Era apenas efeito do sedativo. Algo ardia no seu baixo ventre, e percebeu com amargura que uma sonda estava enfiada em sua uretra. *Aquilo* queimava. Lembrou-se com revolta do carro capotando, tantas vezes que até perdeu a conta. De ter conseguido sair do carro com esforço descomunal, após ter visto a face destroçada de Louis Peterson, e da explosão assustadora que arremessou seu corpo cinco metros para trás após ele constatar abismado que a placa de Louis Peterson havia, *por uma coincidência cínica*, marcado sua morte para aquele quente e chuvoso mês de agosto.

Em sua boca havia um gosto amargo. Devia ser sangue. Ou a boa sorte diante do acontecido.

Tentou melhorar a posição desconfortável em que estava seu corpo e não conseguiu se mover. Girou a cabeça para a esquerda. O vaso branco com flores amarelas estava sobre a mesinha, com um pequeno cartão dobrado embaixo. Reconheceu a letra refinada da nora. Lembrou-se das horas anteriores, quando ainda podia ouvir o som da chuva, e do momento em que Carl, sua esposa Jennifer e seus dois filhos, Ann e Mike, o visitaram. Ele podia ouvi-los, mas não conseguia responder, nem com um aceno de cabeça. A quantidade de anestesia no seu sangue o fazia ir e vir de sonos profundos. Podia ver os quatro rostos entristecidos e preocupados, ao mesmo tempo em que pareciam aliviados em vê-lo vivo. Lembrou-se que seu filho acariciou sua testa. Estava vivo.

Carl ainda estava vivo!

Lembrou-se das vozes agudas das crianças e de sua nora se afastando, enquanto uma enfermeira de corpo magro lhe enfiava pelo aceso no braço mais uma dose de algo que o fizera dormir em segundos, logo tudo o que vinha depois era um espaço vazio de memórias. E então estava ali, despertando sozinho, em um quarto que pouco a pouco ficava mais frio.

Não havia mais chuva lá fora. E parecia *mais escuro* do que o normal.

Um fino cobertor cobria seu corpo a partir do umbigo, e ele começou a sentir um pequeno desconforto e um arrepio, como se um vento gelado soprasse sobre seu pescoço descoberto; olhou para o lado direito, e sua mente registrou que daquele lado estava o botão para chamar a enfermeira.

Não sabia dizer quanto tempo passara desde que seu corpo saíra voando pelos ares enquanto a caminhonete de Louis Peterson queimava com ele dentro. Horas? Dias? A janela permanecia escura, e seu corpo parecia voar junto com a cama, como num tapete mágico. Será que Carl não estranhara o fato de ele estar na caminhonete com Louis na estrada que levava para o norte? Será que não percebera que eles o seguiam?

Qual seriam, afinal, *os malditos números* na placa dele?

Tom pensava nisso quando viu a porta se abrir lentamente à sua frente. E junto do som das dobradiças mal lubrificadas, veio um vento frio e maléfico. E ele soube quem estava ali.

A porta não se abriu por completo, mas de alguma maneira James Hallow já estava lá dentro e o encarava, encostado na parede com as mãos atrás das costas. Usava um sobretudo preto que lhe cobria todo corpo, a gola alta lhe impondo ares vampírescos, e um par de sapatos de couro que reluziam à lâmpada fria do quarto.

A mente de Tom gritou um alerta imediato para o corpo, mas este não se moveu um único milímetro. Sentiu arder o baixo ventre, mais do que a fina queimação com a qual se acostumara naquelas horas no hospital, e soube que urinara. Seus olhos se arregalaram quando notou a presença gélida do homem. Encolheu o pescoço, única parte do corpo que parecia se mover sob seu controle. O coração disparou. A máquina ao lado apitava como um alarme. De onde estava não podia ver a face do homem, seus olhos miúdos e negros, nem a boca fina e fechada, apertada como se à força, e ele quis culpar o sedativo; mas o medo o trouxera à lucidez tão rapidamente que preferiu não se enganar. Veria apenas o que Hallow permitisse.

Ele sentiu a maldade que aquele corpo exalava, como o cheiro apodrecido de um cadáver seria notável em uma tarde de verão.

O homem deu um passo e Tom achou que fosse gemer de medo, mas constatou que sua garganta não produzia nenhum som. Seus olhos giraram na órbita. Procurava o botão, o *botão que chamava a enfermeira...* mas ele estava do lado direito.

Do lado do braço quebrado.

Voltou seu olhar para o homem. Ele estava no pé da cama, e Tom podia ver seu rosto. Estava branco com fundas olheiras que ele nunca havia notado. Ele não sorria, e suas mãos continuavam atrás do corpo.

Quando ele falou, foi como se um furacão rodasse pela sala, gelando seu corpo.

— Ora, ora, ora... senhor Tomas. Mas em que situação o senhor se meteu, hein? Como as pessoas gostam de dizer, *no lugar errado e na hora errada*, não é?

O peito de Tom subia e descia em profundas respirações. Forçava seu corpo para a direita, mas ele não mexia. Ao mesmo tempo, não tirava os olhos do homem diante dele. Ele não parecia estar *realmente ali*. Era como uma visão. A voz dele preenchia o quarto inteiro de uma maneira sobrenatural, volumosa e profunda.

— Situações como essa me inspiram a contar histórias — disse, com um leve sorriso no rosto, olhando para o nada. — Conheço *várias*, Tomas, cada uma adequada a um acontecimento. São tantas que preciso que coisas assim, inesperadas, aconteçam... para que eu me lembre de uma história *ideal*.

Tom não podia dizer nada, mas seu corpo fervilhava com sentimentos distintos de asco, ódio e pavor.

— O senhor conhece a história da mulher de Ló, senhor Harlton? Sim, com certeza conhece... e com certeza me diria que a história é *de Ló*, mas não... a mulher de Ló é que é a personagem principal dessa... *passagem bíblica*, por assim dizer. O senhor quer que eu lhe conte, senhor Harlton?

Tom tremia. Hallow sabia disso. Mas seu rosto permanecia imóvel. Aquela voz... de onde saía aquela voz se sua boca estava *fechada*?

— OK, como o senhor não diz nada, vou entender como um sim — disse Hallow. — Bem, sabe-se que Deus estava terrivelmente desgostoso com Sodoma e Gomorra, e acredite, a palavra *sodomizar* não teria um significado tão pavoroso se o que acontecia naquela cidade fosse algo bom aos olhos de Deus, mas... *Ele* decidiu que os atos perversos e imorais e todo sadismo e blasfêmia daquele povo deveriam ter fim; Abraão, porém, *tolo* como era, intercedeu ao Senhor Deus poderoso e vingativo que poupasse aquelas pessoas, pois elas apenas se desviaram do caminho correto e blá, blá, blá. Deus, então, desafiou Abraão para que encontrasse *no mínimo*, e, pelo Bom Deus, imagine só como eram essas cidades... *no mínimo dez pessoas justas* em Sodoma e Gomorra, e Ele então não castigaria aquele antro de depravação.

“E adivinhe quais foram os únicos justos que Abraão conseguiu listar? Apenas Ló e sua família, composta por suas duas filhas, que não eram lá exemplos de mulheres decentes, viu-se depois, e a personagem principal de nossa “fábula”, a mulher de Ló, que eu sei por fontes confiáveis que se chamava Emaré.”

A garganta de Tom começou a produzir um pequeno gemido. Ao mesmo tempo, percebeu que podia mover o dedo do pé.

— Então, os Anjos do Senhor ordenaram que Ló e sua família fugissem pelas montanhas o mais depressa possível, pois a cidade seria destruída esplendidamente pela fúria de Deus em forma de uma chuva de fogo e enxofre, e eles tinham ganhado a chance de se salvarem. *Mas*, e sempre tem um “mas”, não é Tom, havia um detalhe: eles não deveriam *olhar para trás*, em nem um momento sequer. Era uma ordem Dele!

Hallow abriu um pequeno sorriso, e o quarto ficou ainda mais frio. Tom tremeu. Era o único movimento que podia fazer.

“Maldita enfermeira... por que deixou a droga do botão...”

— Porém, como o senhor deve saber, na hora em que o show de pirotecnia nefasta do altíssimo se iniciou, lançando sombras titânicas e luzes rubras sobre Ló, suas duas filhas e Emaré... ah, a mulher não *se conteve*, Tom. Ela queria *ver*. Ela *tinha que ver*! Maldição, *lhe futucaria uma comichão terrível no meio daquelas pernas* se ela não visse!

“Então ela se virou, Tom. Ela *viu*. Ela desobedeceu a ordem do Senhor. E imediatamente seu corpo se transformou em uma estátua de sal.”

O velho mexeu as nádegas sobre a cama. Sentiu um beliscão, além da ardência da sonda, então percebeu que não quebrara *apenas* o braço.

— Sabe qual a moral dessa história, Tom? Todas as histórias têm uma moral, Tom... *todas*. E sabe qual a moral dessa?

Enquanto Tom tentava puxar o quadril para o meio da cama, o sorriso de James Hallow se alargava até as orelhas.

— *Curiosidade*, Tom. Curiosidade. Ela matou o gato, e transformou Emaré em uma pedra inútil de sal.

“Curiosidade, Tom. O senhor estaria inteiro se não fosse como a *mulher de Ló*!”

E no instante seguinte, James Hallow estava sobre a cama. Estava *sobre Tom*.

O velho sentiu seu peso, uma pressão sufocante sobre seu diafragma. Tentou olhar para a porta, ver se estava aberta e se alguém passava pela frente e poderia vê-los, mas o negrume daquele olhar diante dele não permitiu.

— Por que flerta com a *morte*, Tom? Por que se arrisca? Já não brincou com ela o *bastante*, Tomas Harlton? Ou devo chamá-lo de *Tenente Harlton*, hã? Posso te chamar pelo seu apelido, *Harlton Ceifeiro*, hã? *Tenente Harlton Ceifeiro*! É isso que está escrito na sua *medalha*, Tom? Aquela que você guarda dentro da sua gaveta com a chave do cofre? É isso? Aquela que você ganhou por matar cento e dezessete japoneses em Manila, é, senhor Harlton?

O aparelho ao lado de Tom apitava e pulsava enlouquecido. Seu coração estava disparado dentro do peito. E sobre ele aquele homem gritava, berrava, e mesmo assim, Tom sabia de alguma forma que *ninguém* iria aparecer. Porque, mesmo dentro daquele hospital gigante, naquele momento ele e Hallow estavam *sozinhos*.

— O medo precisa de vítimas, Tomas Harlton... e a morte precisa *matar* — sussurrou James Hallow. A alma de Tom congelou quando ele viu os dentes claros tão perto do rosto e os olhos negros que pareciam um universo de desolação sem fim.

As mãos de Hallow saíram de trás das costas. Ele carregava a pasta negra de Tom.

Seu rosto se contorceu de alegria quando viu o pavor nos olhos do velho.

— Reconhece isso, Tomas? Claro, isso é o seu... *passatempo*, não é? Sua brincadeira nas horas vagas. Interessante como o senhor teve paciência para coletar tudo isso... fascinante!

Tom mexeu a boca. Respirou fundo e tentou falar duas vezes. Hallow esperou, pacientemente. Apenas na terceira tentativa um chiado escapou da garganta do velho:

— Você... matou... *todas elas*... *você* matou...

— O senhor pode *provar*, senhor Harlton? — E então, com deboche: — Aham, aham, deixa que eu falo: “Sua assinatura está aí, nestes recortes. É óbvio!”

A gargalhada do homem ecoou pelo cérebro de Tom.

— E aí está a *curiosidade*, Tom. O senhor não deveria ter notado os *números*, Tom... nem ter corrido atrás de tanta informação... e o mais

importante, o senhor não deveria estar *naquele carro hoje*. Porque hoje era o dia de Louis Peterson, e não o seu. Mas, como parece que não se importa...

Em um segundo, a mão direita de James Hallow desapareceu dentro do peito de Tom. O corpo pulou, vibrou sobre a cama como se tivesse recebido uma descarga elétrica, e o careca que de alguma forma personificava a morte continuou sobre ele, com o rosto tão perto que Tom podia sentir o cheiro amargo e fétido de todas as almas malditas que ele carregou.

Não havia sangue, mas ele *viu* a mão de Hallow dentro de seu tórax. E sentiu com desespero os dedos longos e gelados tatearem seu coração.

— Está em minhas mãos, Tom... sempre *esteve*. *Todos aqui estão!*

Apertou. Uma dor excruciante girou e se espalhou do coração para todo o corpo. A vista de Tom escureceu e o mundo inteiro começou a derreter ao seu redor. Seus tímpanos incharam como se fossem estourar. Puxou o ar em vão, suas pernas vibrando raivosas. Olhou desconcertado para o botão à direita, tão perto de sua cabeça, mas cujo braço imóvel e inútil não alcançava, enquanto o rosto magro e seco de James Hallow se aproximava a cada instante do seu, olhando no fundo de sua alma com aqueles olhos escuros. Sentiu a estranha certeza de que iria morrer ali mesmo, deitado naquela cama de hospital, com uma sonda enfiada no pênis e o quadril remendado. E mesmo sabendo que dezenas de enfermeiras e médicos transitavam a todo instante naqueles corredores, ele sentiu resolutamente que seu quarto só seria lembrado depois que o homem de roupas negras explodisse seu coração com dedos frios e compridos como facas. Ele partiria sem deixar qualquer sinal de sua *existência*, e os médicos assinariam, sem qualquer dúvida ou desconfiança, o atestado de óbito de Tomas Harlton com a *causa mortis* de ataque cardíaco fulminante.

Simples e sem vestígios. Como Hallow fazia.

— Como se sente, Tom? Já sentiu a vida assim tão *distante*? A morte tão evidente?

Ele sibilava, os dentes brilhantes saltando da boca fina com sorriso largo.

— Por favor...

— O quê? Você está implorando? Oh, Tom...

— Por favor... meu...

— O quê? Não estou ouvindo...

— Por favor, meu fi...

— Espera, deixa eu chegar mais *perto*...

Encostou a orelha gelada na boca ressecada de Tom. Ele sussurrou, a alma partindo:

— Por favor, meu filho não... por favor... poupe meu filho...

O homem afastou o rosto, o sorriso encolhendo. Alguma coisa machucava Tom por dentro além daqueles dedos magros.

A mão relaxou. Tom puxou o ar com força. A pressão nos ouvidos diminuiu. A agonia em seu peito se reduziu a um pequeno prurido. Hallow estava soltando-o.

Seu corpo subia à medida que o homem puxava a mão de dentro dele. Quando ela saiu, um som líquido e gorgolejante como um coaxar de sapo ecoou pelo quarto. Desceu e se chocou contra o colchão, como se estivesse na queda livre de um pesadelo. Inspirou com força, um gemido angustiado.

James Hallow lhe mostrou a mão limpa. Os dedos longos, pontudos e sem digitais dançavam diante dos seus olhos. Puxou a mão para junto do corpo. Tom olhou apavorado para o peito, mas ele estava intacto.

— Ainda não é sua hora, Tom.

No segundo seguinte, o homem estava de pé, no chão. Ajeitou os botões que se abriram do sobretudo. O sorriso desapareceu de seu rosto. Encarou a janela e a noite escura lá fora.

— Abra a mão, Tom.

O velho, que ainda o encarava estupefato, abriu a única mão que podia, e virou seus olhos para ela quando notou o frio da coisa que ali estava.

Era a caneta. A caneta preta com detalhes dourados que furtara do Despachante. Não imaginava como fora parar na mão dele, mas percebeu que não importava. A única coisa que deveria fazer era devolvê-la. Ergueu a mão aberta para Hallow.

— Eu te devolvo o que é seu, e você devolve o que é meu — disse o homem, tomando a caneta sem tocar na mão de Tom (coisa pela qual ele mentalmente agradeceu) e colocando a pasta sobre o peito do velho. Tom pegou a pasta com a mão que podia mover, passou os dedos sobre a capa, a virou e a abriu.

Havia mais recortes e anotações do que antes. Muito mais. Seu peito deu um solavanco de dor e ele fechou os olhos, pesaroso.

— Tomei a liberdade de fazer algumas adições, já que o senhor se delicia tanto com essa “matemática macabra” que pensa ter descoberto — disse James Hallow, fazendo as aspas com os dedos, no rosto um irritante sorriso de deboche — Bom descanso, Tom. E boa recuperação. Ah, e você a terá. Uma *ótima* recuperação, diga-se de passagem. Até mais.

Virou-se e começou a andar. Tom sentiu um desespero imenso entupir sua garganta como algodão molhado.

— E quando vai chegar?

O homem parou. Sua cabeça branca e careca se virou, e ele olhou Tom sobre o ombro.

— Quando vai chegar... a minha hora? — Tom perguntou. Sua voz saiu grave e repleta de medo. Sabia que não precisava saber daquilo. *Curiosidade*. O homem tinha acabado de lhe ensinar uma lição, e lá estava ele cometendo o erro de novo.

Não precisa saber. Mas *queria*.

— Você ainda tem sete anos, Tom. Sete longos anos. O mesmo não posso falar de Giovanni Accioli... ele tem dois meses. Ou seu filho. A placa do carro dele é 04D-005, e o senhor não pode fazer absolutamente nada.

Ele não sorriu enquanto falava. Naquele momento, Tom poderia compreendê-lo.

Mas isso não passou pela sua cabeça.

— Eu não quero! — disse, com a voz grossa e a garganta entupida, como se fosse chorar como uma criança. — Eu não quero esses sete anos. Não preciso! Passe para Carl... e Giovanni. Divida por igual... não me importa... mas eu *não quero!* Não quero esses sete anos!

Então, finalmente, o homem *riu*. Tom ouviu, e não apenas viu aquela boca se escancarar e os dentes despontarem como uma armadilha de urso; o *som* não era *bom*. Consumiu-o por dentro como um tumor negro, assim como as palavras que ele disse em seguida:

— *Você não tem escolha* — disse a coisa que era o homem, e desapareceu atrás da porta.

Tom teve alta uma semana depois, para espanto dos médicos, mesmo depois de fraturar, além do braço direito, a bacia, a tíbia e o cóccix.

No mês de outubro, na véspera do Dia de Todos os Santos, o italiano Giovanni Accioli sucumbiu ao câncer intestinal que o consumia.

No dia doze de abril de 2005, Carl Harlton sofreu um infarto enquanto dirigia até Nova York para visitar uma construção da qual era responsável. Ele chocou seu Mercedes Benz C180 contra uma árvore, e seu corpo queimou dentro do carro durante meia hora até a chegada do resgate.

Tomas Harlton viveu até os noventa anos. Ele receberia homenagens do prefeito de Ben Eagle no mês de junho, quando a cidade completaria cento e vinte anos, se não tivesse falecido no dia treze de março de 2010, de morte natural, enquanto dormia.

Ele encontrou e de certa forma enfrentou James Hallow mais uma vez antes desse dia.

Mas essa história fica para uma próxima oportunidade.

Amor por correspondência

Ela o conheceu na internet, como se conhece quase tudo hoje em dia. Nunca acreditou em destino. Na sua concepção as coisas avançavam, apenas; a vida não tinha regente senão cada um, responsável por seus próprios passos e decisões, e qualquer mudança de ritmo, uma hesitação ou aceleração em determinado momento, é como um toque na linha da vida, fazendo com que ela vibre de forma aleatória e levando a situações imprevisíveis. Ainda assim, como sua vida estaria se ela não tivesse respondido seu primeiro “olá”? Se ela não lhe tivesse dado a liberdade de avançar cada vez mais nas perguntas até que sua vida parecesse um livro aberto? “Destino”... teria sido apenas mais uma arbitrariedade da vida, ou algo que já estava “previsto”? Ela não saberia dizer. Aleatório ou não, pré-programado ou não, tudo mudou quando ele lhe enviou a primeira prova de amor... a primeira “peça”. A língua.

Não estranhou quando ele pediu seu endereço, veja bem, porque ela sentia uma sinceridade imensa em suas palavras. Claro, não foi algo revelado de mão beijada, mas, ah... como ele era carinhoso, como era inteligente e gentil! Conversar com ele era como encontrar a si mesma, como se ver no espelho, despida de qualquer disfarce cotidiano, de qualquer simulação que a sociedade força a construir. Na realidade pedregosa da sua cidade, ela nunca encontrara alguém que a entendia tão bem.

“Eu compreendo sua solidão, porque eu também sou assim”, diziam as palavras que surgiam em blocos na tela. “Quando me vejo rodeado de pessoas, me sinto ainda mais vazio, ainda mais distante de qualquer convivência. Porque eu olho para todas aquelas pessoas e não me enxergo, logo, não enxergo ninguém. E quando penso que é em mim esse vazio, vejo que na verdade, todos os que me cercam é que são vazios. Fúteis. Vivendo vidas em fingimento, em encenação, preocupados apenas com o próximo fim de semana, com a próxima festa, a próxima compra... o celular do momento, o carro que vai arrastar mais mulheres para dentro, a

bolsa mais brilhante, o sapato mais caro que vai deixar todas com inveja... é revoltante, percebe? Qual a importância disso tudo? Não vivemos sequer um século completo de existência, não conseguimos experimentar nem metade das mais diversas experiências que o ser humano pode imaginar, e essas pessoas só conseguem pensar em ‘posses’, em futilidades sem fim! ‘Quantas pessoas curtiram minha foto?’, ‘Quantas estão me seguindo na merda do *Instagram*?’ ... desculpe-me o linguajar, mas...”

“Eu entendo”, respondeu ela, sorrindo. Mandou um sorriso em *emoji* para que ele soubesse. “Eu também desprezo toda essa merda.”

Ele riu (pelo menos é o que ele passa pela mensagem, uma sequência de “kkkk” gigantesca).

“Eu também. Desprezo toda essa gente.”

Não demorou muito para que comesçassem a falar de desejos em comum... desejos mais *profundos*, do tipo que só se compartilha com quem realmente lhe entende. Das ambições mais ideológicas, como “fazer as pessoas entenderem o real significado da vida”, até vontades mais simples ante a amplitude de seus anseios, como causar uma parcela de dor em alguém que lhe tenha causado algum mal. Esse alguém não tinha nome, e essa dor não tinha uma única origem. Esse “alguém” era *todos*, uma alegoria aos mentirosos, aos tolos, aos fúteis, àqueles que na imensidão de suas trivialidades não enxergavam o quanto eram mesquinhos, o quanto eram inúteis. O quanto, em seus olhares vazios, julgavam sem entender o menor sentido de suas atitudes. Todos, *todos eles*, malditos vulgares e fúteis.

E a *dor*... ela era quase visível, quase corpórea. A dor de se ver exclusivo, único, real, e viver em mundo de frivolidade, um mundo oco e infrutífero.

Foi então que ele lhe pediu seu endereço, e ela lhe passou. Depois, com uma curiosidade lacerante, perguntou a ele o que pretendia. Não com medo ou com desconfiança, mas com ansiedade.

“Vou te enviar um presente”, disse.

Depois daquele dia, não o encontrou on-line até a chegada do pacote. Foram dias de muita solidão e receio. Receio de que ele tivesse lhe abandonado. Apavorava-a pensar que poderia ter perdido a pessoa que mais a compreendera na vida. Mais do que seus pais, dois velhos sem objetividade, os quais deixou de lado para morar sozinha na primeira oportunidade que teve. Mais que seu único irmão, aquele que pareceu de

certa forma *enxergá-la* como ela era de verdade, sob a pele, mas que em vez de a aceitar, sentira cisma, a evitara. Mais que qualquer amiga ou amigo, ou ex-namorado, que na banalidade de suas atitudes e seus desejos tolos, a entediavam, a enlouqueciam com tamanho vazio interno. Mas *ele* não, ele a entendia e a completava, então ele *não podia lhe abandonar!* Seria injusto escrever aquelas palavras e depois deixá-la de lado como qualquer outro faria. Não acreditava que aquilo fosse de seu feitio.

E no fim das contas, ela tinha razão. Ele não a abandonaria.

O pacote chegou vinte dias depois da última mensagem dele. Era uma caixa parda e pequena, com seu endereço estampado e o que parecia ser sua caixa-postal do outro lado. Abriu um sorriso tão grande e sentiu um prazer tão intenso que suas pernas formigaram, tremeram, como se ele estivesse ali com ela, a abraçando e falando coisas em seu ouvido. Ela sequer tinha aberto o pacote e já se sentia a pessoa mais feliz do mundo!

Foi até o quarto com o embrulho ainda fechado, e para sua imensa alegria ele estava *online*, quieto, apenas esperando.

“Recebi seu pacote”, escreveu. Segundos depois, ele respondeu: “Já abriu?”

“Ainda não.”

“Então abra. Depois me diga o que achou.”

Arrepiou-se por inteira. O que haveria no pacote afinal, a ponto de o deixar tão misterioso? O sorriso queria desaparecer da sua boca, então decidiu abrir a caixa.

Cortou a fita que envolvia a caixa, soltou os adesivos e levantou a tampa. Havia uma caixa de isopor dentro. Colocou-a sobre a mesa, pois não conseguia segurá-la, como se a caixa estivesse eletrizada. Seu coração dava saltos irregulares dentro do peito, e ela sentia ondas incontrolláveis de prazer e adrenalina pulsando pelo corpo em uma intensidade alucinante, e antes mesmo de abrir a caixa e confirmar seu conteúdo, ela já decidira que queria sentir aquilo outra vez, aquele êxtase indescritível e lascivo que penetrava seu corpo e sua mente. *Queria* aquilo de novo, aquela sensação de não saber o que haveria ali, mas já desconfiando de que não seria algo comum.

Levantou a tampa da caixa com um misto de medo e entusiasmo, e largou-a na mesa, levando as duas mãos à boca.

O que havia dentro da caixa era uma língua humana, rosada e brilhante, parecendo ainda fresca. Media algo próximo de vinte

centímetros. O nível de conservação era assustador. Ela emanava um monótono odor de flores mortas, e parecia envolta por uma finíssima camada de verniz. Cada papila brilhava como um diamante. Posicionada sobre ela havia um pequeno pedaço de papel, um cartão envolto em um saco plástico.

Suas mãos tremiam, mas não era de medo e sim de ansiedade. Milhares de pensamentos cruzaram sua mente, e o que lhe causava mais pânico era aquele onde ele arrancava a própria língua e a enviava, como uma prova de amor absoluta e absurda. Ela o reprovava imediatamente se ele tivesse feito isso! Não aceitaria de forma alguma que se mutilasse para seu proveito! Ele não merecia! Era uma pessoa tão inteligente, completa e compreensiva! Não, ele *nunca* faria isso!

Pegou o bilhete, ainda trêmula, e seus dedos tocaram de leve a língua, dura como pedra. Abriu o plástico que o envolvia e leu seu conteúdo:

Ela falava demais.

A frase estampada no bilhete lhe disse muito sobre o homem que a enviara. Um excluído. Um recluso. Alguém que sofreu demais graças à indecência e insânia de alguém que não foi capaz de se calar ante seus segredos.

Ela o amou ainda mais naquele momento.

Soltou uma expiração sonora, e só então notou o quanto aquele bilhete a aliviara. Ele estava bem! Estava inteiro, por Deus!

Ela tinha que lhe agradecer.

Sentou-se diante da tela e do teclado, mas as palavras exatas não vinham. Não sabia dizer “eu te amo” de uma forma inédita. E não *havia outra forma* de dizer.

Foi ele quem quebrou o “silêncio”: “Gostou? Do que eu te mandei?”

Suas mãos pararam de tremer. “Simplesmente incrível!”, escreveu. “Como você fez aquilo?”

“Tenho minhas técnicas. Não é de hoje que as pessoas conservam coisas mortas... foi mais ou menos o que fiz. Dá um pouco de trabalho, mas compensa.”

“É INCRÍVEL!”

“Que bom... sabia que ia gostar.”

Mais alguns segundos sem escrever nada. Então continuou: “O que vai fazer com ela?”.

“Vou guardar, é claro!”

“Ótimo.” Um sorriso em seguida.

“A caixa postal... é sua mesmo?”

Um momento de hesitação. Quase pôde sentir.

“Sim, é.”

“Posso... mandar algo em troca. Pelo presente?”

“Como assim?”

“Um presente por um presente. Apenas isso.”

Dessa vez ele demorou para responder. Enquanto isso suas pernas voltavam a formigar, seu ventre voltava a pulsar e flamejar como uma fogueira. Era uma nova perspectiva. Dar-lhe o prazer que ele merecia. Fazê-lo sentir o mesmo que ela sentiu, toda a gama de sensações que ela sequer imaginava que existia.

“Olha... não é tão simples quanto parece, você deve imaginar... não digo o ato, digo o procedimento... tem que tomar cuidado... para que nada dê errado para você...”, disse, por fim.

“Vou surpreendê-lo”, respondeu, e então foi sua vez de deixá-lo aguardando.

Só que ela não sabia como igualar a inventividade daquele presente. Ela sabia o que deveria fazer, mas não *o que* poderia enviar para ele. Algo que o surpreendesse de fato, que não fizesse suas palavras parecerem tolice ou uma promessa mal cumprida. Pensou no simbolismo daquele presente e daquele bilhete, o impacto da revelação do *porquê*, e percebeu que no fundo ele não só a amava como pensava (e como ela começava a amá-lo), mas que ele também a entendia além do que ela imaginava. Ele aceitaria o presente mesmo sem simbolismo ou sem impacto, porque saberia que ela estaria fazendo aquilo *por ele*. E era isso o que importava.

Primeiro, é claro, ela tinha que sair de casa, abandonar o casulo de solidão conveniente no qual se prendera, e conseguir um lugar, uma festa que fosse, para encontrar uma “peça”. Alguém que servisse para seu propósito. Decidiu que deveria ser uma festa longe de onde morava, onde não houvesse a menor possibilidade de encontrar alguém que a conhecesse, o que não seria tão difícil. Suas relações de amizade haviam

se esgotado há muito tempo, tanto que ela sequer se lembrava de alguns nomes.

Encontrou uma boate do outro lado da cidade, distante cerca de trinta quilômetros da sua casa. Foi de táxi, e pretendendo voltar da mesma forma, só que acompanhada.

Foi fácil, já na festa, seduzir alguém e levá-lo para seu apartamento. Achava que maioria dos homens não pensava duas vezes quando via uma mulher se insinuando, e estava certa. Mesmo que a intenção fosse a mais óbvia do mundo, eles ainda agiam como se estivessem no comando, como se o poder fosse deles, como se tivessem despertado seu interesse com o “charme” que eles exalavam e não o contrário. O que ela escolheu para ser a primeira “peça” estava sozinho e já um pouco embriagado quando o encontrou. Com sua aparente fragilidade conseguiu iludi-lo até o momento em que desceram do táxi duas ruas antes da que ela realmente morava. Ele a alisou dezenas de vezes dentro do carro, e sua única preocupação era que o taxista não se interessasse neles, mais especificamente nos seus *rostos*. Ela não queria ser lembrada, depois, se algo não saísse como o planejado. O taxista, porém, parecia muito acostumado com situações como aquela, e não lançou os olhos ao retrovisor em momento algum; ela sabia, porque seus olhos não desgrudaram do espelho a viagem inteira.

Uma vez na rua, o homem quis transar ali mesmo, em um beco. Seu hálito repleto de vodca barata e energético choco era o pior de tudo. Teve que usar das mais sórdidas artimanhas para o manter interessado em seguir até seu apartamento, o que incluiu uma breve masturbação detrás de uma caçamba de lixo. Foi rápida, pois se algum policial os pegasse ali, seu plano estava acabado.

Com muito esforço ele subiu as escadas do prédio velho, cantarolando a cada andar vencido, e a única coisa que a preocupava era que alguém na vizinhança despertasse e o visse entrar no seu apartamento e nunca mais sair.

Já no apartamento, teve mais tempo para pensar no que faria. Dopá-lo era óbvio, e ela não precisaria de muito. Na situação em que se encontrava, dois comprimidos de Rivotril o deixariam quase em coma. Ele estava cantarolando e tirando a camisa (poupando-lhe trabalho), enquanto ela seguia para a cozinha e preparava seu coquetel: três comprimidos dissolvidos em mais vodca, que ele bebeu como se fosse água.

Sua resistência a surpreendeu, no fim das contas. Levou duas horas para que apagasse, e nesse meio tempo teve que enrolá-lo respondendo suas perguntas tolas, e chupá-lo durante quase meia hora, sentindo que ia vomitar no segundo seguinte cada vez que aquela coisa fedida e asquerosa avançava dentro de sua boca, mas suportou o quanto pôde, até que ele apagou. Seu membro desfaleceu em suas mãos. Puxou as pálpebras dele com as pontas dos dedos e a pupila estava aberta como um buraco dentro do olho. Hora de agir.

Puxou a calça dele e o deixou nu; por um momento algumas dúvidas passaram pela sua cabeça: alguém o teria visto entrar? Alguém ouvira seu canto tolo e desconfiava das suas reais intenções? Alguém *falaria demais*?

Deixou as perguntas de lado, pois elas não a ajudariam. Se a vizinhança nunca lhe dera a menor atenção, por que fariam isso agora?

Estendeu sacos de lixo pelo chão, os prendendo com fita adesiva, e arrastou o corpo pesado do homem até eles, onde o deixou deitado com a barriga para cima. Foi até a cozinha e pegou uma grande faca de cortar carne, comprida e com uma lâmina brilhante. Voltou até o rapaz e montou nele. Colocou a ponta da faca sobre o meio do peito, calculando qual ponto levaria mais fácil ao coração, algum espacinho mole entre os músculos que se destacavam de leve. O aço frio tocou esse ponto, onde só havia pele e uma fina camada de carne de onde já se sentia o pulsar leve do coração. Quase dava para ver por baixo da pele, aquele movimento frágil que mantém as pessoas vivas. Envolveu o cabo da faca com as duas mãos, sentindo os braços vibrarem como se fizesse o frio mais intenso do universo dentro daquele apartamento.

Hesitou. Havia uma vida deitada no seu chão, e estava prestes a acabar com ela. Matá-lo por um pedaço seu, alguma parte que ela ainda não havia decidido. A mão, o pé, uma fatia da panturrilha torneada, não sabia, mas seria alguma parte, e depois ela teria que se livrar de todo o resto. Por um instante, pensou no trabalho que teria para se desfazer daquele corpo. Fatiá-lo e jogá-lo no lixo? Difícil de fazer e fácil de perceber. Dissolvê-lo na banheira? Arriscadíssimo, não só por não ser garantido como por não saber *como*. As mãos fraquejaram em torno do cabo da faca. “Pense, *pense!*”, dizia para si mesma. Não via solução.

Então se lembrou dos olhos; de quando levantou a pálpebra e só viu um buraco negro no meio. Na verdade, eram dois grandes e belos olhos azuis, a única coisa interessante em todo aquele corpo, afinal... e

calculando todas as possibilidades, lhe parecia ser a coisa mais fácil a se fazer. Sem problemas com corpo depois. Sem sanguinolência. Tirar, se livrar do cara, enviar. Muito simples.

Amarrou seus pés e mãos, dando atenção especial às últimas, as prendendo à pilastra da escada que levava para o quarto no piso superior, e enfiou uma camisa quase inteira dentro de sua boca. Ele não se moveu. Foi até a cozinha e caçou algum utensílio que servisse para o que queria fazer. Encontrou um picador de gelo que nem imaginava que possuía. Comprido, de cabo confortável. Ainda assim, pontiagudo demais, poderia danificar a “peça”. Mexeu mais um pouco na gaveta. Encontrou uma colher de sorvete. Parecia mais aplicável à situação. Do lado dela, a ferramenta que a completava: uma tesoura.

Quando voltou para a sala, o corpo estava em uma posição diferente, meio de lado, o que significava que o efeito do remédio e da quantidade absurda de álcool no sangue daquele homem não foi o bastante para derrubá-lo.

Tirou suas roupas, ficando apenas de calcinha. Prendeu seus cabelos em um coque. Quanto menos chance de imobilizá-la ou agarrá-la ele tivesse se acordasse, melhor.

Endireitou o corpo novamente e sentou de pernas abertas sobre o peito nu. Ele não reagiu.

Sua testa suave. Pingou sobre a camisa enfiada na boca dele. Segurou a colher de sorvete com a mão direita e com a esquerda levantou a pálpebra do olho esquerdo, revelando aquele buraco sem brilho, e prestando atenção na cor escurecida daquele azul pela última vez em sua face.

Encostou a colher na base do olho, respirou fundo, travou a mandíbula e forçou.

Foi como se houvesse soado um sino. Quando a colher se encaixou debaixo da curva do globo ocular, o *outro olho* se abriu, se arregalando com força, e por um breve momento ela sentiu suas forças se esvaírem. Ele despertara.

A face do homem empalideceu, como se um segundo de olhos abertos e desperto fosse o bastante para que ele compreendesse toda a situação. Seu peito se inflou e um quase grito ultrapassou o tecido da camisa enfiada em sua boca. Junto a isso, ela forçou mais a colher sob o

olho, movimentando a mão com destreza de baixo para cima, como quem quer tirar a tampa de uma garrafa.

O olho se deslocou alguns milímetros para frente. Suor escorria pelo rosto frio do rapaz. O outro olho se projetava como se fosse saltar sozinho. Uma lágrima de sangue escorreu debaixo da colher. Com outro movimento semelhante, galgou mais um centímetro para dentro de seu crânio. O outro olho se fechou. A pálpebra que ela segurava ficou rubra. A lágrima de sangue tornou-se uma vertente. No instante seguinte, um jorro. O rosto do homem ficou metade tingido de vermelho, metade branco como papel.

Ouviu um estalo de dentro da boca do rapaz, algum dente que trincara ante a força de suas mandíbulas. Seu peito sacudia a todo instante, mas não havia força no corpo que a obrigasse a sair de cima dele. Outro som, dessa vez mais aquoso, e um jato de sangue bateu na colher e respingou no busto dela, escorrendo pelos seios e se esgueirando por suas curvas. Gotículas atingiram sua boca, que parecia lacrada. Mais um grito abafado pela camisa, dessa vez com um esforço absurdo. Seus ouvidos vibraram com aquele som. Mordeu as bochechas por dentro.

Empurrou a colher, e o globo ocular estava inteiro dentro da curva fria do metal. Puxou-a, e ouviu o ruído, um *cloc* úmido seguido de um incômodo repuxar, uma resistência esponjosa. O líquido rubro banhava sua mão. Dentro do buraco onde outrora havia um olho só existia sangue e escuridão. Puxou a colher com o olho dentro e viu o nervo ocular pendurado como um pedaço de chiclete esticado de dentro de uma boca molhada. Ele respirava com velocidade, o nariz não mais sendo capaz de deixar entrar a quantidade de ar que ele necessitava. O outro olho mirava a bola branca arrancada de sua face com um ridículo reconhecimento. Ia do olho para ela e de volta para o olho, como uma coisa insana e demente. Esticou um pouco mais o nervo, fazendo-o gemer paralisado. Ele já não oferecia tanta resistência.

Soltou a pálpebra, achando que não teria problemas, e lançou a mão na direção da tesoura. Reunindo o que restava de forças, o rapaz sacudiu a cabeça como um epilético, tirando o olho de dentro da colher e o fazendo bater em cada lado de seu rosto a cada movimento espasmódico. Por um segundo ela se sentiu sem ar e trêmula, e não conseguiu segurar a raiva:

“Seu filho da puta, *PARE DE SE MEXER!* Vai machucar minha peça, seu desgraçado!”

Largou a colher e pegou a tesoura. Com a outra mão, agarrou de novo a cabeça do rapaz, que fervia; seu olho balançava, batendo no rosto como o badalo de um sino, lançando gotas de sangue e de alguma gosma amarela. Aquilo só podia significar que o olho estava se danificando, rasgando em alguma parte. Tinha que terminar logo.

Agarrou o rosto dele, enfiando as unhas em seu couro cabeludo e o fazendo parar de se sacudir. O olho pendia displicente, pendurado sobre a bochecha por um fino fio de carne que esticou de forma inacreditável. Ele chorava, as lágrimas saíam do outro olho. Mas era tarde. Ela envolveu a bola que era o olho com a mão, forçando o antebraço sobre a garganta dele, e com a outra mão levou a tesoura até o rosto e cortou o nervo.

Ele soltou um último grito, esse mais um gemido de terror do que de dor, a voz ainda impedida pela camisa enfiada na boca, enquanto um jato de sangue e linfa amarelada vazava do canudo rosado como se fosse uma mangueira furada. O olho que sobrou em sua face girava e só o branco ficara visível. Depois se fechou. O corpo cedeu. Sua cor era marfim e rubro manchando tudo. Ao redor apenas sangue.

Ela admirava a primeira peça em suas mãos. O primeiro presente. Para o seu amor.

O restante foi mais simples. Ela o manteve dormindo por mais um dia, dando-lhe mais soníferos cada vez que ele parecia prestes a despertar. Fez um curativo no buraco onde antes ficava o olho, para não correr o risco de que sangrasse até a morte. Nada caprichado. Enfiou algodão no furo e o cobriu, apenas o básico para que os enfermeiros tivessem o que fazer com ele depois. O vestiu novamente, o que deu mais trabalho. Na madrugada seguinte, o arrastou para fora do prédio pela escada de incêndio. Ele estava entorpecido pelos remédios e pela dor, mas não totalmente desmaiado, então ela apenas o carregou apoiado no ombro. Era uma madrugada de domingo para segunda, então não havia ninguém nas ruas. Caminhou com ele por quatro quadras, dando voltas para confundi-lo e evitando as ruas principais, buscando os becos e vielas, onde cruzaram com prostitutas, drogados e traficantes; sequer foram notados.

Por fim, o deixou deitado atrás de uma caçamba de lixo, longe o bastante da sua rua. Ele nunca se lembraria do caminho, tinha certeza. Estava tão bêbado quando foi e tão drogado quando saiu, que sabia que não precisava se preocupar.

Quando ela voltou, tinha mais trabalho a fazer. Tinha a “peça” para enviar. Essa foi a parte fácil.

Assim que removeu o olho, ela o congelou da melhor forma que pôde, depois de limpá-lo com cuidado e envolvê-lo em um saco plástico. Aproveitou a mesma caixa que seu amor enviou a língua (que ela deixou guardada no freezer, em uma caixa de plástico), escreveu um bilhete com a frase “Um belo olho para o meu amor...”, e era realmente um belo olho azul, disso não tinha dúvidas, e enviou para a caixa postal de onde o pacote viera.

Se passou pela sua cabeça tentar encontrá-lo, se orientando pelo CEP? Claro que passou! Mas ela não podia estragar aquilo, entende? Era algo único e maravilhoso que estava se iniciando, e ela não queria pôr tudo a perder apenas para vê-lo, o que parecia fútil diante da grandiosidade do que sentia. Então ela apenas enviou... e aguardou.

E quando ela soube que ele o recebeu, oh, foi incrível! Ele *amou* a “peça”. Não podia ver seu rosto, mas sabia, pelo fluxo veloz das palavras no *chat*, que ele estava excitadíssimo!

“Você conseguiu? Eu sabia! Você é a minha garota! Eu sabia! Eu sabia!”

“Que bom que gostou”, escreveu, com um *emoji* sorridente ao lado.

“Se eu gostei? EU AMEI! É INCRÍVEL! É UMA PEÇA ÚNICA!”

“Tudo para você, meu amor.” Um *emoji* com corações no lugar dos olhos.

“Não teve medo? Não se machucou? Deu tudo certo?”

“Mais certo do que você pode imaginar...”

“Isso é ótimo... é ótimo... mas tem que tomar cuidado! Não sei como fez, mas a peça chegou aqui no limite, entende?”

Uma pausa. Silêncio.

“Ainda assim, estou impressionado!” Um *emoji* sorridente.

Outra longa pausa.

“E então?”, perguntou ela, os olhos brilhando, a língua deslizando sobre o lábio.

“Estou pensando...”

“No que, meu bem?”

“Na próxima peça que vou enviar para você. Tem que ser algo incrível...”

“Estou ansiosa.”

Chegou uma semana depois. A caixa era um pouco maior, pois continha um braço. Era um belo antebraço feminino, branco, liso e sem pelos, as unhas da mão pintadas de um vermelho vivo estonteante. Uma “peça” onde se podia ver bem os detalhes do seu trabalho: o corte bem rente ao fim do antebraço, mostrando parte da ponta da ulna como um pedaço limpo de marfim; a precisão de não atingir os tendões, os mantendo presos à ponta do osso, intocados; a eficácia da conservação, que deixava o membro teso como uma rocha e brilhante como uma pedra preciosa.

Junto do braço, um bilhete que dizia: “Seu abraço era falso”.

Ela lhe mandou uma bela fatia da coxa de uma adolescente dez dias depois. Com a faca de cortar carne afiadíssima que tinha em casa, foi fácil tirar aquele bife. A parte difícil foi fingir que tinha encontrado a moça já ferida na rua ao levá-la para o hospital; o medo de ser forçada a ficar lá para falar sobre o ocorrido quase a enlouqueceu, mas no final sequer notaram quando ela partiu. Foi embora tendo outra certeza: a garota não a reconheceria. Outra festa, mais drogas... era incrível e triste para ela ver como a juventude se entupia daquelas merdas até não ter mais onde enfiar.

Ah, mas era uma grande fatia, e depois, quando ele a recebeu, pôde sentir que tinha adorado.

Recebeu um belo par de pulmões na outra semana. Eram pequenos, leves e rosados; tão pequenos que imaginou se seu dono era mais jovem do que a moça de quem tirara uma fatia da perna. Junto havia outro bilhete: “Era a única parte limpa do seu corpo”. Foi a primeira vez em que sentiu curiosidade em saber *como* ele fazia. Seu método, sua forma de agir, e o que seria aquela fina camada que parecia verniz envolvendo todo o órgão e o preservando por completo. Quase perguntou para ele. Mas teve medo de parecer que invadia sua vida. Não queria ser a super curiosa, ou que ele pensasse que estava se metendo onde não era chamada. Em vez disso, decidiu que era a hora de *ousar*.

Esperou que a noite chegasse e foi a outra festa, no outro extremo da cidade, bem distante da casa noturna que fora da última vez. Era um bar, com música ao vivo e tudo o mais. Muitos jovens, bebendo e se esfregando, fumando aqui e ali, ou cheirando cocaína no corredor que levava ao banheiro e dentro dele.

O rapaz que fise dessa vez era mais jovem e um tanto mais gentil, apesar de ter ficado igualmente chapado igual ao outro, o do olho. Este era

um pouco mais divertido também, por isso ela sentiu um pequeno, *bem leve mesmo*, remorso quando enfiou a injeção em seu pescoço e apertou o êmbolo, no escuro de um beco, alguns quarteirões antes do prédio. Ele ainda conseguiu se soltar dela antes de desmaiar e a encarar com surpresa e dúvida, a palma da mão indo do pescoço para a frente do rosto e de volta para o pescoço, procurando por sangue. Haveria, mais tarde. Mais sangue do que ele gostaria.

Levou-o até seu apartamento pelo elevador de serviço dessa vez. Às 2h30min de uma madrugada de sábado, seria difícil encontrar com alguém do prédio, e deu certo. Amarrou-o, como fez da outra vez, sobre sacolas de lixo esticadas e presas com fita adesiva, um pano grosso enfiado na boca e também preso com fita. Braços presos com fita e cordas. Apenas uma mão presa à escada. A outra ela arrancou com a faca elétrica, enquanto alguma música tocava no rádio, para abafar o ruído seco da lâmina nos ossos finos do braço dele.

Ele acordou quando a lâmina, que se movia em uma velocidade absurda, atingiu o primeiro tendão, o estourando como um elástico. Seus olhos se fixaram nos dela, como se atraídos por algum brilho extravagante, vertendo lágrimas enquanto ela partia seus ossos, serrando-os o mais rápido que podia. Quando a faca partiu o último osso, salpicando o ar com o que parecia cal, os dentes da lâmina se enroscaram na pele que ainda mantinha a mão unida ao antebraço. A faca ficou fora do seu domínio, sacudindo enlouquecida enquanto, pela primeira vez desde que começara, o garoto gemia e choramingava, as pernas tremendo como se estivesse sofrendo um choque elétrico. Teve que desligar a faca, desvencilhá-la da sobra de pele e cortar o restante com uma faca comum. Suas mãos ficaram escorregadias.

Colocou a mão arrancada dentro de uma bacia plástica cheia de gelo e olhou para ele com o máximo de pena dissimulada que conseguia fingir. Ele não tinha desmaiado, ficou apenas chorando, fechando os olhos quando algum tipo de dor subia pelo cotoco, o que sempre vinha junto com ritmados espirros finos de sangue. A música ainda tocava quando foi até a cozinha e voltou com o maçarico; mais lágrimas escorreram, mais do que ela pensava que fosse possível.

Ele só desmaiou quando ela terminou. O cheiro de carne queimada era intenso. Abriu uma pequena fresta na janela e conviveu quase quatro horas com aquele aroma dentro de casa. Nem era tão ruim.

Percebeu que gostava, afinal, quando eles olhavam. Quando se viam perdendo algo que fazia parte deles e daí, tão rápido, já não estava mais ali.

Livrou-se dele o jogando desmaiado em um lixão.

À mão, seu amado respondeu com um pé, um feminino e bem cuidado, tão belo que por pouco ela o usaria como enfeite na sala.

Junto com o pé, o bilhete: “Pisou em muita gente...”

À medida que o tempo passava e os presentes aumentavam, descobriu que compartilhavam um tipo diferente de sentimento, uma ligação única, exclusiva, e que jamais haviam experimentado com outras pessoas. Era um sentimento sombrio, escuro, pesado como a morte, e ainda assim mais sincero do que os mais diversos relacionamentos que presenciaram ou viveram. Eram singularidades naquela infinidade de pessoas ocas. Olhava-o através daquelas palavras e o *via*, em toda sua complexidade e sentimentos. Como se estivesse sentado diante dela e despido de tudo que ocultava sua profundidade, sua amplitude. Incompleto apenas pela parte que lhe faltava, que era ela, então agora perfeito, pleno.

No dia em que completaram três meses trocando presentes, conversaram pela primeira vez sobre o que estavam fazendo.

Sobre as *notícias* que saíam sobre ela.

Seu apelido era “A amputadora”, e o jornal dizia que era procurada pelo sequestro e tortura de sete pessoas, cinco homens e duas mulheres, com idade entre 18 e 32 anos. Todos haviam *sobrevivido*, esse era um ponto em que a reportagem sempre se agarrava, mas todas as vítimas tiveram partes do corpo arrancadas de forma amadora. Um deles perdera um olho. Um rapaz, a mão direita. Uma garota, um dos rins. Esta estampava o jornal com uma foto da lombar, onde uma grande cicatriz marrom se estendia verticalmente das costelas até a cintura. Nas palavras da própria garota, “aquela mulher é um monstro. Ela ficava se perguntando qual pedaço meu tiraria, como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo, como comprar coisas na feira”.

Não definiria melhor.

Mas seu amor definiu como “serviço desleixado”. Aquelas palavras a acertaram como um tapa.

“Eles não entendem que isso que você faz é por amor, que é para *mim*, então se você for pega, é o fim. Apenas isso”, emendou, quando percebeu que ela não reagira bem depois daquele “serviço desleixado” que

ele escrevera; foi como jogar todas aquelas horas e todo aquele trabalho no lixo, considerá-los tempo perdido, atitudes inúteis, e naquele momento ela o odiou, com toda a força e de todas as formas que sabia.

“Se eles te pegarem, tudo acaba, você sabe, não é? Eles podem chegar a mim também... e o que eu menos quero é ficar atrás das grades. Percebe isso?”

Ele tinha razão, a maldita razão.

“Você tem que esperar agora”, ele escreveu, e ela aguardou o restante da frase, uma apreensão subindo pela garganta, mesmo já imaginando quais seriam as palavras seguintes e suas implicações.

“Deixar a poeira baixar... até que o nome ‘Amputadora’ esteja esquecido. Depois, quando tudo melhorar, voltamos aos nossos presentes. Que tal?”

Concordou. Fingiu todos os tipos de compreensões possíveis, agradeceu por se importar com ela e com o relacionamento, elogiou sua sapiência e todo seu preparo e eficiência, mas no fundo estava o *odiando*. Logo, o amava ainda mais, porque naqueles dias ela percebera que esses sentimentos sempre andavam lado a lado, que ódio era totalmente diferente de desprezo. Ela o odiava por sua presunção, por sua prepotência, sua arrogância, e então o amava ainda mais pelo ser sublime que era. Lógico que fingiria que o obedeceria, porque ela não queria que ele soubesse o que *queria fazer*. O que ela estava planejando. O maior presente, o mais bonito.

A peça *perfeita*.

Ela a encontraria e mandaria para ele quando menos esperasse, porque era isso o que ele merecia por tê-la tirado da mais abissal solidão e a completado. Ela não o abandonaria, não naquela hora e depois de tudo. Depois da história da “Amputadora” e das proporções que aquilo ganhava. Ela devia tudo a ele. *Tudo*.

De uma forma estranha, sentia que ele a *criara*.

E precisava proporcionar a ele o tipo de sensação que ele jamais sentiria sozinho, algo que transcendesse suas experiências e todo seu ser, que virasse do avesso qualquer tipo de discernimento do que antes era espetacular e esplendoroso. Ela precisava surpreendê-lo e *superá-lo*. Mostrar a ele o quanto sua existência dava sentido à dela, o quanto eram compatíveis, côncavo e convexo, *sui generis*. Ela precisava presentear-lo.

Dessa vez, buscou uma festa o mais distante possível de qualquer outra em que fora. Precisava despistar os olhos vigilantes da sociedade e da polícia, por mais que sentisse que os olhos da sociedade a seguissem sem entusiasmo, por mais que ela tivesse certeza de que no fundo ninguém se importava de verdade com todas aquelas convenções e regras. A falsidade da aparente preocupação era visível para ela. Não havia busca honesta por justiça. A maioria apenas fingia se importar com aquele que perde uma perna, ou com aquela que perde um rim. Droga, fingiam se importar até com aqueles que do nada levavam um tiro ou uma facada, então por que *ela deveria temer*? Por que deveria se preocupar com o julgamento alheio ou com o alcance da suposta “justiça”? *Essa* era sua justiça, seu caminho, seu modo de vida. Não ousariam lhe interromper por idealismos fajutos.

Uma vez longe da região onde vivia, ou onde deixava suas “presas”, se esgueirou entre putas malcheirosas e bêbados honoráveis e encontrou o lugar, um como qualquer outro, mas onde acharia a peça definitiva, a presa final, de onde produziria o mais suntuoso presente, e enviaria ao seu amor.

Caminhou entre pessoas por horas, e sentia uma apreensão se apoderar dela, devagar: não encontrava. Não havia *quem* parecesse ideal, quem a olhasse e com o fundo dos olhos mostrasse que merecia ser a presa, porque dessa vez ela não queria o desprezível, o fútil, o ignóbil. Ela queria o belo, o magnífico, o surreal. Queria arrancar daquele lugar o melhor que ele podia oferecer, e sobre seu corpo profanar toda e qualquer dignidade e decoro, toda pureza, e banhar no rubro de seu sangue todas as virtudes supérfluas que ele ostentasse. Porque ela também queria desprezar *aquilo*, a tentativa infame e inútil de parecer e ser íntegro. Queria chafurdar nas tripas do sublime, bestificar o sagrado, enegrecer toda a harmonia e imponência da simetria, do imaculado. Mas não encontrava. Aquilo não existia ali.

E não parecia existir em qualquer lugar até ele surgir ao longe, com dois pares de olhos que a viam além do que parecia ser humano. Olhos que eram o mistério mais absoluto do universo. No mesmo instante estremeceu, como se tivesse desvendado o segredo da existência. Era aquele, o ser que profanaria e subverteria em sangue e decadência. A peça final para o seu amor. E então, quem sabe, ficariam juntos *de verdade*.

Aproximou-se e começaram a dançar, e por um momento achou que guiava aquele ato, mas na verdade se sentia puxada pelo seu magnetismo,

uma espécie de gravidade que a desnorteava. Havia um sorriso ousado por baixo do olhar brilhante e entreaberto, um sorriso repleto de mistério e lascívia. No momento, ela não conseguia pensar em nada, porque estava envolvida por aquela bruma de perfeição.

As horas se precipitaram noite adentro, e o mundo parecia consistir apenas nele, aquele anjo de feições magníficas e primorosas, e a cada instante ela o olhava e se imaginava em glória sobre seu sangue. Seria o primeiro a morrer pela sua arte. O primeiro que as autoridades não encontrariam com vida após mais um ataque da “Amputadora”.

Com naturalidade saíram do lugar antes que a festa acabasse. Ela se sentia levemente embriagada, apesar de não se lembrar de ter bebido o bastante para isso, enquanto seguiam para o táxi e dali para o júbilo do sacrifício. Era guiada por suas mãos, sentindo que havia tanta luz ao seu redor que a visão se ofuscava. O objetivo daquela noite ainda era claro na sua mente, mas estava desfocado atrás de sensações nunca antes experimentadas. Via algo como uma aura de irrealidade os cercando, os transformando em coisas abstratas no meio daquela existência física fútil e rasa. O caminho do carro até o apartamento foi preenchido por uma espécie de ilusão, onde sensações e pensamentos cruzavam sua mente sem sentindo algum, trazendo reflexos incoerentes e visões ampliadas da realidade de concreto que os cercava. Ela não parecia estar ali. Flutuava.

Só se deu conta de que estava em um lugar que não reconhecia quando já subia as escadas de um prédio que não era o seu, e o que pareceu que soaria como um intenso alarme na verdade a deixou extasiada diante das possibilidades daquele encontro e do que faria. Seu corpo queimava e irradiava uma energia inebriante, enquanto ele a guiava segurando sua mão, escada acima, rumo ao desconhecido ritual que o esperava sem saber. Ao adentrar o apartamento, uma luz branca e imaculada ofuscou ainda mais sua visão, e teve alguns segundos de suspensão sensorial até perceber a brancura das paredes e do chão. Do teto. De todos os móveis. Brilhantes e impecáveis, de uma palidez gélida e embasbacante. Estava adentrando em um mundo que se travestia de vazio, de *nada*, os sentidos retornando devagar, enquanto o ambiente se esfriava e se tornava novamente físico, *real*, com arestas que pareciam saltar e tocar cada centímetro da sua pele com o que pareciam dedos de gelo.

Uma voz ecoou ao seu redor: “Gosta do que vê?”.

Seus olhos giraram nas órbitas e se viraram para os detalhes daquele lugar. Para a abstração daquelas paredes. Não havia tantos móveis, afinal. Apenas uma mesa branca de pernas finas e compridas no meio do que era uma sala ampla, um armário igualmente branco e imponente à esquerda, fechado a cadeado, e ao fundo, próxima à única janela do local, uma escrivaninha com um computador ligado.

“Gosto.”

Ele sorriu, pôde ouvir, mas não via onde ele estava. “Olhe com mais atenção.”

Girou na ponta dos pés e olhou. Sobre o armário branco havia um aquário de vidro, retangular e brilhante, tampado por cima, refletindo uma pálida lâmpada branca que fora posicionada para atingi-lo diretamente. Havia uma mão direita dentro dele. Na parede do lado esquerdo, outra estrutura de vidro, retangular, porém mais fina e fixada à parede como um quadro, ostentando algo marrom e losangular, fibroso e cheio de manchas brancas. Abaixo, um pilar sustentava outra caixa, menor e igualmente transparente, onde se podia ver algo como um feijão bem grande, e mesmo que ela estivesse completamente perdida e sem ar, por dentro já sabia que *não era* um feijão, mas sim um rim, um que ela enviara de presente a alguém que amava muito, mas nunca vira.

No fundo, na escrivaninha, ao lado do computador que percebeu estar ligado, havia uma caixa minúscula e transparente, e a forma circular de um belo olho azul se desenhou e desapareceu no instante em que sentiu a agulha afundar no seu pescoço e a voz soprar em seus ouvidos:

“Você mentiu”.

A aberração da fazenda Sete Trilhas

para Cesar Bravo

Isso que vou te contar aconteceu aqui nestas bandas há muitos anos, e por mais absurdo que pareça, a única coisa que cabe a você é acreditar ou não. O velho e manjado ditado já dizia que “quem conta um conto aumenta um ponto”, e não posso dizer que isso não tem um pouco de verdade. Se você já ouviu essa história em algum lugar, com certeza vai sentir algumas pequenas diferenças... coisas essas que eu chamo de “exageros” pra assustar a molecada. Nunca é demais alertar, é claro. Digo isso porque, se notar alterações, te garanto que *minha versão* é a verdadeira. Eu estava lá.

Os homens da ciência gostam de dar respostas a torto e a direito, na maioria das vezes com uma pomposidade sem tamanho, e pra *coisa* que está nessa história há explicações demais e certezas de menos. Justificações biológicas para a besta que vi nascer levam sempre para o lado racional: algum defeito congênito, ou um “acidente genético”, uma mutação biológica aleatória e comum, além é claro da boa e velha má sorte, essa menos racional e mais simplória, digna do povo sem instrução do mato. Mas nada nem ninguém nesse mundo foi capaz de explicar *de verdade* o tipo de coisa que saiu de dentro daquela cabra em São Tomás Pequeno, na fazenda Sete Trilhas, concebida do contrassenso mais bizarro que pode existir. O tipo de ser que contraria a concepção humana, mesmo que a aproxime ainda mais de sua própria desumanidade.

Pra essa história fazer sentido, preciso apresentar para você que está lendo a figura grotesca de Coronel Terêncio Tavares.

Coronel Terêncio Tavares mandava e desmandava na cidade de São Tomás Pequeno (e nas cidades ao redor), sempre daquela maneira rigorosa

e grosseira característica dos homens de poder. Seu corpo largo e rústico colaborava ainda mais com sua ruindade: se quisesse, poderia bater em três homens mais altos e mais jovens que ele ao mesmo tempo, e ainda tomaria o resto do conhaque no bar e treparia com uma puta no andar de cima. Suaria como um porco, mas conseguiria.

Era um homem de poucas palavras e muita ação. Seus olhos azuis exalavam astúcia, e o rosto arredondado e cheio de pelos brancos lhe davam a imponência que a posição política e social lhe exigia. Foi prefeito vezes sem conta da cidadezinha, até o dia em que se cansou de ir e voltar da fazenda Sete Trilhas para o centro da cidade, então colocou alguém de confiança (o que significava alguém *com medo*) no seu lugar, e passou a aproveitar mais o tempo livre, sem deixar de articular os rumos econômicos e políticos da região, sempre com seu jeitinho “carinhoso”. Arrancar polegares com um cortador de charutos era um dos seus “métodos de persuasão” favoritos, e não era raro encontrar desafetos ou homens com coragem demais e inteligência de menos sem um dos polegares, e às vezes sem os *dois*, o cotoco enfaixado e repleto de sangue, a testa molhada de suor, a garrafa de cachaça na mão boa (se sobrasse mão boa) pra aplacar a dor e esquecer a vergonha. Esses homens viravam párias quase que imediatamente, e era normal que sumissem da cidade dias depois. Eram evitados por todos. Ninguém queria ser visto em companhia de um desafeto de “Seu Tavares”. Os que escolhiam ficar na cidade mesmo depois da humilhação pública passavam a viver como mendigos, nas sarjetas cheias de terra das ruas ainda não asfaltadas da pequena cidade. Não tinham moral nem pra foder uma puta barata.

O que quero dizer é que Coronel Tavares era a voz de Deus (e do diabo) na cidade. Se ele dissesse que água era *fogo* e fogo era *água*, provavelmente você veria pessoas bebendo labaredas em canecas de barro e tomando banho em fogueiras. Se fosse impossível, Coronel Tavares daria um jeito de acontecer. E acontecia.

Ainda assim, era um homem do campo. Cresceu e se criou na fazenda, e fez dela seu sustento. Criava gado, galinhas, patos, cavalos, e todo e qualquer bicho que o homem consegue controlar. Ah, criava *cabras* também. A única coisa que Coronel Tavares não criou direito foi seu filho, Emanuel Tavares.

Único fruto de um casamento arranjado e condenado, Emanuel Tavares era um garoto um tanto problemático. Desde pequeno mostrava

um comportamento arredio, e às vezes deveras endiabrado. Coronel Tavares não o poupou de várias surras durante a infância, o que serviu, de certa forma, para agravar sua condição. Homens como Tavares não entendem certas nuances comportamentais. Aham que meninos devem ser brutos, meninas devem ser submissas, e assim seja. Emanuel era um garoto *doente*, isso era óbvio, e pancadas na cabeça não o deixariam menos retardado, mas o homem preferia acreditar que era falta de uma boa sova. Quando o garoto corria pelado pelos campos da fazenda, apanhava com um chicote de rabo de tatu. Quando tocava fogo em algum móvel da casa, ficava amarrado dentro do quarto, com um pano enfiado na boca pra ninguém ouvir os gritos. E quando era pego batendo punheta, então, aí que a coisa ficava feia. Coronel Tavares, assim como muitos homens cruéis, era dado a *religiosidades*, mesmo que raramente fosse a uma missa ou doasse pra igreja da cidade. Claro, o padre comia na sua mão, e se não fosse por algum segredo que provavelmente o homem guardava, Padre Arquimedes nunca se submeteria ao ridículo de *exorcizar* o menino Emanuel madrugada adentro, como se tocar uma bronha fosse o maior pecado do mundo.

O garoto sofria com essas, até que chegou a uma certa idade em que ficou mais aquietado, menos arredio. O que não significa que tenha conquistado o amor do pai. Para Emanuel e para o resto da cidade, Tavares ainda era juiz e carrasco.

Emanuel cresceu esquisito como era, protegido de qualquer influência externa. Nunca era visto fora da fazenda. Não estudava, então acredito que fosse analfabeto. O garoto era *bestial*, é o que quero dizer. Ele vivia na mais absoluta vigilância, cercado de homens que só grunhiam ordens ou arriscavam um “sim sinhô, coronel” quando era solicitado. De mulher, o rapaz só conhecia a mãe, uma velha amarga e estéril, que não suportava dormir ao lado de Tavares (ainda mais sabendo que o velho reservava toda sua masculinidade para as putas do bordel), e as empregadas da casa, que o evitavam como um demônio. Emanuel era a vergonha da família Tavares, e várias vezes o Coronel ignorou sua existência, dizendo para os outros que “por sorte, não deixou nenhum herdeiro para devorar sua fortuna”.

Dessa forma, Emanuel, que já era ruim da cabeça, cresceu cercado de influências que, se não eram más, também não eram lá de grande ajuda.

Não conseguia pronunciar nem o próprio nome. Não havia outro caminho para o garoto que não fosse a mais execrável existência.

Acontece que o rapaz, mesmo tolo, abobalhado, era um bocado *esperto*. Considerando o nível intelectual daquela gente, é claro. E conseguia, vez ou outra, dar suas “escapadas”.

Foi numa dessas que ele traçou uma cabra.

Claro que fazer amor com uma cabra não era a coisa mais impressionante que acontecia no campo. A maioria dos homens que vivem no interior jamais admitiria que já aliviara suas necessidades masculinas com algum quadrúpede, ainda que um sorriso tolo brotasse discretamente no canto de seus lábios. Esse era o único sinal perceptível de que, se não mentiam, ao menos escondiam alguma parcela da realidade. Entre alguns, seria até normal comentar, em tom de brincadeira, que na hora do aperto até uma cabra servia. Alguns rostos ficariam vermelhos, e isso seria tudo. No *âmbito*, entretanto, as coisas eram diferentes... muitos daqueles homens que julgaram a atitude do jovem Emanuel também já tinham feito o mesmo, com um pouco mais de cuidado, é claro, e com a devida “proteção”. Não sei dizer se o que aconteceu foi mais *específico*. Às vezes, maldições simplesmente *aparecem* e agarram em você como piche.

Devo dizer, antes de mais nada, que uma das coisas que Coronel Tavares mais amava naquela fazenda era sua criação de cabras. Era um rebanho pequeno, talvez umas vinte ou trinta cabeças. Era algo mais *peessoal*, por assim dizer. Raramente ele comercializava alguma. O leite fazia sucesso na cidade, e só. Tavares gostava de ver as pequenas pastando, soltando vez ou outra o berro característico. Tinha uma que ele gostava muito, miudinha e toda pretinha. Seu nome era Lurdinha. Homens como Tavares têm dessas coisas: por mais que fossem o diabo encarnado em algumas situações, em outras poderia agir como uma criança de sete anos (o que é quase a mesma coisa).

Lurdinha era como um cachorro de estimação. Do rebanho inteiro, era a única privilegiada o bastante para, às vezes, sair do pasto em uma coleira e andar alegremente até a casa da fazenda, onde recebia ração na

boca, dada pelo próprio Coronel Tavares. Ele afagava a cabeça dela com mais carinho do que... bem, do que a cabeça do próprio filho.

Dessa forma, Emanuel sempre tivera contato, mesmo que indireto, com Lurdinha. Não posso dizer se houve daí uma fixação pelo animal ou alguma espécie de vingança pelo fato do bicho ser melhor tratado do que ele. Não acho que o garoto fosse dessas coisas. Na verdade, não acho que ele chegasse a *raciocinar* nesse nível. Acredito, mesmo, que o garoto estava com um tesão do cacete... mas é aquela coisa: se ele fez o que fez, com *quem ele aprendeu?*

Um dia, Tavares ordenou que lhe trouxessem um “desafeto”, no caso um jovem advogado chamado Luis Fonseca, que retornara à cidade depois de anos estudando na capital e cuja intenção de tornar-se vereador não agradava em nada o mandachuva de São Tomás Pequeno, para que conversassem “amigavelmente” em sua fazenda (o que por si só já poderia ser considerado uma ameaça clara). Luis devia ter uns vinte e cinco anos, quase a mesma idade do próprio Emanuel na época. Quando soube do “convite”, o rapaz, inteligente como deveria ser, considerou todas as hipóteses, inclusive a de negar o convite e correr o risco de tomar um tiro na primeira esquina, mas decidiu ir até a fazenda do temido coronel, antes mesmo da data marcada, para mostrar ao homem que não o temia, mas que o respeitava, ainda que Coronel Tavares não tivesse a sensibilidade de constatar algo do tipo.

Quando este rapaz chegou até a fazenda Sete Trilhas, tomando a devida providência de não ir sozinho e muito menos desarmado, encontrou o lugar entregue ao silêncio.

Lógico que o instinto falou mais alto, e imediatamente ele e seu capacho se aquietaram, cada um afastando o paletó pra facilitar o acesso às armas que carregavam. Caminharam lentamente até a porta da casa da fazenda, que estava aberta, e olharam para dentro, o sangue já girando e fervendo dentro da cabeça.

Foi quando ouviram, ao longe, vários sons distintos. O mais notável era o burburinho de vozes masculinas, gritando sons incompreensíveis e

espaçados. Havia latidos de cachorro também. E mais ao fundo, quase como uma névoa, o berrado constante de uma cabra.

A voz rasgada do Coronel Tavares saltou sobre os outros ruídos. E seu tom entregava um certo toque de raiva e desespero.

Não sei o que se passou na cabeça do jovem advogado na hora, mas seu olho faiscou e seus lábios esboçaram um sorriso estranho e vagamente maldoso. Talvez esperasse, daquela situação, tirar algo a seu favor. Conseguir algo que prejudicasse ou constrangesse o velho coronel. No fim, foi o que ele conseguiu. Acenou com a cabeça para o capataz (que parecia relutante em segui-lo), e correu na direção das vozes. Para isso, atravessou quase todo o pasto lateral à fazenda até adentrar em uma pequena mata repleta de bananeiras, ipês e bambus. Caminharam pisoteando galhos secos e raízes podres. O rapaz não parecia muito interessado em parecer furtivo. Na verdade, era visível sua audácia, e nisso, sua ingenuidade. Independentemente do que Coronel Tavares estivesse fazendo, com certeza não ficaria nada feliz em ser abordado de surpresa assim, ainda por cima por um desafeto.

À medida que se aproximavam da fonte do som, notavam mais nuances: os cães não latiam, de fato, mas pareciam ganir aflitos. As vozes masculinas mais pareciam urros e impropérios. Tavares grunhia de raiva, e era possível ouvir o nome daquele que despertava tal sentimento: Emanuel. O nome escapava da boca do velho vez ou outra. Nenhum dos dois sabia quem era Emanuel. Enquanto se aproximavam da confusão, sentiam-se cada vez mais agitados e curiosos. Além do mais, o que significava aquele berro insistente daquela cabra?

A visão não poderia ter sido mais cômica e menos estarrecedora. Qual foi a surpresa do jovem advogado e seu capataz quando constataram, ao subirem em uma pedra arredondada que dava visão para um pântano na depressão no meio da mata, e não sem conter um riso diante do absurdo, que toda aquela confusão se resumia a quatro homens tentando, em vão, puxar um rapaz completamente nu do coito insano com uma cabra?

Os homens estavam atolados até o meio das canelas, dois segurando a cabra, dois puxando o rapaz pelos braços, e a única coisa que unia os dois seres era o pênis branco esticado como uma tripa, preso à vulva animalesca da fêmea quadrúpede. E logo ao lado, seguro fora do pântano, o tirano de São Tomás Pequeno suava em bicas no seu traje padrão, todo de branco, as botas pretas até quase o joelho, o chapéu também branco na

mão, revelando o que restara dos cabelos cinzentos. Seu rosto estava rubro de raiva. Os olhos eram duas azeitonas negras espremidas.

“*Emanuel, seu maldito! Eu juro que dessa vez arrancho esse seu pinto, seu filho da puta!*”, berrou, a saliva voando da boca como veneno. O jovem advogado não se conteve e soltou um riso abafado.

Isso o entregou. Os dois cães, ambos Perdigueiros Portugueses ainda jovens, pararam de ganir excitados pelo que viam e começaram a latir em direção à pedra; o capataz abaixou a cabeça tão rápido quanto um raio; mas o jovem advogado permaneceu ereto, olhando para Coronel Tavares.

Eles ainda ouviram mais impropérios e urros dos homens que tentavam separar aquele estranho casal, mas Coronel Tavares não disse mais palavra. Eles ficaram atrás da pedra até que um dos capatazes sugeriu levar uma corda e um cavalo pra puxar “os dois ao mesmo tempo e levar eles pro médico da cidade separar”, mas o velho Tavares se interpôs, e com um tom de voz que gelava os ossos, disse “ou separam meu filho da Lurdinha *aqui* ou vão voltar pra fazenda com uma bala no rabo!”

Nessa hora o jovem advogado tocou o ombro do capataz e eles saíram dali. Caminharam de volta para a fazenda em silêncio, chegaram até a carroça na qual vieram e seguiram até a cidade. Só começaram a rir quando as porteiras da fazenda Sete Trilhas se esconderam detrás da linha da estrada. As gargalhadas ecoaram pela mata que ladeava a estradinha de terra batida, fazendo alguns pássaros levantarem voo em bando. Ao fundo, uma suçuarana gemeu alto e comprido. Pouco a pouco as risadas foram diminuindo, deixando lágrimas quentes nos cantos dos olhos, até que finalmente ambos estavam calados, com os lábios levemente apertados. O capataz olhou para o advogado e fez a pergunta que o incomodava. O jovem respondeu.

“Sim, ele me viu.”

O capataz balançou a cabeça e suspirou. Para Luis, aquilo soou quase como uma confirmação de sua morte. Chegou a sentir o cheiro da coroa de flores. Mas continuou:

“Não me preocuparia se fosse você. Ele me olhou, mas... pareceu, pra mim, que seus olhos imploravam por silêncio. Por *segredo*. Então, de certa forma, eu tenho um ‘podre’ de Terêncio Tavares nas mãos. Talvez sirva pra algo, certo?”

“Sim”, respondeu o capataz. “Pode servir pra pôr na sua lápide.”

O fato é que Emanuel Tavares copulou com a coitada da cabra. A cena formada em volta de tal ato só chegou àquele ponto porque os berros da coitada ecoaram por toda a fazenda, chamando a atenção dos empregados e do próprio Coronel. Só depois disso foi que notaram a ausência do filho retardado e somaram dois mais dois. E chegaram tarde demais.

Depois de quase uma hora de puxa-puxa, conseguiram separar o rapaz do caprino. Eu não sei se é verdade, mas dizem que quando a coisa mole do homem se desprende da vulva da cabra, um dos capatazes vomitou nos próprios pés... pelo menos é o que contam pra tentar explicar porque ele apareceu sem o polegar da mão direita dias depois. Essa parte da história, poucos viram. Felizmente, eu não estava entre os premiados desse show de horrores.

Uma vez separados, Emanuel e a cabra seguiram em direções contrárias. A coitada disparou no mato e só foi reaparecer à noite, berrando baixinho, em sofrimento. Emanuel olhou pro próprio pinto mole e ficou dando risada, até seu pai ir até ele, enfiando os pés na lama, e dar-lhe uma bofetada tão forte que o fez desmaiar. Os capatazes jogaram uma manta velha em cima do garoto e o levaram de volta para casa.

Emanuel só acordou algumas horas depois. Seu rosto estava repleto de confusão. Acho que não tinha a menor noção do que fizera àquele animal. E é como expliquei antes: ele não foi julgado pelo ato, pelo menos não pelos capatazes que ajudaram a trazê-lo. Nenhum deles se atreveria a atirar a primeira pedra, entende? Já Coronel Tavares... bem, a cor do seu rosto revelava seu estado de cólera. Quando seu filho abriu os olhos, ele estava do lado da cama, com o chicote de equitação na mão, apenas para castigá-lo mais.

“Você tem ideia do que fez, seu merda? ”, gritava, enquanto chicoteava o próprio filho no rosto, nos ombros e no peito nu. Emanuel apenas gemia e tentava se proteger, em vão. “Tem noção do pecado que cometeu, seu maldito? Eu devia arrancar seu couro agora mesmo e jogar sal em cima da carne viva, seu monte de bosta!”

Ninguém saberia dizer, é claro, se toda aquela fúria vinha do ato zoofílico de Emanuel, ou por ter sido *Lurdinha* o alvo de sua luxúria; mas à noite, quando ouviu os berros da cabra voltando traumatizada para a

fazenda, Terêncio Tavares ficou na janela da sala, olhando para fora por quase meia hora, as mãos enfiadas nos bolsos e o rosto repleto de rugas em evidência. Depois, foi até seu escritório, pegou o revólver que ficava dentro da gaveta e saiu.

As pernas pareciam duras enquanto ele seguia em direção à uma amedrontada Lurdinha. Suor empapava as costas da camisa. A cabra o viu se aproximando, mas não se moveu. Estava acostumada com aquele senhor de aparência rude e hábitos odiosos (que ela não compreendia, acredito) mas que sempre fazia carinho em sua orelha e lhe dava ração. O revólver pesava toneladas na mão úmida. Quando chegou perto da cabra e se ajoelhou para acariciá-la, sentiu o cheiro do próprio filho nela e chegou a rosnar baixinho, tamanho seu ódio. Passou a mão de leve no focinho do bicho, e ela a lambeu, tranquila.

Coronel Tavares levantou-se, engatilhou o revólver calibre 38, cinco câmaras carregadas, e o encostou na testa de Lurdinha. Nem mesmo o frio do metal a incomodou: ela continuou indiferente à ânsia assassina daquele homem, ao senso distorcido de justiça e compaixão daquele ser avermelhado, suado e tenso, um grande demônio gordo empunhando sua cuspidora de morte.

Seu braço tremeu enquanto ele usava o polegar para puxar o cão da arma e prepará-la para acabar com aquilo que ele parecia saber que seria seu futuro pesadelo. O clique seco soou alto demais na calma daquela noite árida. Tavares fungou, enquanto mosquitos voavam perto de seus olhos. Sibilou um “me perdoe” e posicionou o indicador sobre o gatilho. Havia uma camada de suor entre sua mão e a arma. Se demorasse mais, ela escorregaria. Tinha que terminar rápido com aquilo. Antes que...

Antes que Lurdinha olhasse nos seus olhos. E foi exatamente o que ela fez. Aqueles dois globos murchos e esquisitos, como duas jabuticabas chupadas, miravam os dele com firmeza. Por alguns segundos, só havia aquele par de olhos úmidos e escuros, e foi como se o universo se jogasse diante de Terêncio Tavares, pungente e assustador. Grandioso. Sua mente se esvaziou; não havia mais nada naquela cabeça teimosa a não ser um prévio arrependimento.

E foi então que Coronel Terêncio Tavares, homem feito e barbado, que se orgulhava de ter atirado no joelho de um homem porque este cometeu o erro de olhar mais de uma vez para sua quenga exclusiva, que colecionava em segredo polegares decepados em vidrinhos com formol

dentro de uma caixa de madeira, que ditava as regras naquela região, desengatilhou a arma, retirou-a da testa da cabra que nomeara de Lurdinha, deu meia volta e entrou em casa. Foi até o escritório, guardou a arma de volta na gaveta, subiu para seus aposentos, tomou banho e se deitou. Porque nunca nenhum ser vivo cuja vida caminhasse bamba na linha que Terêncio Tavares segurava nas mãos o olhou com tamanha força. Ele não podia fazer aquilo com o dono de um olhar como aquele.

E Lurdinha viveu. O que foi *muito* ruim.

O advogado e então desafeto de Terêncio Tavares nada disse a ninguém sobre o que presenciara.

Considerou, acima de qualquer outra coisa, o respeito e admiração que possuía pela figura do coronel, mesmo que questionasse seus métodos. Crescera naquela cidade e conhecia o homem desde que era apenas um menino. Seu pai também fora adversário político de Tavares, mas nunca soube de nada que o velho tenha feito contra ele. Aprendera com o pai, inclusive, que toda e qualquer discussão, fosse no campo político ou social, jamais deveria ser vencida pela violência, e que nenhum debate existia por razão da vitória de um dos lados, e sim para a evolução de todos em um contexto maior. Claro que ele sabia que o velho coronel cagava para estas palavras. Mas poucos homens cultivaram o respeito de Terêncio como seu pai. Quando este morreu, vítima de um ataque do coração, o velho coronel compareceu ao velório e prestou todas as condolências e serviços necessários. Lógico, no dia seguinte, sua influência política avançou e praticamente engoliu parte da oposição. Tavares era um homem da lógica. Seu adversário não estava mais em seu caminho, então, por que desperdiçar uma chance como aquela?

Terêncio Tavares poderia tê-lo impedido de ir até a cidade grande estudar? Claro que poderia. Sabia que o menino se tornaria um homem e este homem seria seu adversário, por natureza, por sangue e por destino? Com certeza. Mas ele não o impediu. Permitiu que o filho do homem que odiava se tornasse mais um inimigo, enquanto poderia tê-lo aliciado para que fosse para seu lado; àquela atitude, Luis muito devia. E se o preço a pagar fosse manter a boca fechada sobre o que vira... então que se calasse.

Não seria capaz de imaginar o efeito que uma revelação daquela traria. Poucos na cidade conheciam a existência de Emanuel Tavares (por Deus, ele próprio achava que fosse um boato), e só depois de ver aquela situação foi que compreendeu o porquê de tal segredo: o rapaz era maluco. Um verdadeiro pervertido sexual.

Se toda São Tomás Pequeno ficasse sabendo daquela história, como veriam Coronel Tavares? Como um homem imponente e de respeito, ou como o pai de um louco tarado? Só Deus sabia. E o jovem advogado não queria compartilhar de tal conhecimento. Não mesmo.

Mas ele não presenciou aquela cena sozinho. Seu capataz estava com ele. E por mais que tivesse prometido silêncio total sobre o assunto, um dia as palavras lhe escaparam pela boca.

O capataz se confessou para sua esposa três dias depois do ocorrido, porque aquela cena bizarra não saía de sua cabeça por nada. Contou para ela na cama, antes de dormir, com as luzes apagadas e os grilos cantando pela noite. Contou que fora até a fazenda Sete Trilhas com seu patrão e viram o filho do coronel Tavares traçando uma cabra. A esposa riu de leve e exclamou um “o quê? ”, forçando o capataz a contar novamente a história, com um pouco mais de detalhes.

Quando as palavras finalmente saltaram do cérebro para a boca e da boca para fora, foi como retirar um grillão do pescoço. A esposa riu mais um pouco e aquilo o induziu a também achar graça da situação. Por fim, dormiu depois de conversar sobre outras coisas com a mulher. O filho de Coronel Tavares sequer passou pela sua mente antes de fechar os olhos e cair na escuridão do sono.

No dia seguinte, sua mulher acordou e foi até o comércio, depois de preparar o café para o marido, que cavalgou até a fazenda do seu patrão. Ela entrou na mercearia, fez algumas compras, pagou e saiu. Quando colocou os pés na calçada, a primeira pessoa que ela viu foi Terêncio Tavares, saindo do carro e indo na direção do banco. E então toda a história que seu marido lhe contara retornou à sua memória. “O filho do coronel? Traçando uma cabra? Minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!”

Como seu marido, ela sentiu o grillão envolvendo seu pescoço. Apertou com tanta força enquanto ela ia até a feira comprar frutas e depois à igreja para uma pequena oração, que não foi capaz de se conter: quando

encontrou duas amigas de longa data, bastaram dois minutos para que revelasse a elas o que seu marido vira.

“Jesus Cristinho! Que barbaridade!”, disseram, em velado uníssono. Uma delas fez de imediato o sinal da cruz. Continuariam fofocando por mais meia hora se o próprio coronel não tivesse passado por elas e acenado gentilmente, ainda que com o rosto fechado. Elas o encararam silenciosas e se despediram de imediato.

Uma dessas mulheres se chamava Maria Aparecida Gusmão, mas todos a conheciam como Dona Cidinha. Dona Cidinha chegou em casa em polvorosa. Ela morava com sua sogra, Dona Abigail Figueira, e suas três filhas, Ercilha, Elisa e Elvira. Assim que colocou os pés no capacho, já disse “Meninas, vocês não sabem da última!”. Levou vinte minutos para contar como o filho do Coronel, que até então era uma “lenda”, pegou uma das cabras do rebanho do pai, levou para o meio do mato e a “traçou”. As quatro mulheres fizeram uma cara de espanto impagável, para logo em seguida caírem na gargalhada.

Ercilha tinha vinte e cinco anos e era noiva. Seu noivo, Miguel Arruda, trabalhava na estação de trem. Naquela mesma noite ele e Ercilha se encontraram na praça, e enquanto tomavam sorvete, a moça lhe contou toda a história do filho do velho Tavares.

Elisa era casada e tinha trinta e nove anos. Seu marido, Juscelino Figueira, trabalhava na câmara dos vereadores. Quando ele chegou em casa, a mulher o abordou ainda no quarto, enquanto tirava a roupa para o banho, e lhe contou toda a história da cabra pela qual o filho do coronel se apaixonara. Juscelino ouviu tudo com um olhar de desconfiança e receio. Sabia do que Coronel Tavares era capaz, e o odiava por isso. No fim, sorriu quando memorizou toda a conversa da mulher. O vereador Antonino Freitas iria adorar aquela história.

Elvira, a mais velha das três filhas de Dona Cidinha, era viúva e só saía de casa para ir à missa. Até mesmo sua avó passeava mais do que ela. A morte do marido mexeu um pouco com sua cabeça: ela se esquecia de alguns nomes às vezes, e passava boa parte do tempo encarando o nada, silenciosa, revirando a dentadura dentro da boca, com os olhos secos quase fechados. A história do filho do coronel ficou presa em sua cabeça por dois dias. Era a única coisa em que pensava quando não pensava em se matar (coisa que finalmente fez, vinte anos depois, mas isso não acrescenta nada à história que estou contando) ou quando estava comendo

ou dormindo. Então, quando não aguentou mais, levantou-se de sua cadeira de balanço, caminhou lentamente até o cemitério e, de frente para o túmulo do seu marido, contou toda a história da cabra para o falecido.

Talvez ele tenha ouvido, talvez não... mas uma pessoa com certeza ouviu: o coveiro, João Matheus, que sempre ficava vigiando as pessoas quando entravam no cemitério, daquele jeito silencioso que só os coveiros são capazes. Quando o tanatopraxista foi levar o corpo de um velho que seria enterrado naquela tarde, João Matheus logo lhe contou a história do filho do coronel Tavares, e de como ele traçou a cabra no meio do mato.

O tanatopraxista Carlos Tadeu Justo era um homem sério e pomposo, que fazia de tudo para manter seu negócio (não que fosse difícil, ele sempre era requisitado naquela cidade), e não gostou nem um pouco de ouvir aquela história. Apontou o dedo para João Matheus e disse que ele era louco em espalhar aquilo, e que se o digníssimo coronel ficasse sabendo, iria arrancar seus dois polegares e ele nunca mais seguraria uma pá do mesmo jeito. No caminho de volta encontrou seu assistente, e segurando o riso pela cara assustada do coveiro, contou-lhe que a fofoca da vez era que Terêncio Tavares deixava seu filho (“filho, mas achei que ele não tinha filho”, “mas ele tem!”) traçar as cabras em vez de pagar uma puta pro garoto.

O assistente do tanatopraxista (do qual não lembro o nome, não sei se era José ou Josué, mas acho que você já percebeu que não importa), frequentava o bar do Matias, que era o estabelecimento onde pessoas como Terêncio Tavares só colocava os pés em época de eleição e cercado de capangas. O pai do Matias era desafeto do velho Tavares, e um dos poucos que manteve o polegar no lugar mesmo depois de discordar e discutir publicamente com o coronel. Na época ele já era bem idoso, talvez por isso tenha sido poupado. Já não bastava ser velho, sem os polegares então já seria demais. O assistente do tanatopraxista foi até o bar e contou ao Matias e a mais uma dúzia de bêbados sobre a cabra com quem o filho de Terêncio Tavares se casou depois de “pôr o carro na frente dos bois”, e todos no bar riram e contaram a mesma história para mais meia dúzia de bêbados cada um. Matias contou a história para seu pai, e dizem que ele riu tanto que precisou ir ao médico devido à falta de ar e queda de pressão.

Naquela noite, entre todos os que bebiam depois de um dia longo de trabalho, estava Manuel Martins, que todos chamavam de Seu Nézinho. Ele era diácono e amigo muito próximo do padre Arquimedes. Depois da

última dose, ele correu até a casa do sacerdote e o arrancou da cama, contando-lhe a história do momento. Padre Arquimedes esbravejou contra o homem visivelmente embriagado, enxotou-o de sua casa, trancou a porta, foi até a cozinha, abriu um armário e tirou de lá uma garrafinha pequena cheia de cachaça, daquela boa, amarelinha. Deu um gole no gargalo mesmo. Fechando os olhos, podia ouvir a algazarra que vinha do bar do Matias. Gargalhadas e mais gargalhadas.

Demorou pra pegar no sono. Sentia que não vinha coisa boa a partir daquele dia.

Coronel Tavares demorou para perceber que era dele que riam. Não estava acostumado com isso, entende?

Ele só se deu conta de que os olhares tortos e os risos de canto de boca só aconteciam quando sua pessoa era avistada quando um de seus capatazes, depois de uma noite de folga no bar do Matias (e aí dele se o coronel soubesse disso), ouviu toda a história que ele próprio vivenciara, por ter sido um dos três que ajudara a puxar Emanuel de dentro da cabra, com os mais ridículos acréscimos, sendo o mais perigoso deles a parte em que lhe disseram que “o próprio coronel dividia a cabra com o filho”.

Esse rapaz, que tinha amor à própria vida, tenho que dizer, matutou durante dias, tentando descobrir um jeito “fácil” de contar aquilo para o velho coronel. Se atrever àquilo era correr o risco de dizer na cara do chefe que toda a cidade ria dele pelas costas. Ele não queria estar perto pra ver a reação do homem.

Então ele viu sua filha voltando da escola com os cadernos nas mãos e teve sua “brilhante ideia”: escreveu uma carta anônima. Foi um texto curto e claro, que não mencionava nenhum nome nem qualquer forma de tratamento. Enquanto escrevia, as letras saindo tortas no papel de pão amassado, ele se via sentado em uma cadeira, os braços e pernas amarrados, enquanto o velho Tavares encaixava lentamente o orifício do cortador de charuto em seu polegar direito. Algumas gotas de suor caíram sobre o papel, mas ele concluiu a carta.

Depois, de forma corajosa, pagou um menino para entregar a carta na fazenda Sete Trilhas. Orientou o garoto a não entregar o papel

diretamente ao coronel, e assim o menino o fez. Quem pegou a carta foi outro capataz. Ele não questionou o que lhe foi entregue nem por um segundo. Não lhe cabia questionar algo. Ele foi até o escritório do coronel e deixou o envelope sobre a mesa do homem.

Foi só assim que Terêncio Tavares soube que seu segredo fora revelado.

A carta dizia: “O povo sabe do seu filho e da cabra. Acho melhor o senhor dar um jeito nisso”.

Talvez um tiro não tivesse machucado tanto o coronel quanto descobrir que todos riam dele.

Naquela noite, depois que ele leu o bilhete deixado em sua mesa, segurando-o com mãos que tremiam em crescendo a cada vez que ele relia aquelas frases, Terêncio Tavares sentiu o mais puro ódio que existia. A cidade inteira debochava dele e de seu filho pervertido. A cidade pela qual ele se esforçara e sujara as mãos diversas vezes para que fosse algo mais do que uma vila de caipiras mequetrefes. Todos aqueles pelos quais passava todos os dias e lhe meneavam a cabeça em respeito, agora debochavam de sua situação. De sua vergonha. De seu filho.

O coronel jogou o papel sobre a mesa depois de lê-lo pelo menos umas dez vezes. Seus olhos estavam apertados de fúria, sua testa minava um suor fervente, e cortando as rugas horizontais uma veia saltava, prestes a explodir. A mão fechada sobre a boca parecia conter aqueles dentes amarelos e demoníacos. E apenas uma pessoa passava em seu pensamento.

O jovem advogado Luis Fonseca.

O rapaz também foi surpreendido pela história toda. Na venda da Dona Chica só se falava de Tavares e seu filho tarado. No bar do Matias, o assunto continuava, cheio de falsas novidades. Aquelas palavras acertaram seus ouvidos e ele sentiu o suor brotar da testa de imediato. Como aquela história se espalhara daquele jeito? E ele sabia, claro que sabia. E sabia de outra coisa: que mesmo não tendo falado o que vira para ninguém, Coronel Tavares não pensaria em outra pessoa. E viria atrás dele.

Por algum motivo, no entanto, Coronel Tavares não fez nada. Não naquela hora.

Depois de descobrir que a cidade ria dele, o velho pensou por um bom tempo em como agiria. Não perderia o respeito assim tão rápido. Não. Levou anos para ter aquela cidade nas mãos, para despertar o medo com apenas um olhar, e isso não deixaria de existir assim tão rápido. Não

era tolo a ponto de pensar que as pessoas, em momentos de solidão, antes de dormir, não pensassem nele com desprezo, ainda que na sua frente demonstrassem servidão. Ele sabia que seu “reinado” vinha do receio, do pavor gerado pela sua simples existência. Então, por que se desestabilizaria diante de tal cenário? Ele ainda era Coronel Tavares. Ainda podia fazer o que bem entendesse.

Que a poeira baixasse, pensou enfim. Ele se manteria ausente por alguns dias. As pessoas esqueceriam aquele assunto. E depois, quando retornasse, teria seu respeito de volta. Mesmo que tivesse que dar um jeito em quem se esquecesse do que era capaz.

Mas aquele advogado... ah não... ele não deveria ficar impune. Não mesmo. Quando o viu no meio do mato, espiando, sentiu o ímpeto de alvejá-lo lá mesmo. Afundaria seu corpo no pântano e ele nunca mais seria visto. Era perfeito! Algo em sua cabeça, entretanto, dizia que aquilo era *irracional*, e ele levou fé naquele tolo auto conselho, torcendo para que o rapaz guardasse aquele ridículo segredo. *Implorou* com os olhos para que ele o fizesse, e por alguns dias achou que o rapaz lhe fizera o favor.

Agora, a história estava na boca de cada pessoa daquela cidade, e tudo era culpa do maldito linguarudo. Dele e de seu filho mongoloide. Já tinha passado da hora de meter uma bala em ambos. Ainda não sabia porque não fizera aquilo com Emanuel ainda. Talvez porque fosse *seu filho*.

O advogado não era.

Ele voltava para casa, a lua brilhando no céu.

O capataz seguia logo atrás, vigilante como um cão. Sentia um arrependimento profundo. Toda a cidade falava de Tavares e seu filho pervertido, e ele sabia que era culpado por aquilo. Ele e sua esposa. Sabia também que, apesar disso, seu patrão o perdoara e assumira a culpa, mesmo sem querer. E então só havia o medo, porque o velho coronel não deixaria barato.

Não imaginava que o homem agiria tão rápido. Na verdade, subestimara a raiva que ele podia sentir. Homens mais sensatos sequer teriam saído de casa com uma ameaça velada como aquela sobre sua

cabeça, mas aquele jovem advogado ou era tolo ou impetuoso demais. Ou os dois. Não mudaria seu destino, afinal.

Quando ouviu os passos, já era tarde. Virou-se rápido, a mão direita já sobre o cabo do revólver, e teve tempo de ver a mancha marrom se aproximando do rosto e se transformando em um pedaço de pau. Acertou-o com força. A vista escureceu e o equilíbrio deixou de existir. A consciência persistiu alguns segundos, tempo o bastante para ouvir mais passos e rosnados, ordens sibiladas para que ficasse calado. Depois, outro golpe, dessa vez com o cabo de alguma arma. Um carro se aproximou, os pneus arrancando pedregulhos do chão. O jovem advogado foi jogado dentro dele e todos partiram, tão rápido quanto chegaram.

O capataz desmaiou com a certeza de que não cumprira sua missão.

Quando o jovem Luis Fonseca foi encontrado, sete dias depois, não era uma coisa muito bonita de se ver. Seu corpo estava marrom de tanta lama e sujeira. Havia marcas de chicotes em suas costas e braços. Todos os dedos das mãos foram arrancados. A língua foi encontrada cortada dentro de um dos bolsos da calça. Seu rosto estava desfigurado por pancadas.

Ninguém era burro: o velho coronel ou fizera aquilo, ou ordenara que fizessem. O que não mudava o fato. Um homicídio cruel e sem precedentes. Alguma coisa precisava ser feita.

A polícia só bateu na porta da fazenda do homem cinco dias depois de acharem o corpo. Nesse meio tempo, o povo da cidade passou por diversos estados de ânimo, do pavor mais absoluto até o luto intenso, seguido pela revolta inevitável: por mais que temessem Tavares, aquilo, de alguma forma, passara dos limites. Era diferente de um tolo desafiando o coronel apenas porque era velho ou um adversário que lhe ameaçasse política e socialmente. O rapaz era um filho da cidade, alguém de respeito, com um futuro planejado, um homem de posição privilegiada; além disso, nada fizera ao coronel para merecer tamanha crueldade. O povo queria ver Terêncio Tavares sofrendo algum tipo de castigo. Ele, finalmente, merecia. Ainda que fosse tarde.

Demorou para relacionarem os fatos, é claro. Inteligência não era o forte daquele povo. Associar a fofoca sobre o filho de Tavares à morte cruel do advogado foi como fazer pela primeira vez uma expressão numérica de segundo grau. Poucos foram capazes de ligar a rápida fuga do capataz e braço direito do advogado tão logo sua morte aos acontecimentos anteriores. Pouco a pouco, a fofoca virou um fraco boato,

e uma justificativa, mesmo que indigna, àquela bestialidade cometida contra o jovem e promissor rapaz.

A polícia não conseguiu nada com Tavares, é claro. O homem era ardiloso. Recebeu o delegado e seus soldados em sua fazenda como convidados do mais alto escalão. Houve comida e hospitalidade. A fazenda sequer foi vasculhada. Às perguntas sobre o jovem advogado, Tavares respondia com uma mistura de luto e revolta: “O miserável que cometeu esse terrível crime precisa ser castigado! E eu farei o que for necessário para ajudar a polícia nisso! Mesmo que eu tenha que caçar o desgraçado!”

Desarmado contra o velho, o delegado teve que ir embora. O coronel ainda gritava “Espalhem que Coronel Tavares vai arrancar o couro do maldito, e quero ver se ele não se entrega pra polícia rapidinho!” enquanto a viatura se afastava. Todos os oficiais se entreolhavam, contrariados. Sabiam que fora ele. Não precisavam de provas para isso. Mas nada podiam fazer na esfera da lei.

De alguma forma, Tavares era a lei ali.

Mas a lei dos homens é uma coisa, e a lei de Deus é outra, certo? Padre Arquimedes diria isso no sermão daquele domingo, se Coronel Tavares não estivesse na igreja naquela manhã, com um sorriso triunfante no rosto, enquanto poucos ousavam encará-lo. A lei de Deus, a lei da *natureza*, traria o castigo a Tavares, certo que traria. Ele descobriria isso logo após a missa.

Ele sentia o gosto da vitória. Passaram-se algumas semanas desde a triste morte do jovem advogado, e durante todo aquele tempo, Tavares permaneceu na fazenda, quieto, aguardando, administrando os ânimos do povo. Vez ou outra um enviado ia até a cidade e espalhava que Tavares estava em luto e tão revoltado com aquela crueldade quanto o povo. Aquilo deixava as pessoas em dúvida completa. Ninguém sabia no que acreditar. Não parecia haver dúvidas de que ele matara o rapaz, mas não existia nenhuma prova. Era um tipo de situação recorrente em São Tomás Pequeno. Tavares também era dono da morte ali. Era seu monopólio. E ainda assim, ninguém podia pegá-lo.

Então, decidiu sair do casulo, em pleno domingo. Na missa, encontraria mais da metade da população da cidade. Todos veriam seu rosto, a coragem e a altivez estampadas com orgulho. O legítimo dono da cidade. O líder. Quem se atreveria a rir dele ali? Quem se lembraria da fatídica fofoca sobre seu filho e a cabra? Nem *ele* se lembrava daquilo. Fazia parte de um acontecimento ruim que lhe abriu um ótimo prospecto: no fim das contas, conseguiu se livrar de mais um dos que lhe ameaçava seu trono. E não parecia haver ninguém capaz de preencher aquela vaga.

A não ser, é claro, ele mesmo.

Quando voltou para a fazenda, após o que pareceu um desfile militar, circundando toda a praça central em seu carro e acenando para covardes e puxa-sacos, alguns capatazes o esperavam na varanda. Os rostos pareciam preocupados e chocados. Saltou do carro e um deles caminhou ao seu encontro.

“O senhor precisa ir no estábulo ver uma coisa.”

“Que diabo eu preciso ver assim, sem nem ter chance de entrar na minha casa e tomar uma? Espero que seja...”

“É a cabra, senhor”, disse o rapaz, cujo constrangimento parecia ter tirado sua noção do perigo.

Coronel Tavares fez uma careta grotesca. Franziu a testa, e gotas de suor escorreram pelas rugas como água se esgueirando em um veio seco. O que restava de seu coração deu um sobressalto. Afastou o rapaz com a mão e caminhou a passos largos e ridículos, visto seu tamanho, na direção do estábulo. De repente o dia parecia quente demais. Suor caiu em seu olho e ardeu. Naqueles segundos que o separaram da horrível revelação, ele sentiu de novo o universo crescer sobre ele, mostrando o quanto era minúsculo, irrelevante, e como as coisas podiam ser de um jeito que ele não gostaria apenas porque sim.

Escancarou a porta do estábulo, sobressaltando os poucos cavalos que ainda estavam ali, e andou pelo corredor, olhando para cada baia, sem encontrar o que o capataz lhe falara. Então ouviu um ruído farfalhante ao fundo. Um amontoado de feno seco se mexeu e ele viu Lurdinha levantando-se, sacudindo a cabeça triangular para se livrar do mato que se agarrava às suas ventas. Tavares teria sorrido com aquele movimento ingênuo. Era *Lurdinha*. Ele amava aquele bicho. Estava com saudades dela, acreditem! Mas ele olhou melhor e o que seria um sorriso desapareceu de imediato.

A cabra apresentava uma bela barriga arredondada. Estava prenhe. Ele não precisaria de um veterinário para saber quem era o pai.

Coronel Tavares passou a mão sobre o rosto, incrédulo, e apalpou a arma no coldre. Mas não atirou na cabra. Os olhos ainda eram os mesmos.

Havia algo insidioso ali. Algo proibido e promíscuo. Ele olhava nos olhos de um verdadeiro e terrível segredo, e não apenas para um animal prenhe. Naqueles olhos escuros, vivia o absurdo.

Deu as costas para o bicho e saiu do estábulo com as mãos na cintura, chocado e desorientado. Os capatazes olhavam para ele, e pareciam compartilhar daquela confusão, mesmo que não a compreendessem.

Para Tavares, era óbvio e ridículo: a cabra estava buchuda de seu filho. Não era possível, mas...

Não, não era possível, mas mesmo assim, ele *sabia*. Isso era muito pior. Sabia, e sentia que aquilo era mais que uma simples consequência de um ato insensato. Era um castigo. Só não achava que fosse *para ele*. Quando pensava na cabra, lembrava do ato estúpido do filho, e no fundo, queria que o garoto tivesse o mínimo de consciência para sentir a punição que aquilo seria. E se ele não compreendesse, o faria sentir na pele.

O coronel pediu segredo absoluto novamente, mas claro que depois da primeira, a segunda é questão de tempo. Não demorou muito para que a história da cabra prenhe se espalhasse pela cidade, e talvez nem fosse por total culpa dos capatazes. Na verdade, o boato já se seguira antes mesmo da confirmação: começou como uma piada, sobre o velho Tavares sendo avô de uma criatura híbrida e bizarra, e logo tornou-se uma constatação macabra. Aquela *criatura* podia realmente *nascer*. E então já não seria mais engraçado.

Assim como a história se espalhou rápido, a gestação de Lurdinha avançou de maneira assombrosa.

Nas duas primeiras semanas, a barriga do animal dobrou de tamanho. Durante esse tempo ela ainda passeava pelo campo diante da fazenda, comendo um mato aqui e ali, e soltando breves ruídos que mais pareciam um lamento. Os empregados da fazenda evitavam o animal. De alguma maneira, ela sabia se virar: não passava sede nem fome, e entrava no estábulo sempre que o sol se punha, antes deste ser fechado por algum capataz. Se acomodava suavemente sobre o monte de feno seco que se tornara seu leito, e ali permanecia, calada, a respiração acelerando com o passar dos dias.

Depois de um mês, ela já não se atrevia a sair do estábulo. A barriga ficara enorme e pesada. Quando ficava de pé, quase encostava no chão. Vendo que o animal não mais se esforçaria pra se alimentar, o coronel ordenou que alguns empregados fossem alimentá-la, o que gerou um intenso debate, já que ninguém queria se aproximar do bicho. Tavares teve que usar de seus métodos mais persuasivos, o que incluía uma velada ameaça de morte, até que três empregados, duas mulheres que no fundo morriam de pena do bicho, e um capataz um tanto destemido, que na verdade não acreditava nem um pouco que a cabra estivesse grávida de Emanuel, ficaram designados de supervisionar e suprir todas as necessidades de Lurdinha.

As noites seguintes foram as mais difíceis para se pegar no sono, principalmente para esses três. Eles se revezavam nos cuidados à gestante, e sempre relatavam uns aos outros, e depois ao resto da fazenda, as bizarrices que presenciavam e ouviam.

Uma das coisas que mais incomodava era os *movimentos* que a barriga da cabra fazia. O feto, ou que quer que houvesse naquela maldita barriga, parecia se revirar inquieto e desconfortável, forçando insólitas protuberâncias contra o couro da mãe, de dentro para fora, como se quisesse rasgá-la. Nesses momentos, a cabra mudava constantemente de posição, visivelmente assustada. Também era comum ouvi-la berrar de forma quase humana. Parecia um choro baixo e doloroso, e ouvir aquilo por muito tempo podia levar alguém a sofrer pesadelos por alguns dias... era um som inconcebível, que vinha das profundezas de uma alma animalesca e enlouquecida. Dava pra escutar de dentro da fazenda. Alguns

faziam o sinal da cruz na mesma hora em que o som ecoava. Demorava a parar.

O mais difícil, no entanto, era encarar Lurdinha. Seus olhos escuros mudaram de forma considerável, e talvez apenas Tavares discordasse disso. Ele já tinha visto aquele olhar, e não fazia bem. As lágrimas que brotavam mas não caíam era apenas o começo. Havia um grau de percepção, de *consciência*, tão grande naquele olhar, que era como encarar um abismo infernal repleto de almas em pleno sofrimento. Seus olhos eram como um espelho para o mais profundo horror. Repletos de revelações péfidas.

Enquanto passavam aqueles três meses que duraram a gestação, um tempo consideravelmente curto se comparado ao período comum de cento e cinquenta dias, a história corria a cidade e gerava intensa apreensão. Sempre que algum empregado da fazenda ia até a cidade, as perguntas começavam, e era difícil não falar. A curiosidade era grande, e a maioria gostava de ser o centro das atenções por alguns minutos. Ser o portador das notícias, mesmo que elas fossem cada vez mais estranhas. Claro, a mentira corria solta também, e não era raro ouvir depois, de terceiros, coisas como “a cabra já tá até falando que nem gente” ou “o bicho já nasceu, e tenho certeza que o coronel meteu uma bala na cabeça dele”. O sinal da cruz era o gesto mais usual depois de conversas assim. As mães não gostavam que seus filhos brincassem na rua depois das oito da noite, ou quando a lua brilhava muito cheia no céu. Nos domingos, a igreja parecia cada vez mais cheia. O padre não sabia se agradecia ou chorava de medo. Não entendia como as pessoas podiam acreditar em uma história como aquela, mas também não duvidava. Em seu íntimo, já havia imaginado como seria o terrível neto de Terêncio Tavares. Mas não gostava de pensar muito naquilo.

A vida se tornara um inferno para Terêncio Tavares. Apenas ele tinha consciência do que estava acontecendo *de verdade*. E ainda lhe pesava a responsabilidade de ter permitido que aquilo continuasse. Teve a chance de acabar com aquilo. Apontou uma arma na cabeça do bicho e sentiu pena. Arrependido estava, mas não podia fazer isso logo agora que o animal tinha um outro ser vivo dentro de si... por mais que ele não quisesse saber o que sairia dali.

E era isso o que mais lhe perturbava: saber que uma criatura habitava o ventre de Lurdinha, mas não saber *o que* era esse ser. Por mais

que a hipótese fosse absurda, não queria acreditar nela.

Aqueles meses tiveram consequências gritantes sobre o coronel Tavares; ele emagreceu pelo menos uns vinte quilos. Seus olhos se esconderam no fundo de duas covas escuras. As bochechas murcharam e caíram como as de um cachorro velho. Sua voz começou a falhar, e ele preferia rosnar ordens a pronunciá-las. Todas as noites, sonhava com o que podia habitar o útero da cabra, e a única coisa que via era o rosto do próprio filho, só que distorcido e repleto de rugas e chifres e protuberâncias inaceitáveis, um demônio ansioso para sair e *conhecê-lo*. Sempre acordava durante a madrugada, berrando e vendo aquele rosto gravado na parte de dentro das pálpebras. Fechava os olhos e ele estava *ali*, diante dele, encarando-o com puro ódio e perguntando com os olhos “por que não *me evitou?*” Os gritos de Lurdinha, repletos de dor e questionamentos, chegavam até o quarto naquelas madrugadas quentes, e ele não conseguia dormir até que ela parasse, o que só acontecia ao nascer do sol.

A única pessoa que parecia tirar alguma satisfação daquilo tudo era a mulher de Terêncio Tavares. Ver o olhar perturbado e afundado do marido lhe trazia um prazer inexplicável. Era como receber um pagamento por tantos anos de desrespeito e descaso. Torcia dia após dia para que a coisa que nascesse daquela cabra fosse tão diabólica e grotesca que levasse o marido ao suicídio. Se não se matasse, que definhasse e perecesse como o pária que era. Talvez ela já estivesse um pouco louca e não percebera.

Ela só tinha pena do jovem Emanuel, que passava os dias trancado no quarto, recebendo comida e água pela porta como um presidiário. Ela ouvia seu choro abafado, e ele sempre vinha quando a cabra começava a berrar do estábulo. Às vezes ele esmurrava a porta, gritando em uníssono com o animal, e só Deus saberia dizer que ligação haveria ali. O *que* ele sentia, e como sentia. Como *sabia* daquele sofrimento. Se dentro daquela cabeça perturbada, aquilo fazia algum sentido. Suas tentativas de fuga eram repreendidas com o dobro de violência. Ordens do velho Tavares.

Com o passar dos dias, os ruídos que o animal emitia atingiram o nível de semelhança de um choro humano, o que bastava para enlouquecer qualquer um. Vários empregados debandavam da fazenda ao fim do expediente, preferindo dormir em hospedarias imundas na cidade do que próximo daquela coisa que gritava como um bebê faminto. Retornavam à fazenda no outro dia com os olhos fundos, descobrindo um pouco tarde

que se distanciar daquele horror não era o bastante para apagá-lo da memória. Os que cuidavam da cabra já não o faziam mais por dinheiro, mas por pura pena do animal, cuja barriga se tornara uma bolsa de couro com mais da metade de seu tamanho; Lurdinha passava o dia inteiro deitada de lado no meio do feno, mastigando qualquer coisa que caísse perto de sua boca e bebendo a água que boas almas lhe davam.

Terêncio Tavares não se aproximava do animal. O máximo que fez naqueles dias foi encarar o bicho da porta do estábulo, com os olhos apertados e indecifráveis. Para alguns, parecia enfurecido. Os demais diriam que estava à beira do choro.

Havia uma diferença absurda entre o som que a cabra emitia durante aqueles dias e o barulho horrendo que sangrou de sua garganta quando ela entrou em trabalho de parto.

Nesse dia, ninguém quis ficar perto do animal. Dos três que cuidaram do bicho durante seus sessenta e seis dias de gestação, apenas o homem aceitou ficar com ela enquanto paria, com a condição de que nunca mais Terêncio Tavares se dirigisse a ele até o fim dos dias. E em troca de um bônus, é claro. O coronel não negou nenhuma das duas condições. Pouco lhe importava.

Ele se sentia fraco e perdido. Ouvir aquele ruído choroso, dia após dia, lhe causou enorme desgaste. Parecia trinta quilos mais magro. A mão tremia de tanta pinga que ele tomava pra poder pegar no sono. Talvez tenha bebido mais naqueles dias do que em todo o seu passado. E naquela noite, a cachaça não fazia efeito. Pelo contrário, lhe deixava mais atento.

Começou a se perguntar se tudo aquilo era um castigo de Deus por tudo o que fizera, ou se era apenas a desgraça aleatória, o caos universal, atingindo sua vida sem distinção. Os gritos de horror do homem que vigiava a cabra durante o parto não o ajudaram a chegar a nenhuma conclusão.

Depois do que pareceu uma eternidade, o homem parou de gritar. Nesse meio tempo Terêncio Tavares foi até a varanda e ficou encarando o estábulo. A fraca luz de um lampião escapava por baixo do portão. Depois, uma sombra surgiu ali. O homem empurrou a porta, fazendo a luz se

estender para fora. Sua sombra se projetava na grama recém cortada. Os ombros combalidos e os braços esticados na direção do chão mostravam que pouco de sua sanidade permanecera, o bastante para que pudesse sofrer com o que vira. Ele saiu do estábulo, caminhando lentamente. No meio do caminho, olhou para Terêncio Tavares, suspirou e disse “É todo seu. Minha parte eu já fiz. E Deus me livre pisar nessa fazenda de novo”. Depois disso, continuou andando, cruzou a porteira da fazenda e foi embora.

O coronel não se moveu. Continuou olhando para a porta do estábulo, de onde uma luz dançante e amarelada escapava, iluminando o gramado. Havia uma sombra imóvel desenhada no chão, como um pequeno monte. Tavares sabia que era Lurdinha. Ele não conseguia mais ouvi-la. A noite só não era silêncio graças aos grilos.

Quando achou que não havia mais nada vivo naquele estábulo, a sombra projetada se moveu de leve, e um gemido abafado escapou pela porta. Tavares enfiou a mão no bolso e puxou de lá se revólver. O tambor deitou para o lado e ele conferiu as cinco câmaras, todas recheadas. Bateu o tambor, suspirou e andou na direção do estábulo.

Não havia nenhum pensamento completo em sua mente, apenas o leve arrependimento de não ter sacrificado Lurdinha enquanto havia tempo. Teria poupado a todos das noites mal dormidas e a ele próprio de toda apreensão. Aquele silêncio só queria dizer uma coisa: a cria nascera morta, e Lurdinha estava debilitada. Seu sofrimento fora inútil. Tavares nunca se perdoaria por ter permitido tal infortúnio. Mas por Deus, aqueles dias terminaram...

Parou diante do estábulo e tremeu inteiro com o que viu.

Sobre o feno, Lurdinha jazia sem vida, o corpo estático, duro e inchado como um balão. O neto de Terêncio Tavares mamava nela, faminto, enquanto o olhava nos olhos.

Terêncio Tavares não emitiu um único som. Deu alguns passos para trás, enfiou a arma de volta no bolso e voltou andando para dentro de casa. Fechou a porta atrás de si, passou pela esposa, que assistia a tudo sentada em uma cadeira de balanço, um sorriso cruel no rosto, subiu as escadas e seguiu na direção do quarto do filho.

Encontrou Emanuel perto da janela, sentado em uma cadeira, olhando para a noite enluarada com os olhos cheios de lágrimas. Ele se virou e viu o pai enfiando a mão no bolso. Tampou os olhos com as mãos.

Terêncio Tavares descarregou a arma no filho, a língua de fogo do trinta e oito iluminando o quarto cinco vezes. Logo depois ele ouviu o berro da esposa no andar de baixo. A porta se abriu e ela correu pelo gramado, aos prantos, gritando enlouquecida. Terêncio encarou a arma ainda quente e a jogou sobre a cama do filho. Saiu do quarto e desceu as escadas. Foi até a sala e sentou-se na cadeira de balanço que a esposa ocupava.

Então ele respirou fundo e fechou os olhos. Finalmente fizera o que tinha vontade, desde o começo.

Bom, agora você pode se perguntar: “Mas e então? E o neto de Terêncio Tavares? A tão esperada *Aberração*?”.

Há controvérsias nessa denominação, eu diria, mas não concluir essa história como ela de fato ocorreu seria injusto da minha parte, não só pela atenção por vocês dedicada, mas também pela minha honestidade em relação aos acontecimentos.

E o que aconteceu foi que a esposa de Terêncio Tavares, em meio aos seus berros alucinados pela morte do filho, deu de cara com o estábulo escancarado e com seu neto recém-nascido. Ela o tirou do colo da cabra falecida, envolveu o em um abraço maternal e o levou para dentro de casa.

Acabara de perder um filho e ganhar outro.

Terêncio Tavares mal reagiu àquilo. A mulher entrou com aquele ser inconcebível nos braços e o levou até o quarto. Tavares podia ouvir o barulho que ele fazia, algo como o choro de um bebê com uma garganta cheia de pelos.

Emanuel foi enterrado sem um velório descente, nos terrenos da fazenda. Por mais que desejasse que Terêncio pagasse pela morte do filho, sua esposa tinha outros planos, e eles não envolviam a justiça dos homens. Padre Arquimedes foi convocado por ela para as últimas condolências, e esse seria apenas mais um de tantos segredos que ele guardaria na vida.

Durante o dito “velório”, para o qual só compareceram a mãe do defunto e duas empregadas, Padre Arquimedes notou que a mulher carregava nos braços um estranho volume envolto em panos pretos, e apenas uma pequena abertura permitia ver um par de olho escuros.

Aqueles olhos não desviaram dos seus por um segundo, e o que seria a melhor hora do dia para Arquimedes, quando ele estivesse longe daquela fazenda, só se mostrou o início de seus pesadelos, pois aqueles dois olhos malignos não sumiam de sua mente.

Terêncio Tavares não ficou para se despedir do filho, é claro. Cavalgou até a cidade e encheu a cara em um bar qualquer. Naquele dia ninguém ousou se aproximar do homem. Ele parecia doente, e pior, aquilo parecia contagioso. Ele bebeu tanto que adormeceu sobre o balcão. Nem mesmo o dono do bar se atreveu a acordá-lo. O coronel passou a noite dentro do bar, sonhando com a morte que não tinha coragem de trazer para si e com o rosto explodido do filho.

Aquilo se repetiria por quase todos os dias seguintes. O velho Tavares voltava para casa durante o dia apenas para, antes de escurecer, cavalgar de novo até o bar. E então bebia e dormia. Alguns dias depois e o dono do bar já o olhava feio. O coronel pagava para beber, e não para se hospedar. Além disso, fazia alguns dias que não pagava. Na segunda semana, mandou que alguns homens o tirassem de dentro do bar antes de fechá-lo. O velho dormiu na calçada, passando frio. Nem os cachorros da rua queriam se aproximar dele. No dia seguinte, estava acordado enquanto o bar era fechado. Não aceitou que os homens o colocassem para fora. No entanto, tão bêbado como estava, não teve chance contra os sete homens. Eles o escoraçaram para fora do bar. Tentou brigar com um deles e tomou uma surra. Os sete que o espancaram levaram aquilo como uma surra merecida. Ainda assim, ficaram alguns dias sem voltar ao bar. Terêncio não; no outro dia já estava lá, cedo, sem demonstrar se lembrava ou não da surra que levava.

Não demorou a chegar ao ponto em que era surrado todos os dias. A humilhação acontecia na frente de vários moradores, que vez ou outra ainda incentivavam os espancadores. No começo, havia certo receio de que o homem voltasse com reforços no dia seguinte, mas as notícias de que a fazenda não ia bem e de que os empregados debandavam eliminava o receio pouco a pouco. Na última surra, mais de vinte homens bateram em Terêncio Tavares.

O maldito parecia não se importar. Muitos diziam que as porradas nem deviam doer naquele couro duro e sem compaixão.

Enquanto isso, seu neto crescia, e *como crescia*. Longe de ser uma criança comum, o garoto se desenvolvia de maneira assombrosa. Em

poucos dias já andava. As últimas empregadas que ficaram na fazenda diziam que podiam ouvir suas pisadas no andar de cima. Eram duras, como se o menino tivesse cascos. Depois de duas semanas de nascido, já conseguia pronunciar algumas palavras, como “mãe”, “fome” e “homem”, que era como se referia a Terêncio Tavares quando este chegava em casa todo ferido durante a manhã.

Ele sempre esperava a chegada do avô, no alto das escadas. Terêncio era recebido todo dia pelo motivo de sua desgraça. E encará-lo de volta trazia à tona todo o pesadelo que vivia. E que continuaria vivendo, se não tomasse uma atitude.

Um dia, Deus sabe lá se cansado das surras que tomava ou apenas agindo de maneira sistemática, ou seja, respondendo da única forma que *sabia*, Terêncio Tavares levou duas armas carregadas para o bar, mais umas duas dúzias de balas nos bolsos. Começou a atirar antes mesmo de entrar no estabelecimento, acertando dois homens que o esperavam todos os dias para provocá-lo. Gastou as outras oito balas no atendente e nos bêbados que se apoiavam no balcão. Metade do bar passou por ele fugindo enquanto ele recarregava. Mais dez tiros ecoaram dentro do estabelecimento, onde o cheiro de pólvora se misturava com o odor sedutor do álcool e o metálico do sangue. Quatro corpos caíram. Sem nenhuma dose de cachaça no sangue, foi fácil perceber que alguns homens voltariam atrás dele com mais armas. Então, passou para trás do balcão e encontrou a calibre doze que ficava logo abaixo da pia. Sorriu ao perceber que estava carregada, e sentiu-se inteligente e sagaz por ter atirado no maldito atendente logo que entrara.

Alguns homens voltaram já atirando. Nenhuma bala o acertou. Um deles colocou a cabeça para dentro do bar, a fim de averiguar a situação, e não foi capaz de ver o cano duplo apoiado sobre a madeira do balcão. O tiro arrancou-lhe o topo do cocuruto, que voou como a tampa de uma panela. Mais balas vieram de fora. Garrafas se estilhaçaram detrás dele. Com os revólveres, disparou mais dez vezes na direção da rua. Derrubou dois. Recarregou os brinquedos ainda fumegantes e saltou do balcão. Da janela, descarregou uma das armas. Um policial caiu de braços abertos no chão. Com a doze, mirou no tanque da viatura e disparou. O carro velho saltou no ar como uma catapulta. Os homens que ainda pareciam dispostos a trocar tiros saíram correndo. Tavares acertou dois pelas costas, antes de montar no cavalo e correr de volta para a fazenda.

Seu sangue fervia. Seu *rosto* fervia. Sentia-se preenchido de vida, de coragem! *Aquilo* era o que sempre quis fazer. Mostrar àquela gatinha quem mandava. Coronel Terêncio Tavares podia cair, mas se levantaria, e derrubaria um exército no ato!

A euforia era tanta que sequer sentira o tiro que levava no lombo. A bala se alojou entre o fígado e o estômago, e do buraco escorria um rio de sangue.

Saltou do cavalo, sentindo uma leve físgada, mas não se importou. Checou as câmaras do revólver. Aquelas cinco balas tinham destino. Primeiro, ia acabar com a mulher, que nunca lhe trouxera nada além de um filho maldito. Depois, chegaria a hora daquela aberração, que não existiria se ele tivesse tido coragem antes.

Mas não teve tempo sequer de subir as escadas. Seu neto o esperava na metade do caminho, com os olhos negros refletindo chamas infernais. Terêncio o encarou sem acreditar que o garoto crescera tanto: já estava alto como fora seu pai, mas, sem camisa, mostrava músculos e pelos abomináveis pelo corpo preto. Apoiado apenas nas patas traseiras, que se dobravam de uma forma absurda, era a própria figura do Belzebu, com dois chifres imensos que eclodiam através do cabelo castanho, da mesma cor do de Emanuel. Ele deu um passo na direção do velho, o casco atingindo a madeira do piso, enquanto bufava de ódio.

Terêncio só reagiu depois que a aberração deu mais quatro passos e estava tão próxima que era possível sentir o cheiro oleoso de seu suor. Ele ergueu a arma e disparou duas vezes contra a coisa; ela continuou andando.

Aqueles olhos escuros jorravam ódio. Terêncio disparou as outras três balas que restavam, mas não contou; quando os tiros não foram capazes de frear a criatura, ele primeiro colocou a boca fervente do revolver na têmpora e puxou o gatilho sete vezes, todas vazias. Depois, com as lágrimas já nos cantos dos olhos, ele se ajoelhou e juntou as mãos sobre o peito.

Seu neto parou diante dele, e o rosto maldito de Emanuel, distorcido pelo diabo, o encarava.

“Pelo amor de Deus! ”, choramingou Terêncio, o que teria sido risível não fosse a situação em que estava. “Por favor, me perdoe!”

A criatura olhou para o velho, e com uma voz que vinha dos últimos círculos do inferno, disse: “Você matou o meu pai”.

O velho berrou, e seu neto arrancou sua cabeça.

Pelo menos foi o que a esposa de Terêncio Tavares disse. No dia seguinte ninguém encontrou a cabeça do velho, assim como seu neto, que desaparecera. Restava apenas o corpo de Terêncio Tavares, ainda ajoelhado, mas sem a roupa e repleto de marcas e mutilações, cortes incontáveis por onde as moscas andavam enquanto o sol brilhava sobre a fazenda Sete Trilhas. E todos os empregados passaram para ver aquilo, antes de decidirem ir embora, e tentando compreender que tipo de criatura seria capaz de fazer aquilo, apesar de a resposta estar ali, diante deles.

Afinal, *ele* também era um Tavares.

O feitiço da repetição

O único dia que se lembrava com exatidão era o da morte de seu pai.

Era imperativo que se lembrasse, pois ele iria repeti-lo. Do início ao fim, em cada pormenor, exceto a falha do final. Isso ele deveria evitar. Não podia cometer o mesmo erro. Seu pai fracassara e agora fazia parte do mundo dos mortos.

“Um homem só se torna *um homem* quando para de fazer o que *está fazendo* e passa a fazer o que *deve ser feito*”, era o que seu pai sempre dizia, e aquela frase norteava seu caráter. Por isso que ele enchia a banheira devagar, o som ecoando pelo banheiro branco e grande e se espalhando pela casa vazia. Porque *era o que tinha que fazer*. Repetir. Havia mais ali do que apenas a água que se espalhava pela superfície lisa e brilhante daquela tina de ferro enorme e a preenchia. Havia segredos e um destino incerto. O mistério que o seduzia, o abismo de conhecimento inumano que apenas os corajosos poderiam conquistar.

Outra coisa que seu pai sempre dizia: “As portas do conhecimento só se abrem para quem está disposto a correr o risco de nunca mais ser o mesmo”. Seu pai tentara, mas nunca chegara a não ser mais o mesmo, ainda que ele desconfiasse que sua mãe discordaria. Quando seu pai experimentou os limites do absurdo, ele deixara de ser o mesmo homem havia muito tempo.

Anton tinha oito anos quando tudo aconteceu. Era sexta-feira. Voltava da escola, de mãos dadas com a mãe. O céu era anil e brilhante. A mochila pesava em suas costas magras. O braço doía, levantado, a mãe o levando pela calçada com uma mão que parecia um torniquete, preocupada e insegura, repleta de pequenas cicatrizes e superproteção. Seu pensamento era clichê, comum, o desenho que assistiria na TV após o almoço, o pão com manteiga de amendoim durante a tarde, a bola quicando e

atravessando a cesta de basquete no quintal aos fundos, quando o sol abaixasse e estendesse sombras. O som do carro do pai, quando chegasse do lugar em que estivesse. O abraço e o beijo que furava com pequenos tocos de barbas no queixo, o cheiro de cigarro e colônia barata vencida.

Eles avistaram de longe a aglomeração na frente de casa. As pessoas. As luzes. A ambulância grande e branca como um urso polar. Sua mãe viu primeiro, por isso ele só reparou quando sentiu o aperto no punho e o puxão, seguido por um passo apertado e caindo em uma corrida desesperada que ele preferiria evitar. As pessoas se viraram ao vê-los chegar, rostos que ele não viu porque não era para cima que ele olhava, mas rostos repletos de sentimentos melancólicos ou dissimulados.

Mais próximos, puderam ouvir as vozes, os passos, o arrastar da maca que era removida de dentro da ambulância; puderam ver os policiais conversando, os rostos sérios, as mãos que se adiantaram para impedi-los de entrar.

Primeiro ele não entendeu, é claro. Era jovem *demais*. No entanto, ao ver o carro do pai na garagem, seu cérebro reagiu, um alarme de suspeita que apitou dentro de sua cabeça como uma buzina de terremoto. Puxou o braço com força, o que não era necessário, pois sua mãe já não o segurava mais com tanta pressão ante a voz trêmula que tentava impor enquanto dizia ao policial que morava ali e precisava saber o que estava acontecendo. Uma vez solto, ele correu, atravessando dois policiais que saíam da porta e não perceberam o pequeno garoto abaixo de suas cinturas. O menino olhou o chão molhado e o rastro de água que descia pelas escadas. Seu peito disparou junto com suas pernas, escada acima, na trilha que a água deixara no carpete.

A marca subia as escadas e seguia para a porta à direita. Para o banheiro, aberto, e de onde vinham várias vozes que ele não conhecia. Vozes em baixo e solene tom, repletas de um estranho respeito. O menino andou até a porta do banheiro e parou, gravando no fundo de sua consciência uma imagem cristalina, um feitiço que o hipnotizou.

A água se espalhava pelo chão sujo do banheiro. Estava rósea. Na banheira, ao fundo, o corpo de seu pai repousava com os braços para fora.

Os pulsos abertos como bocas.

Naquele instante, seu corpo se preencheu de letargia, e ele pensou estar levitando, sem peso e sem som ao redor. Só aquilo que via importava. Seu pai de olhos abertos na banheira, olhando para ele. Olhos que caíam

dentro dos dele e pareciam prestes a piscar. A cabeça virada de leve para onde ele estava... como se soubesse, antes de morrer, que seu pequeno filho estaria ali, naquele ponto, sob o batente, emoldurado pela brancura da madeira, isolado. Como se quisesse que o filho o olhasse e entendesse um recado macabro.

“Eu não consegui.”

A banheira se encheu, e ele fechou a torneira para evitar que a água transbordasse. A luz tremulou, espelhada na superfície ondulante, a vibração diminuindo aos poucos até parar por completo, como um vidro translucido. Viu seu reflexo na face da água, o rosto que o encarava com uma missão e uma mente que antes digladiavam por um motivo, e que agora silenciaram como uma plateia arrebatada. Um rosto petrificado e repleto de memórias. Examinou as mãos, apoiadas na borda da banheira, o dorso ressecado e repleto de pelos pretos, os dedos grossos e curtos, as unhas roídas. Endireitou o corpo e virou a cabeça, olhando para o espelho na outra parede.

Vinte e dois anos passaram, e agora ele tinha a mesma idade de seu pai quando este tirou a própria vida.

Mas ele sabia que não foi *tão simples* assim.

Crescer como o filho de um suicida não foi um estigma fácil de superar, e ele tinha suas suspeitas sobre realmente ter conseguido fazer isso. Os anos se passaram e ele formara sua própria família, se casando da maneira padrão e tendo o filho padrão, o menino quieto e calado como ele próprio fora. Ainda assim, as lembranças daquele dia e dos dias seguintes... ainda era o que ele se lembrava como *vida*. Os dias que fora obrigado a viver até aquele em que pretendia repetir o pai.

Com oito anos ele nunca compreendeu, e não se tornou mais fácil com nove, ou dez ou onze. Todas as noites depois daquele dia, era com seu pai dentro da banheira que ele sonhava. Ele não sentia medo. Era *seu pai*. Nos primeiros dias ele acreditou, com a tendência comum das crianças à fantasia, que aqueles sonhos eram como visitas, uma despedida que ele não tivera chance de fazer. Com o tempo e a frequência daqueles pesadelos, o sentimento de proximidade com o espírito do pai perdeu força, e tudo começou a se transformar em uma espécie de sessão de

cinema forçada, com apenas um filme em cartaz, “O homem na banheira”, onde ele era obrigado a assistir a mesma cena todas as vezes: seu pai deitado na grande tina, imóvel, as mãos para fora, os pulsos cortados sem qualquer sangue saindo, os olhos abertos, olhando-o, fazendo perguntas ou confessando coisas em silêncio. Nada de movimentos repentinos, nada de olhos piscando de repente ou a obrigação lugar-comum de filmes de terror, onde ele teria que caminhar até o corpo do pai para que este o agarrasse com a mão mais próxima ou sua boca se curvasse em um sorriso insano; não. Havia ali uma penalidade, e não a perturbação constante e enervante de um pesadelo. Sua mente querendo lhe dizer que aquele fora o fim do seu pai, o fim daquela vida, e que, por algum motivo, ele deveria se lembrar daquilo para sempre.

Anton também não conseguia entender o comportamento de sua mãe. Não se lembrava bem do antes, mas sabia que eles tinham suas brigas, suas fases ruins, que eram quase sempre realizadas longe dele. Após a morte do pai, ele via sua mãe como uma mulher completamente diferente daquela que lhe preparava *waffles* no café da manhã ou que acariciava sua nuca enquanto ele esperava o sono vir. Seu rosto mudara para um formato inchado e duro, como uma figura de cera em um museu barato, sem expressividade, sem viço. Se entregava a momentos de profunda mudez e olhares contemplativos longos e constrangedores. Às vezes, ela apenas suspirava e se entregava aos afazeres domésticos. Em outras, pegava uma foto do marido e discutia com ela como se ele estivesse ali em carne e osso e tivesse acabado de fazer algo imperdoável. Esbravejava, xingava e destacava todo seu ódio, toda sua frustração e arrependimento por ter perdido sua vida em um casamento infeliz e sem motivos, sem futuro, sem amor. Então chorava, o retrato junto ao peito, em um abraço duro e vazio.

Aquele comportamento, é claro, abrandou com o passar dos anos. Ainda assim, ele nunca mais a viu sorrir de verdade.

Isso já não importava mais. Sua mãe agora morava um lar para idosos, mesmo ainda tendo não mais que cinquenta e cinco anos. Seu rosto berrava “*setenta e nove, quase oitenta!*”, e por mais injusto que fosse, ele sabia que não havia mais o que fazer. Ela se tornara uma estranha que ele visitava nos meses de maio e dezembro.

Seu pai sempre esteve ali, dentro dele, nos sonhos. Nunca *fora* dos sonhos, nunca no mundo *real*, como um espectro dele mesmo. E ele até

gostaria que isso acontecesse um dia. Que ele entrasse no banheiro para o banho do dia e encontrasse o pai nu e morto dentro da banheira, mas não *morto de verdade*, os pulsos fendidos, de onde ele pensaria, por alguns segundos, ouvir a voz do pai escapar, entre um riso abafado e um suspiro de saudade. E então ele perguntaria o *porquê*, e torceria para obter a resposta. Ele não se importaria de sentir quem sabe a pele fria do homem que lhe dera parte da vida, ou de ouvir a voz repleta do conhecimento que só os mortos têm, da falta de esperança da existência eterna e sem sentido. Não se importaria em saber como seria estar morto, desde que seu pai lhe explicasse por que tirara a própria vida naquela tarde de uma sexta-feira ensolarada.

Quando a adolescência veio, as perguntas se tornaram insistentes demais para serem ignoradas. Ele sempre era lembrado, por um ou outro desafeto na escola, que era filho do suicida. Do “fraco”. Como se aquilo precisasse ser repetido por alguém para que ele entendesse. As brigas começaram quando ele se cansou de ser lembrado por terceiros. Não precisava. Na primeira foi um dedo quebrado. Na outra, voltou com a testa sangrando, mas sua mãe foi chamada na escola no dia seguinte, porque um dos garotos que seu filho “agrediu” não estava conseguindo enxergar desde que sua mão fechada se encontrara com seu rosto. Lógico, nem sempre ele se dava bem. Era normal chegar com um lábio sangrando ou um olho roxo, mas ele se sentia orgulhoso de saber que ainda era capaz de caminhar de volta para casa sem gemer de dor como acontecia com os outros. Era uma espécie de raiva contida que ele não via a hora de expelir. Um ranço avermelhado de fúria e mágoa; sentimentos que ele alimentava contra alvos aleatórios. A própria mãe. Os garotos que não conseguiam deixar seus pensamentos idiotas dentro da cabeça e longe da boca. O pai covarde que decidira acabar com a própria vida. Sua vida sem sentido, sem graça, sem rumo.

Havia dias em que queria desaparecer. Nesses, ele olhava a velha banheira e ela parecia não mais um lugar de memórias ruins, mas um leito receptivo de repouso muito convidativo. Então, vinha o outro dia, e mais provocações, e ele podia extravasar. Até o dia em que sua mãe decidiu levá-lo ao médico.

Olhando a banheira agora, Anton desabotoava a camisa social enquanto via ali, refletido, seu eu jovem tirando a camisa para um exame rotineiro. Sua raiva se espalhava pelo corpo e o fazia ofegar, seu peito acelerava, seu rosto ficava vermelho, os olhos se turvavam. Sua mãe estava preocupada. Estetoscópios gelados percorriam seu tórax. Ele dizia “trinta e três”, e o médico resmungava de volta. Sangue lhe foi tirado do braço, uma, duas, três vezes. Mas no final, ele parou diante de um médico que só trabalhava com papel, caneta e remédios.

Ele fingia que tomava todos, é claro. Sabia que não era louco. Também sabia *por que* as coisas eram daquele jeito, por que tanta fúria, por que tanta *dor*. Tudo porque não *entendia* os motivos de seu pai. Não fazia sentido. E quando ele parava para tentar entender, se sentia ainda pior.

O pai era um homem comum. Ele sorria às vezes, mas na maior parte do tempo tinha o rosto sério, quase sempre preso detrás de um par de óculos grossos que ampliavam seus olhos. Saía cedo, depois de um beijo no rosto, e voltava à tarde, cheirando forte, com olheiras profundas e a respiração pesada. Trazia com ele o silêncio de quem parecia viver por nada, de quem perdia horas do seu dia em troca de um dinheiro que nunca dava para tudo, mesmo que a cada ano ganhasse mais e mais. Era o tipo de homem que assistia aos jogos na TV envolto em calma, mesmo que seu time estivesse perdendo; que lia livros com o interesse flutuante, às vezes devorando-os em poucos dias, às vezes passando meses sem abrir um único exemplar; que vestia *shorts* folgados nos domingos e meias compridas no inverno; que deixava o olhar se perder no canto de algum cômodo ou no chiado do televisor vez ou outra, sem perceber os sons ao redor, sem atender às falas, aos pedidos, a atenção desviada para o vazio de uma mente tão misteriosa quanto os motivos de sua desistência da vida. Um homem que raspava a barba dia sim, dia não. Que dava nó em gravata com uma velocidade absurda, mas que não via a hora de entrar no carro na volta para casa e desatá-lo num instante. Que olhava para o filho enquanto este brincava com a motoca dentro de casa, e sorria quando ele parava e o olhava por cima do ombro, para então continuar seu caminho. Que nunca deixava de bagunçar os cabelos do garoto quando passava por ele, mesmo que fosse a décima vez no dia e o menino já estivesse cansado daquilo. Que nas férias se permitia deixar crescer um bigode ou andar de chinelos pela casa e ir às compras de moletom.

Por isso era difícil entender o que levou seu pai, naquela sexta-feira linda e ensolarada, a esperar sua esposa sair para buscar o filho, subir as escadas, tirar a roupa, encher a banheira, entrar dentro dela e cortar os pulsos com um canivete, aguardando a morte lenta e indolor, como um sono que se entranhou devagar pelo seu corpo.

Ou talvez não fosse tão difícil de compreender. Seu pai era o típico homem de classe média com um emprego sufocante do qual não podia abrir mão, repleto de sonhos sacrificados e objetivos que ficaram para trás em detrimento do casamento, do bem-estar do filho, das contas para pagar no fim do mês. O cansaço daquela vida sem fundamento. A falta de vontade de viver mais um dia daquela rotina. Talvez fosse simples entender a depressão de seu pai e a inclinação óbvia para o suicídio. O difícil mesmo era *aceitar*.

Até aquele dia.

O dia em que encontrou os *papéis*.

“É a curiosidade que move a humanidade, filho.” Ele se lembrou daquela frase clássica de seu pai quando visitou pela última vez a velha casa onde cresceu.

Estava lá para conversar com a corretora, uma mulher de meia idade, de corpo atarracado e olhar predatório, e finalmente fechar a papelada da venda da casa. Ele queria se livrar do imóvel há mais de dez anos, desde que sua mãe se mudara de uma vez para o lar de idosos pelo qual ele pagava uma pequena fortuna anual. Era um lugar que não lhe trazia boas lembranças, mas naquele dia ele se sentiu como se visitasse outra casa. Isso porque os móveis haviam sido removidos para um caminhão, e seriam levados para uma casa de reabilitação para jovens viciados. Uma doação que ele não sabia se fazia para ajudar ou para se desfazer daquelas coisas; como a poltrona onde o pai se sentara por vários anos, ou a escrivaninha onde o pai completava, vez ou outra, trabalhos que trazia para casa. Só a banheira ficaria, a velha banheira de ferro, ainda intacta, exceto por pequenas falhas na pintura.

O que será que diriam se soubessem que um homem se matara naquela banheira? Na verdade, ele não se importava.

Anton caminhou pelos cômodos desocupados, sentindo a presença da corretora sempre três passos atrás dele, mas sentindo *algo mais*. Era como se a casa, sem aquelas coisas, os móveis e objetos de decoração, não fosse mais a mesma. Sem personalidade, asséptica; como sua mente antes da morte de seu pai, um lugar que ele se lembrava como um país de falsa alegria e ilusões constantes, que depois fora governado por um ditador cruel e de sentimentos obtusos. Era como se a sua mente se limpasse junto com a casa. A sala sem os sofás e sem a TV velha lhe tiraram o peso das tardes de domingo assistindo filmes de faroeste ao lado de um homem distraído em seus pensamentos. A cozinha sem a mesa e geladeira levavam dele a imagem do pai comendo com os olhos fitando o pinga-pinga lento e constante da torneira da pia. As escadas sem os retratos na parede, acompanhando a subida, expulsavam de sua cabeça as marcas da água no carpete, o cheiro do sangue misturado, o rastro que levava para cima, para o banheiro, para a descoberta terrível. O corpo dentro da banheira. O fim da sua inocência.

O único lugar onde ele não entrou foi o banheiro. Ele apreciava aquele sentimento de despedida. Parecia que finalmente o pai partiria de sua mente, e a imagem do homem duro dentro da tina seria substituída por qualquer outra em que ele o beijasse ou o abraçasse, ou bagunçasse seu cabelo.

No entanto, quando desceu as escadas e reencontrou a corretora, viu que ela trazia uma pequena caixa de papelão nas mãos. No meio da escada ele pôde ler o que havia escrito nela, letras pretas de uma caneta grossa e que começava a falhar.

“OBJETOS NÃO-DOÁVEIS”

Sem descer do último degrau, ele encarou a corretora, sentindo aos poucos o coração acelerar e todos aqueles sentimentos que pareciam distantes se aglutinarem de volta em seu peito, de uma só vez, esmagando-o com mão pesadas e frias.

“Acredito que o senhor não gostaria de se desfazer destas coisas...”

“Na verdade, quero sim”, respondeu, com certa rispidez, e se arrependeu. Olhou para o lado e suspirou. “A casa... não me traz lembranças muito boas.”

“Sinto muito. Mas... são fotos... e algumas coisas que acreditamos não ter serventia para onde levaremos as outras, e bem... isso ainda lhe pertence. Acredito que deva dar uma olhada antes de jogar fora, se

preferir”, disse a mulher. Ele apanhou a caixa, que não era nem muito pesada, nem tão leve. Acompanhou a mulher até a saída e a observou trancar a porta. No quintal, ele já podia ver a placa de “VENDE-SE” e o número da imobiliária. Sem preocupações, apenas o dinheiro da venda depois, provavelmente para adiantar alguns anos da moradia de sua mãe.

A corretora partiu, depois de um sorriso incerto. Não parecia de pesar, mas também não era de alegria.

Ele olhou para a caixa nos braços e venceu a vontade de deixá-la na calçada, à mercê de quem a quisesse. Ele *não a queria*. No entanto, sentia que, se tentasse colocá-la no chão, a caixa criaria mãos e se agarraria aos seus pulsos.

Deixou-a no assento do carona e a levou para casa.

Ele não tinha a menor intenção de abrir a caixa quando chegou em sua residência. Esqueceu-a na garagem, em cima da bancada, e foi para dentro, comer alguma coisa. Ajudou a esposa a preparar o jantar e auxiliou o filho na lição de casa. Comeram em um silêncio benquisto, perguntando uns para os outros, vez ou outra, como fora o dia ou qual era a próxima data de levar o filho ao médico, ou falando “passe o arroz”, “passe a ervilha, por favor”. Depois, algumas horas foram gastas na frente da TV, assistindo a programas sem prestar muita atenção, até a hora de levar o garoto para a cama. Sua esposa cuidou disso, enquanto ele, se dando conta de que ainda estava com a calça do trabalho, arrancou-as, ficando só de cuecas e passeando pelos canais do televisor. Uma propaganda de molho de tomate. Um programa de auditório animado até demais. Um filme de faroeste. Duas motos em uma estrada, rock ao fundo. *Psicose*, Marion Crane conversando com um policial. Um telejornal, a moça do tempo. Uma propaganda de *fast-food*.

Sua mulher voltou. Usava outra roupa, uma camisola fina com uma lingerie simples e confortável por baixo. Sentou-se ao lado dele e se aninhou. Em poucos minutos ela cochilava em seu ombro. Desligou a TV, a acordou e ambos foram se deitar.

Acordou de repente, sem saber que horas eram. Olhou para o relógio do lado da cama. Duas e cinquenta e sete da madrugada. Virou-se e viu a esposa, então sem roupa alguma, dormindo ao seu lado, relaxada, o lençol ocultando o corpo da cintura para baixo. Ele também estava nu. Sentiu um beliscão na bexiga. Precisava urinar. Ele *sempre* tinha que urinar depois de

transar, era automático, mas dessa vez ele caíra no sono. Ergueu o corpo e colocou os pés no chão.

No primeiro momento ele não soube registrar se era frio ou umidade. Só se deu conta de que o chão estava molhado quando deu dois passos e ouviu o som da água, o *plaft, plaft* dos pés sobre a fina camada líquida que ondulava por todo seu quarto. Seu corpo se arrepiou, o frio percorrendo seus ossos até atingir o cérebro. Virou-se devagar, a fim de confirmar que a esposa *estava na cama*. Ela ainda estava ali, deitada na mesma posição, os seios acompanhando o sobe e desce do tórax.

Ela poderia ter se levantado, aberto a torneira e esquecido de fechá-la. Mas ele sabia que não. Não havia barulho de fluxo de água, apenas o *plaft* de seus passos e poucas gotas esparsas, o som gordo vindo vez ou outra, em um ritmo que lembrava algo que se esforçava.

Ele *sabia* o que era aquilo. Não era a primeira vez.

Só que ele não tinha mais oito anos. Ele *entendia isso*. E tinha mais: ele não se *via* com oito anos, como sempre acontecia nos seus sonhos com o dia da morte do pai. Ele olhou para os braços como quem acaba de receber próteses, vendo as veias grossas no antebraço e as mãos de dedos curtos, e encarou o próprio rosto no espelho da cômoda. Seus trinta anos estavam ali.

Seguiu na direção do banheiro, relutante demais para os sonhos que sempre tivera. Naqueles devaneios ele não tinha escolha, ele só ia em frente e via. Nesse, sentia a terrível necessidade de voltar para a cama e acordar sua mulher, ou simplesmente de se deitar e se cobrir e tentar reencontrar o sono. Ele sabia, porém, que não conseguiria dormir. Ele sentiria a água nos pés, e teria que ir até o fim.

Então ele foi. Caminhou na direção da porta, e para o banheiro que ficava no corredor. A porta estava entreaberta e a luz acesa. O espelho d'água no chão era visível, e a forma como ondulava dizia que a fonte de água ou não fora completamente fechada, ou *algo mais* pingava no chão, provocando aquela movimentação.

Andou devagar, os braços um pouco abertos, como se tivesse nojo da água que pisava. Chegou até a porta do banheiro e a empurrou com a mão aberta, a luz se avolumando diante de sua face, o cegando por um momento. Quando o nível diminuiu, seus olhos correram pelo chão, onde a água acumulada estava desenhada com nuvens rubras que se moviam como em um céu tranquilo. Ele sabia que veria o que sempre via, mas seus

olhos queriam continuar ali, encarando aquele céu carmim criado no chão. Era como se algo diferente espreitasse no canto do olho, esperando que ele erguesse o rosto para pular das trevas e arrancar seu coração em um susto.

Ele não lutou contra a ordem inevitável daquilo: levantou o olhar e encarou o corpo do pai. Os braços abertos e um pouco erguidos para fora da banheira. A água repleta de sangue cobrindo seu corpo até a altura do peito, ocultando seus genitais, mas revelando um joelho magro como a ponta de um iceberg onde focas teriam sido esfaceladas. Seus pulsos permaneciam escancarados, mas agora pingavam em um ritmo que acompanhava as batidas de seu coração. O rosto permanecia na mesma posição, virado para ele, e os olhos abertos encontravam os seus com uma precisão assombrosa. Como aquilo era possível se agora, nesse sonho, ele era adulto, logo mais alto? Como seu pai poderia olhar nos seus olhos com tanta...

Vida?

O homem piscou, e ele *viu*. Seu corpo se mexeu, e o espanto o fez mover as pernas, jogando seu pé para um ponto onde o sangue se acumulava. Ele escorregou e se segurou na pia, sem conseguir impedir que o joelho acertasse o chão com força. Gemeu, sem conseguir fechar os olhos, sem conseguir desviar o olhar do rosto úmido do pai. Então aquela face que em vida ele amava e que na morte lançava um olhar de dúvida e fracasso se mexeu devagar, deformando aquela posição depois de anos. A pele ao redor dos olhos formou pequenas rugas, e o canto do lábio se esticou aos poucos, revelando dentes amarelados. Ele sentia seu peito bater tão forte que era possível *ouvi-lo*. Era o único som que existia ali, enquanto o corpo de seu pai abria um sorriso de reconhecimento, revelando olhos que contemplaram o outro lado e *voltaram*.

Ele não conseguiu ouvir o que o homem disse, porque quando os lábios se moveram para formar palavras, ele gritou. Com força, um grito de pavor sufocado desde a infância, desde a sexta-feira em que ele fora estudar tendo um pai e o perdeu na volta. Um som de desespero que ele escondera por achar que era forte, mas que lhe revelou sua fragilidade e a noção de que, na verdade, ele nunca entendera o que de fato aconteceu.

Antes de acordar desesperado, amparado pela esposa que o olhava com olhos enormes e a boca aberta em espanto, ele viu os dedos da mão direita de seu pai se moverem, reparando especialmente nos tendões que se moviam dentro do corte, até se dobrarem, deixando apenas o indicador

à mostra. Ele apontava para algo atrás do filho, mas o sonho terminou antes que ele pudesse se virar para ver.

Sem estar completamente de volta à realidade, ele rejeitou os braços da esposa e saltou para o chão. O piso não estava molhado, ainda que todas as outras coisas estivessem do mesmo jeito: ele nu, a esposa também, e a luz do banheiro acesa, revelada por uma porta entreaberta, que ele cruzou em um empurrão, parando em frente ao banheiro vazio e seco, assim como a banheira, que brilhava com o reflexo da lâmpada.

Ele olhou para trás, para a direção onde o pai apontava no sonho, e não viu nada demais.

Lógico que ele não precisou pensar muito. Sabia que o pai apontava para algo atrás dele no banheiro onde *ele morreria*.

Por isso, na manhã seguinte Anton pegou seu carro e, em vez de ir para o trabalho, dirigiu até a casa de seus pais, onde estivera no dia anterior. Ele ainda guardava uma cópia da chave, é claro, e não deveria se preocupar em entrar em uma propriedade que lhe pertencia, mas estacionou alguns metros longe do lugar e esperou vários minutos no carro, observando a vizinhança quieta, o vento que agitava as árvores, o sol que se escondia detrás de nuvens gordas.

Saltou do carro e caminhou até a entrada, passando pela placa de “VENDE-SE” e pelo gramado recém-cortado. Enfiou a chave na porta e abriu, entrando rápido e sem olhar para trás.

Dentro da casa, e *sozinho*, a sensação não era leve como no dia anterior. Detrás das janelas e portas fechadas, a casa parecia a mente de seu pai, um mistério que ele levava mais de vinte anos para tentar entender e nunca conseguira. Naquele momento ele parecia perto da verdade, mas sabia que poderia não estar preparado para ela.

Subiu as escadas com pressa, como se ficar parado naquele lugar envolto em sombras tirasse sua concentração e sua coragem. Foi até o banheiro e empurrou a porta, sem pensar se daria de cara com o fantasma do seu pai, de pé em sua frente, nu e sujo com o próprio sangue. Mas o banheiro estava claro, a luz do dia ultrapassava a janela e banhava o lugar com suavidade. Ele encarou a banheira vazia e virou-se para a porta.

Aberta, ele só podia ver o corredor do lado de fora, e imaginou se o pai apontava para a porta do próprio quarto ou para algum ponto específico da parede. Então ele fechou a porta e a observou com atenção.

Encontrou o que queria em poucos segundos, o que bastou para fazer suas orelhas esquentarem e as pernas amolecerem. Seu peito bateu rápido, e ele se pegou apertando o próprio pescoço com uma das mãos, como se para segurar o choro lá dentro.

No canto da porta, perto de uma das dobradiças, pequena o bastante para justificar o fato de não ter visto aquilo por anos, estava uma pequena frase, escrita com um lápis preto contra a tinta amarelada. As letras estavam falhadas, mas ele podia ler a pequena frase sem esforço.

“Se eu não voltar, adeus.”

Quando voltou para casa, a primeira coisa que buscou foi a caixa de papelão sobre a bancada na garagem. Colocou-a debaixo do braço e entrou.

A esposa questionou seu retorno mais cedo do trabalho. Ele lhe disse que tinha coisas da casa à venda para resolver. Ela ofereceu ajuda, ele recusou. Deixou-a na cozinha preparando o almoço e subiu para o quarto. Fechou a porta e pôs a caixa sobre a cama. Observou-a por alguns minutos antes de abri-la. Segundo a corretora, havia fotos ali, e “coisas” que não teriam “serventia” no lugar aonde o restante das doações iria. Que tipo de “coisas”?

Ele temia as fotos. Depois de descobrir a frase na porta, uma mensagem que esperou vinte e dois anos para ser lida, ele sentia mais o amor e a saudade do pai do que em todos os mesmos vinte e dois anos. Uma sensação de que encontraria mais e mais mensagens daquele tipo, esperando para serem lidas, e ignoradas pela dor e incompreensão. Mensagens que o atingiriam como socos no estômago.

Puxou a tampa da caixa, levantando uma nuvem de poeira que ele afastou com movimento rápidos da mão. Entre o monte de coisas que havia dentro da caixa, uma fotografia se destacava no alto, desbotada, entregando o distante tempo em que fora tirada. Nela, seu pai e sua mãe, ele com os mesmos óculos de sempre e o rosto misterioso, ela sorridente com uma criança nos braços; o filho único que agora olhava a foto e

tentava sorrir como ela, mas não conseguia. Porque o rosto do pai não deixava. Aquela era a primeira mensagem.

Sem motivos para sorriso.

“Nem mesmo *eu*, pai? Não cheguei a ser um bom motivo para isso?”

Largou a foto sobre a cama, as mãos curiosas passeando sobre outros papéis, fotos e plásticos, documentos antigos, folhas dobradas e pequenos objetos. Seu peito se enchia de uma expectativa constante a cada coisa encontrada. Dentro de um envelope achou a certidão de casamento de seus pais, amarelada e em pedaços, como parecia na vida real, prestes a se rasgar, mas ainda inteira o bastante para que se pudesse ler os nomes e as datas. Um pequeno álbum com fotos da infância dele, a maior parte das fotos retratando um possível final de semana no verão, ele pequenino, de fraldas, sentado em um triciclo cheio de ferros e plásticos duros inconcebíveis para os dias atuais, a mãe olhando para baixo, para o menino, com os dentes à mostra, o cabelo solto no vento, e o pai com o olhar perdido, uma camisa branca folgada e chinelos. Olhos que não se viravam de verdade para nada. Cheiro de mofo. Um cartão de “Feliz Dia Dos Pais”, o “feliz” com um “s” no lugar do “z”. Que ironia. As lágrimas lutavam para não sair até ele ver uma foto onde ele, com algo em torno de sete anos, de uniforme escolar e boné, passava o braço sobre os ombros do pai que, ajoelhado, olhava para a câmera com algo perto de um sorriso, algo próximo de um sentimento que não o distanciava, mas que demonstrava o quanto parecia alheio a tudo, mesmo que o filho estivesse ali, do seu lado e alegre, animado para algum provável começo de ano letivo ou passeio para o zoológico com a turma da escola. O pai, no entanto, parecia representar mal um papel que em vida parecia se sair melhor, mas que agora, depois de tanto tempo morto, demonstrava não ter sido exatamente como se lembrava. A memória prega peças. O pai era um ser distante e sozinho, perdido em pensamentos secretos e apego falso.

As gotas escorreram pela bochecha e pingaram dentro da caixa. Ele puxou o ar com força, empurrando mais para dentro aquelas emoções que depois de tanto tempo insistiam em retornar. E então algo no fundo da caixa chamou sua atenção.

Enfiou a mão dentro dela, os dedos encontrando as lágrimas que caíram, e trouxe um maço de papéis descoloridos e grossos, visivelmente antigos. O cheiro deles era ainda mais forte, algo que entrava pelo nariz e o fazia coçar. Eles deixavam uma camada de sujeira nos dedos, uma

mistura de tinta que não aderiu direito e um pó que era próprio do papel, que lembrava um papiro. Ele sentiu arrepios nos braços e a estranha necessidade de se levantar, ir até a porta e trancá-la, para que a esposa não o pegasse de surpresa. Empurrou a caixa para o lado e espalhou os papéis pela cama, alguns dobrados, outros menores já abertos, revelando desenhos e formas excêntricas. Seus olhos percorreram a superfície coberta de papéis e ilustrações e textos indecifráveis. Um calafrio percorreu sua nuca, e ele registrou pela primeira vez na vida a sensação de que olhos o observavam por sobre seu ombro, analisando junto com ele aquele misterioso mosaico incompreensível e aguardando sua reação, esperando que ele se virasse devagar para olhá-lo nos olhos.

Ele se levantou sem virar o rosto, com mais medo do que achou que teria, foi até a porta e a trancou.

Voltou para a cama, a pulsação acelerando, as mãos tremendo de leve, como se ele tivesse carregado algo muito pesado por um longo tempo. Apanhou um dos papéis e o desdobrou, desvelando uma ilustração cabalística de formato angular, repleta de arestas e vértices, pintada com o que parecia carvão. Ele não entendia como aquele desenho pôde ter resistido tanto tempo sem se apagar, visto que seus dedos se manchavam de preto quando ele os passava sobre os traços. Havia uma escrita que ele categorizaria como oriental, repleta de traços leves e curvos, mas ininteligível. Outro papel mostrava um longo texto com outro tipo de caligrafia, essa mais reta e com formatos mais parecidos, ainda mais indiscerníveis. Um dos papéis trazia traços e formas desenhadas em vermelho e verde, contornos que idealizavam estranhos espectros assimétricos e de constituição jamais imaginadas. Ele observava cada um daqueles desenhos com a respiração pesada, a cabeça começando a doer, o cheiro dos papéis o enfeitiçando como um veneno, fazendo a garganta ressecar. Cada folha revelava algo que ultrapassava sua compreensão, ao mesmo tempo em que lhe mostravam partes de um mundo nunca descoberto, e facetas de seu próprio pai que ele sequer imaginaria.

O último papel, o maior e mais velho, foi aberto depois que ele analisou cada detalhe dos outros, e o desenho revelado o preencheu de mais memórias, lembranças que não estavam completamente apagadas, mas das quais não havia muito vestígio por nunca terem sido evidenciadas e comparadas. Agora, ele podia ver e entender parte do quebra-cabeça que era aquele banheiro quando viu o corpo de seu pai dentro da banheira.

A ilustração era circular e grande, repleta de detalhes, traços e símbolos enigmáticos. Diversos triângulos se entrelaçavam e formavam ainda mais minúcias, cada canto da folha preenchido por desenhos e letras que se repetiam vez ou outra, uma espécie de mantra silencioso que buscava uma pronúncia insidiosa, como se pronta para reverter-se contra a própria boca que a recitasse e fizesse escorrer dela sangue e lágrimas. Uma armadilha em forma de palavras indecifráveis, pedindo para ser declamada e ganhar vida própria.

Ele desviou o olhar do desenho, buscando o céu lá fora pela janela ou o espelho para encarar algo familiar, mas era como se seus olhos não estivessem prontos. Como se ele tivesse visualizado um segredo de séculos, e aquilo precisasse ser revelado.

Voltou a observar a familiar ilustração, vendo também, na sua cabeça, o mesmo desenho, vinte e dois anos antes, feito em sangue na lateral da banheira onde o corpo do pai repousava sem vida.

O tipo de memória que precisa de uma força para vir à luz. E agora que se lembrava do absurdo detalhe, das manchas de sangue formando aquele obscuro desenho, as marcas de dedos emulando cada forma, cada curva, cada símbolo, ele entendia, mesmo sem saber *o que* aquilo significava, que a morte do pai não fora um simples suicídio.

“Se eu não voltar, adeus.”

A última mensagem de seu pai se completava e revelava definitivamente seu total significado, agora que ele tinha os desenhos e a certeza de que o suicídio do pai fora algo planejado não para a morte, mas para o *retorno*. O que não aconteceu.

Aqueles desenhos davam outra face ao acontecimento. Um rumo mais definido, ainda que não ficasse claro o objetivo principal. A própria palavra *suicídio* já não parecia fazer o mesmo efeito, representar com precisão aquele fato. Seu pai fora encontrado com os pulsos cortados dentro de uma banheira cheia de água. Ele próprio vira aquilo. Mesmo assim, agora mais do que nunca, a cena parecia envolta por uma aura obscura e esotérica, como uma tentativa falha de um ritual secreto, o refugio de uma magia malsucedida. Havia uma *falha* ali. Um erro fatal.

E se não tivesse falhado?

Naquele dia, antes de guardar a caixa com a chegada da esposa, que mexeu na maçaneta e o fez dar um pulo na cama, ele achou a última peça que precisava para completar o enigma daquela morte: escondido no fundo na caixa, embaixo dos desenhos e papéis velhos que ele encontrara, estava um caderninho marrom de couro, tão velho quanto aquelas folhas ou até mais, pequeno e repleto de arranhões e partes gastas. Ele não precisou folhear muito para ver que era um livro de instruções.

Os símbolos dos papéis se repetiam nas páginas do caderno, mas decodificadas em representações gramaticais ocidentais.

Ele enfiou tudo de volta na caixa e a escondeu debaixo da cama antes de abrir a porta para a esposa. À noite, ele levou a caixa para o porão e a deixou dentro de um pequeno armário velho, pegando apenas o caderno marrom e o colocando no bolso, olhando para os lados dentro do porão enquanto o fazia, como se guardasse um segredo da escuridão ali presente. Ao subir as escadas de volta e trancar a porta, encontrou seu filho. Ele o olhava de baixo para cima, os olhos grandes abertos sem expressão alguma, o rosto parado, sem um sorriso que destacasse as covinhas nas bochechas que herdara da mãe. Quando o notou, encarou-o sem se mexer, tentando entender algum tipo de recado, algo como “eu vi você descendo com uma caixa” e “o que tinha dentro dela que o senhor não quer que a gente veja?”, mas como o menino permaneceu do mesmo jeito, ele deu um sorriso amarelo para o garoto e passou por ele, não sem antes bagunçar seus cabelos cacheados, colocando um pequeno sorriso naquela face.

Olhava o próprio rosto agora no espelho do banheiro, e era impossível não ver seu próprio pai. E seu avô.

E talvez quem mais houvesse antes dele, nomes e gerações das quais ele nunca ouvira falar. Homens que, nas limitações de suas existências, tentaram abrir à força portas que nunca seriam abertas *do lado de lá*. Que brincavam com os segredos que ainda não conheciam e poderes que não compreendiam. Homens que desapareceram da face da Terra sem o completo conhecimento que esperavam, e que aparentemente tiveram o mesmo e cruel fim, a morte à beira da soleira da porta.

Ele leu com atenção todo o caderno, várias vezes. Havia um encanto naqueles símbolos, naquelas letras, nas palavras que podiam formar, no som etéreo que vagava pelo ar quando eram pronunciadas. Soavam como confissões, como a voz de um pecador que não se arrependeu completamente. No silêncio, traziam um peso que enevoava o ar, uma força quase gravitacional, que distorcia sua percepção. Aquelas palavras eram mistérios escondidos como tesouros enterrados na areia da praia.

Fazia tudo em segredo. Sua esposa não via o caderno. Ele não deixava. Era algo só seu, e ele não se sentia mal em esconder aquilo, ao contrário do receio que tinha ao pensar em tais palavras chegando até ela e saindo de sua boca. Lia quando ia ao banheiro fazer suas necessidades, o que acabou o induzindo a fazer *várias* necessidades durante o dia. Fazia o mesmo no trabalho, perdendo minutos produtivos enquanto, espremido na baia de um vaso sanitário, enfiava o rosto nas páginas amarronzadas e desvendava cada vez mais aquele vocabulário. À noite, em casa, jantava com relapso, a cabeça absorta nos desenhos que surgiam diante dos seus olhos em pensamento, nos sons novos que a boca produzia a cada nova palavra descoberta. Após o jantar, seus olhos vagavam no vazio do canto da sala ou nos detalhes da estática da TV, quando formas estranhas dançavam e induziam sua mente, desmembrando ainda mais seu raciocínio, levando-o a reflexões inéditas. Era um mundo que se insinuava, capciosa e maleficamente, se enraizando nas profundezas do seu ser. Era novo e era *magnífico* na mesma proporção em que era perigoso.

Apesar de tudo, ele não notava o olhar da esposa nem os gestos do filho.

Isso porque as portas da percepção poderiam ser abertas para ele se *continuasse*. Se ignorasse toda a irrelevante percepção humana e abrisse seus olhos, seus ouvidos e sua mente para o eterno. *Chamava* por ele. Como uma amante, seduzia seu corpo e sua alma, a ânsia por conhecimento, por poder, por revelação, por elevação. Toda a experiência de um gigantesco universo condensadas em apenas um ser.

A tentação tinha gosto; metálico como sangue, mas viciante.

A visão da realidade veio poderosa, completa. Ele precisava ousar. Precisava agir. As portas só se abririam se estivesse disposto a não ser mais o mesmo, e ele sabia que *não queria mais ser o mesmo*; a verdade se revelara, então *por que* ser o mesmo? Por que não aceitar de braços abertos os braços que querem abraçá-lo?

Por isso ele tirava o restante da roupa agora, depois de se encarar no espelho e lembrar daqueles dias. Os dias que tentaram tirá-lo de sua missão. Do seu feitiço. Os beijos e toques da esposa, na ânsia de resgatá-lo. Os olhos abertos e carentes do filho, no desejo de ver novamente o pai no rosto que encarava. Mas tudo fora inútil, porque ele repetiria seu pai, e o pai de seu pai, e outros antes deste. Era uma missão. E não permitiria que o impedissem. Esperou por um dia em que a esposa decidisse fazer compras, e sugeriu que ela levasse o menino, para que ele passeasse, saísse um pouco das paredes daquela casa. “Porque estar cercados pelas paredes o sufocavam”, mais sobre ele do que sobre o próprio filho, e isso fez com que brotasse em seus lábios um pequeno sorriso, uma pequena visão de tudo o que preparava, e por mais que a mulher tivesse percebido o olhar obscuro que acompanhara o fino sorriso, o que ela poderia imaginar? Que o filho tentaria o mesmo ato do pai? Que na mente daquele homem dominava a ideia de que reinos desconhecidos e dimensões inimagináveis se abririam diante dele ao vagar pelo Vale da Morte?

Por isso ele entoava *Rana’han, iniar’han, ingwrl ran’aran, ngal am’narrab*; as portas se abririam, ele estava pronto. Ele estava livre. Sozinho e ansioso.

Por isso ele foi até a pia e pegou o canivete de lâmina escura e afiada, frio como a água da banheira, e olhando para as mãos que tanto lembravam as do pai, passou o fio amolado contra o pulso esquerdo, pressionando e arrastando, rasgando pele e veias, expondo tendões esbranquiçados. O sangue brotando, cheio de vida que se esvaía aos poucos, rubro e brilhante, denso, primeiro em gotas, depois em um fluxo hipnótico, ritmado, acompanhando as batidas do coração.

Ajoelhou-se diante da banheira, o templo, o altar de seu sacrifício, colocou a faca no chão e encarou a superfície branca do ferro esmaltado. *Rana’han, iniar’han, ingwrl ran’aran, ngal am’narrab*. As portas se abririam, sim, e para isso enfiou os dedos indicador e médio da mão direita sobre o corte no outro pulso, invadindo a carne e banhando-os no sangue. Gotas caíam no chão. Sua mente entrava em êxtase. *Rana’han, iniar’han, rabn’num sabbannah, am’narrab, nhag’n*, o branco diante dele. Os dedos em carmim dançando contra o ferro esmaltado, desenhando, juntando traços tortos e símbolos anacrônicos que ele não precisava consultar, só bastava que seus olhos se fechassem e ele os veria dentro do escuro das pálpebras.

O círculo místico saltou de sua mente para seus dedos, e de seus dedos para a base do experimento. A fechadura estava diante dele. Bastava agora enfiar a chave e abri-la.

Ele era a chave.

Ngal am'narrab.

Pegou a faca antes de se levantar e olhou a água, o desenho na banheira, o reflexo de sua face, distorcido mas concentrado no seu objetivo, abstendo-se da consciência mundana, de braços abertos para o segredo.

O corte no pulso direito foi mais difícil de fazer. Ele passou a faca para a mão esquerda, mas os tendões lacerados arrancaram a força de seus dedos. A lâmina tremeu enquanto ele buscava nos músculos do braço o impulso para a lesão. Ela deslizou na sua pele sem feri-lo. A dor brotou, ardendo como agulhadas, e ele se sentiu mais distante, como se a dor confundisse seu objetivo. A dor trazia *medo*. Fechou os olhos, a boca aberta, as palavras nos lábios: *Rana'han, iniar'han, rabn'num sabbannah, am'narrab*. A verdade após a porta. Tudo que é oculto será revelado. Tudo que está vivo será morto, para então renascer.

A faca adentrou sua carne, vacilante mas eficaz. Além dos tendões, o ferro tocou os ossos, trazendo uma onda pulsante de aflição. Seu canto vacilou ante a imperfeição humana. Derrubou o canivete no chão e o deixou. Está feito. *A'nassar'th n'iniar*. O sangue escorrendo do braço, caindo na água, dissolvendo-se como uma nuvem oxidada. Ergueu a perna esquerda e a enfiou na banheira. O frio na sua pele ressuscitou seus nervos, levando-o ao extremo. Puxou a perna direita e entrou na água. Seu corpo começou a tremer. Se abraçou. O sangue molhou seu abdome e escorreu sobre seu genital.

Se sentou e esperou.

Rana'han, iniar'han, rabn'num sabbannah, am'narrab, nhag'n. A realidade é um véu, e este véu dançava diante de seu rosto em um ritmo intenso, tribal, arrancando sua mente de dentro de seu corpo. Sentiu seu corpo leve, flutuante como uma pluma. Seus ouvidos não ouviam mais nada. Seus olhos só enxergavam a irrealidade, o rasgo, o éter.

As sombras que se moviam do outro lado, famintas, incessantes, determinadas a levar os homens à ruína.

Rana'han, iniar'han, rabn'num sabbannah, am'narrab. Ele luta agora, mas é inútil. Seus braços balançam na borda da banheira. Seu

sangue tinge a parede. A água escorre. Ele se lembra que não deixou um recado para o filho. Sua alma gira em um turbilhão abstrato, mas *real*. As portas se abrem, mas não há para onde ir, e sim apenas o que *ver*.

Ver além do que precisa ver. Mais do que o aceitável. Seus olhos sorvem aquela imensidão que antes parecia vazia, mas que era sólida em sombras e pesadelos sem fim.

Não é o conhecimento que o leva à morte, mas as características de sua *face*.

É seu filho que o encontra, mergulhado na banheira, os braços para fora, o rosto virado para a porta.

O menino ouve o grito da mãe, sente seus braços o envolvendo e em seguida o largando. Escuta o choro, a voz entrecortada no telefone, o som da ambulância, as vozes dos policiais, dos paramédicos, as rodas da maca sobre o taco do chão. O vozerio da vizinhança, as palavras que ecoam e se repetem, que tentam exprimir, compreender. Tudo o que ele vê, no entanto, é seu pai.

Olhando para ele.

Sem piscar... mas a ponto de fazê-lo.

E aqueles olhos vão acompanhá-lo por toda a vida.

Como um feitiço.

Como decorar sua sala

Primeiro, tenha uma sala.

O tamanho do lugar não importa, o que é mesmo relevante é o que você pretende mostrar nele. Tenho um amigo médico que tem uma sala só para mostrar fotos dos bebês que ele ajudou a parir. Ela tem paredes brancas e porta retratos e molduras por todas as partes. Nossos consultórios são no mesmo prédio, e a sala dele é quase um templo de celebração da vida. Sim, eu também sou médico, mas meu ofício *específico* é um pouco menos agradável.

Eu sou cirurgião ortopedista.

Voltemos à sala. Ela pode ser ampla ou pequena. Se você pretende expor seus diplomas, ou as fotografias dos seus anos dourados, ou até mesmo fotos de viagens ou conferências, as paredes brancas são ideais. No meu caso, as paredes brancas confundiriam um pouco os olhos, pois não criam muito contraste com o que gosto de mostrar, diminuindo assim o impacto, a *importância*. Se ela for pequena e de paredes brancas, precisa de pelo menos uma boa janela, se não vai parecer um consultório de dentista, e ninguém gosta de dentistas. Com a sorte de ter uma sala ampla, as janelas são meros detalhes. A minha, por exemplo, só possui uma, bem no canto. O que vale *mesmo* é a iluminação. Aqui, mandei que pintassem as paredes de um vermelho gordo, pesado, que evocasse tons mais carnaís, e que instalassem luzes com um leve tom amarelado. É um bom contraste.

Em segundo lugar, entenda que uma sala é um local de contemplação, de reflexão, de silêncio e absorção. Não coloque caixas de som na sua sala se não quiser que ela se torne um salão de festas. Na minha sala só há as paredes vermelhas, as mesas e as peças em exposição. Há uma cadeira no canto direito, para meu uso, é claro, mas se você pretende que sua exposição seja agradável para outros visitantes, é interessante que deixe algumas cadeiras disponíveis para eles também. Eu possuo quatro, dispostas na parede do lado esquerdo, em fila lateral. São cadeira de madeira maciça, com assentos confortáveis forrados de

camurça também vermelha. A pintura da madeira é algo perto do dourado, ainda que a ideia da proximidade com o ouro não tenha sido atingida por completo. Mas são eficientes. Na maioria das vezes, os visitantes caem de imediato nelas, *estupefatos* com a natureza da minha exposição.

As mesas onde ficam as peças expostas são parte importante da construção do seu ambiente. Mesas de plástico são assépticas e de mau gosto. Além disso, ao menor toque elas desalinham ou balançam, sem falar, é claro, do quanto são quebradiças. As mesas são a base do que você quer sustentar, então, investir nelas é essencial. As minhas mesas são de carvalho muito bem recortadas e robustas. Há uma camada fina de verniz, suave o bastante para que se note os veios e desenhos naturais da madeira. Todo e cada detalhe é importante. Por exemplo, as mesas têm que ser condizentes com o objeto em exposição. Você não pode colocar uma peça pequena sobre uma mesa grande; isso diminui seu destaque. O contrário também vale: peças enormes em mesas medíocres criam uma distorção deselegante, *ainda que* isso seja algo de contornos delicados. Dependendo da sua construção e da composição das partes, pode-se criar um exemplar de comoção ímpar. Isso, é claro, vai depender da sua capacidade de balancear os contrastes.

Por exemplo, eu prefiro usar as mesas pequenas para peças pequenas. Há uma no canto, alta e fina, com não mais que trinta centímetros de largura, onde deixo uma minúscula patela, redonda e brilhosa, tão lisa quanto uma bola de bilhar, e a beleza dessa combinação é notável, ainda que exija uma aproximação que muitos evitam. Já outra mesa minha, também pequena, mostra um belo e comprido fêmur, de pé como a haste de uma bandeira. Ele não possui qualquer rachadura, qualquer marca exceto as naturais, e a forma como ele se sobressai à mesa lhe dá um destaque que, composto de maneira avessa, na horizontal, por exemplo, não existiria. Como eu disse, os detalhes são importantes.

Também não posso esquecer de citar os invólucros das peças expostas. Dependendo da delicadeza de seus objetos, deixá-los ao ar livre é um ato imprudente. Eu utilizo caixas de vidro vedadas por completo. O vácuo interior preserva as peças de maneira exemplar, tanto que tenho falanges e maxilares da época em que ainda era um residente... e os donos destes ossos não eram pessoas tão jovens, logo, as peças eram nada mais que estruturas quebradiças, como se feitas de gesso. Ah, só de pensar

nessas primeiras peças, nas primeiras *remoções*... eu chego a tremer de felicidade.

Claro, há peças que ficam melhores nas paredes.

É o caso de um sacro, tão triangular que chega a ser desconcertante, ainda que seu tom amarelado seja incômodo, denotando sujeira e decrepitude, que eu emoldurei e coloquei exatamente sob o facho de uma lâmpada, em uma posição em que a luz bate e induz uma sombra inversa e curiosa logo abaixo, criando o desenho de uma ampulheta. Acho a composição das peças, de luz e sombra, e o efeito final, o mais próximo de uma obra de arte que sou capaz de fazer sem ser na sala de cirurgia.

Ah, sim, porque o que faço *bem mesmo* é amputar.

Enfim... o que de fato é *mais importante* na composição de sua sala é a natureza das coisas expostas. Veja, meu amigo médico celebra em sua sala o virtuosismo de sua função. E o filho da mãe é muito *esperto*, tenho que dizer. Ele mal espera o garoto sair do útero (ou da barriga aberta) da mãe e já saca sua câmera semiprofissional. Chega a ser engraçado: as pernas abertas como um vale e o bebê completamente sujo de sangue à porta da caverna, apesar de grotescos, compõem algo de natureza sublime, um momento único e transcendental, que oblitera, de certa forma, a excentricidade do ato de fotografar aquilo. Acredite, eu acho bizarro; mas a sala dele é um *sucesso*. As mães a visitam e saem de lá maravilhadas.

Quanto à minha... eu não sei qual o problema, sinceramente. Ela é tão bem composta, tão harmônica, tão sincera e limpa e sutil, que muito me impressiona o fato de, na maioria das vezes, as pessoas empalidecerem diante da própria perna amputada, tão bem costurada no ponto de cisalhamento, tão perfeitamente polida e maquiada para parecer ainda viva, ainda ali, parte dele. Mas... eu vejo nos olhos de quem as contempla o desprezo, a aversão, a ofensa. Logo eu, que tento, de todas as formas, fazer jus ao membro como era antes, respeitando todo seu passado, todo seu caminho até ali! É uma afronta ao meu ofício... um ultraje ao meu esforço, à paixão que tenho à minha profissão e ao que faço após ela.

É por isso que tenho que dar um jeito na sala do obstetra... ou nele, quem sabe. Eu poderia amputar seus dedos tão bem, e de uma forma tão eficiente, que ele poderia continuar fazendo seu trabalho como sempre, mas jamais seria capaz de bater uma nova foto ridícula de um bebezinho vindo ao mundo. Então, eu colocaria seus dedos dentro de uma caixa

hermeticamente fechada, na posição em que batia as fotos, em volta de uma câmera igual a dele, apenas para registrar a piada.

Ah, só de pensar nisso eu me arrepio...

Eu até já preparei uma mesa perto da janela. Quase como um altar. Ela é bela, as pernas são desenhadas e delineadas. A caixa de vidro é um cubo perfeito, e eu já posso imaginar, só fechando os olhos, as peças ali dentro... e a composição é tão bela que chega a ser um pecado o interior do vidro estar vazio.

O estranho

Havia algo mágico em sair para caminhar na neve. Sozinho e rodeado pelo frio, a mente se aprisionava em seus próprios devaneios, e era possível espelhar na brancura e no silêncio exterior todos os ruídos intensos que habitavam sua cabeça.

Caminhar era necessário para Jeffrey. O tipo de hábito que nem mesmo a mais assustadora nevasca era capaz de desencorajar, ainda que Amanda, sua esposa, não o deixasse sair quando o vento corria arrastando aqueles flocos de neve com força e turvando o ambiente, diminuindo o campo de visão como uma mão branca diante dos olhos. Nessas condições, Jeffrey se forçava a ficar em casa com ela e os dois gêmeos, Robert e Johnnie. No entanto, se a tarde caminhasse para aquela calmaria alva que ele agora contemplava, um tapete branco que se estendia pela rua ladeada de árvores escuras, ele precisava pôr o corpo para funcionar. Colocava duas meias, a calça de dupla camada, calçava seus sapatos com travas, vestia uma camisa, dois moletons e o casaco de *nylon* reforçado, envolvia o pescoço com um grosso cachecol preto e puxava a touca sobre a cabeça. As mãos se escondiam dentro de luvas de couro, as preferidas dele, que permitiam um movimento mais sensível perto daquelas grossas de lã. Beijava Amanda no canto da boca, enquanto ela preparava o jantar ou lavava a louça, se despedia dos meninos, que não suportavam o frio como ele, pelo menos não o bastante para se aventurar a enfrentá-lo, e saía de casa. Do portão, virava para a esquerda e planejava seu roteiro: uma volta pelo quarteirão plano, depois uma guinada para o parque, a trezentos metros de sua casa, onde subia uma colina suave até o topo e podia ver boa parte do bairro. Então voltava para casa. O passeio durava uma hora, mas quase sempre ele chegava em casa sob o manto da noite. No verão, contemplar o céu pontilhado de branco era uma experiência a mais. No tédio do inverno, o céu sempre era o mesmo, fechado, denso, escuro. À noite, só se tornava mais sombrio. Os postes se acendiam, e então era

quase como se todos os tons se misturassem e a noite se transformasse em uma bruma incorpórea, distorcendo as formas, os contornos, os detalhes.

Nada disso, porém, tornava a caminhada menos prazerosa. Isso porque era nesse momento que Jeffrey tinha o que ele definia como *paz*. Acordava cedo todos os dias e saía para o trabalho em um escritório de contabilidade. Não era o emprego que podia dizer que “sempre desejou quando saiu da faculdade”, mas era grato por tê-lo, podia pagar suas contas e viver com dignidade. Era desgastante, claro, e por isso as caminhadas eram importantes. Podia se livrar, pelo menos por um momento, de todas as preocupações, tensões e estresses do ambiente de trabalho. Dez minutos na rua já eram o bastante para fazê-lo se esquecer da reprimenda do chefe ou do cliente desbocado que achava que do outro lado da linha havia um robô e não um ser humano. Também deixava de lado nessas horas as preocupações inerentes ao seu papel de pai de família. O valor cada vez maior das prestações na escola dos meninos, as contas e parcelamentos que sempre surgiam, seja do telefone novo, da internet mais rápida, da TV mais moderna, do utensílio doméstico mais eficiente, do gasto da esposa com os produtos de beleza que só aumentavam e ele não entendia por que, já que ela era linda.

Na caminhada, ele abstraía. Podia divagar sobre coisas inúteis ou relevantes, podia não raciocinar sobre nada ou tomar decisões cruciais, tudo isso envolto pelo silêncio e pela tranquilidade da solidão. Aquilo não tinha preço. Não que não suportasse sua família... não era isso. Amava a esposa e os filhos, claro que amava, eram sua vida. Mas não havia paz verdadeira naquele pequeno caos familiar, e todos que têm uma família, que têm *filhos*, sabem o que isso significa. Ter um momento de sossego era revigorante. Essencial, de certa forma, para que não enlouquecesse.

No entanto, desde do início do inverno, algo incomodava Jeffrey, uma coisa que começava a quebrar a harmonia de seus passeios de fim de tarde, que maculava aquele isolamento. E desde quando isso começara a acontecer, ele se sentia cada vez menos disposto a caminhar.

Sempre que virava a esquina do quarteirão, ele encontrava o estranho.

Encontrar o estranho o aborrecia. O inverno por si só já o deixava irritado. Não se lembrava de nevascas tão fortes há anos. Estavam constantes, principalmente ao fim da tarde, o único horário que ele tinha para fazer suas caminhadas, então... era broxante não poder sair, esticar as

pernas e se distanciar um pouco da rotina, se distanciar da esposa e dos filhos para poder suportá-los mais quando voltasse. E então, quando *podia* colocar os pés para fora e caminhar, ele se deparava com aquele homem. E toda a paz desaparecia.

Não era o visual do estranho que o deixava incomodado. Parecia um homem como ele: mesma altura, mesmo tipo físico, se pudesse ter certeza de que ele usava a mesma quantidade de roupas que ele, até o jeito que andava parecia com o seu. No entanto, o que deixava Jeffrey receoso era seu *comportamento*.

Primeiro, porque o homem sempre surgia no mesmo lugar. E é essa a palavra que sempre vem em sua mente, *surgia*, pois era como se, ao dar um passo, Jeffrey estivesse só, e no próximo passo, o homem estivesse ali, alguns passos à sua frente, caminhando. Jeffrey sente que o homem só *começa* a caminhar quando ele vira a esquina, como se estivesse *esperando ele aparecer*. Jeffrey tenta não demonstrar esse incômodo, até porque o homem não olha para ele em nenhum momento. Ele apenas segue caminhando à sua frente, desacelerando *aos poucos*... mas tão devagar que Jeffrey nunca o alcança até chegar em casa. Sempre restam algo em torno de dez ou oito passos entre eles. E ele sempre, *sempre* faz o mesmo trajeto de Jeffrey. Mesmo que Jeffrey decida mudar sua rota, o homem continua à sua frente, e nos dois sentidos. Se Jeffrey não sobe a colina do parque naquele dia, o homem diante dele, como por telepatia, também não segue para lá.

É isso que deixa Jeffrey intrigado. Ele nunca viu aquele homem até o inverno começar. Ele é um completo estranho, e não ter visto ainda sua face para que possa confirmar o deixa mais melindroso. Havia, no passado, uma espécie de segurança quando ele caminhava sozinho pelo bairro. Às vezes, claro, ele encontrava um vizinho ou outro, e talvez fosse por esse motivo que gostasse de caminhar no inverno, porque os vizinhos desapareciam. Era *só ele*.

Então, aquele estranho quebrava sua rotina e sua válvula de escape, e ele não gostava nada daquilo.

Naquela tarde, Jeffrey saiu mesmo ouvindo de sua esposa o alerta de que a nevasca o pegaria.

— Eu vi no noticiário, ela vai cair do nada. — Jeffrey a beijou, ignorando a fala. Mexeu nos cabelos dos garotos no corredor e abriu a porta para a alvura do quintal. O vento soprava em intervalos inconstantes.

Talvez Amanda estivesse certa. Mesmo assim ele decidiu arriscar. Fazia três dias que não saía para seu passeio, e ele não aguentaria passar o resto da sexta-feira dentro de casa. Aquele era seu único vício, e se sentia no direito de praticá-lo.

Jogou a touca sobre a cabeça e caminhou até o portão. Na rua, virou à esquerda, e o ar cortante chocou-se contra seu rosto. Subiu o cachecol até cobrir os lábios. Dez passos depois, cobriu o nariz. Os dias anteriores foram de neve caindo vinte e quatro horas direto. O limpa-neve já tinha passado na rua de manhã naquele dia, e mesmo com a diminuição da nevasca, o asfalto já estava escondido debaixo de uma fina camada branca. Talvez devesse apertar o passo. O vento soprou de novo contra seu rosto, encontrou uma brecha no cachecol e pegou seu pescoço. Puxou o zíper até o final, mas não foi capaz de interromper o arrepio. Olhou para trás. Ainda estava perto de casa, podia voltar. Encarou de novo a rua que se estendia diante dele. A brancura ao longe, as árvores pintadas de branco, os pequenos flocos caindo do céu, o vento deformando e fazendo as partículas dançarem. Nada além da voz do ar, do seu toque contra o tecido. O ruído que o *nylon* produzia. Os passos aquecendo seus músculos, seu ventre, seus braços. Era daquilo que precisava. O tempo sem caminhar era quase capaz de fazê-lo se esquecer de como era bom, mas bastava alguns minutos andando e tudo se revelava como era. Necessário.

Virou a esquina, olhou para frente e viu o estranho.

Por mais que já esperasse aquele momento, o peito de Jeffrey sempre disparava, e não foi diferente. A visão do homem que caminhava diante dele como se já fizesse isso, mas que não conseguia passar essa impressão de maneira completa, o fez lamber os lábios, apreensivo. Sempre do mesmo jeito. Sempre à mesma distância. Sempre quando virava a esquina. O que aquilo significava?

Jeffrey tinha refletido bastante sobre isso. Já chegou até a pensar que era um sonho, daquele tipo que se repetia. Mordia as bochechas por dentro quando essa ideia era mais forte que a razão, mas a forma como o gosto ferroso se espalhava por sua língua trazia de volta a percepção de onde estava, de tudo o que fizera durante o dia até aquele momento. Fazia-o lembrar de que *acordara*. Era claro e desconcertante. Então ele fazia o de sempre: continuava andando.

Sabia como terminaria aquela caminhada. Seguiria adiante, com o homem o acompanhando, só que à sua frente, antevendo seus movimentos

e quase o guiando, como em um jogo idiota de gato e rato sem resultados. Então Jeffrey quase chegaria perto dele, perto o bastante para que um sussurro fosse capaz de chamar sua atenção... e quando ele percebesse, já estaria diante de casa. Pararia, e o homem seguiria até a esquina, onde viraria e desapareceria até o dia seguinte.

Pela centésima vez naquele inverno, ele observou o homem o máximo que pôde. De onde estava, sempre pensava a mesma coisa: o estranho tinha a mesma altura que ele e usava roupas muito parecidas. Caminhava quase do mesmo jeito também, as mãos nos bolsos, as costas meio curvadas, o rosto inclinado para não receber o vento frio diretamente. Ele não emitia qualquer som. Não pigarreava, não tossia, não espirrava. Nem seus passos pareciam tocar a neve de fato, mesmo que as pegadas no chão fossem nítidas.

Será que ele sentia Jeffrey logo atrás dele? Será que tinha consciência do quanto o deixava incomodado? Se fosse essa sua intenção, Jeffrey adoraria perder alguns minutos dizendo o quanto sua presença era indesejável. Quem sabe ele simplesmente mudasse sua rota então? Se Jeffrey lhe dissesse o quanto estar acompanhado dele era tenso e chato ao mesmo tempo, pode ser que ele até mesmo desaparecesse!

No fim da rua, Jeffrey visualizou o parque. As árvores seguravam neve em seus ramos, e o campo estava todo esbranquiçado. Uma neblina suave dançava sobre o lago congelado. O céu começava a perder o tom claro e caminhava para um azul escuro que logo faria os postes se acenderem. Ele ponderou se subiria aquela colina. A neve parecia fofa demais, e levaria mais tempo que o normal. Escureceria rápido, e ele sentia um leve roncar no seu estômago. Talvez devesse virar e voltar para casa, não dar a volta completa como sempre fazia. O estranho caminhava diante dele com destino certo. Pensou que talvez pudesse quebrar aquela repetição ridícula, aquela perseguição sem sentido, simplesmente voltando. Não acompanhar o homem, como parecia que ele fazia, afinal. Dizia para si mesmo que o homem previa seus passos, mas não era *ele* quem seguia o estranho? Não era ele que sempre se via alguns passos distante do estranho antes de perceber que estava de volta à sua casa?

Parou. Olhou em volta. Carros estacionados se cobriam de neve. Todas as casas estavam fechadas. De alguma chaminé saía uma fumaça sutil, um sinal de aconchego. De repente ele sentiu falta daquilo, de sua casa. Melhor voltar, deixar o passeio para outro dia. O vento estava cada

vez mais barulhento. Ele não conseguiria fugir da nevasca se seguisse adiante.

Encarou o estranho no fim da rua. Ele também estava parado.

A distância que os separava não permitia que Jeffrey visse seu rosto. No entanto, sabia que o homem estava parado e o olhava. Pela primeira vez ele via o estranho de frente. As mãos permaneciam nos bolsos, mas a consciência de estar sob o olhar do homem causou em Jeffrey uma sensação estranha, como uma vertigem. Sua cabeça rodopiou um pouco. O estômago se apertou, e ele agradeceu por estar de barriga vazia.

Tão logo sentiu essas contrações, o homem se virou e voltou a andar. E Jeffrey, contra todos os alarmes de sua mente, seguiu atrás dele.

Por mais que tentasse, no entanto, Jeffrey não conseguia alcançá-lo. O vento contribuía: a cada minuto soprava com mais intensidade e as pausas eram mais raras. Os flocos grudavam frios no seu rosto, forçando-o a puxar o cachecol mais para cima, perto dos olhos. Na grama do parque a neve estava mais fofa, e andar naquele colchão de gelo não era fácil.

O estranho seguia sem dificuldades aparentes, sempre à frente de Jeffrey. Subiu a colina branca sem olhar para trás. Jeffrey o seguia, tentando não o perder de vista, embora a distância entre eles estivesse repleta de neve caindo e de uma névoa carregada. Era como olhar através de uma cortina.

Jeffrey estava no meio da colina quando viu que o estranho tinha chegado ao topo. Continuou de costas para ele, olhando em volta, estudando a cidade caindo na escuridão da noite, da mesma forma que Jeffrey fazia. *Aquilo* o irritava, a maneira como parecia imitá-lo, como parecia se apropriar de seu costume, de sua caminhada diária. Forçou ainda mais o passo. Se pudesse alcançá-lo antes que o outro começasse a descer, colocaria um fim naquela história. Sabia que não tinha nenhum direito. Caminhar naquele horário e naquelas ruas não era exclusivo dele, mas mesmo assim... o estranho teria que dar um jeito de mudar de rumo. Mexia com Jeffrey de um jeito que não sabia explicar. Essa percepção o levou a concluir que talvez não conseguisse expor isso para o homem. Como diria para alguém com quem nunca falara que sua presença incomodava? O estranho poderia se sentir ofendido. Jeffrey não queria confusão... mas tentaria, de alguma maneira, contar isso para ele. Era provável, também, que a presença de Jeffrey incomodasse o homem, afinal, era *ele* quem o seguia...

Jeffrey esqueceu tudo isso quando olhou para cima a tempo de ver o homem começar a descer a colina pelo outro lado. Balbuciou um “não...”, a palavra saindo com esforço, os pulmões se enchendo e esvaziando cada vez mais rápido. Venceu os últimos metros da subida colocando as mãos no chão frio. Quando se levantou, o estranho já estava no fim da colina, deslizando a cada passo, as pernas entrando até o meio da canela na neve.

Desceu logo atrás, aproveitando os buracos que eram as pegadas do estranho. As pernas entravam e saíam sem esforço. Foi uma descida veloz, mas quando chegou embaixo, tinha perdido o homem de vista.

Olhou em volta. As árvores se agitavam, derrubando grandes porções de neve no chão. Jeffrey procurava, os olhos percorrendo a imensidão branca à direita e as ruas vazias à esquerda, o céu descendo de tom, escurecendo tudo em volta. Postes acendiam devagar. O vento cantava uma ode ao isolamento. As partículas brancas caíam cada vez mais inclinadas. Na descida, Jeffrey não percebeu que o cachecol escorregou de seus lábios, e agora ele os sentia secos. Puxou o tecido sobre o rosto de novo, enquanto mais luzes se acendiam.

Um poste ao longe denunciou uma sombra, e ele reencontrou seu estranho.

Pôs-se em movimento outra vez, seguindo a sombra que diminuía uma rua à frente. O asfalto estava tão gelado que ele começava a sentir a umidade se avolumando na sola do sapato. De sua boca saía uma fumaça deformável, que se desfazia ao tocar seu rosto. Alcançou a esquina antes que a sombra do estranho desaparecesse por completo. Parou, já ofegante, e observou.

O homem seguia em passos mais intensos agora. Não fez qualquer menção de olhar para trás, mas Jeffrey tinha a impressão de que fora notado. As mãos do estranho já não estavam mais nos bolsos, e os braços agora auxiliavam o caminhar acelerado. Soprou um jato de fumaça e seguiu no encalço do homem, tentando de novo vencer aqueles metros.

Jeffrey sentiu a umidade do suor se acumulando no peito quando chegou ao fim da rua. O estranho tinha virado à esquerda de novo. Era o mesmo trajeto. Levaria Jeffrey até sua casa e desapareceria. Por mais que tentasse, a distância entre os dois não diminuía. Fizera o mesmo que o estranho e utilizava os braços em uma quase corrida. O ar sibilava, enquanto rodopiava e trazia mais neve. A boca de Jeffrey era a chaminé de uma locomotiva. Ele mal se ouvia respirar. Quando passou diante de um

terreno descampado, o vento o apanhou de baixo para cima, resfriando suas pernas. Ele se abraçou e tremeu, ainda andando rápido, ainda tentando se aproximar. O estranho era só uma mancha no meio daquela chuva branca, os flocos que cortavam os fachos amarelos dos postes. Todos os indícios do dia desapareceram, e sobre eles havia agora um céu oculto.

Depois de ofegar por vários minutos naquele passeio noturno, Jeffrey notou que já estava em sua rua. Forçou a vista e viu o estranho passando diante de sua casa.

O homem parou. Virou a cabeça para a esquerda e olhou para dentro. Para sua casa.

O coração de Jeffrey doeu. O medo que sentiu fez seus testículos se encolherem mais ainda contra o corpo, assumindo o tamanho de duas nozes murchas. Ao mesmo tempo, seu corpo se preencheu de fúria. Ele *sabia* que havia algo errado com aquele homem, e aquilo era uma prova. O estranho acabara de provocá-lo.

Pôs-se a correr. O cachecol escorregou, revelando seu pescoço, mas ele não se importou com o frio que congelava sua garganta, nem com os flocos de neve que vez ou outra entravam por suas narinas. Ele só queria chegar logo perto daquele homem, chegar até o portão de sua casa antes que o maldito estranho se afastasse.

O peito batia mais rápido que seus passos. Sentia o asfalto em cada pisada, o impacto que desestabilizava, o som ululante de um vento que ensurdecia. Tentou gritar. Não tinha forças. Tudo estava nas pernas, correndo, atravessando as veias em pulsações violentas.

O homem voltou a andar. Sequer olhou para trás, o que deixou Jeffrey com ainda mais ódio. Continuou correndo, mesmo depois de ultrapassar sua casa, mesmo depois que o homem, cada vez mais perto dele, se aproximava da esquina. Mas Jeffrey sentia que dessa vez não teria volta. Ele o confrontaria. Já não sentia medo. O que ocupava sua mente era uma cólera impetuosa e o desejo de fazer aquele homem se arrepender por olhar para *sua casa*.

O sujeito virou a esquina. Jeffrey já estava perto. Dez passos. Oito. Quatro. Saltou sobre um monte de neve. Virou a esquina com os dentes travados e as mãos fechadas, preparado para tudo.

Menos para o que aconteceu: dobrou a esquina e não viu o estranho. Tinha desaparecido.

As sombras sob as árvores não se moviam. Os carros continuavam estacionados, e até mesmo o vento diminuiu seu sopro para que Jeffrey olhasse em volta. Não havia um rastro sequer do estranho que ele perseguira nos últimos minutos. Ele girou no próprio eixo, no meio da rua, procurando em cada canto e levando as mãos à cabeça ao perceber que o perdera, que fora enganado. A rua se estendia ao longe e continuava vazia, os postes formando fâcos de luz tão opacos que era quase como se não existissem.

Correu pela rua, fechando os olhos para a nevasca, agora em seu auge, assoviando como um titã orgulhoso, cegando-o com seu sopro cortante. Em sua cabeça os sons se misturavam, o vento com o ruído plástico da roupa e sua respiração cada vez mais pesada. Avançou veloz na direção do parque, onde o campo branco agora era azul e traiçoeiro como o oceano. Subiu toda a colina e foi atingido pelo vento em todas as direções. Se desequilibrou e caiu, descendo rolando como um tronco velho. Levantou-se, o peito martelando, a roupa repleta de neve, e seguiu pela mesma rua, os pés doendo dentro das botas, o gelo se insinuando pela barra da calça, arrepiando seu corpo. Atravessou aqueles metros até sua casa como quem foge do próprio demônio, ou quem enxerga o inevitável. Só pensava naquele breve instante, quando o estranho virou a cabeça e olhou para sua casa, só para *sua casa*, estendendo uma gama terrível de possibilidades naquele ato.

Jeffrey segurou-se ao portão para frear a corrida. Abriu-o desesperado e correu pelo quintal, deixando a noite para trás ao ultrapassar o alpendre. Adentrou a casa tão rápido que não passou por sua cabeça notar que a porta já estava aberta.

No hall o calor da casa o acolheu. Ele não se preocupou em tirar o casaco ou a bota. Atravessou aqueles poucos metros em passos pesados, o coração tamborilando dentro do peito. Aos poucos diminuiu sua velocidade, antes de entrar na sala. Os sons familiares que vinham de lá atingiram seus ouvidos e ele parou, confuso, não reconhecendo a realidade que o cercava.

Ouviu a voz de sua esposa, o murmúrio distante da televisão, o arrastar plástico dos brinquedos dos filhos, e uma voz intensa e grave. De homem.

Eles riam. Conversavam da maneira que Jeffrey fazia quando estava em casa.

Avançou quase arrastando os pés. Suas mãos tremiam, ele percebeu. Sua testa franzia, quase com vida própria. Ele *ouvia* com atenção aquela voz, sem entender como era possível.

A parede terminou, e Jeffrey visualizou a sala. A mesa de centro. A televisão. O sofá verde. Os meninos chocando os carrinhos no carpete. Amanda no sofá. E o estranho ao lado dele, o braço passado sobre o ombro de sua mulher.

O estranho era ele.

Tentou puxar o ar para dentro do peito, mas era como estar morto. Parado no corredor, Jeffrey ficou olhando para o homem, sua própria imagem, sem ter mais certeza se sabia ou não quem ele próprio era.

Janelas para o inferno

*“I went down to the crossroad
fell down on my knees
Asked the lord above ‘Have mercy now
save poor Bob if you please’”*

Cross Road Blues, Robert Johnson

Eu senti o bafo do diabo na cara.

Sabe, eu me achava um cara legal... cheio de amigos, sorridente, piadista. Obstinado. Só percebi meu verdadeiro *eu*, só o entendi, quando fiquei diante do perigo. Então descobri o que sou de verdade.

Tínhamos uma banda. Em vez de sangue, era música que corria em nossas veias. Respirávamos sonoridade e transpirávamos harmonias. Juntos, éramos um só, pulsantes e vivos. Ana era o coração da banda, a menina mais linda e divertida do universo. Meu peito batia por ela com a mesma força que ela batia na bateria. Até hoje aqueles olhos cor de mel são as coisas mais perfeitas que vi. Penso em nossos momentos a dois e estremeço de saudade. Minha mão permanece quente, com uma espécie de estática... como se eu tivesse acabado de tocar sua pele macia, seu corpo que era meu.

Cesar era o guitarra-solo. Ele amava o que fazia mais que tudo. No palco, carregava uma guitarra semiacústica branca que parecia viva. No dia a dia, não desgrudava do maldito violão preto. Era parte de seu corpo, e quando tocava fazia as garotas caírem de joelhos. Tom era o outro guita, o cara mais paciente e gentil que conheci, um verdadeiro amigo, um irmão, que topava todas. Pro azar dele.

Eu era baixista e vocalista. Confiava na minha voz e nas minhas letras. Quando tocava, me sentia o dono do mundo, como se eu tivesse poderes. A gente tinha carga, uma energia febril. Soltávamos faíscas no palco. E nos divertíamos. Porra, como nos divertíamos. As noites da cidade eram nossos momentos; o *Iggy's Bar*, nossa segunda casa.

Começávamos a tocar na hora mais escura. Nosso som rasgava a madrugada adentro. Depois de horas, mesmo cansado eu me sentia como uma usina. Eu queria mais, mais e *mais*. Shows, contratos, sucesso.

O primeiro som levou a mais cinco e ao sonho de gravar um disco ou tocar na rádio. Nada disso aconteceu. Para mim era uma afronta; nós éramos *incríveis*, entende? Merecíamos nada menos que *reconhecimento*. Que entendessem a dimensão de nosso som sincero e potente. E no passar dos meses, quando os shows aos poucos começaram a rarear e não tínhamos nada para fazer de madrugada senão olhar os prédios escuros repletos de quadrados de luz, eu senti que estávamos fadados ao fracasso.

Quem prestou atenção na gente foi o Cássio. Ele era um cara que a gente considerava “meio famoso”, tinha começado com uma banda anos antes, depois partiu para carreira solo e conseguia viver daquilo. Pelo menos era o que parecia, já que ele sempre estava no *Iggy’s* cheio de pompa, terno bem recortado, gravata e sapatos que refletiam as luzes do palco como espelhos.

Foi ele quem chegou em mim e disse que tinha o “segredo do sucesso”. O bar estava vazio, o pessoal arrumava o palco e eu descansava a garganta tomando uma cerveja gelada; Iggy, cujo nome na verdade era José, mas que a gente chamava de Iggy porque ele era a cópia cuspida e escarrada do Pop, limpava a bagunça de mais uma noite de bebedeira. O Cássio pagou a cerva pra mim e elogiou o som. Disse que a gente tava no caminho, só precisava de um contrato. Hoje eu penso no sorriso que estampava os lábios dele e consigo entender a piada. Foi aí que ele citou o ritual. Explicou boa parte dele, enquanto o líquido passava pelas minhas cordas vocais como uma lança. Não falei nada até ele tirar um papel dobrado do bolso e passar para mim. Disse que eram instruções. Depois ficou olhando para minha cara como se tivesse dito algo revolucionário. Na verdade, eu não acreditava nem mesmo em uma vírgula do que ele dissera. Mesmo assim, olhando para ele, uma parte de mim sussurrava na minha orelha... aquele diabinho no ombro, que seja. Podia ser real. Eu me interessei.

Li todo o papel em casa. Era tipo uma carta, e as palavras estavam escritas em letras tão pequenas que precisei de uma lupa para conseguir ler.

Fiquei fascinado. Não sei *por que* eu acreditei naquelas palavras. Talvez fosse um começo de desespero, aquela chance do sonho se

esfacelar, ao mesmo tempo em que brotava uma esperança estranha, que não era necessariamente “verde”. Se havia uma chance ali, por qual motivo eu deveria *não arriscar*?

Contei para o pessoal. Cesar disse que seria bem louco. Tom só balançou a cabeça, um “você quem manda” silencioso. Ana ria, animada e confiante. Talvez fosse a coca que ela cheirara minutos antes. Ou o broto de amor que ela sentia por mim, o que esmaguei com as mãos e que deixou um cheiro de terra úmida nos dedos. Não sei. Só sei que todos concordaram. Me seguiam como a porra de um líder.

O ritual foi no porão de casa, dois dias depois. Afastei as coisas e tracei o pentagrama com giz preto. Nas pontas da estrela, copos de vidro com as oferendas: uma pomba branca degolada; um ovo de galinha preta fecundado esmagado com as mãos, o feto úmido saltando para fora; um osso humano roubado do cemitério; uma página da Bíblia rasgada em seis partes e mergulhada em urina; e uma mecha de cabelo de mulher, que Ana cedeu. Velas nos cercavam por todo o cômodo, e eram nossa fonte de luz naquela noite fria.

Eu não tinha ideia do poder daquele ritual. Se soubesse, talvez não o tivesse feito. Não sabia que a *pureza* era essencial para o rito; que o demônio se aprazia com o sacrifício do casto, nem que repudiava a trapaça, mesmo a inconsciente.

Na hora do diabo, fizemos um círculo em volta do signo profano. Com uma adaga, cortamos as palmas das mãos, o bastante para que o sangue brotasse em pequenas gotas. Ana não havia cheirado naquele dia. Cortei suas mãos e ela prendeu a mandíbula; mas me amava tanto que logo sorriu, escondendo a dor. Cesar e Tom nem ligaram. *Eles* cheiraram. Estavam com o triplo de coragem. Ainda assim, foi inútil.

Quando unimos nossas mãos e invocamos satã, entoando juntos palavras de poder incompreensível para nós, senti que algo *ia mal*. Um vento frio rodou pelo porão. Um arrepio tão forte correu por minhas costas que foi como ter dedos de gelo deslizando ali, me provocando e me reduzindo. Minhas bolas se encolheram tanto que parecia que meu corpo as engoliria. O ar a minha volta parecia querer me dizer que eu estava me metendo com o que não devia, soprando na minha nuca, querendo me acovardar. Mesmo assim seguimos em frente, o coro ressoando melodioso como éramos capazes de fazer, e por alguns minutos pareceu que tudo daria certo...

As velas se apagaram. Feito faca, o escuro cortou nosso canto. Eu nada via, só sentia as mãos úmidas e feridas de Ana e Cesar presas às minhas em um aperto de pavor. O vento girou de novo, forçando nossa separação, e aquilo *não podia acontecer*. Quebrar o círculo nos deixaria *frágeis*.

Não era hora para desistir; forcei ainda mais as mãos dos dois. Uma luz laranja surgiu dentro do círculo. Um a um os copos de vidro estouraram, lançando cacos que fustigavam nossas pernas. Ana gritava. A luz aumentou, um sol nascendo das trevas, e eu senti a presença maligna que dela irrompia, densa, *nociva*. Consumindo o ar a nossa volta, a bola de luz explodiu num *flash*. Após o intenso estouro, pude abrir os olhos. E *o vi*.

A coisa era disforme e robusta, sua presença distorcia o ar que a cercava. Seus olhos brilhavam como fogo e ele rugia com uma fúria gigantesca. Sobre o rugido havia um ruído estranho, como uma frequência aguda demais, mas que incomodava o cérebro. Fazia ele vibrar dentro do crânio. Por alguns segundos eu me senti o ser mais frágil do universo. Aquela *presença* era absurda e inaceitável. Nada parecia mais evidente do que nossa efemeridade.

Os dedos de Ana deslizaram. Ela encarava o diabo aos berros, um grito que rasgava o que restava de sua sanidade. Tom chorava. Puxou a mão que segurava a de Ana, tapando os olhos, incrédulo. Eu gritei algo, não tenho certeza. Com o grito, foi minha mão que escorregou. Ana ficou fora do círculo, e no mesmo instante o demônio se virou para ela. Ele não teve pena.

Se eu tivesse segurado sua mão com mais força... se eu não tivesse sido tão *covarde*!

Com uma força que vinha do nada, Ana saiu alguns centímetros do chão e *rasgou-se*, como se ganchos invisíveis tivessem se prendido aos seus membros e sua cabeça, puxando cada parte dela em uma direção diferente e a desfazendo numa chuva de carne e sangue. O líquido quente atingiu meus lábios e eu senti o gosto metálico descendo pela minha garganta. O único gosto dela que não tinha sentido antes. Só então percebi o que estava acontecendo.

Tinha dado errado. E não tinha volta.

Quando os pedaços de Ana caíram no chão, o demônio já estava diante de mim. Ele rugiu no meu rosto e eu senti o hálito de mil corpos podres e mil almas em eterna tortura. Sua presença irradiava dor e

sofrimento infinito. Fechei os olhos, aceitando a derrota. Ana estava morta, e mesmo a parte mais inconsciente de mim sabia que não havia volta para ela, logo, não havia motivos para que eu resistisse. Então os braços de Tom atravessaram a criatura e me atingiram no peito. Me soltei de Cesar e caí de bunda no chão. Fiz uma careta, mas meus olhos não se fecharam para a carnificina que se desenrolava.

Cesar andou para trás e o diabo rasgou seu peito com o que deviam ser garras. Seis cortes enormes romperam o tórax e o abdome de meu amigo. Seus órgãos pulsavam pelas brechas recém-abertas. Um segundo golpe arrebentou sua coluna e o partiu em dois, na cintura.

Tom correu até a porta do porão, mas a encontrou fechada. Ele berrava, eu sabia. Só não conseguia ouvir. Via sua boca escancarada e os pedaços de meus amigos no chão e enxergava naquilo meu futuro. Precisava *agir*.

Corri até o pentagrama, sentindo os pedaços de Tom acertarem minhas costas. Um olho caiu perto da minha mão, me julgando. Seus cabelos compridos caíram úmidos nas minhas costas. Meus braços estavam vermelhos. Esfreguei os dedos no desenho preto, e o ato trouxe a atenção do diabo para mim. Senti seus olhos na minha nuca, fervendo com o ódio de ter sido enganado. O dedo não foi capaz de remover o giz; a unha saltou no ar como uma lasca de madeira. Gemendo, peguei um caco de vidro próximo, as bordas afiadas lacerando ainda mais minha mão. O ser rugiu enquanto eu desfazia a borda do pentagrama, destruindo o portal que o mantinha do nosso lado. O urro virou um grito de piedade. Naquela hora, eu não podia me dar ao luxo.

Rompi o símbolo. A luz explodiu de novo, me jogando para traz. Vi o demônio ser sugado para aquele vórtice, a luz o consumindo, o forçando a voltar, e então tudo se apagou. O porão caiu num escuro sepulcral e eu desmaiei.

Acordei pensando naquele ser sobre meu corpo e saí de um pesadelo para outro. Os pedaços de meus amigos estavam à minha volta. Então fugi. Não sei por quanto tempo dirigi aleatoriamente pela madrugada. Meu cérebro não processava o ambiente ao meu redor. Só sei que em algum momento meu carro parou diante do *Iggy's*, e o próprio me ajudou, depois que me viu sair do carro coberto pelo sangue de meus companheiros de banda. Eu não esperei que ele comesse a fazer perguntas. Quando eu estava com uma roupa nova e com a maioria das feridas protegidas, ele se

esgueirou até o telefone, como se não quisesse que eu visse o que ia fazer. Deixei ele esperando quem quer que fosse do outro lado da linha, voltei para meu carro e fui embora.

Dirigi sem destino, parando em hotéis para dormir de dia e seguindo em frente de madrugada. Duas semanas depois, minhas feridas externas estavam quase fechadas e eu podia andar na rua sem chamar atenção. Não sei se era o rosto machucado e as mãos enfaixadas que atraíam os olhares. Talvez fosse por algum hipotético cartaz de procurado ou alguma matéria na TV. Policiais na minha cola. Não sei. Acho que era o medo no meu rosto. A sensação de ser seguido. O cheiro do bafo do demônio em mim, forte como o pesar que eu levava na alma.

O tempo passava e eu dirigia, me afastando daquela madrugada tanto em tempo quanto em distância. Tentando esquecer aqueles rostos. Algo me dizia que a polícia não deu a mínima para tudo aquilo. O rádio ligado não me noticiava nada. As pessoas não me olhavam porque viram meu rosto no jornal. Era como se aquilo só tivesse acontecido *para mim*, para me castigar.

Por Deus, eu aceitei o castigo.

Sessenta e seis dias depois, comecei a *vê-los*.

Primeiro foi Ana. Estava do outro lado da rua, os cabelos ao vento. Todo seu aspecto era cinzento, e nos olhos turvos não havia emoção, ainda que o sorriso em seus lábios fosse enorme e sem real alegria. Entrei no carro como um louco, o peito em disparada, deixando a cidade para trás.

Eles surgiam no acostamento. Cesar com o violão preto, o corpo meio torto como se um médico muito ruim tivesse tentado juntar suas partes; Tom acenando, os cabelos pretos arrancados do topo da cabeça que, descarnada, parecia uma glândula inflamada. Ana fazia sinal, o polegar pra cima, esticando a perna em chacota. Todos sorriam como a porra do Coringa. Eu acelerava mais, sentindo o sangue congelar.

Achava que conseguiria me distanciar, que eles obedeceriam algum tipo de regra física e demorariam a me alcançar, mas eles sempre estavam na próxima cidade, no próximo posto, debaixo dos viadutos. Dirigi por

horas, sem parar, com o peso do remorso e o terror da justiça nas minhas costas, e a certeza de que em algum momento eu *teria* que parar.

Certa noite, após dirigir três dias seguidos, dormi algumas horas em um hotel, exausto. Acordei ouvindo um murmúrio. Uma melodia que, na época da banda, eu teria gostado de compor. Sabia que era Ana, sussurrando para mim, para quem sabe fazermos uma música. Ela era boa nisso. O som, no entanto, era diabólico demais para ter saído da cabeça da garota que eu amava.

Me virei. Ela estava sentada na cadeira ao lado da cama, as pernas cruzadas, o cotovelo na coxa, o queixo apoiado na mão. Cantarolando aquela música, aquele presente de mau gosto. Os olhos vazios olhando para o nada.

Saí do quarto correndo. Tom e Cesar me esperavam no balcão. Cesar afinava o violão. Os lábios não saíam daquele sorriso feio. Fechei a conta tão rápido que esqueci meus documentos lá. Entrei no carro e parti. Olhei pelo retrovisor. Tom acenava. Não era um “tchau”; era um “até logo”.

Dirigi. Apenas dirigi, fugindo. Estou cansado demais, quase bati três vezes. Talvez eu acerte algum carro na sexta vez; é o maldito número, não é? O medo de morrer é forte demais. Eu imagino o que me espera, e isso me impele, me leva para frente, para sobreviver.

Parei para mijar. Tentei não me afastar do carro, mas não teve jeito. Quando entrei, Ana me esperava no banco do carona. Olhava pra frente, para um futuro inexistente. Liguei o carro e parti, aceitando sua presença. Eu sentia tanta falta dela que doía, e de certa forma agora eu posso matar um pouco a saudade. De perto, pude ver que ela também fora colada por um médico sem talento. Tantas partes para juntar não facilitaram o trabalho, e agora Ana parece uma piada ruim do que ela costumava ser. Mesmo assim, ainda a amo.

Pelo retrovisor vejo os outros dois. Tom olha pela janela, a cabeça nua apoiada no vidro, pensativo como sempre. Cesar ainda carrega o maldito violão. Ele não desgruda dessa porra nem depois de morto.

Liguei o rádio. Ozzy implorava que Deus o ajudasse, e eu sabia que não podia fazer o mesmo. Desliguei o som. Preciso de silêncio, mas Cesar não quer colaborar. Tocou um Mi menor com intensidade, de baixo para cima, e me fitou com aquelas bolas brancas cravadas na face.

Seus olhos são janelas para o inferno, e eu não quero ir para lá.

A garota que transou no cemitério

para Lucas Dallas

Eram dois garotos punheteiros seguindo a menina vestida de preto.

A garota caminhava do seu jeito rotineiro e seguro, o queixo meio erguido, os olhos rodeados de maquiagem ignorando os becos sem luz e as esquinas, sua sombra encolhendo e crescendo à medida que passava pelos fachos espaçados dos postes. Os meninos andavam e paravam, andavam e paravam. Se escondiam nos muros incompletos de terrenos baldios e pilhas de tijolos, fazendo o mínimo barulho possível, ansiando e ao mesmo tempo temendo o bairro do qual se aproximavam. Cada ponto não iluminado era um abismo de mistérios, e para dois moleques que mal tinham pelos no saco e cujas espinhas brilhavam quentes como a cratera de um vulcão, os mistérios que a noite escondia poderiam ser o que separaria os homens das crianças, ou os lúcidos dos insanos.

Começou com um boato besta. A aluna nova da sala, a gótica que entrou no meio do ano, *aquela* que usava maquiagem carregada e roupa preta o tempo inteiro, *aquela* de *piercing* no nariz e olhar tedioso, aquela esquisita mas gostosinha, o tipo de garota que os meninos fingem não olhar, então... ela curtia uns “rolê no cemitério”.

Nada novo para meninos acostumados a verem todo tipo de gente entrando e saindo da escola. Ainda mais eles, *nerds* até os ossos, o rosto cravejado de vermelho e amarelo, um deles com óculos tão grossos quanto um polegar, o outro com o cabelo encaracolado e duro feito arame, habituados com o “bullying” e com as fofocas feitas para “queimar o filme”. E uma gótica, então? Claro, *óbvio* que ela vai no cemitério, isso é algo quase *obrigatório*. Faz parte do protocolo. Para ser gótico *tem* que ter o guarda roupa recheado de preto, *tem* que curtir umas bizarrices como espetos na orelha e anéis sob a pele dos dedos, e *tem* que ir no cemitério tomar vinho barato sentado em alguma tumba, não é?

E o comportamento regular dos jovens nessa época adolescente é sempre o mesmo quando se trata de receber alunos novos: primeiro a fase

da indiferença, depois começam as fofocas, depois a troça. Passando dessa fase sem maiores traumas, o aluno está integrado ao coro trivial de jovens boçais e despreocupados. Uma vez dentro do grupo, ele próprio pode fazer parte da brincadeira; é seu dever ajudar a apelidar os novos alunos, e fazer uma piada com as roupas ou o cabelo de outra pessoa é quase um ritual de passagem, uma provação.

Os meninos, Malcom e Eriberto, estavam há tempos nessa fase de transição. Eram os *geeks* da turma, os estranhos, os *tortos*. Amigos de longa data também, do tipo que compartilham os mesmos gostos. Se conheciam desde a primeira série e faziam tudo juntos, de jogar vídeo game a assistir filme pornô. Uma vez Eriberto chegou a tirar uma foto de sua irmã tomando banho só para mandar para o amigo, que tinha uma paixão platônica pela garota sete anos mais velha do que ele. Quando Sabrina, a menina nova, chegou, havia ali uma oportunidade como nenhuma outra. Eles poderiam, finalmente, arriscar uma chacota sem correrem o risco de tomarem um tapa na orelha ou uma cusparada de papel na nuca. Eles entendiam que, se não fosse daquele jeito, estariam fadados ao eterno escárnio. Se não eterno, pelo menos até o fim do ginásio. E na faculdade, se algum colega retardado por ventura passasse no vestibular da mesma faculdade. E no trabalho, se por algum acaso esse mesmo colega se formasse e fosse trabalhar no mesmo lugar...

Enfim... não havia solução no cruel e implacável mundo do *bullying* escolar. Ou você subia os degraus, ou seria para sempre a escada.

Era nisso que Malcom pensava enquanto observava a garota nova naquele primeiro dia dela na escola. Quem entrava na sala depois de abril corria o risco de não conseguir nem ao menos uma boa amizade até o resto do ano. Jovens, e principalmente adolescentes, às vezes são inclementes. E quando toda a sala ficou em silêncio para que a secretária apresentasse a menina de cabelos pretos e olhos pintados para os alunos e o professor, todos perceberam o potencial de alvo dela: o olhar tímido, o rosto fechado, o quase inexistente “bom dia” quando o professor pediu que ela falasse com a sala, as roupas fora do padrão daquela escola pública e nem tão eclética. Sim, ela era o alvo *perfeito*. Assim como Eriberto e Malcom foram no ano anterior. Aquele ano, no entanto, seria o ano da *virada*. Já bastava toda a sexta série e quase três meses da sétima com os apelidos ridículos de “Pereba” e “Mamiludo” (Eriberto era um garoto um pouco

acima do peso e... bem, acho que entenderam). Era a vez de passar a maldição do zoador para alguém.

E Sabrina era a escolhida.

— Não é melhor a gente deixar isso quieto?

“Tinha que ser o Mamiludo...”, pensou Malcom, mas da sua boca saiu, meio sussurrado mas ríspido: — Lógico que não! A gente veio até aqui, agora vai até o final.

— Mas cara... — resmungou Eriberto, agachado atrás de uma caçamba de lixo fedendo a peixe. — Esse bairro... porra... e de noite...

— Você tá com medo do bairro ou da porra do cemitério?

A pergunta pegou Eriberto de surpresa, e ele se viu sem resposta. Malcom ergueu a cabeça sobre a caçamba e observou Sabrina alguns metros adiante, andando sozinha na escuridão da madrugada como se fosse simples, como se o bairro fosse dela.

— A gente tem que confirmar essa história — continuou, se agachando de novo. Percebeu que Eriberto mais olhava para os lados do que prestava atenção nele. Pegou no ombro do amigo e apertou, recebendo uma careta como retorno. — Se a gente conseguir filmar ela dando no cemitério, ela tá ferrada.

— E aí sua vingança vai tá completa, né.

A frase de Eriberto não foi uma pergunta, e ele sentiu um toque azedo naquelas palavras, como se o amigo o acusasse de toda a confusão. A consciência da própria culpa o impediu de protestar. Malcom apenas perguntou:

— Caralho, você quer ou não quer ver ela metendo, hã?

— Claro que quero...

— Então para de frescura e vamos lá.

Se levantaram e andaram mais alguns passos, sempre devagar e se escondendo atrás dos postes. Se ela notasse, seria o fim da empreitada.

Malcom seguiu ainda pensando na frase do amigo.

“Completar minha vingança? Talvez não”, pensou, sério. “Mas vou dar a essa vadia uma parcela do que ela merece.”

Esse sentimento de repulsa e rancor pela garota vinha da tentativa frustrada de Malcom de fazer com que ela fosse a nova “zoada” da sala.

Tudo aconteceu quando eles deram ouvidos a Jeferson, um dos garotos da sala, da “turma do fundão”, repetente, daqueles que não faz nada sério o ano inteiro, vive tirando notas vermelhas e colocando apelidos nos outros. Foi *ele* quem começou com a história do cemitério.

Nos primeiros dias de Sabrina na escola, como era de se esperar, ela se isolou dos colegas, mal falou e não fez questão de tentar qualquer amizade. Havia algo nela que fazia com que os meninos não se sentissem à vontade perto dela. Certas garotas eram mais aprazíveis e davam liberdades para os meninos, desde o singelo beijinho no rosto para cumprimentar até tapas no traseiro que ecoavam pela sala. Sabrina não só não permitia qualquer aproximação como olhava para todos de um jeito que ninguém sabia dizer se era coragem ou desprezo. O fato era que nenhum garoto ousava qualquer gracinha com ela.

As meninas, é claro, fingiam ignorá-la, quando na verdade ela que não dava a mínima.

Malcom, percebendo que a garota passaria sobre ele e escaparia ilesa da máquina de moer carne que era o convívio em sala de aula, começou a prestar atenção na conversa de Jeferson. Ele era um garoto até calmo para os padrões da “turma do fundão”, não era agressivo nem folgado. Era um cara legal, até. De todos do fundão, era um dos poucos que não via mais graça em tirar um sarro da cara dos *nerds*, pelo menos não por conta própria.

Na verdade, Jeferson era poucos anos mais velho que o resto da turma, e começava a olhar para os colegas, e principalmente para as *meninas*, de um jeito diferente. Entendeu rápido que idiotas bobalhões na maioria das vezes são os que mais demoram para beijar na boca. E os *nerds*, é claro. Então, quando Malcom, interessado em aprender com um mestre da zoeira, perguntou para ele o que pensava da menina nova, Sabrina, ele disse:

— Ah, cara, não sei... ela é gótica, né. Deve dar uns rolê no cemitério...

Depois caiu na gargalhada com a própria piada, nem se levando muito a sério. Na verdade, *verdade mesmo*, ele achava Sabrina uma gatinha. Mas sabia que com ele as chances seriam pequenas. Ela era do *rock*, ele era do *rap*, ela era branquinha, ele era negro... essas divisões que

afastam as pessoas e que em vez de abrandar quando os anos passam, só ficam mais sérias.

Malcom, no entanto, ficou com aquela frase na cabeça.

A corrente começou quando ele contou para Eriberto, que contou para José, que contou para Sara, que contou para Aline, que contou para uma penca de meninas, e elas começaram com risadinhas bestas. O rosto de Malcom se iluminou. Estava ali, diante dele! Um jeito de conseguir sair da zona de tiro e colocar alguém em seu lugar. Se fosse esperto, levaria até Eriberto consigo.

Era só dizer que a menina morava no cemitério!

Não precisou de muito tempo para que quase toda a escola comentasse sobre os passeios que a gótica dava no cemitério, mesmo que ninguém tivesse base nenhuma exceto seu visual para afirmar isso. Na hora do intervalo ela ficava sentada em um canto e os grupinhos de alunos olhavam para ela e davam risada. Um dos garotos da turma do fundão imitou uma múmia diante dela quando ela saía da fila da merenda com sua refeição. Enquanto ele murmurava, ela só o encarava com o rosto impassível, até se cansar e desviar dele, o deixando para trás. Os outros caíam na gargalhada.

Na semana seguinte, a história ganhava cada vez mais proporções. Quando a garota gótica entrava na sala de aula, algum engraçadinho e com um destoante conhecimento musical murmurava “*Toccata and Fugue in D minor*”, e a classe caía na gargalhada, talvez uma piada que seria engraçada em algum programa de sábado à noite na TV, mas ali ela morria rapidamente porque o alvo, apesar de visivelmente desgostoso, não se abalava: a menina apenas se sentava e ficava quieta. Sequer se enrubescia.

Isso tinha um efeito duplo: tornava o *bullying* menos satisfatório por parte dos outros, porque um *bullying* cem por cento pleno exigia a revolta ou a tristeza do alvo, e isso não acontecia; e também deixava Malcom incomodado. Ele sentia que em poucos dias a disposição para as chacotas com a menina acabaria. Ele voltaria a ser um alvo, primeiro porque ficava trêmulo e pálido quando o chamavam de “Pereba” (uma vez ele gritou esganiçado “*Não são perebas, são acnes!*”), e segundo porque ele era um *nerd* tosco, e Sabrina, mesmo sendo estranha, era uma garota. E era bonita.

“Bonita até demais para uma garota estranha”, ele se pegou pensando muitas vezes, enquanto escrevia repetidamente “Sabrina” em uma folha de papel e depois riscava para que ninguém conseguisse ler se

pegasse seu caderno. Havia algo ali que ele não queria admitir e que o diminuía. Ele se recusava a ser para sempre o Pereba. Não! Era hora de acabar com aquilo.

Então resolveu atacar.

Se ele não tivesse colocado na cabeça que faria aquilo, as coisas poderiam ter terminado ali. Ele conseguira, em segredo, espalhar uma mentira, e tinha testemunhado as vezes em que a garota ouvia aquelas provocações tolas. No entanto, ele queria uma vitória com sabor, um momento onde *ele* pudesse dizer algo que faria toda a sala gargalhar e quando *ele* veria algo mudar naquele rosto cheio de base e sombra nas pálpebras. Ele queria uma reação, nem que fosse uma leve vibração no lábio inferior. Um brilho de lágrima no canto dos olhos. Seria a glória.

O dia em que ousou foi quando um dos professores passou um exercício em grupo. Malcom, que já se sentia à vontade para conversar com Jeferson, e por meio desse, logo, era tolerado pelos outros meliantes do fundão, se ofereceu para formar um grupo com eles. Sabia que seria do interesse de todos, já que ele era o nerd, e nessas horas qualquer um quer ter um nerd no grupo (inclusive, Eriberto teve que fazer parte do grupo dos alunos crentes). Logo, estavam juntos Malcom, Jeferson e três desordeiros: Rafael, que era magro, alto e careca, mas tinha uma língua afiada; Daniel, um sem educação que gostava de estapear os menores só porque a natureza o privilegiara com braços grossos; e Fernando, um legítimo “maloqueiro”, daqueles que batia boca com os professores e se pudesse quebraria o braço de algum aluno só para ouvir o barulho que faria.

Quando os grupos se formaram, é claro, uma pessoa ficou de fora: Sabrina, que olhava para o professor, torcendo mentalmente que ele lhe desse o exercício para fazer sozinha, e para os grupos com menos alunos: o dos crentes (com Eriberto Mamiludo de bicão) e o grupo de Malcom.

— Escolha um dos grupos e sente com eles — sugeriu o professor, paciente, fitando as meninas de saia jeans, os olhos quase *falando* em alto e bom som, olhos esses que elas ignoraram.

Malcom cochichou para Fernando (com uma intimidade que custaria um tapa na orelha se Malcom não tivesse falado algo “importante”):

— Fala que só deixa ela sentar se ela prometer não assombrar a gente.

E com a obediência equina que só os estúpidos possuem, Fernando deu uma risada tola e disse:

— Professor, ela pode vim aqui, mas só se ela não fazer bruxaria pra gente.

“Burro”, pensou Malcom, mas a sala caiu na gargalhada, então o efeito foi o mesmo. O professor fuzilou o meliante com os olhos. Sabrina permaneceu impassível.

Os alunos ainda riam quando o professor foi até o grupo das meninas crentes e exigiu que elas aceitassem Sabrina. Sem opção, elas balançaram a cabeça e a garota andou até elas.

Então Malcom disse o que ele achava que coroaría seu momento. Aquela era a hora. Se falhasse, não teria volta.

— Hey, meninas! — disse ele, chamando as duas evangélicas que se sentavam com as pernas apertadas umas nas outras, mas que contavam as horas para arrancarem as saias em casa. — Cuidado senão ela vai levar vocês pro cemitério. Vai fazer um ritual sexual com vocês.

Malcom não soube dizer se a piada era mesmo boa até ouvir a sala explodir com o dobro de força em uma gargalhada perversa. Os únicos calados eram Eriberto, que entendia como era saber que aquelas gargalhadas só existiam por sua causa, Malcom, que saboreava o momento de sua consagração, e Sabrina, cuja face se empalidecia além do que a maquiagem cobria. Seu rosto pareceu derreter, como se fosse uma máscara de borracha. O menino sorriu de leve e olhou para ela, dentro dos olhos, esperando a lágrima, esperando o tremer do lábio. Era tudo o que ele queria.

No entanto, a classe aos poucos silenciou, e o que ele ouviu foi a voz de Sabrina, dura, segura e pungente. Quando a frase começou, a sala toda emudeceu. A calmaria que precede a tempestade.

— Melhor fazer ritual sexual — disse ela — do que ser virjão igual você.

Não houve gargalhada dos colegas no começo. Houve um *berro*, um som que ecoava e obliterava toda e qualquer voz, como animais no cio. As

orelhas de Malcom ferveram, e ele percebeu que tinha sido derrotado e não havia volta.

Só então a classe riu, desesperadamente, com tanta força que a zeladora surgiu na porta segundos depois, olhando para o caos que era a sala e se afastando, agradecendo por ter abandonado o curso de Pedagogia.

Sabrina olhava para Malcom com um meio sorriso triunfante. Todos, inclusive o grupo de Malcom, apontavam para ele e riam. Outros não se continham e apertavam a barriga. Um menino caiu de joelhos no chão e rolou, as mãos balançando no ar.

— CHEGA!

A voz do professor se sobrepôs aos risos. Estes, é claro, não cessaram, mas diminuíram o bastante para que o professor fosse capaz de apontar para Malcom e dizer:

— Você! Na sala da diretora!

— Mas professor!

— *AGORA!*

Na sala da diretora ele tomou um belo sermão e só saiu de lá quando sua mãe foi buscá-lo.

Em casa, o ego só não doeu mais do que o puxão de orelha que ele levou quando ultrapassou a porta da sala. Sentiu como se seu rosto estivesse sendo arrancado. Malcom fechou os olhos, esperando tomar algum tapa, mas a mãe soltou sua orelha e só disse:

— A próxima vez que eu for buscar você na diretoria, eu vou *decepar* sua orelha, tá me ouvindo?

Malcom correu para o quarto, onde ele sabia que poderia se esconder e cumprir parte de seu castigo, já que o vídeo game ficava na sala. Ele passou a mão sobre a orelha vermelha e quente enquanto fechava a porta, e à medida que ela aliviava, a mágoa e a revolta da humilhação voltou a golpeá-lo. Sentou na cama, pensando na cagada que fizera.

— Vagabunda... — sibilou, enquanto puxava do bolso o celular que começara a vibrar. Era Eriberto no *WhatsApp*.

“*E aí, vc tá de boa?*”, leu na tela. Digitou um *emoji* com a cara contrariada. Eriberto respondeu com um *emoji* chateado.

“Vc não devia ter zoadado ela”, apareceu na tela. Malcom bufou. Em seguida, o amigo completou: *“Se tivesse deixado ela na dela nada disso teria acontecido”*

“Vá à merda, Mamiludo”, pensou Malcom, mas o que ele respondeu foi: *“Ela deu sorte. Foi esperta. Mas ela vai ter o dela”*

Eriberto demorou alguns segundos para responder depois de visualizar a mensagem. Malcom imaginou que o amigo o estivesse julgando. A tela indicou que ele gravava um áudio, e Malcom esperou, impaciente.

A mensagem de voz carregou e ele apertou o *play*.

— Cê não entendeu né... — disse Eriberto na mensagem. — A gente não nasceu pra zuar ninguém, cara... a gente tá aqui pra ser zuado. E foi o que aconteceu. A gente é tão zuado que a zuera se vira contra nós quando tentamos usar ela.

Malcom não pôde conter um leve sorriso. O amigo dissera *nós* quando na verdade não participara em nada naquilo, o que dizia que ainda havia uma parceria ali, a boa e velha “broderagem”. Segurou o botão de mensagem de voz e começou a falar:

— Eu sei, essa foi a merda... mas a filha da puta não só me zuou, Eri... ela me *humilhou* na frente da sala inteira... e eu não sei você, mas *eu* não vou deixar assim. Eu vou dar o troco, e vai ser um troco bem dado.

Mandou a mensagem, sentindo um leve orgulho de si mesmo. Ele daria o troco, era certo que daria, e aquela determinação lhe trouxe de volta um pouco mais de autoconfiança. Claro que ele não iria à escola no dia seguinte, seria quase como pintar o próprio corpo com círculos coloridos de um alvo e ficar parado diante de um time de atiradores. Mas, mais dia, menos dia, ele teria algo para acabar com aquela garota. Aquela vadia...

Eriberto digitou: *“Tsc tsc tsc... cê não tem jeito”*

Malcom riu e segurou de novo o botão da mensagem de voz:

— Você vai ver, meu amigo. Aquela menina ainda vai chorar no meio da sala...

A porta se abriu em um estrondo. A mãe de Malcom entrou no quarto como um furacão, e ele se arrependeu de não ter trancado a porta. Ela olhou nos olhos dele antes de tomar o celular de suas mãos. Enfiou no bolso dianteiro do avental florido e disse, com aquele tom perverso que só as mães conseguem impor na voz:

— No castigo também entra o celular.
— Mas mãe! Eu preciso pelo menos...
— Tente sinais de fumaça, código Morse... você é um rapaz inteligente, eu sei que consegue — completou, antes de sair e bater a porta.

O castigo não durou tanto, é claro, e Malcom se viu livre e com seu celular de volta no dia seguinte. Sabia que a mãe logo voltaria a falar com ele sem aquele ar de megera, e então tudo ficaria bem.

E ele ainda queria sua vingança.

“Minha vingança...”, ele pensou quando a garota virou à direita, para a rua escura e deserta que levava ao destino da noite, o cemitério da cidade, um local que eles evitariam a todo custo, ainda mais durante a noite. Ele e Eriberto se levantaram detrás da árvore baixa em que estavam escondidos e seguiram até a esquina, no encalço da garota.

O sentido que ela tomava deixava Malcom cada vez mais animado e ansioso. No começo, ele demorou para acreditar, mas estava acontecendo; ela estava lhe dando a prova que precisava de graça, e ele aceitava de bom grado.

Aquela perseguição silenciosa só acontecia porque, dois dias depois do castigo de Malcom, quando ele voltou à escola e não viu a garota na sala de aula (respirando com certo alívio, já que ser zoadado sem ela estar na sala seria mais tolerável), ele recebeu uma *informação*. Houveram as piadas, e uma mudança sutil de apelido, de “Pereba” para “Virjão”, mas ele suportou bem até a hora do intervalo. Do lado de fora, ele preferiu se sentar afastado, deixando um tolo Eriberto pegando a fila da merenda.

O pátio da escola não era tão grande, então não tinha como se distanciar tanto. Todos os outros alunos podiam vê-lo, e vez ou outra ele ouvia seu novo apelido ser pronunciado, seguido de gargalhadas abafadas. Ele queria poder desaparecer. Ficar invisível.

Sentiu um toque no ombro. Revirou os olhos, sabendo que se viraria e testemunharia mais um jeito inovador de explorar seu rosto cheio de acne ou a virgindade evidente, mas quando olhou para trás, deu de cara com um rapaz alto, provavelmente das turmas mais avançadas. Naquela

escola, devido ao tamanho do pátio, havia intervalos distintos para as séries do ginásio. E o rapaz de barba rala e piercing certamente seria do Ensino Médio. Ou um repetente inveterado.

— E aí? — disse ele, com uma simpatia que surpreendeu Malcom.
— Você é o cara que tentou zuar a gótica ontem e se fodeu, né?

“Filho da puta”, pensou Malcom. Ele não queria sair perdendo de novo, e o tamanho e a idade do cara, em vez de desencorajá-lo, levaram um pouco de insanidade para sua atitude. Ele olhou o rapaz de cima abaixo, analisou sua calça *jeans* rasgada e a camisa preta, os cabelos negros e lisos cobrindo as orelhas, e sentiu uma vontade imensa de perguntar se também tinham intervalo no reformatório.

Mas ele tinha amor aos dentes, e o que saiu foi: — Não acho que seja a hora do *seu* intervalo.

O rapaz sorriu e chegou mais perto.

— Tô sabendo, *brother*. — Colocou as mãos nos bolsos da calça velha e estudou o pátio. — Mas aqui onde você tá eu não vou chamar tanto atenção da zeladora... vou ter dois intervalos hoje.

“Que campeão!”, pensou Malcom, cruzando os braços e desviando o olhar.

— Mas e aí? É você mesmo? O cara que...

— Sim, sou eu, *broooooother*, o virjão que foi zuado pela gótica, isso mesmo! — disse Malcom, contrariado e nervoso. — O quê? Vai dizer que a única coisa que não é virgem em mim é a mão? Ou você tem outra piada genial pra me zuar?

— Calma, *brother*, na boa. Cê tá muito nervoso... — disse o rapaz, espalmando as mãos na altura dos ombros. Malcom olhou para ele e não achou que ele estivesse sendo irônico. — Na verdade eu só queria ter certeza porque eu tô ligado que ela pegou pesado...

Malcom resmungou. Aquela afirmação o pegou de surpresa. Sim, ela pegou pesado... ou será que ela só agiu à altura do que ele fizera? Não importava. Havia um nível de compreensão ali. O rapaz continuou. Chegou mais perto de Malcom, perto *demais*, e disse:

— Sabe, essa mina... Sabrina. Ela era minha amiga.

“Fodeu”, pensou Malcom. “Além de ter sido humilhado, vou apanhar na frente de todo mundo porque alguém ainda se acha no direito de defender ela.”

Seu peito disparou, e ele tentou frear o impulso de correr. O rapaz não notou.

— Ela era minha amiga uns tempos atrás, mas eu tô ligado que ela dá uns relaxo... ela é meio esnobe.

“Uau. Ele conhece essa palavra?”

— E eu vi você aí e achei que ela falar isso foi meio mancada, sacô? As meninas sempre querem rebaixar os meninos, sempre... e ela conseguem. Elas fodem a gente, sacô?

Malcom olhou para ele e sorriu meio sem jeito.

— Saquei...

— Mas aí... — continuou o jovem, chegando *mais perto* ainda de Malcom — Essa garota tem um segredo, tá ligado?

“Segredo?” Malcom tentou não parecer interessado.

— E se você pegar esse segredo e jogar pra galera, tenho certeza que ela nunca mais vai te zuar de novo.

— Segredo? Que segredo? — perguntou Malcom, quase trêmulo. O sinal do fim do intervalo tocou e seu coração galopou com o dobro de velocidade.

— É, *brother*, ela tem um segredo bem sujinho, *saqualé*?

Malcom tentou não interpretar aquela última palavra que ele meio que entendera. Se aproximou mais do rapaz, tão perto que quase sentia os cabelos finos dele tocando seu nariz.

— Segredo sujinho?

— Pode crer — prosseguiu o jovem, se divertindo com a ansiedade de Malcom. — Essa mina, com aquela carinha esnobe, na verdade curte umas coisas *beeeeeeeeem* bizarras.

“Usou esnobe duas vezes em tão pouco tempo, deve ser uma palavra nova para ele”, pensou, mas a mente irônica não o ajudava: ele queria saber qual era o segredo, e a lentidão do rapaz em revelá-lo o deixava irado.

— Tá, mas, *qual é o segredo*? — perguntou, quase implorando. Os alunos voltavam para as salas de aula, e restavam poucos relutantes do lado de fora, que eram chamados pela zeladora pelos nomes. Logo ele e o rapaz seriam notados, e ele não descobriria o segredo.

— O segredo, *brother*, é que essa mina curte ir no cemitério...

“Ah, vá à merda!”, a mente de Malcom protestou, fazendo com que seus olhos revirassem. Aquela piada parecia tão sem graça que ele próprio

não a faria mais com ela nem se soubesse que a levaria a cortar os pulsos. Ele ouviu seu nome, “*Malcom!*”, saindo da boca da zeladora, e virou seu corpo, a intenção de deixar seu novo colega falando sozinho bem clara, mas o rapaz o segurou pelo braço e quase colou a boca em sua orelha. As palavras saíram quentes com o hálito, e Malcom quase não acreditou quando as ouviu:

— ... e quando ela chega lá, ela curte dar umas trepadas.

— *Como é?* — perguntou, a voz esganiçada, e ouviu mais perto a voz da zeladora. O rapaz olhou para ele sorrindo e balançou a cabeça

— Isso aí que você ouviu. Ela vai no cemitério pra foder. Toda sexta-feira.

— Malcom! Pra sala, menino!

A voz grave, quase masculina, da zeladora de um metro e noventa de altura o tirou do breve arroubo ante aquela “descoberta”. Ele se afastou, seguindo na direção do prédio, olhando para o rapaz que acenava para ele com um sorriso idiota no rosto. Malcom deixou ele e a zeladora debatendo sobre o “segundo intervalo”, e ele entrou na sala pensando em como aquela informação mudava as coisas.

Ele *teria* sua vingança.

Olhou para o rosto de Eriberto, que analisava a rua do cemitério e sua propícia neblina como se estivesse diante de uma caverna escura, e entendeu porque o amigo tentara dissuadi-lo àquela excursão. Ele estava morrendo de medo.

Naqueles dias que antecederam a silenciosa perseguição, Malcom relatou para o amigo o seu plano, diversas vezes, como se dessa forma tentasse fixá-lo e deixá-lo redondo, sem falhas.

— Nós vamos seguir ela, vamos filmar ela transando no cemitério e depois vamos espalhar o vídeo na internet. É simples.

— Mas aí que tá! — esperneou Eriberto, desalentado, as mãos estendidas diante do corpo. Talvez fosse a quarta ou quinta vez que ele tentava desencorajar Malcom. — E se não acontecer nada disso? E se ela perceber a gente seguindo ela?

— É só ela não ver a gente — disse Malcom, sorridente.

— Cara, qual a chance disso que o cara disse ser verdade? Ele pode ser um ex namorado dela, putaço porque ela deixou ele, pode ser um amigo dela querendo pregar uma peça na gente... já imaginou? A gente segue ela e chega no cemitério e de repente saem trinta góticos de lá de dentro e pegam a gente na porrada. Já pensou?

Claro que Malcom tinha pensado nisso. Não era idiota. Mas sabia que a ideia brilhava como ouro e ele precisava confirmar. Precisava saber se aquela afirmação absurda do cara era verdadeira. Se fosse, se ela chegasse lá e se encontrasse com alguém para trepar, ele teria um trunfo tão grande nas mãos que o resultado era delicioso demais para não o desejar. Ele pensou em Sabrina parcialmente nua, usando algum vestido preto repleto de rasgos, a boca pintada de preto e o rosto em êxtase, deitada sobre algum túmulo plano enquanto alguém (e às vezes nessas fantasias o alguém era *ele*) se deitava sobre ela e a possuía com fervor. Era insano demais, erótico demais, pelo menos para uma mente adolescente e com uma visão incompleta do sexo como a dele. O sexo, algo que parecia inalcançável, existente apenas na tela do computador ou do celular. Era pedir demais que ele *não* fosse atrás daquilo.

— Se você não vier comigo — disse ele para Eriberto — eu mostro pra sua irmã a foto que você tirou dela e mandou para mim.

O amigo não teve escolha, e lá estavam eles, seguindo Sabrina, a gótica, desde as 22h30min da noite, quando ela se arrumou e foi para um bar de rock no centro da cidade. Eles a esperavam em um terreno baldio, e a seguiram à distância.

Sabiam que a mentira de que um dormiria na casa do outro, contadas para as mães, seria descoberta mais cedo ou mais tarde. Se uma ousasse ligar para a outra para saber se o filho estava dando trabalho... seria o fim.

Mas valeria a pena, e Malcom soube disso quando Sabrina saiu do bar às 00h45min, *sozinha*, e seguiu caminhando na direção leste da cidade. Direção que eles sabiam ir no sentido contrário ao de sua casa.

Seguiram a garota, sempre se escondendo, evitando ruas muito movimentadas quando havia a chance de seguir por outra via paralela, e se aproximando cada vez mais do bairro barra pesada que ficava perto do cemitério. Durante os quase quarenta minutos de caminhada, ninguém se aproximou da menina. Ela parecia ativa, determinada e despreocupada, alheia aos dois moleques que a seguiam decididos. A madrugada foi

tomando seu lugar, trazendo aquele leve frio e o silêncio comum de uma sexta-feira de cidade pequena.

Apenas duas vezes ela olhou para trás, forçando-os a se esconderem, ainda que eles tivessem certeza de que ela não desconfiava de nada. Agora, na rua do cemitério, enquanto ela caminhava na direção do portão, Malcom apalpava o celular, vez ou outra passando os dedos sobre o pau por cima do tecido fino da bermuda que usava.

Aquela era a hora. Se ela passasse direto do portão do cemitério, teria que ir para casa, derrotado.

Eriberto observava agachado. Malcom estava de pé. Outra caçamba de lixo os ocultava. Um poste fraco iluminava a esquina, e trinta metros adiante, dois outros iluminavam o portão do cemitério. Àquela hora ele com certeza deveria estar trancado. No entanto...

A menina parou diante do portão. Olhou em volta, dessa vez parecendo pela primeira vez vigilante, preocupada se alguém a veria. Os garotos se agacharam rápido. O peito de Malcom disparava. Ele esperou e ergueu de novo a cabeça.

Sabrina colocava as mãos no portão. Eles ouviram um leve arrastar de correntes. Depois, um rangido metálico. Malcom apertou os olhos incrédulo, enquanto a garota, a gótica, usando uma calça preta de couro, uma camisa preta apertada, um colar com um pentagrama enorme e um sobretudo preto e quente demais até mesmo para aquela madrugada, empurrava o portão para dentro, entrando no cemitério.

Alguns segundos depois do último som metálico de correntes, o silêncio voltou a dominar a rua.

Eriberto se levantou e olhou boquiaberto para Malcom, que sorria.

— Então era verdade... — disse. O amigo riu.

— Eu sabia. — Apertou o ombro de Eriberto. — Agora só temos que ver se ela vai trepar ou não.

Não esperaram muito para correr até o portão.

A neblina dançava em volta deles, cortada vez ou outra pelo vento frio da madrugada. Depois das luzes que iluminavam o portão, não dava para ver nada. Era só escuro. Eles agradeceram pelos postes e pela rua

vazia, ainda que o silêncio e aquela solidude fossem o que realmente amedrontava. Qualquer ruído ali teria feito ambos cagarem nas calças.

— Merda — sibilou Malcom, as mãos sobre as correntes —, ela trancou o cadeado.

Eriberto se virou e observou a corrente fechada em volta das barras do portão.

— Ou ela tinha a chave...

— Ou o parceiro dela deixou aberto — completou Malcom. — Ele já deve tá aí dentro...

— Ou *eles* — disse Eriberto, se arrependendo na mesma hora. A imaginação de Malcom gostou do plural.

Olharam em volta por alguns segundos, sem ter a menor ideia do que fazer. Foi Eriberto quem quebrou o silêncio.

— Vamo ter que pular, né?

— Claro que vamos! — sibilou Malcom. — Eu só saio daqui com essa gravação.

— Droga...

— Vai, você me dá pezinho e eu subo.

Eriberto sempre tinha que “dar o pezinho”. Ninguém arriscava uma luxação dos punhos com ele. Ele soltou um muxoxo e abriu os braços. Quase colocou as mãos na cintura, como a mãe fazia quando ficava puta da vida.

— Mas nem ferrando! Você pula e eu fico aqui, é?

Malcom olhou para ele daquele jeito duro e autoritário, querendo ter um bom argumento, mas sabia que não havia.

— Tá certo, tá certo... — murmurou. Olhou em volta, pensativo. — Vamos tentar achar algum ponto do muro que dê pra gente escalar.

Viraram ao mesmo tempo para a escuridão que havia depois do poste, onde o muro do cemitério se prolongava. Eriberto engoliu em seco. Malcom passou os dedos sobre o tecido da bermuda, tenso. Avançaram em direção à escuridão, a luz do poste se afastando, deixando-os órfãos. Alguns passos depois eles olharam para trás e o facho era um triângulo salvador, uma espécie de refúgio para a qual eles sabiam que podiam voltar se algo desse errado. Um *savepoint* no mundo real.

Naquele trecho escuro eles quase podiam *sentir* a neblina roçando na pele deles como um véu. Malcom usou a cabeça e sacou o celular do bolso, ligando a lanterna. A luz mostrou a dança que aquele vapor quase

vivo executava diante deles. Caminharam, as mãos tocando o chapisco rude do muro do cemitério. Chegaram a um ponto onde os tijolos eram cheios de buracos. Malcom olhou para o amigo e balançou a cabeça. *Aqui, vamos.*

Enfiaram as mãos e a ponta do pé nos buracos, imaginando todo tipo de inseto saindo daquelas pequenas tocas, a pele se arrepiando diante da esperada dor da picada de um escorpião. Malcom conseguiu alcançar o topo do muro antes de Eriberto. Passou a perna sobre os tijolos aparentes e sentou no muro. Olhou para Eriberto, que gemia na subida. Um dos seus joelhos tinha atingido o cimento e ganhara um arranhão. Na metade do caminho ele se cansou e voltou para baixo.

Malcom quis xingá-lo ali mesmo, mas só apertou os dentes e olhou para dentro do cemitério, tentando evitar ver a agonia da subida de Eriberto; no entanto, o que ele viu lhe deu uma fígada no estômago.

O muro era mais alto do lado de dentro do que do lado de fora.

Ele sentiu a cabeça rodopiar e segurou o muro com as mãos, buscando equilíbrio. Respirou fundo. Eles eram *nerds*, droga. Nunca pularam o muro da escola para fugir. Aquilo era adrenalina demais para eles. Esperava que a recompensa final fosse satisfatória o bastante. Imaginou Eriberto tentando pular para dentro e batendo a cabeça contra uma lápide, caindo duro em seguida, ironicamente. Seria uma *merda*. Mas a visão de Sabrina com as pernas arreganhadas sobre uma tumba e gemendo de um jeito safado soprou para longe toda a insegurança.

Sentiu a mão de Eriberto em seu tornozelo. Travou as pernas e esticou um braço para o amigo. O muro emitiu um som rouco, que quase os deixou congelado, como se fosse desmoronar com o peso deles. Quando Eriberto sentou sobre o muro, a testa repleta de suor, respirando pesado, no entanto, a construção ficou tão parada quanto eles.

Então ele olhou para baixo e Malcom soube que ele não conseguiria pular.

— Vamos, cara, a gente tem que tentar descer...

— Não vai dar. Não vai dar — disse Eriberto, a entonação determinada e covarde.

— Claro que vai dar, porra. A gente se pendura e pula. Não tem perigo.

— Não vai dar. Caralho...

— Porra Eri, eu vou descer e você também vai.

Mas no fundo, Malcom também estava com medo de pular e se dar mal. Todas suas esperanças estavam na gravação. Ou era isso, ou ser o motivo de chacota o resto do ano. Ainda estavam em maio.

— Não vai dar, mano... eu não vou conseguir...

— Vai sim, me imita, olha...

Apoiou as mãos no muro, inclinou o corpo e colocou as duas pernas no lado de dentro do cemitério. Eriberto não olhava para ele, só via a *altura*. O muro devia ter dois metros. Para quem tem acrofobia, é como se fossem duzentos.

Malcom estava pendurado, os pés apoiando no muro. O joelho tocou o cimento do lado de dentro e ele tentou ignorar a ardência. Olhou para Eriberto. No escuro, não dava para ver seus lábios arroxeados nem a palidez da pele, mas seus olhos arregalados estavam ali, evidentes. “Merda”, pensou Malcom, sabendo que ele próprio não aguentaria muito tempo naquela posição. Teria que saltar. Teria que confiar que não quebraria uma perna na descida.

— Porra Eri... faz igual e desce... — murmurou Malcom. Não aguentou e no segundo seguinte abriu as mãos. Eriberto levou a mão à boca e prendeu a respiração. De onde estava, era como se Malcom fosse tragado por um abismo.

Os pés tocaram o chão e ele dobrou os joelhos, tentando reduzir o impacto. Mesmo assim doeu um pouco. O peito estava disparado. Então ele olhou para cima, viu Eriberto e se deu conta de como a perspectiva mudava tudo. Do chão, o muro parecia ridículo.

— Merda, Eri, desce logo.

— Você tá bem? Se você quebrou algum osso, cara...

— Cala a boca e desce logo, porra. Eu tô ouvindo uma parada...

— O quê?

— Vozes, mano. Tô ouvindo vozes...

E ele estava. Era um murmúrio muito baixo, que cessou tão logo ele o notou. Temeu que a fonte da voz tivesse se calado por ter ouvido a chegada dos visitantes, porém, segundos depois o som voltou, uma ladainha baixa e gemida.

“Não acredito que eu tô perdendo isso”, pensou ele, inconformado. A mão foi direto para o celular no bolso. Checou a bateria. Estava cheia.

— Malcom, e aí? Tá tudo beleza?

— Desce, Mamiludo, porra! — rosnou ele, tentando se controlar para não gritar. — A filha da puta começou a meter e a gente tá perdendo.

Algum disjuntor ligou dentro da cabeça de Eriberto. Ele virou as pernas roliças e desceu com dificuldade, do mesmo jeito que Malcom fizera, mas bateu os joelhos tantas vezes contra o muro que quando saltou no chão cheio de folhas secas, um filete de sangue já descia pela sua canela.

— Droga... — murmurou, tocando o ferimento. Malcom não ligou. Analisou a escuridão onde se meteram, então começou a andar, com Eriberto em seu encalço.

Nos territórios da morte as sombras pareciam densas. Os contornos eram confusos, e eles precisaram andar olhando para o chão até encontrarem o pavimento que os tirava de um caminho tortuoso sobre túmulos e covas comuns. O cheiro era de terra revirada e umidade. Uma bruma suave corria por entre as lápides. As luzes de postes eram espaçadas e amareladas, quase vermelhas, formando fachos limitados cercados por trevas. O vento vez ou outra agitava os galhos das árvores, provocando um ruído seco, como ossos sacudindo dentro de um bernal. Eles avançaram a esmo, pela primeira vez percebendo o quando o cemitério era grande, como parecia se derramar sobre a terra, uma cicatriz cinza no chão.

As lápides se misturavam. Arestas escuras lutavam por espaço junto com placas arredondadas. Túmulos compridos lembravam mesas de jantar vazias. Uma vela pequena permanecia acesa, vencendo o frio da noite, diante de uma tumba pequena, cuja lápide mostrava a foto acinzentada de uma criança. As folhas secas corriam com o vento, tocando o som de passos que morriam pela noite. Eriberto apertou o ombro de Malcom quando eles se depararam com a imagem petrificada de um grande anjo, as asas abertas e formando uma sombra longa em formato de cruz, guardando um túmulo luxuoso de mármore verde. Malcom quase xingou o amigo de novo, mas ele queria o silêncio para encontrar *aquele* murmúrio, que cessara desde que se viram dentro da necrópole.

O som de algo deslizando sobre o cimento despertou sua atenção à direita, como pedra sendo arrastada. Ele parou e virou-se, olhando com atenção na direção do ruído. Sem dar muita atenção para a mão de Eriberto, que não saía do seu braço, ele avançou entre alguns túmulos, fugindo da luz do poste para não ser visto.

— Mano... — murmurou Eriberto, mas ele não continuou porque esperava que Malcom soubesse o que diria. Estava apavorado. A calmaria em volta era intimidante, criava uma expectativa ingrata, uma ansiedade reversa, como quem sabe que algo vai saltar entre as lápides mas *não quer* ver isso acontecendo.

Malcom também tinha medo. Era mais racional, claro. O medo de ser pego pelo coveiro, por exemplo. Não fazia sentido: coveiros não ficam vagando pelo cemitério à noite. No entanto, aquele ambiente não suscitava pensamentos coerentes. E havia o risco de serem pegos pela pessoa (“ou pelas pessoas”, pensou Malcom) que estivesse com Sabrina. E se fosse o cara que contou a história para ele no intervalo da escola? E se fosse uma cilada? Ele tinha tamanho para bater nos dois ao mesmo tempo. Ele poderia pegar Malcom pela perna e usar ele para bater em Eriberto (nunca o contrário).

Uma luz faiscou no canto do olho esquerdo de Malcom. Ele se assustou e parou. Eriberto estacou com ele. Estavam sobre uma cova simples, a terra ainda fofa e pisando sobre as flores murchas, que emanavam aquele cheiro enjoativo. Malcom podia ouvir os dentes de Eriberto batendo. Mas ele se concentrou e fixou o olhar na direção de onde vira o brilho.

Velas. Várias delas.

E de novo o murmúrio.

— É lá — disse ele, voltando a andar.

Eriberto o seguiu com pressa, tentando agarrar seu braço de novo, mas sem sucesso. Malcom já estava com a câmera do celular aberta, o botão de *REC* só esperando ser apertado. Corria contornando os túmulos, seguindo para uma direção onde poderia ver sem ser visto.

Vislumbrou uma movimentação à direita e se escondeu atrás de alguns arbustos. Eriberto chegou até ele segundos depois. Ambos suavam. Tentavam não fazer barulho ofegando. Ainda assim conseguiam ouvir o murmúrio grave que chegava até eles, um som sibilante, quase sussurrado. Malcom olhou para Eriberto e sorriu. Meneou a cabeça. Aquela era a hora. Eriberto, tenso, balançou a cabeça de volta. Então ambos se levantaram, Malcom com o celular preparado, e olharam na direção das velas, na direção de onde vinha os gemidos e sussurros.

O que ambos viram era tão avesso e estranho ao que suas mentes simplórias estavam acostumadas que levou alguns segundos até que

percebessem a gravidade da situação, até que entendessem o caminho sem volta no qual se enfiaram. Até compreenderem que qualquer ideia obtusa que tiveram em toda a sua existência jamais se equipararia ao que presenciavam, ao absurdo grotesco da cena que seria a última que veriam em suas vidas. O destino inevitável dos ousados, porém, ingênuos. Dos descrentes.

A garota transava no cemitério, sim. A constatação era óbvia pelos movimentos lascivos, pela nudez parcial, pelo seio claro e arredondado que apontava para o céu. Pelo esgar descontrolado de sua face em êxtase. Pelo som impudico que sua garganta emitia.

À sua volta, diversas velas se deliciavam com uma parcela da escuridão que obliteravam, dançando sob o vento, luxuriosas. Objetos metálicos de formato inexplicáveis ponteavam alguns lugares, de onde se podia notar o brilho avermelhado de sangue. Esses objetos lembravam imagens distorcidas de pesadelos, sombras que a mente esquece ao despertar por serem desconcertantes demais, subversivos em algum nível perigoso. Formas fálicas que evocavam um poder oculto e incontrolável, mas que girava ali com maestria, com força e cadência, quase com *harmonia*, não fosse a natureza grotesca do que se seguia, da dança frenética de corpos inaturais e do cheiro enlouquecedor que vazava das portas do inferno.

As tumbas em volta de Sabrina estavam abertas, todas. As pedras retangulares foram afastadas e o odor que o interior escuro daqueles esquifes emanava lembrava desesperança e solidão. Os corpos se arrastavam até ela, em frangalhos, alguns ainda com partes de suas roupas, comidas pelos vermes irrevogáveis da mortalidade, ainda que essa palavra perdesse o significado ali; os vermes corroeram a pele, as carnes, os olhos, mas pareciam incapazes de corroer a vida daqueles cadáveres. Órgão semidevorados saltavam de buracos escuros no abdome. Ossos sujos de terra apontavam em direções diversas. A pele dos rostos se penduravam como tecido, e sob ela, larvas se contorciam em uma dança faminta. Se moviam como se o peso da ausência de suas almas exigisse o dobro do esforço, mas *se moviam*. Gemiam uma dor eterna e olhavam para frente, para o vazio da inexistência. Seguiam em direção à menina que os conjurara, a necromante de cabelos longos e corpo branco e brilhante, cheia de curvas insinuantes e fendas úmidas e gloriosas, onde aqueles que já a alcançaram agora se compraziam com a rigidez de suas carnes cinzas

e das excreções amareladas inerentes de seus corpos à beira da decomposição. Um deles se satisfazia entre suas pernas, com o vigor de um homem vivo, seu membro carcomido atingindo seu ponto de foco de um jeito misterioso e atraente na mesma medida em que era repulsivo. Outro gozava à sua boca, o pênis mordido cuspindo uma gosma empedrada, enquanto Eriberto cuspiu seu jantar, o abdome se contorcendo, o estômago tomando as rédeas de seu corpo. Os cadáveres se acumulavam em volta de Sabrina em uma orgia barulhenta e nociva, se esgueirando em suas curvas, buscando suas mãos ou seus seios, deixando sobre ela pedaços de suas carnes frágeis, fartando-se de seu viço e de sua contrariedade à morte.

Malcom não conseguia desviar os olhos daquela patuscada. A aversão que fazia sua barriga se contrair só não era maior que a pressão que seu pau fazia no zíper da bermuda. Suas mãos tremiam. Ele sequer apertara o gravador da câmera do celular, em cuja tela ele podia ver os subsequentes orgasmos de Sabrina e o revezamento de seus parceiros mortos-vivos, refestelando-se sobre ela, que parecia, em certos pontos, atulhada de dejetos e secreções. Ela sorria enquanto o sêmen morto escorria de seu rosto para seu pescoço.

Eriberto engulhou alto e tossiu, bem na hora que Malcom sentiu as contrações e a umidade dentro da cueca. Um dos cadáveres que se arrastava até a garota, puxando uma perna sem o pé, virou-se para eles rápido, os olhos opacos os encontrando entre os arbustos. Malcom deu um pulo, soltando o celular no chão. Em volta, os sons de pedras se arrastando e revelando caixões abertos aumentou. Em segundos, mãos e cabeças se insinuavam para fora das tumbas. Crânios comidos rasgavam caminho pela terra úmida, trazendo consigo toda sorte de ser que habitava a terra. Eriberto só notou que as dezenas de zumbis os encaravam quando Malcom puxou sua camisa quase a ponto de sufocá-lo.

Entre eles, quase como uma deusa, uma viúva negra da noite, Sabrina despontava, olhando-os como um animal selvagem fita uma presa fácil. Seus lábios se curvaram em um sorriso. Ela apontou para os garotos travados pelo medo e disse:

— Da carne viva para a carne morta! Do sangue quente para o pó da terra!

Só então os garotos se moveram. Os mortos à sua volta, nus e instigados, se aglomeraram. Mãos se elevaram do solo e envolveram seus

tornozelos. Agarraram-se com força em seus membros. Malcom e Eriberto foram levados para a rainha dos mortos, onde deleitaram-se pela primeira vez nos regalos de sua carne, o gemido ambíguo escapando de suas bocas, enquanto suas existências eram sugadas para sempre de seus corpos; e foram consumidos pela terra, que os cuspiria de volta para obedecerem sua maldição de gozo e sangue para todo o sempre.

Alma

Eu tinha quinze anos quando minha avó morreu.

Era uma tarde cinzenta de agosto, cheia de poeira, dessas que a gente olha para o céu e só vê nuvens com formatos exóticos, e respirar é uma coisa que fazemos quase com esforço. Eu estava em casa, estudando para uma prova no dia seguinte. Então meu pai entrou em casa, do nada, ainda uniformizado. Minha mãe veio logo atrás, o celular colado na orelha, falando rápido demais para que eu soubesse sobre o quê. O rosto do meu pai estava vermelho e seus olhos pareciam perdidos, gritando por socorro. Ele passou por mim e foi até o bebedouro, colocou um copo de vidro sob a torneira e o encheu. Bebeu todo o copo e o encheu de novo. Eu acompanhava aquilo sentindo como se algo subisse pela minha garganta. Minha mãe continuava falando ao telefone, mas minha atenção estava em meu pai. O jeito como ele apoiava o cotovelo no bebedouro enquanto o copo enchia, deixando a testa encostada no braço, o rosto virado para o chão, fechado a sete chaves. Depois do terceiro copo que ele bebeu, eu fiquei de pé, meu peito batendo forte. Minhas pernas formigavam. Mamãe desligou o telefone, e só então me viu. Soltou uma respiração pesada e olhou para o meu pai. Ele deixou o copo na pia, apoiou as duas mãos no mármore e ficou lá, de costas para nós, como se não pudesse se virar, como se nos encarar fosse difícil.

Foi minha mãe que veio até mim. Colocou a mão no meu ombro e disse, com a voz lenta, segurando o choro:

— É sua avó, querida. Ela morreu. Agora há pouco.

Ouvi o soluço meu pai, a tristeza pela perda da mãe. Minhas mãos tremeram e eu me sentei de novo na cadeira.

Abraçar o meu pai, por mais necessário que fosse, era algo que não iria acontecer naquele momento. Eu e ele não nos dávamos bem. Eu entendo isso hoje, depois que os anos se passaram e o levaram de mim também. Me arrependo. Entendo que foi um abraço mais que desperdiçado. Mas a fúria e a loucura dos anos adolescentes nos cegam.

Ainda não estamos prontos para sermos empáticos com quinze anos. A gente tem que passar por um bocado de coisa para entender o valor de um abraço ou de um beijo. De um passar de mão no ombro. De um “eu te amo”. Quando somos adolescentes, só nossas “dores” importam... e naquele instante, a minha dor era enorme. Eu era egoísta demais para perceber que a dor do meu pai era infinitamente superior.

Ainda assim eu sofria, porque, por mais estranho que fosse, não posso deixar de admitir, hoje, que minha avó era minha melhor amiga.

Porque a *amizade* também é outro conceito que a gente só sabe o real significado depois que a juventude fica para trás, depois que os anos passam de verdade, e a distância é tão grande e isoladora que é capaz de destruir laços que até então acreditávamos serem inquebráveis. Quando a vida adulta e os anos seguintes nos roubam nosso tempo livre, nosso poder de explosão e aquela ânsia infinita natural dos mais jovens. Depois que tudo isso acontece e algum amigo permanece, então *isso* é uma amizade de verdade. E agora, após tantos anos, posso dizer que mesmo sobrando um ou outro, eu tenho certeza de que nenhum amigo me entendeu ou me ajudou como minha avó.

Mesmo depois de morta.

O nome dela era Alma.

Ela tinha olhos miúdos apertados entre rugas e bochechas avermelhadas. Os cabelos eram neve e a voz um fragmento de brisa, um sopro suave e acolhedor. A memória mais antiga que tenho dela me mostra alguém ainda com certa agilidade, apesar do corpo curvado. Ela vem andando do meu lado, segurando a minha mão enquanto subimos um campo verde em direção a uma casa cheia de pessoas à nossa espera. Ela carrega uma cesta repleta de morangos, e meus dedos estão vermelhos por colhê-los. Eu devia ter quatro anos. Depois, só consigo pensar nos meus tempos de pré-adolescência, dos finais de semana que passávamos com ela, cercados por extensas campinas e sons de pássaros.

Então ela já não tinha mais a mesma agilidade. Seus passos eram vagarosos e não faziam qualquer som. Seu corpo parecia ainda mais arqueado, como se a gravidade atuasse mais sobre ela do que no resto das

peessoas. Sua pele tinha manchas claras, inúmeras pintas e marcas, cada uma contando uma história diferente. Seu rosto tinha vales escavados, profundos como o azul escuro daqueles olhos... repletos de um enigmático peso e uma percepção assombrosa. A voz ainda soprava, refrescante, mas mais contida e rara; por isso, quando a ouvia, era como se presenciasse um fenômeno incomum da natureza. Uma manifestação. Mesmo criança eu podia sentir isso.

Minha avó era como uma figura mitológica, um ídolo; sua presença era forte. Mesmo tendo crescido próxima a ela, cada vez em que a revia parecia uma ocasião especial. Um deleite. Ela tinha um aspecto de encanto, como uma força sobrenatural. Não sei se era seu jeito de andar, leve e arrastado, ou o sorriso que surgia repleto de dentes retos demais, ou ainda a velocidade do movimento de suas mãos, que pareciam sempre intangíveis, imateriais, como se repletas de passes de mágica. Eu não sei... talvez fosse aquela aura de bondade, aquela luz que irradiava do rosto e das atitudes puras e sinceras, o cheiro característico que emanava de sua pele, doce e aconchegante; havia *algo*. Alguma coisa indescritível e marcante demais para ser esquecida.

Isso ficou evidente para mim quando ela, e *apenas ela*, viu minha amiga imaginária.

Hoje eu entendo boa parte do que aconteceu. Ainda assim, meu coração aperta quando lembro de Claudia. Ela era uma menina loirinha, de olhos brilhantes feito esmeraldas e covinhas nas bochechas. Eu sempre a encontrava no mesmo lugar: dentro dos limites do sítio da minha avó havia um extenso terreno repleto de árvores frutíferas, como macieiras, amoreiras e laranjeiras, e eu andava entre as árvores após os almoços de fim de semana, sozinha, porque nunca tive irmão e meus primos eram bem mais velhos do que eu e me viam apenas como a priminha fofinha de sete anos, e não como alguém com quem podiam brincar.

Exceto Mariana, porque ela tinha problemas... mas eu falarei dela mais adiante.

Era muito bom caminhar entre as árvores tão altas para mim naquela época, sentir o sol atravessar as folhagens e tocar minha pele, esquentando pontos aleatórios, enquanto um vento afável balançava meus cabelos. Eu fechava os olhos e sorria. Sentava ao pé da macieira e respirava o aroma açucarado das frutas maduras, ouvia as folhas das árvores e o zumbido das abelhas, o assovio constante dos pássaros. Então ela aparecia.

Claudia.

Eu tinha que me afastar um pouco da casa para que isso acontecesse. Ela chamava meu nome, e eu me virava e a via gesticulando detrás de uma árvore, o sorriso infantil e inocente no rosto, a pele reluzindo como um diamante. Brincávamos a tarde inteira, às vezes de pique, às vezes de esconde-esconde, às vezes dos dois misturados. Em outras ocasiões, nós apenas andávamos e ficávamos conversando sobre coisas de crianças, sobre bonecas e princesas e príncipes e castelos, sobre coisas coloridas e doces. Passávamos horas juntas, até ouvir a voz da minha mãe ou do meu pai me chamando. Então eu olhava para ela e via seu rosto entristecer aos poucos, e eu dizia “Ei, Claudia, vem comigo, vou te mostrar pro meu pai e pra minha mãe”, e quando eu me virava gritando “Mamãe! Mamãe!”, ou “Papai, papai, vem conhecer a Claudia!” e eles chegavam até mim, ela já tinha ido embora.

Minha mãe riu na primeira vez que eu disse que tinha uma menina brincando comigo, mas que ela foi embora. Meu pai também. Depois da segunda, quarta, décima vez, eles paravam de sorrir e olhavam em volta, com os rostos inexpressivos, procurando a menina e ao mesmo tempo parecendo não querer vê-la. Certa vez, minha mãe me repreendeu:

— Pare de mentir, Clara! Você já passou da idade de ficar inventando coisas!

— Mas eu não estou inventando, mamãe! Ela tava aqui agorinha!

— Querida, Claudia é só sua amiga imaginária — disse meu pai, olhando para mim com humor, passando a mão sobre meus cabelos — Só você vê ela. Não é, querida?

Ele olhou para minha mãe, e o rosto dela me pareceu sério demais para alguém que acreditava naquilo. Que Claudia era *só* uma amiga imaginária. E até então, eu nunca tinha pensado daquela forma. Que Claudia fosse... coisa da minha cabeça. Crianças nunca pensam assim. Nunca separam o real do imaginário.

Naquele dia eu fiquei muito triste, e ainda mais ansiosa para rever Claudia no fim de semana seguinte. Não para que minha mãe ou meu pai a vissem e confirmassem por conta própria que ela existia, mas para que *eu* me convencesse, em toda minha infantilidade, de que ela não era fruto da minha imaginação, e sim uma menininha de carne e osso.

No fim de semana seguinte ela não apareceu.

Andei entre as árvores durante toda a tarde, esperando por ela como sempre fazia, sentada sob a macieira olhando ao redor. Naquele fim de semana, fui para casa sem revê-la. No outro, a mesma coisa. Claudia não apareceu.

No terceiro fim de semana eu quebrei nossa “regra” e comecei a chamar por ela. Eu nunca tinha feito aquilo, e de repente, no vazio daquela mata, ouvir o nome dela fugindo dos meus lábios e ecoando pela tarde quieta me preencheu com uma estranha apreensão; uma sensação que encolhia meu peito e fazia eu me sentir mais sozinha do que o normal, mas não sozinha o bastante para não imaginar como se algo estivesse logo atrás de mim, as mãos estendidas na direção do meu ombro, pronto para me tocar.

Aquela sensação me fez sair correndo sem direção pela mata, sem pensar para qual lado era a casa da minha avó e para qual eu ficava *longe* dela. Foram alguns segundos de desorientação e pavor. Eu estava a menos de quinhentos metros de onde todos estavam e me sentia a criança mais perdida do mundo. Só me localizei quando ouvi a voz da minha avó.

Ela veio entre as árvores, um chapéu de palha na cabeça, as costas curvadas, um sorriso leve nos lábios. Eu parei de correr e a esperei. Ela trazia uma cestinha nas mãos, que ainda estava vazia. Quando se aproximou de mim, senti uma terrível necessidade de abraçá-la, e o fiz. Apertei ela com tanto ímpeto que ela soltou a cesta no chão e me abraçou, sorrindo.

— Qual o problema, minha pequena? — ela me perguntou, mas eu só balancei a cabeça enterrada na sua barriga e tentei secar minhas lágrimas no seu vestido antes que ela visse ou sentisse. Ela me apertou em silêncio, e depois de alguns segundos, me disse: — Vamos colher umas frutinhas pra ver se você se anima?

Saímos pelo campo, catando amoras pelo chão e pegando alguns morangos que pareciam maduros mas só estavam vermelhos de um lado, e durante todo o tempo eu segurava na garganta o que eu queria mesmo falar: sobre Claudia, sobre a saudade que eu sentia da única menina da minha idade que eu conhecia, sobre a falta que minha amiga fazia. No entanto, sempre que eu pensava em falar, minha avó fazia alguma observação sobre o dia lindo ou sobre as flores na primavera, ou sobre as borboletas lindas, e eu engolia as palavras de novo.

Só depois que a cesta estava cheia de frutos nem tão maduros assim e de flores amarelas e rosas de aroma duvidoso foi que minha avó olhou para algo sobre meu ombro, sorriu e disse:

— Olha só, não é a sua amiguinha?

Eu me virei rápida feito um raio, e lá estava ela, Claudia, detrás de uma árvore, com um olhar inexpressivo, as mãos na casca ressecada de um abacateiro e a boca entreaberta, curiosa, o rosto pálido e liso como um pêssgo. Abri um sorriso gigante, que não foi correspondido, e gritei seu nome. Pus-me a correr na direção dela, mas, como uma ilusão de ótica, depois de alguns passos, então mais próxima da árvore, vi que Claudia havia desaparecido.

Fiquei parada ali, sem entender nada, até minha avó chegar perto de mim e falar:

— Ela deve ser tímida. Da próxima vez, não corra assim atrás dela.

“Da próxima vez...”, pensei, tentando entender o que ela queria dizer, e sem pensar no mais importante: *ela* tinha visto Claudia. Se Claudia era coisa da minha imaginação, como minha avó podia ter visto ela?

Essa constatação trazia revelações demais para uma criança de sete anos, então eu não fui capaz de perceber na hora. Mas no fim de semana seguinte eu segui o conselho da minha avó e, após o almoço, fui para o meio do mato em profundo silêncio, torcendo para que Claudia reaparecesse.

Sentei na mesma macieira de sempre e esperei, olhando para o campo verde, para as árvores balançando com o vento forte em uma dança hipnótica, e em algum momento caí no sono. Sei disso porque quando as memórias voltam, o sol já estava bem perto do horizonte e as nuvens haviam tomado o céu.

Olhei ao redor, desorientada. O vento estava mais forte. Era uma chuva que se aproximava. Cocei os olhos e me espreguicei. Logo em seguida pensei na bronca que levaria da minha mãe, por ter passado tanto tempo lá, no meio das árvores. Quantas horas teriam passado? Será que eles chamaram por mim e eu não ouvi?

Todas essas perguntas desapareceram quando eu ergui meu rosto e vi Claudia diante de mim.

Ela não sorria, mas eu podia ver que ela *queria* sorrir. Seu rosto desprendia a mesma inocência de sempre, mas seus olhos verdes pareciam

mais escuros, mais *adultos*. Ainda assim, abri um sorriso enorme quando a vi. Levantei-me de imediato e falei:

— Claudia!

Corri até ela e a envolvi em um forte abraço. Seus cabelos roçaram meu rosto e sua respiração travou ante meu aperto. Eu estava *muito feliz em rever ela*, tanto que não reparei, na hora, o leve cheiro do seu corpo, algo um tanto envelhecido, cinzento, como as flores que minha avó arrancou do talo uma semana antes. Mas percebi que seu corpo estava gelado. Soltei-a e esfreguei seus braços com minhas mãos, tentando aquecê-la, e ela sorriu de leve, como se pensasse na inutilidade daquele ato ao mesmo tempo em que o desejava muito. Disse para ela que estava com saudade e perguntei se ela queria brincar. Ela balançou a cabeça positivamente, e eu pude perceber uma pequena cicatriz se revelando quando seus cabelos se mexeram, uma marca que partia de dentro da cabeça e passava pela testa. Não dei a devida atenção para aquilo, é claro, pois minha vontade no momento era recuperar todo o tempo perdido.

Começamos a correr pela mata, brincando de pega-pega, e eu perdi a noção do tempo. E não me importei. Eu estava com Claudia, finalmente, depois de tantas semanas, e aquilo era tão bom que por algumas horas eu me esqueci de meus pais e das palmadas que eu poderia tomar se voltasse para casa em plena noite.

Em determinado momento, nos cansamos e sentamos de costas para uma árvore larga e velha, não a mesma macieira de antes, e olhando em volta eu não reconhecia nenhum ponto daquela mata. Claudia se sentou ao meu lado. O céu estava escurecendo, e senti uma breve urgência em ir para a casa da minha avó. Meus pais deveriam estar preocupados. Eu não sabia *exatamente* onde estava. Por outro lado, a presença da minha amiga, imaginária ou não, me acalmava. E eu estava cansada. Estranhamente cansada, na verdade. Eu arfava como um cachorro que fugiu da carrocinha.

Já Claudia parecia que sequer havia brincado durante aquele tempo.

Além disso, quando olhei de fato para ela, quando inclinei meu rosto para olhar nos olhos que ela escondia detrás dos cabelos loiros, eu notei que ela estava um pouco diferente. *Mais* diferente do que na hora em que a reencontrei. Seu rosto parecia um pouco sujo. Claro que havíamos corrido e caído no chão, mas eu mesma estava limpa, apenas com os dedos um pouco escuros de terra. A face dela, entretanto, parecia manchada, como se ela usasse uma maquiagem que então saía aos poucos.

Ela percebeu que eu tentava ver seu rosto e olhou para o outro lado. Notei que ela sorria sem graça.

— Claudia? — perguntei. — Tá tudo bem?

Ela não respondeu. Seu rosto estava virado para longe, para um horizonte distante de onde uma lua cheia começava a abrir caminho entre as nuvens e a reinar sobre o céu. Ela respirou fundo, suspirando, como se em sua mente muitas coisas lutassem para sair pela boca. A mesma sensação que me acompanhara na semana anterior, quando eu queria me confessar para minha avó. Foi o que senti com Claudia. Era como se ela quisesse se confessar comigo.

— Onde você tava... sabe, nesses dias? Eu não te vi por um tempão...

Insisti. Ela moveu a cabeça, e me deixou ainda mais certa de que *queria* falar.

Logo entendi que, assim como ela, eu também deveria ser sua única amiga, a única criança na mesma idade. Penso, agora, que todo aquele sentimento era demais para nós duas.

Ela se virou rápido então, tão rápido que eu não consegui não demonstrar meu susto. Levei minha mão ao peito quando seus olhos me fitaram. Eles pareciam brilhantes *demais*. Seu rosto estava ainda mais pálido. Mas ainda era o rosto de Claudia. Sorrindo, embora eu achasse que detrás daquele sorriso havia certa tristeza.

De perto, era possível ver melhor a cicatriz na cabeça.

Como se notando meu olhar, ela mexeu nos cabelos, cobrindo a marca, e logo disse:

— Clara... você quer ir ver onde eu moro?

Não entendi a pergunta na hora. Olhei para ela, cujo sorriso aumentava cada vez mais. Era um sorriso que eu nunca tinha visto naquele rosto. E era tão *bonito* que me fazia querer ver mais. E se aquilo, aquele convite, era o motivo daquele sorriso, por que eu o recusaria? Era a chance, afinal, de finalmente descobrir se minha amiga era imaginária ou não, certo? Visitaria sua casa, conheceria sua família, e quem sabe até eles convidassem meus pais para um almoço lá qualquer dia?

De repente, na minha mente de criança, tudo se tornara um arco-íris.

Eu não olhei para o céu para ver o quanto *já estava* escuro. Não me lembrei de meus pais, nem do alerta constante para que não me

distanciasse muito da casa ou me embrenhasse demais na mata. A única coisa que vi foi aquele sorriso, e a expectativa de conhecer um novo lugar.

Ela se levantou, lendo o sim no meu rosto, e pegou minha mão, me puxando.

Seguimos andando entre as árvores, no começo bem rápido. Ela parecia apressada em me levar finalmente para conhecer seu lar. O sorriso estampava sua face, seus cabelos balançavam com o vento. Deus, ela era linda... uma menininha linda. Eu acompanhava sua empolgação. Meu peito estava em disparada. Só imaginava o quanto seus pais deveriam ser legais, o quanto ela devia ser amada.

Eu estava certa. Mas não da forma que eu acreditava.

À medida que nos distanciávamos do sítio da minha avó, a ponto de termos atravessado uma cerca de arame farpado que provavelmente já não fazia parte dos terrenos dela, eu sentia a escuridão aumentando ao meu redor, o som da floresta nos cercando. Uma coruja piou para a noite, como se dando boas-vindas. Grilos cantavam e passavam diante de nós, me assustando de vez em quando. A mata mudava aos poucos. As árvores frutíferas deram lugar à eucaliptos enormes e bambus ressecados. Ervas daninhas e galhos secos se espalhavam pelo chão, deixando nossa caminhada lenta.

Claudia, assim como a mata, também mudava.

A primeira coisa a desaparecer foi seu sorriso. Seu rosto ficava aos poucos inexpressivo. Seus olhos verdes não emitiam qualquer brilho. Seus cabelos perderam o viço e pareciam ressecados, sujos e bagunçados. Ela já não andava tão rápido. Em determinado ponto, quando a floresta se abriu revelando um enorme matagal repleto de capim alto, ela parou, olhando para baixo, como se pensasse em qual direção seguir. Eu parei adiante e olhei para ela, tentando entender o que se passava. A lua a iluminava, fazendo sua sombra me alcançar, mas a própria menina também parecia ter uma *luz* que saía de seu corpo. Era uma luz tímida, fraca, mas era *dela*.

Andei devagar até ela, meu peito acelerando, sentindo a quietude à nossa volta, a distância do lugar seguro, a noite opressora nos cobrindo com escuridão, e sem conseguir ver seu rosto entre os cabelos, perguntei se já estávamos perto de sua casa.

Ela balançou a cabeça com um sim e me ultrapassou. Seu cheiro de coisa velha era mais forte.

A segui, mantendo uma distância instintiva que eu mesma não entendia. Saltamos em uma estrada de terra batida, cheia de poeira, provavelmente levantada por algum carro que passara há poucos minutos, e só então senti medo. A inquietude constante de que a qualquer momento alguém poderia aparecer, alguém estranho e desconhecido, começou a me incomodar. O que duas garotinhas poderiam fazer se um maluco aparecesse de repente e quisesse nos machucar?

Comecei a andar mais rápido, para acompanhar Claudia.

Chegamos em um pequeno barranco, à direita da estrada. Havia uma árvore escura, curvada sobre a estradinha. Claudia parou na borda do barranco e virou-se para mim. Seu rosto permanecia detrás dos cabelos. Eu não podia ver nada naquele escuro, exceto aquela luz que ela emanava e o pouco que a lua permitia que eu enxergasse.

Parei antes de chegar na borda e olhei para ela.

Ela ergueu o braço devagar e apontou para o barranco. Para o que havia *depois* dele.

Meu peito disparou. Senti a escuridão aumentando à minha volta quando uma nuvem se enfiou entre nós e a lua cheia. Aquilo fez com que Claudia parecesse ainda mais evidente, como se seu corpo não tocasse o chão. Não havia som à nossa volta, exceto um apito que eu ouvia ao longe, distante demais para que eu pensasse nele naquela hora.

Então ela abriu a boca e falou:

— É aqui, Clara. Aqui é a minha casa. Vem ver.

Meus pés não queriam se mexer, mas eu usei tudo o que me restava de coragem e comecei a movê-los. Primeiro um... depois o outro... os olhos fixos no espectro que Claudia era então, uma forma maltrapilha com o vestido em pedaços e os cabelos despenteados, o rosto oculto mas não completamente escondido e revelando um olhar esverdeado repleto de dor, medo e sofrimento.

Cheguei até a borda do barranco, e inclinando meu corpo, olhei para baixo.

No início não vi nada. Então senti Claudia ao meu lado, *perto demais*, o cheiro invadindo meu nariz. Cheiro de flores mortas. Sem virar meu rosto, tentei olhar sua face e vi mais manchas ali, a maquiagem da morte finalmente removida, revelando uma fronte ferida, repleta de arranhões; um filete de sangue descia de sua cabeça, atravessando sua

testa, sua bochecha e chegando à boca como um rio escuro. Ela continuava apontando para baixo.

— É ali, Clara. É ali a minha casa.

Então o apito ficou mais alto. Com ele veio uma forte luz. Nós duas olhamos para o lado e vimos um farol ao longe. Era um trem, grande e não tão veloz, mas terrivelmente pesado, terrivelmente *indomável*, correndo sobre aqueles trilhos que a escuridão escondia. Um vento moveu a noite, e ao mesmo tempo uma das mãos de Claudia se enterrou no meu ombro. Eu quase gritei com o frio que veio com aqueles dedos. Quase gritei quando percebi a altura em que estávamos, talvez uns dez metros, e como a morte parecia evidente naqueles trilhos, como o fim parecia certo mesmo se a queda não lhe matasse. Os dedos apertaram meu ombro, seu corpo se aproximou ainda mais do meu, *grudou-se* ao meu, e ela tremia. Ouvi sua respiração, mesmo com o som do trem se avolumando, mesmo com aquela besta de metal galgando aqueles metros para passar por nós. De repente eu me sentia perto *demais* da borda do barranco, e naquele momento eu sabia que se nós duas caíssemos, apenas *eu* morreria, porque, de alguma forma, aquilo já havia acontecido com Claudia.

Ela *chorava*. Eu ouvia seus soluços e sentia as lágrimas frias pingando no meu pescoço. Ela queria um abraço. Ela queria ouvir que tudo estava bem, que nada de ruim iria acontecer. Sua mão ainda apontava para baixo, e quando a luz do trem ficou mais forte eu olhei para onde aquele dedo insistia indicar e pude ver, entre trilhos e pedras, uma placa de carro, meio enterrada no chão de barro. Um pedaço de metal retorcido. Um sapato, que poderia ser de criança, mas eu não saberia, pois estava muito longe. Um urso de pelúcia rasgado e largado, sozinho. E vi *mais*. Vi uma família. Vi um carro. Vi a desorientação, a poeira da estrada confundindo o motorista. O descuido. O fim da estrada. O barranco. A morte esperando lá embaixo, se não pela queda, pelo impacto massivo do monstro de ferro que apitava perto demais.

Puxei a mão de Claudia, tirei aquele dedo daquela direção, da direção que lembrava todo o terror que teria passado entre as ferragens, revivido todas as noites, e a abracei. O trem passou lá embaixo, e estava perto o bastante para que o vento incomodasse. Enquanto ele passava, nós chorávamos no ombro uma da outra. O apito se distanciava, e as lágrimas secavam no rosto, na roupa, no chão.

Quando todo o barulho ensurdecedor se tornou apenas um eco, e o apito do trem era de novo um som distante, um alerta remoto, eu senti o vento parar e o choro sumir. Abri meus olhos para a noite que me cobria e me vi sozinha, de joelhos, abraçada a mim mesma.

Claudia se fora.

Naquela noite, só cheguei na casa da minha avó porque me encontraram.

Eu andei por horas naquela estrada de terra, em uma direção que eu não sabia se era a correta, até que dois faróis brilharam ao longe. Por alguns segundos tive medo, e até pensei em me esconder no matagal, mas reconheci o carro do meu pai e parei, sentando no chão, exausta. Meu pai e um dos meus tios pularam para fora do carro sem sequer esperar ele parar, e vieram ao meu encontro, perguntando se eu estava ferida, se alguém tinha feito algo “de ruim” comigo... e eu sem saber responder. Eu sabia que Claudia *havia feito* algo comigo. Só não saberia dizer se era ruim.

Eu me sentia mal, isso era verdade. Me sentia triste; era como um buraco no meio do peito, sem nada lá, só o ar atravessando. Eu entendia uma parte de tudo, mas não *o todo*, e isso, para uma criança de sete anos, pode fazer toda a diferença.

Chegamos na casa da minha avó, e sob a lâmpada, meu estado era “assustador”, ainda que eu estivesse bem fisicamente: minha roupa estava empoeirada, havia diversos carrapichos grudados na minha calça *jeans*, meu cabelo estava bagunçado, meus braços estavam arranhados graças aos galhos, e o detalhe mais sinistro de todos, minha camisa estava suja de sangue.

Minha mãe veio na minha direção com o ímpeto de puxar minhas orelhas, mas o receio e a proteção falaram mais alto: ela me agarrou em um abraço e só me soltou quando vovó veio da cozinha trazendo um copo d’água para mim, copo esse que minha mãe bebeu a maior parte. Os olhos dela estavam vermelhos, e pelo estado sorridente/nervoso dos meus dois tios e do meu pai, eu percebi que eles estavam me procurando havia um bom tempo. Eu olhei no relógio na parede e ele marcava 23h35min. Eu me lembro bem.

Claro que minha mãe perguntou onde eu estive, e eu contei a mesma história que havia contado para meu pai: que havia corrido atrás de um animal, que eu não sabia se era um cachorro, um gambá ou um esquilo (ignorando completamente o fato de não existir esquilos por aqui...), e que eu corri e corri e corri até não saber mais onde eu estava. Então segui o barulho dos carros e saí na estrada de terra, e fiquei andando por lá até que meu pai apareceu.

Minha mãe me olhava nos olhos toda hora e fazia uma careta. Depois me puxava para perto e me beijava, me abraçava e arrumava meu cabelo. Meu pai perguntou a história uma segunda vez, provavelmente esperando pegar alguma falha proveniente da mentira, mas acredito que me saí bem.

Então ele chegou perto de mim e passou a mão na minha camisa.

— Mas e esse sangue? De onde veio isso?

Foi quando minha cabeça travou e minha mente infantil não foi capaz de criar outra mentira. Eu olhei para a roupa suja de vermelho, uma mancha fina que a cortava de cima a baixo como um raio, e olhei de volta para meu pai, os olhos implorando para que ele deixasse aquilo de lado.

— Ela deve ter se cortado feio em algum galho... — começou minha mãe, procurando feridas na minha cabeça e no meu tórax. Meu pai não tirava os olhos de mim.

Ela não encontrou nenhuma ferida. Não *havia* ferida.

— E então, filha? Conta para o pai: de onde veio esse sangue?

Não sei porque ele insistia no sangue. Nunca tive filhos, então não sei o sentimento que a prole em perigo desperta. Não posso julgá-lo, no entanto. Eu o entendo perfeitamente, e acho que faria o mesmo.

Foi minha avó quem me salvou.

— Pois bem, pois bem, acho que tá na hora de vocês soltarem essa menina, porque ela teve uma aventura e tanto hoje, não é, minha pequena? — Seus olhos brilharam na minha direção, e eu tentei não demonstrar o quanto estava feliz em me ver um pouco longe das mãos dos meus pais, de novo. — Por que vocês não fazem um café ali enquanto eu levo a Clarinha pra tomar um banho, hum?

Meu pai olhou para ela, implorando em silêncio por algo que hoje eu entendo como “independência para resolver assuntos paternos”, mas sem sucesso. Vovó pegou uma das minhas mãos e me puxou para o banheiro que ficava no quarto dela.

No banheiro, vovó não disse nada. Ela me ajudou a tirar a roupa, me colocou embaixo do chuveiro e, depois que a água encharcou meus cabelos, ela veio com *shampoo* e mãos magras e me lavou, enquanto eu, de olhos fechados, só ouvia o som da ducha. Era um barulho intenso sobre minha cabeça, forte e ritmado como o barulho do trem sobre os trilhos, e de novo eu estava lá, abraçada à Claudia. Primeiro, meus lábios tremeram, depois eu funguei, e por fim, as lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Dona Alma não disse nada, mas eu sei que ela percebeu minhas lágrimas. Ela ensaboou minhas costas e ficou passando a esponja, tirando uma sujeira que nem deveria existir mais. Depois ela desligou o chuveiro, pegou uma toalha bem grande e me envolveu com ela e com seus braços. Eu chorei com o rosto colado no busto dela, enquanto ela dizia:

— Ah, minha pequena... minha pequena...

Não se falou mais sobre meu “sumiço” depois daquele dia, exceto algumas vezes em que minha mãe, tentando não parecer brava, me dizia que eu não deveria me distanciar da casa da vovó para “não sumir de novo”, mas tão logo ela dizia isso, seu rosto engolia o falso sorriso e ela me olhava com preocupação.

Eu nunca mais vi Claudia.

E nunca mais me afastei como antes. No fim de semana seguinte ao que vi Claudia pela última vez, eu fui até as árvores, pensando que a reencontraria para corrermos pelos campos, mas nem mesmo seu cheiro estava lá. Então, eu deixei de ir até as árvores. Depois dos almoços, eu deitava em alguma rede na varanda ou me sentava no gramado, próxima dos olhos de meus pais, porque, de certa forma, não havia mais com *quem* brincar.

Levei alguns anos para ter certeza se Claudia era mesmo uma amiga imaginária. Durante todo esse tempo eu tive minhas dúvidas. Depois daquele dia em que vi o trem e pensei ter visto aquele carro e o retrato de um acidente, eu senti que comecei a *mudar*. Um ano depois eu teria minha primeira menstruação (Deus, tão jovem... tão *criança*...), e Claudia se tornaria definitivamente parte da minha “infância”; então, ela ficou para trás, com minhas brincadeiras infantis, com a inocência que a menarca, querendo ou não, leva embora. Com a aura de pureza que, infelizmente, se vai depois que as primeiras curvas se insinuam, e não só os meninos da sua idade olham para você com olhos que passeiam entre a paixão e a obsessão, mas também homens feitos passam por nós nos encarando de

uma forma que não deveria ser permitida, com uma avidez que não poderia ser direcionada daquela forma para pessoas daquela idade. E depois que a adolescência veio e passou, e a vida adulta saltou diante dos meus olhos, às vezes eu pensava em Claudia, aquela menina loirinha de olhos verdes e brilhantes, e não sabia sequer dizer se tudo aquilo realmente acontecera. As lembranças da infância se misturam de tal forma que, mesmo depois que crescemos, real e imaginário continuam inseparáveis.

Anos depois, antes que minha mãe partisse, durante uma estada com ela e papai, que se recuperava de um pós-operatório preventivo de um tumor benigno que removera, nós duas conversávamos bebendo café no fim de uma tarde, quando eu perguntei se ela se lembrava daquele dia. O *famoso dia* do sumiço.

Mamãe sorriu de forma amarga, um movimento facial que misturava dor e júbilo, alegria e tristeza. Mais que tudo, saudade. Eu não sabia se fazer ela se lembrar daquilo a faria se preocupar menos com papai, mas seu rosto se suavizou um pouco. Ela passou a mão sobre a testa, relembrando o quanto ficara estressada.

— Se lembra, mãe, que eu tinha uma amiga imaginária? Acho que eu chamava ela de Claudia...

O sorriso dela se foi no mesmo instante. Ela olhou em volta, um pouco perdida, e me encarou. Seu rosto era uma incógnita.

— Eu lembro, Clara, eu lembro bem... mas acho que você precisa saber de uma coisa. Você já *devia* saber, mas nunca achei que você falaria disso de novo...

Ela se levantou interrompendo a própria fala e foi até o quarto onde papai dormia. Voltou com um álbum de fotografias. Aquele álbum me era bem familiar, eu já o folheara diversas vezes, mas havia um envelope que mamãe sempre guardava quando me entregava o álbum. Dessa vez, ela o trouxe junto.

Sem dizer nada, ela tirou o envelope de dentro do álbum e o colocou na minha frente, sobre a mesa.

Eu não sabia bem o que dizer nem como agir, então peguei o envelope e o abri. Havia um recorte de jornal dentro dele, dobrado. Tirei-o de lá e o desdobrei.

Olhei a foto que ilustrava a manchete, “*CARRO É ATINGIDO POR TREM EM ACIDENTE FATAL*”, por vários minutos. Mostrava os restos de

um veículo sobre uma ferrovia. Na terra, fincada, a placa do carro. No canto, apenas uma sombra disforme do que parecia ser um urso de pelúcia. Eu só comecei a tremer depois que li a matéria pela segunda vez, porque eu precisei fazer isso para acreditar naquelas palavras. Eu soltei o papel sobre a mesa e levei a mão ao rosto, tentando segurar as lágrimas, sem sucesso. Olhei para minha mãe. Ela levava o xale ao rosto, como se sentisse frio de repente. Começou a andar de um lado para o outro, juntando as palavras.

Olhei para o papel de jornal e para a pequena foto que aparecia no centro da matéria, cercada por palavras de tragédia. A pequena foto com um rosto arredondado e familiar, onde covinhas se revelavam nas bochechas.

— Quando você começou a falar dessa Claudia, eu fiquei muito preocupada — disse minha mãe, depois que tomei um gole de café. Estava frio. — Porque, de alguma forma, eu sentia que aquilo não era normal. Eu pensava que amigo imaginário era coisa de criança maluca... acho que toda mãe pensa assim até seu filho também ter um. Mas o seu não era um amigo imaginário. Eu sabia disso porque você só a via na casa da sua avó. E esse acidente... essa tragédia... foi um impacto muito forte na época. Eu me lembro. Eu devia ter quinze anos. Me lembro bem. Foi muito triste...

Olhei nos olhos de Claudia na foto e senti meu corpo inteiro se arrepiar. Procurei a data do jornal e não encontrei, mas o fato de que minha mãe deveria ter *quinze anos* quando Claudia morreu já me dizia o bastante.

— Ela era uma menina linda. Eles eram vizinhos da sua avó. Foi uma tristeza... ele se confundiu na estrada. E o engraçado é que ele sempre viveu por lá. Ele *sabia* que tinha uma estrada sem saída, que terminava em um barranco, e que depois do barranco tinha a ferrovia. Ele já tinha passado por lá tantas vezes... mas naquela noite... ah, aquela noite era a noite *dela*. Não tinha para onde fugir. Uma pena. Ela era lindinha...

Passei a mão sobre o rosto de Claudia na foto, secando uma lágrima ali.

— Só ela morreu. O pai dela tentou tirar o carro da linha, mas não teve tempo... o trem bateu em cheio. Eles ficaram muito feridos, mas... depois de alguns dias, já estavam em casa. Sem a menina, mas estavam.

Me lembrei do dedo apontando para a linha do trem. Do sangue escorrendo pela testa, cortando seu rosto de canto a canto.

— Quando você sumiu naquela noite... ah, querida, eu tive tanto medo! Medo que... não sei... ela te levasse embora. Porque a gente sabe como são essas... coisas. Eles não sabem o que aconteceu com eles. Eles sofrem. Eles estão sozinhos e com frio. Eles fazem o que o medo e o desespero obriga que eles façam. Então... quando você não voltou, eu logo pensei que... que ela tinha te levado pra linha de trem e... e depois a gente te encontrou, e você disse que tinha seguido um bicho, mas tava toda suja de sangue, oh Deus... a gente não sabia no que acreditar.

Pisquei com força e olhei minha mãe nos olhos. Ela estava um tanto inquieta. Naquele instante, quis dizer para ela que Claudia tinha mesmo me levado para ver a linha de trem, para ver sua “casa”. Sua casa eterna. Mas sabia que minha mãe não era tola. Quando ela me olhou e sorriu, eu percebi que ela já sabia.

Colocou as mãos sobre as minhas.

— Ainda bem que nada de ruim aconteceu com você, querida. Eu não sei o que eu faria sem você na minha vida. Esse mundo... ele é todo feito de dor. Eu sei que você sabe disso. E não há dor maior no mundo do que uma mãe perder seu filho. E só de imaginar a dor que a mãe dessa menina sentiu... eu...

Ela pegou o jornal e olhou para o rosto de Claudia. O rosto que não existia mais.

— Se ao menos a mãe dela soubesse que tudo ficou bem... no final. Será que... ajudaria um pouco?

Sorri, sentindo meus olhos arderem.

— Eu não sei, mãe. Mas acho que ela está bem agora. Tenho certeza.

Eu não tinha.

Nós nunca sabemos de verdade. Os mistérios do outro lado são *mistérios*, no significado mais amplo, e as ocasiões em que se revelam geralmente não permitem que nós sejamos capazes de compartilhar o que se descobre, se é que você me entende.

Lógico, *há exceções*. Essa história é um pouco sobre isso.

Após Claudia e os anos deliciosos da infância, a adolescência veio, e com ela aquela estranha inconformidade, a revolta constante. Os

hormônios e os anseios. O jeito desesperado de rir, como se não houvesse mais o que fazer da vida, como se ela estivesse quase no fim. São anos engraçados, a gente descobre depois. Anos de movimentos desengonçados, ideias tolas e atitudes tão ou mais infantis que as que tínhamos cinco ou seis anos antes. Mas a gente pensa que está “causando”, sabe, que está impactando no mundo que nos cerca, que está modificando a forma dos outros pensarem, quando na verdade nem mesmo a gente sabe o que está pensando. Os dias passam e os pensamentos mudam, a gente teima em assumir que não, que nunca estivemos errados, mas a vida é engraçada porque ela é paciente, e nós quando somos jovens não. Então, no final, ela ri por último.

Independentemente de tudo isso, minha avó permaneceu como aquele ser sacro, protegido por um invólucro imaculado. Minha adolescência não foi capaz de minar isso, não como fez com meu pai, por exemplo. Quando o desejo de sair à noite e conhecer garotos queimava meu ventre como brasa ou as dores das cólicas faziam o mesmo só que com prazer inverso, eu não conseguia tolerá-lo. Porque ele nunca sabia o que falar, e eu não tinha paciência para aquilo. “Não volte muito tarde”, ou “Tenha juízo” me matava aos poucos tanto quanto a voz suave no “Não se preocupe, querida, essa dor vai passar”, e eu *sabia que não*, entende? Ou pelo menos achava que sabia. Mas era como se meu eu adolescente, logo meu *completo eu*, ao ouvir a voz do meu pai, se contorcesse sob tortura. Eu não *suportava* aquela paciência, aquela subserviência, aquele jeito de achar que podia entender tudo, que podia traduzir minhas dores ou meus sentimentos.

Adolescência...

Com minha mãe foi parecido, mas havia outro tipo de ligação, e por consequência, outro bloqueio. A ligação vinha do fato de ser mulher, ou de estar me tornando uma. O bloqueio, da diferença que havia entre essas duas mulheres. Acho que tudo vem a partir das expectativas, e nem eu nem minha mãe sabíamos o que esperar uma da outra. Talvez eu esperasse que ela, ao me ver ganhando curvas e pintando os olhos de preto antes de sair olhasse para mim e me repreendesse, me chamasse de esquisita e dissesse que eu era uma vergonha para a família, ou que me chamasse e me explicasse como encarar certas coisas, como por exemplo o olhar de desprezo de algum garoto ou o olhar nojento de algum professor perverso. Um desejo tolo. E tenho quase certeza de que ela esperava que,

ao me ver atingindo sua altura e notar meu rosto ganhando contornos tão próximos aos do dela, eu sentasse ao sofá com ela todas as tardes, tomasse café e conversasse trivialidades, ou pegasse um novelo de linha e tricotassem como em disputa.

Nós nos decepçionamos uma à outra, por mais tolas que fossem nossas perspectivas. E no final, é um pouco sobre isso também, sobre como esperamos ouvir coisas ou receber atitudes e então somos surpreendidos de um jeito que não queremos. É bobo.

Vovó Alma, no entanto, continuava dentro de mim com o mesmo aspecto e a mesma consideração, ainda que, é claro, eu fingisse que não.

Nenhuma garota (eu acreditava nisso piamente) quer que suas “amigas” descubram que você é a “queridinha da vovó”. Que quando você passa pela porta e vê aqueles braços enrugados e manchados abertos na sua direção, tudo o que você quer é estar envolta por eles. Ou que a coisa que você mais quer comer durante uma TPM é o bolo de laranja com calda que sua avó faz. Oh Deus, como eu era *besta*. Muito *besta*.

Por outro lado, eu também tinha vergonha que vovó me visse com pulseiras de couro repletas de espinhos ou com os olhos pintados como um palhaço macabro; claro que não pude também esconder esse “visual” dela por muito tempo. Minha mãe se “confessou” com ela uma vez, dizendo que não sabia o que fazer comigo, que eu estava diferente (esqueceram de avisar para ela que eu *estava adolescente*), que eu falava com ela e com papai de forma rebelde, e só queria estar na rua e que tinha sentido cheiro de cigarro nas minhas roupas (eu só havia fumado uma vez, e odiara). Eu não sei o que minha avó disse nesse dia, porque eu ouvi o começo da conversa enquanto estava na cozinha e saí pela porta dos fundos para ficar encarando o horizonte com a testa franzida, e depois ignorando minha mãe pelo resto da tarde, como se isso fosse resolver alguma coisa. É o que adolescentes fazem, infelizmente.

Então um dia eu saí da escola com o pensamento perdido e fui para a casa da minha avó, entrando sem bater como sempre fazia, e só quando olhei para o rosto surpreso dela que percebi que eu parecia um “anjo gótico”. Tinha me esquecido daquele detalhe, tinha esquecido de disfarçar quem eu era (ou quem eu *achava* que era) para a pessoa que eu mais amava, e quando ela sorriu, foi que eu entendi que não havia necessidade daquilo.

Lógico, eu não amadureci do nada. Continuava tendo quatorze anos, continuava sendo adolescente e continuava idiota. Mas saber que alguém podia continuar gostando de mim mesmo que eu parecesse *diferente* era um alívio.

Depois que ela me abraçou, me segurou pelos braços, como se me avaliasse, como se finalmente visse a pessoa que eu era e, com o olho da imaginação, pensasse na pessoa que eu seria. O sorriso não saiu de seus lábios. Não sabia se era desdém, deboche ou apenas orgulho, por mais tolo que fosse, e por pouco aquele rosto não me constrangeu. Após aquela breve avaliação, que não deixou passar a camisa com algum desenho tétrico e a meia calça rasgada sob os *shorts*, além das unhas pintadas de preto e o olhar de “não me encare, e se o fizer sofra as consequências”, ela pôs as mãos na cintura e disse.

— Você ainda se parece com a minha pequena.

Quando minha mãe me disse, na cozinha, que vovó Alma tinha morrido, tudo isso correu minha mente muito rápido, tão rápido que logo em seguida eu senti o vazio que ela deixou e chorei.

Foi rápido porque eu só tinha quinze anos, e minha memória mais antiga de vovó Alma me dava apenas onze anos de convivência consciente com ela, e de repente aquilo parecia *pouco*. Quase nada. Onze anos que não fui capaz de aproveitar do jeito que tanto queria então. Aquele sentimento gritava com urgência dentro de mim. “Onze anos foi *pouco*! Você não desfrutou da existência dessa mulher como devia, e agora é tarde demais.”

Encarei minhas mãos tremendo e abaixei a cabeça até a testa encostar na mesa. As primeiras lágrimas caíram nas folhas do caderno, molhando letras cursivas de caneta. Como uma massa dentro da garganta, eu sentia toda a tristeza fazendo força para sair, impondo aquela pressão que resseca por dentro. Meus lábios vibravam com intensidade. Nos meus ouvidos eu só me ouvia. Só existia eu e minha dor, eu e meu arrependimento, um lamento profundo de não ter nascido antes para que vivesse mais com ela.

Eu suportei os dedos magros da minha sobre meus ombros por pouco tempo. Eu jurava que ela não compreendia. Eu *tinha certeza*. Ela nunca entenderia que o que eu sentia era saudade de um tempo que não vivi, e a consciência da perda de algo do qual eu poderia ter usufruído mais, mas para a qual só releguei meus fins de semana. Era pouco. Tão pouco que eu não podia aturar aquela mão de “vai passar” no meu ombro por mais um segundo sequer. Me levantei e corri para meu quarto, passando por meu pai sem nem olhar para ele. Bati a porta com força, me joguei sobre a cama e, por Deus, ninguém me incomodou por horas.

Quando por fim alguém bateu na porta já era mais de meia-noite, e eu estava com fome, mesmo que não quisesse. Meu rosto latejava. A garganta ardia. Percebi que, por mais força que fizesse, as lágrimas só saíam quando eu me hidratasse novamente. Aquilo seria algo que minha avó diria. A dor apertou na barriga e na garganta outra vez, mas me contive e, na segunda batida na porta, me levantei e a abri.

Não havia ninguém do outro lado porque minha mãe se afastava na direção da cozinha. Eu não queria sair. Eu não queria olhar no rosto de ninguém. Não queria contato ou abraços ou afagos. Eu queria minha avó. E ela se fora. Para sempre.

Era o que eu achava. E o que continuei pensando nas horas seguintes, quando finalmente meus pais tiveram que sair para ver o corpo, assinar os documentos e preparar tudo, e eu fiquei sozinha porque não queria ver minha avó sem vida. Não queria ver ela apenas como um corpo, sem a capacidade de mover o rosto a ponto de formar o sorriso mais alentador e compreensivo do mundo. Eles saíram, me olhando por alguns segundos sem dizer nada, o possível pensamento nas suas mentes sendo algo como “Você vai ficar bem? Vamos te encontrar com vida quando voltar?”, e eu não posso dizer que não pensei vagamente nisso, em pegar uma faca na cozinha e cortar linhas verticais nos meus braços para que o sangue saísse e eu pudesse ver Alma, de braços abertos me esperando, dizendo que não estaria frio, que não seria triste e que poderíamos sorrir juntas por toda eternidade. Eu, ela e Claudia, quem sabe. Mas quando meus pais fecharam a porta e eu olhei em volta, me senti o ser mais solitário do universo, e desejei ter a coragem que me faltava.

Porque ficar *sozinha* era o pior de tudo.

Eu *queria* vê-la, afinal, quando o carro do meu pai se afastou. Eu queria me despedir. A ideia idiota de “guardar as memórias dela quando

viva” se mostrou a verdadeira covardia que era, e eu quis estar com eles no carro, em direção à minha avó. Para vê-la morta, mas para *vê-la*.

Haveria o velório, é claro, mas aquele “ritual” não tinha passado pela minha cabeça, não tinha se mostrado como algo *próximo*. Antes da morte da minha avó eu só tinha visto um velório, quando tinha cinco anos. Não sei como me lembro disso. Não faço ideia de quem era, só sei que era um homem, um pouco mais velho que meu pai, e eu não conseguia ver mais do que as pétalas das flores que o cobriam quando olhava para cima, para o caixão. O cheiro perfurante que fazia meu nariz adormecer e o choro constante dos parentes em volta marcaram minha memória, talvez seja por isso. Era algo que ia além da minha compreensão; ele era um homem e estava morto. Mas o que era *morto*?

Eu não sei se enchi minha mãe de perguntas depois, ou se tive pesadelos. Faz muito tempo. Eu queria saber. Queria lembrar mais do que do cheiro de formol, das pétalas amarelas meio desbotadas e das lágrimas. Queria saber se tive pesadelos, se tive medo do homem se levantar do caixão e olhar nos meus olhos... eu não sei.

Nenhuma lembrança, no entanto, seria mais dura do que a que tenho hoje daquelas horas de solidão. Quando eu quis sentir a presença de minha avó e não fui capaz.

No velório, o qual eu fui maquiada da forma mais gótica possível, porque eu sabia que ela *adorava* quando eu me maquiava daquele jeito (eu sempre seria *sua pequena*), hesitei até chegar de fato perto do caixão. Eu via o rosto inchado do meu pai e o olhar perdido da minha mãe, ainda que ela ostentasse a atitude de proatividade e organização da qual meu pai não seria capaz naquele momento, e tinha medo do que veria. Tive medo de derramar lágrimas, de olhar para ela e não a reconhecer, de achar que me engaram (“Essa não é minha avó! Estou dizendo, não *é a minha avó!*”, como em um filme B de suspense) e que na verdade ela não estaria morta... sem falar, é claro, do medo de olhar seu rosto e não ver aquela beleza, ou de associar aquele sorriso sereno apenas à morte. Ah, mas ela estava linda... eu não sei dizer o que os agentes funerários e todos os profissionais responsáveis fizeram com ela, mas... não era como se ela *estivesse viva*... mas é como se a morte, mesmo cruel e definitiva, não tivesse feito seu trabalho direito ali, e tivesse deixado um pouco daquela aura sacrossanta sobre ela.

E eu me aproximei e toquei seus dedos cruzados sobre o peito e chorei, porque era a única coisa que restava.

A pior parte, claro, é quando o caixão desce para a cova e é finalmente coberto por terra. Vou poupá-los desses detalhes ou de tudo o que senti. Talvez eu sequer seja capaz de descrever.

Só sei dizer que é *dor* e perda. É a confirmação: *nunca mais*.

Para finalmente concluir o que me propus a contar nesse texto (e o leitor pode estar se perguntando “O que é isso, afinal?”, e eu diria que são memórias...), preciso falar sobre minha já citada mas não aprofundada prima, Mariana.

Mariana era dois anos mais velha que eu. Seus pais, Antônia e Marcelo, eram primos de segundo grau. Não sei dizer se isso tem qualquer relação, não sou nenhuma profissional médica ou experiente em qualquer assunto genético, mas, como minha mãe me contou algumas vezes, o pessoal mais antigo da família sempre foi contra o relacionamento dos dois, que cresceram juntos até finalmente decidirem se casar e ter filhos. Diziam que primos não podiam ter filhos juntos, que aquilo geraria “um problema”.

Bom, Mariana nasceu com diversos problemas de saúde. A gravidez da minha tia foi péssima. Minha avó por parte de mãe, Madalena, dizia que ela gritava de dor nas costas à noite inteira durante a semana em que ficou internada para um parto de “emergência”. Mariana nascera prematura, e sofreu de anoxia ainda dentro do útero. Depois de vir ao mundo, ela passou por três paradas cardíacas. Se você acredita em milagres ou não, eu não sei, mas fica meio difícil permanecer cético quando uma pessoa, ao passar por todos os tipos de provações com menos de vinte e quatro horas de vida, continua resistindo, continua *sobrevivendo*. Para piorar tudo, Mariana contraiu poliomielite ainda dentro do hospital.

Eram tempos duros, é o que minha avó Alma sempre dizia. A pólio ainda não havia sido erradicada no Brasil, e as famílias mais pobres sofriam (como ainda sofrem) com assistência médica precária e falta de informação. Mariana teve seu corpo gradualmente deformado, à medida

que a anoxia lhe deixava sequelas cerebrais. A mais antiga lembrança que tenho dela é de ser uma garota quieta, que sempre ficava sentada no chão, sobre algum pedaço de tecido ou tapete, encarando o nada ou repetindo as mesmas palavras. “Mamãe”, ou “menina”, ou “boneca”, coisas desse tipo. Ela sofria para fazer as palavras saírem. Sofrimento maior ainda era para se locomover. Suas pernas se atrofiaram a ponto de obrigá-la a andar com as palmas das mãos e os joelhos no chão.

Ainda assim, ela sorria.

E era um sorriso tão cheio de pureza, e ao mesmo tempo de dor e limitação, que me fazia sentir pena. Eu devia ter cinco ou seis anos a primeira vez que a vi. Eu não queria chegar perto dela no começo. Não sei por quê. Crianças se assustam por bobagem. Ainda penso nisso e me sinto culpada por não ter dado carinho a ela ou por não ter me divertido junto com ela. Por dentro, ela era como eu, entende? Depois, em casa, minha mãe me repreendeu, e eu chorei arrependida no quarto, por mais que não entendesse metade daquele sentimento.

Nos anos seguintes eu não a evitei, mas também não nos tornamos melhores amigas. Entenda, não foi minha culpa e nem dela. Foi culpa das circunstâncias, e tudo isso me enche de tristeza. Mariana só queria amor, sabe? E eu não fiz o que devia ter feito.

Enfim, Mariana cresceu, e seus pais, por mais apaixonados que fossem um pelo outro, se sentiam culpados pela condição da garota, ainda que a amassem em dobro por isso. Ela era uma menina que precisava de cuidados, e eles faziam o possível que a condição financeira permitia. Com o passar dos anos, ela melhorou em alguns aspectos, como nos constantes ataques epiléticos, que pouco a pouco tornavam-se raros, e piorou em outros. Movimentar-se era cada vez mais difícil, assim como falar. Na adolescência, ela usava uma cadeira de rodas, mas sempre precisava que alguém a empurrasse. Para se comunicar, usava alguns gestos com uma das mãos e escrevia com uma pequena lousa branca e um canetão. Não usava palavras, mas sim desenhos simples.

Bom, como seria de se esperar, durante a adolescência, ao invés de me aproximar dela, eu me afastei ainda mais. Parte disso era culpa do meu egoísmo, da mania que todo jovem tem de repelir o que não se corresponde com ele. E quem poderia culpar Mariana? Eu ainda sentia pena por saber que ela nunca seria capaz de dançar, correr (por Deus, até mesmo de namorar, eu pensava), e nunca fiz nada para melhorar a forma

como ela vivia; mas ela não parecia se importar, no máximo de expressividade que era capaz. Além disso, repito: eu era adolescente, egoísta e mesquinha. Só tinha ouvidos para amigas tolas, garotos metidos e, é claro, para minha avó, Alma.

Esta, no entanto, bondosa como era, sempre fazia o possível pela menina, mesmo não sendo avó dela. Sempre a visitava. Muitas vezes cuidou dela enquanto seus pais precisavam trabalhar ou viajar, visto que vovó Madalena morava um pouco longe. Alma foi a avó que Mariana não pôde ter por completo, devido à distância, e isso mostra um pouco do que dona Alma era, uma pessoa bondosa e de coração enorme.

E a afinidade que elas tinham... chegava a me causar ciúmes.

Minha avó conseguia entendê-la de primeira. O sorriso de Mariana se abria duas vezes mais quando vovó Alma estava com ela. Isso derrubava um pouco meus ciúmes.

Mas, como tudo nessa vida, Alma partiu, e Mariana também.

Mariana “partira” parcialmente dois meses antes da morte de vovó.

Ela sofreu uma parada cardiorrespiratória durante a madrugada e foi internada. Por alguma coincidência do destino, sua mãe levantara para beber água e passara pelo quarto da filha para checar como ela estava, costume enraizado na mente de pessoas que cuidam de outras que *realmente* necessitam de cuidados. Então a menina estava no chão, ao pé da cama, e tudo virou um caos.

No hospital, ela sofreu o mesmo martírio de quando nasceu. Três ressuscitações seguidas, em um intervalo de duas horas. Na segunda parada, ela chegou a ficar sete minutos “morta”, até o desfibrilador fazer seu papel e jogar uma descarga eficiente de energia em seu coração. Depois de todo o trabalho na madrugada, Mariana sobreviveu, mas não da forma que seus pais esperavam: ela entrou em coma.

Nessa época eu pensava no *coma* como algo atraente. Eu era *mórbida*, esse é o fato, e via o letargo dessa condição como um refúgio repleto de sedução e sossego. Oh Deus... eu, na superficialidade dos meus “grandes problemas”, como do garoto que me rejeitava ou da incompreensão de meus pais, queria me distanciar deles no conforto tácito de um sono

eterno, onde nada seria capaz de me abalar, de me atingir. Seria uma dádiva, eu pensava. Dormir e me isolar da realidade “cruel”.

Então eu descobri que Mariana estava em coma depois de três paradas cardíacas, e estreitei um pouco o significado de “cruel”.

O prognóstico do médico era “morte cerebral”. Mariana não seria mais do que matéria inerte. Um vegetal, na maneira mais clichê. Alimentada por sonda, drenada de seus fluídos indesejáveis por outra sonda, mantida viva por uma máquina. O tipo de condição que ninguém deseja nem para o pior dos inimigos. A eutanásia, claro, além de crime previsto por lei, era algo *inimaginável* para meus tios. Eles não queriam que a filha sofresse, mas pensar na morte da menina, pensar em seu espírito desprendendo-se de seu corpo por ordem *deles*, tornava o ato, apesar de piedoso, imperdoável.

Mais difícil ainda era viver seus dias sem a presença da garota em casa. Meus tios sentiam como se carregassem pedras de gelo dentro do peito toda vez que iam até o quarto ou olhavam para a cadeira de rodas vazia.

Nunca fui visitar Mariana no hospital.

Quando vovó Alma estava sendo enterrada, o caixão descendo na direção da cova, minha mãe recebeu uma ligação.

Ela enxugou as lágrimas enquanto via o número que ligava. Ninguém pareceu se importar quando ela se afastou um pouco e atendeu o telefone. Estavam todos exaustos e tristes demais para se preocuparem com aquele ato. Além do mais, tenho certeza que para ela foi um alívio não ver vovó sendo coberta por terra e papai se desfazendo em lágrimas do lado, os braços apertados em volta do próprio corpo, tremendo apesar do calor de trinta e dois graus que fazia.

A primeira pá de terra acertou o caixão com um ruído seco e degradante, como se alguém tivesse gritado uma ofensa à mulher que era enterrada. As outras pás, lançadas com mais velocidade por dois coveiros no mínimo eficientes, batucavam um ruído ritmado que transformava a despedida em um fardo. Meu pai gemia como uma criança. Ele estava do meu lado e eu não segurei sua mão. Não o abracei. Eu não fiz *nada*.

A terra já cobria o caixão por inteiro quando mamãe voltou. Seu rosto estava vermelho e úmido de lágrimas, mas havia um broto de sorriso nos lábios dela, e aquilo chamou minha atenção. Não era possível que ela estivesse sorrindo no enterro da sogra (não, *não poderia ser isso*), então o motivo tinha que ser outro, e minha superinteligência adolescente logo me levou à ligação que ela atendera, e seu possível conteúdo.

Fui até ela. Me afastar do meu pai despejando lágrimas diminuiu um pouco a sensação ruim daquela despedida. Cheguei perto dela e, como quem não quisesse nada, perguntei:

— Quem era, mãe?

Ela me encarou confusa, depois olhou para o celular e fez uma cara de “Ah!”, então sorriu de leve de novo. Pegou minhas mãos e cruzou os braços, me puxando para perto dela. Cedi.

— Era sua tia Antônio — disse ela, bem perto do meu rosto, para que ninguém nos ouvisse. — Ela está no hospital. Mariana acordou do coma.

Recebi a notícia com o máximo de “alegria” que a situação que nos cercava permitia. E eu não tinha muito o que comemorar como minha mãe. Era sua sobrinha, eu podia entender isso. Mas seu sorriso dizia *mais*.

Esse mais eu descobri depois que chegamos em casa e mamãe ligou para tia Antônio. Papai foi tomar um banho, tirar do corpo aquela aura pegajosa do cemitério que eu começava a sentir também.

Na conversa, mais detalhes da situação de Mariana surgiram. Ela não só acordou, como *falou*, tão bem como nunca havia falado em toda a vida. A enfermeira que chegou no quarto não entendeu nada do que acontecia. Titia disse inclusive que, quando eles chegaram no hospital, desviando da rota do enterro de vovó Alma, o destino que seguiriam originalmente, a enfermeira estava pálida e trêmula, apesar do sorriso nervoso. Era como se ela tivesse “visto uma assombração”, nas palavras da minha tia. “Mas uma assombração de algum parente, sabe? Como se a gente quisesse muito ver alguém que amamos e já partiu, mas não conseguisse evitar sentir medo mesmo assim.”

Eu entendi perfeitamente, e a saudade da minha avó apertou de novo. Meu peito doía, mais do que em qualquer outro sofrimento que por

ventura tenha passado. Mais do que quando tive o coração partido por alguém, ou após ouvir palavras duras do meu pai ou da minha mãe. Era uma dor que ultrapassava as barreiras das curas que conhecia. Conversar com amigas ou sair para passear à noite e beber não remediariam aquele sofrimento. Eu precisava de algo mais, e não sabia o quê.

Antes que eu fosse tomar banho, ainda tive tempo de ouvir, para meu espanto, que Mariana já estaria em casa dali a poucos dias, pois, segundo o doutor, “a recuperação dela foi assombrosa”. Inclusive, para surpresa de mamãe, titia disse a ela que Mariana fizera *menção de se levantar da cama e andar*. Todos que estavam no quarto se prepararam para ampará-la, espantados, e fizeram esse trabalho, ainda que a garota, de forma corajosa e confiante, com um sorriso nos lábios, tenha dado três passos no quarto antes de cair exausta. Os dois meses deitada em uma cama debilitaram um pouco seu já sofrido corpo, mas para os médicos, era como se Mariana nunca tivesse sofrido todos aqueles problemas desde bebê. Ela só parecia uma garota fragilizada pelo coma e, no entanto, com a mais completa ânsia de viver.

A depressão é ardilosa.

Nós nunca percebemos quando ela nos abraça, quando nos domina. Quem nunca passa por ela acha que é algo do qual entramos e saímos tranquilamente, como uma piscina rasa. Mas não. A depressão é um tanque de piche com quase a nossa altura de profundidade. A gente afunda nele até o pescoço e fica olhando para fora, sem saber como sair. Se consegue sair, é com muito esforço, e aquela coisa vem grudada no seu corpo, é difícil lavar, é difícil *se livrar* dela. Ela sempre deixa um ranço e uma sensação pegajosa.

Se não conseguir sair, então... acredito que seja péssimo ver o óleo preto te engolindo como areia movediça. E você só desce abaixo do nível porque se abaixa. Se curva. O breu da depressão tem peso e força. Ele te agarra como tentáculos de um monstro marítimo faminto. E não te solta até te devorar.

Por sorte... ou *por Alma*, eu consegui sair do tanque depressivo no qual a partida dela me afundou. Entretanto, aqueles dias escuros e tristes,

sem esperança, duraram como anos.

E é como eu disse: quem nunca passa por isso acredita que é culpa da gente. Que nós entramos no tal tanque por livre e espontânea vontade. Que só ficamos tristes porque aceitamos, e que bastaria um olhar para o sol poente, a contemplação breve da criação divina em sua plenitude e a compreensão de que tudo está planejado e que nada é em vão, que logo em seguida podemos virar a página, esquecer a dor, esquecer o desânimo e o desejo pela morte e *sorrir*.

Não é bem assim.

A força com que a depressão nos derruba não está completamente relacionada a como encaramos a vida, muito menos ao nível de dor ou de perda. Ela é um mistério, *assim como a vida e a morte*. Nada é definitivo, ninguém tem a última palavra. Nem sua família com palavras de apoio, nem os médicos com remédios e mais remédios. A depressão é como uma estrada que passa dentro de uma floresta das trevas. E para chegar do outro lado, você *tem* que passar por ela. Querendo ou não.

Eu também não sei dizer como ela se apoderou de mim. Não dá para se prevenir. Ela simplesmente vem e te agarra. Se você tiver a sorte de perceber que esse sofrimento é injusto, isso já é uma vitória. Se não, você se enxerga como completo merecedor.

Foi o que aconteceu comigo.

A perda da minha avó foi mais forte do que eu poderia dimensionar na época. A primeira noite sabendo que ela estava enterrada e que eu nunca mais a veria foi silenciosa, fria e sem lágrimas. Meu rosto doía de tanto ter franzido a testa e secado o choro durante o dia, e eu sentia um vácuo no peito. A memória trabalhava de forma traiçoeira, me fazendo ver e rever momentos que antes estavam escondidos nos recônditos da minha mente, trazendo lembranças que, antes vagas, então passavam nítidas dentro das minhas pálpebras. Os passeios pelas campinas, as tardes colhendo frutas e os abraços quentes surgiam com uma aura fria. Eram recordações que me feriam, porque gritavam o eterno flagelo de Poe: “Nunca mais. Nunca mais. *Nunca mais*”, e era demais para mim. Era como um castigo pela rebeldia, pelo desmerecimento. Aquela voz interior sussurrava: “O que você estava fazendo durante a semana que não podia visitar sua avó? Por que só nos fins de semana, Clara? Por quê? Agora sinta sua ausência verdadeira. Sinta diariamente o que *ela* sentia”, e por mais tolo que isso fosse, olhando hoje por um prisma mais maduro, era o

que minha mente dizia e era o que mais me causava sofrimento. O tempo perdido, os dias passados *sem estar com ela*, era isso o que me feria. E não tinha conserto. Não tinha mais *tempo*. Ela se fora, e se havia algo certo na morte era o *para sempre*.

Meu quarto era meu refúgio. Eu passei a primeira semana inteira sem ir para a escola. Minha mãe me questionou depois do sétimo dia, e isso gerou uma discussão intensa. Eu afundei ainda mais. Na semana seguinte, tentei raciocinar, e arrisquei uma ida à escola, em uma quarta-feira chuvosa na qual tudo parecia dar errado, desde ser molhada por carros que passavam sobre poças e faziam seu maldito trabalho, até perder o salgado que comprei na hora do intervalo para uma cegonha que surgiu *Deus sabe de onde*. Tudo isso seria algo digno de riso para alguém que não estivesse plenamente triste. Para mim, era como se o mundo me odiasse e gritasse isso em símbolos.

Tudo ficou pior quando os colegas da escola venceram a vergonha e começaram a perguntar sobre minha avó. Não sei o que me deixou mais triste, se foi o fato de todos saberem que minha avó tinha morrido, ou como eu me sentia pior à cada menção, à cada questionamento, à cada falsa compaixão. Para mim, nada era verdadeiro ali. Todas as perguntas e abraços e consolos surgiam de uma convenção, um acordo silencioso e pré-definido. Afinal, ali, *ninguém* conhecia a minha avó. Eles *nunca* saberiam o que eu estava sentindo.

Outra tolice adolescente. Eu não era a única que havia perdido uma avó. Mas eu não preciso dizer outra vez como minha cabeça funcionava. O universo conspirava contra mim, e era isso.

No dia seguinte eu não queria mais saber de escola. Eu não me sentia *melhor* depois dela, então, para que insistir, certo? Duas semanas, três... de repente eu estava há um mês sem estudar, e meus pais não entendiam o porquê. Isso me enchia de raiva, porque até mesmo meu pai parecia ter superado. Ele já não chorava mais ao falar de Alma, apesar de sempre encarar o longe, vez ou outra, em profundo silêncio. Mamãe então, superara tudo ainda mais rápido.

“Não é a mãe dela”, eu pensava. “É só a *sogra*. Quem sente falta da sogra, não é mesmo?”

Além disso, mamãe parecia ter motivos para estar animada: Mariana saíra do hospital e já estava em casa havia duas semanas, e sua evolução era sem precedentes.

Eu não me importava, apesar de sempre ouvi-la falando para meu pai sobre como a menina melhorava dia após dia; como andava cada vez melhor, como suas pernas pareciam *perfeitas*, mesmo depois da paralisia infantil; como ela falava com delicadeza e humor, quase como se fosse *outra pessoa*; como ela evoluía em independência, ainda que precisasse da cadeira de rodas vez ou outra devido à fraqueza inerente do pós-coma e dos anos sem exercício constante.

Para mim, era uma conversa que entrava por um ouvido e saía pelo outro. Até mesmo meu pai parecia feliz. Eu não me importava. Mariana não significava nada para mim. Lembrando desses dias, sinto um certo ciúme injusto. Eu tinha um problema. Eu *era* um problema. Eu não sabia. Nem meus pais. Eles não *perceberam*. Talvez, na cabeça deles, eu só estivesse triste, e um dia aquilo passaria.

Dentro do meu peito, tudo era escuro e denso e desconfortável.

Eu queria morrer.

Descobri que poupar as pessoas da dor era um erro, mas que entregar uma fuga era pior.

Minha mãe deu essa fuga para mim. Chamava-se “ignorar que minha filha não está indo para a escola”. Lógico que depois de dois meses completos os professores e coordenadores não poderiam deixar passar, e minha mãe foi convidada a ir até o colégio para explicar o que estava acontecendo. Quando eu soube disso, minha mente se contorceu. Havia um tornado dentro dela, bagunçando tudo e jogando tudo na minha cara. Pela primeira vez eu percebi que não ia à escola *havia dois meses*. Pela primeira vez eu percebi que minha vida estava parada por mais de sessenta dias. Minha avó partira e levava minha vida com ela? Não! Então por que eu estava daquele jeito?

Não tive tempo para responder. Quando minha mãe voltou da reunião na escola e eu já esperava *a conversa*, o telefone tocou, e como uma *fuga*, outra fuga, dessa vez do confronto, eu corri e atendi.

Primeiro eu tive a leve impressão de *conhecer* a voz do outro lado, mas foi uma sensação passageira. Na verdade, eu *nunca* tinha ouvido aquela voz.

— Clara? É a Mariana. Tudo bem?

Eu travei. Não sei por quê. Minha mãe me olhou, e eu vi em seus olhos a quantidade de coisas que se passaram em sua mente. Papai não estava em casa. Dor. Morte. Uma coisa puxa a outra, principalmente quando ainda estamos fragilizados. Ela quase levou as mãos à boca, mas eu respondi antes que ela se desesperasse.

— Mariana? Oi. Tudo bem. Sim, tudo bem. E você?

— Tudo ótimo, prima. É muito bom conversar com você. Quanto tempo, não?

— Sim... um pouco.

— Eu liguei pra falar com sua mãe, mas a ideia no final era falar com *você*, e veja só, você atendeu! Então, vou ser direta. Preciso de alguém para ficar comigo. Você pode?

Travei de novo. Não tinha entendido a pergunta? Talvez. Acho que não. Só não sabia o que responder.

— Eu? Ah... eu...

— Papai e mamãe vão precisar sair, e o primo Joaquim mudou de horário no serviço e trabalha de dia agora. Sua mãe seria a primeira opção, mas sabe, já faz tempo que a gente não conversa, então...

“Faz tempo que a gente não conversa? Mas nós nunca...”

— Além do mais, seria bom você sair um pouco da sua casa. As coisas não estão legais aí, não é? Depois... de tudo o que aconteceu.

Eu queria entender como ela sabia daquilo, como ela podia *falar* daquele jeito depois de vê-la repetindo “mamãe” e “menina” por tantos anos com uma voz frouxa e o olhar perdido, mas minha cabeça ficava cada vez mais confusa. E ela parecia *tão segura* de si...

— Veja bem, eu estou legal até. Eu não preciso que alguém fique de olho em mim como antes, mas... às vezes preciso de um pouquinho de ajuda. Pra levantar ou pra fazer xixi. Coisas bobas. Mas não se preocupe, você não vai me ver fazer xixi! É só pra me ajudar a sair da cadeira, e... enfim. Você vem?

Minha cabeça ficou vazia. A linha emudeceu. Ela esperava. Eu quase podia ver o *sorriso* dela do outro lado. O rosto ansioso, animado. Como se... como se...

— Eu vou. Vou sim — falei. — Que horas você...

— Agora! — disse ela, tão animada que eu imaginei ela erguendo punho e dizendo “YES!”, como nos filmes. — Se você puder, é claro... —

terminou, mais contida. A animação na sua voz era incamufável.

— Vou sim, prima. Claro que vou...

— Obrigado, querida — disse, e desligou.

No caminho até a casa da minha prima, minha mente divagava do luto para a dúvida daquele convite, e de volta para o luto.

Pensei em Mariana naqueles trinta minutos de caminhada mais do que em toda minha vida até aquele dia. A condição dela nunca tinha me despertado nada além de pena. Faltava empatia para compreender a necessidade dela de viver então, já que parecia melhor física e mentalmente. No entanto, nada, nem mesmo aquela conversa rápida no telefone, seria capaz de me preparar para aquela tarde.

Quando a chamei no portão, encontrei seus pais saindo, como combinado. Minha tia abriu o portão para mim e disse:

— Bem que Mariana disse que você já estava chegando. Estava com medo de deixar ela sozinha.

Meu tio sorriu tímido para mim, como ele sempre fazia, e acenou com a cabeça. Foi até o carro velho que eles tinham e entrou, ligando-o. Minha tia me deu um beijo no rosto e continuou:

— Me desculpe, querida, por tomar seu tempo.

— Não tem problema — falei, empurrando aquela tristeza que me acompanhava lá para dentro, com uma eficácia advinda da prática.

— Ela está muito melhor, mas ainda precisa de uma ajudinha pra se levantar às vezes. Mas comparado a como ela era... bem, você se lembra. Parece um milagre.

Essa última palavra veio acompanhada de olhos que umedeceram, e titia foi rápida para que eu não notasse. Disse “tchau” e entrou no carro.

Ví meus tios se afastarem e me virei para a casa, uma construção simples, grande, mas não finalizada, os tijolos aparentes. A pintura estava velha e descascada, o telhado escuro e a grama do jardim bem alta e verde, graças ao tempo chuvoso que fazia. Olhei em volta, fechei o portão e chamei por minha prima.

Não houve resposta.

Caminhei o pequeno trecho cheio de pedregulhos até a entrada da casa. Um vento forte sacudiu a grama e a árvore no quintal, fazendo um ruído repentino e assustador, quase como uma voz. Meus braços descobertos se arrepiaram inteiros. Olhei para a árvore, cujos troncos, como braços, dançavam ante a força da natureza. Pássaros voaram sobre a casa, desordenados, fugindo de algo. Um trovão caiu ao longe. Viria mais chuva.

Entrei na casa me arrependendo por não ter levado um agasalho. Procurei minha prima na sala e não a vi. O lugar estava quente e aconchegante. Fechei a porta para que aquele clima se mantivesse e esfreguei os braços com as mãos. Chamei Mariana de novo, e só tive o silêncio como resposta. Não pensei no que poderia ter acontecido. Na verdade, não *queria* pensar. Por um momento, lembrei que nem queria *estar ali*, que aquela tarde caminhava para algo totalmente diferente do que eu estava acostumada. Inconscientemente empurrei meu egoísmo para lá e chamei minha prima de novo.

Dessa vez sua voz veio, um “aqui, no quarto”, alegre. Junto com a audição daquela voz senti um cheiro familiar, algo como amora ou morango, as frutas que eu e vovó costumávamos apanhar. Não fiz qualquer ligação, apenas segui na direção da voz até o cheiro se dissipar, mas se encrustar na minha cabeça, a ponto de eu já não saber mais se o aroma era real ou se era minha memória agindo. Quanto mais adentrava a casa, mais aquele calor da sala se perdia, e eu sentia novamente necessidade de me aquecer.

Cheguei até a porta do quarto de Mariana, que estava entreaberta, e dei dois toques com os nós dos dedos. Sem esperar resposta, empurrei a porta de leve.

Ela estava sentada na cadeira de rodas, de costas para mim, encarando pela janela o tempo que se fechava do lado de fora. Quando ouviu a porta ranger, se virou.

Aquela *não era* Mariana. Foi o que minha mente surpresa gritou de imediato, e eu não estava totalmente *errada*. Meu espanto primeiro veio quando seu rosto se abriu em um sorriso *ciente*, não o movimento que ela fazia antes, que era quase algo automático. Era um sorriso *de verdade*, repleto de sentimentos e da consciência deles. Tantos sentimentos que, ao sentir aqueles olhos sobre mim, as lágrimas irromperam, e eu lancei a mão sobre a boca, porque ela tremia.

— Clara! — disse ela, animada, usando os braços fortes e agora *eficientes* para girar a cadeira de rodas. — Eu tinha certeza que você vinha ficar comi... hey, você está chorando?

A surpresa dela foi genuína, e eu balancei a cabeça em negativa, virando o rosto, tentando engolir o choro, tentando deixar as emoções enterradas como estavam. Mas era impossível. O quarto todo tinha uma bruma de irrerealidade, ainda que eu soubesse que era real. Eu *sabia* onde estava, mas os cheiros e a presença me faziam desconfiar de mim mesma. Era como estar de volta à infância.

Ela fez a cadeira andar até mim e então outro cheiro se fez presente, algo ainda adocicado, mas um pouco tênue, o cheiro de uma pele que está aquecida. Um cheiro de abraço que queria me pegar desprevenida.

Minhas pernas tremeram, porque eu *sabia* que cheiro era aquele. *De quem* era aquele aroma leve e relativamente seco. Ao mesmo tempo, a chuva começou a desabar do lado de fora, com uma força descomunal. Eu não queria olhar nos olhos de Mariana.

Ela me obrigou. Quando abriu a boca, disse:

— Por que você está triste? Por que chora, minha pequena?

Em algum momento da tarde, depois de chorar ajoelhada e com a cabeça no colo dela, eu a ajudei a sair da cadeira de rodas, e nós andamos até a varanda nos fundos da casa. Nos sentamos no chão, vendo a chuva cair, enroladas em um cobertor.

Durante todas aquelas horas, eu sentia o cheiro da minha avó ao nosso redor. E a cada instante, o comportamento de Mariana me confundia e me deslumbrava, a ponto de eu não saber de verdade *quem* ela era, ou o quê. Ela era o mistério da morte, puro, diante dos meus olhos.

— A dor é parte da vida — disse ela, em algum momento onde a chuva caía com tanta força que arrancava pedaços da terra fofa. — Querer se livrar da dor na vida é querer se livrar da vida. É como essa chuva forte, batendo no chão, arrancando pedaços. Mas depois... depois a terra vai suspirar, e mais coisas vão nascer. Sem a chuva, sem a *dor*... a beleza que viria depois não existiria.

Aquilo era o tipo de coisa que minha avó diria? Quem sabe...

— Eu entendo a dor, minha querida... — continuou ela, passando a mão no meu rosto. — Eu... esse corpo... viveu com ela durante toda a sua existência. Com o sofrimento. Com a incapacidade. E a gente sempre pode se perguntar se há justiça nisso. É nosso direito. Mas vamos chegar a alguma resposta com isso?

Não respondi. Estava ouvindo-a e admirando a chuva. Admirando aquele fenômeno, como eu achava que minha avó era. Um fenômeno da natureza. Um ídolo.

— Se lembra de Claudia? — perguntou Mariana. Eu não estava mais em condições de me surpreender, mas aquela pergunta foi capaz de trazer um novo arrepio ao meu corpo. Balancei a cabeça com um “sim” triste. — Eu vi Claudia. Ela sofreu. Muito. Porque ela não conseguia aceitar a dor. Nem a família dela. Era demais para todos. Mas sempre é demais quando a gente recebe aquilo, entende? Sempre virá algo mais forte para sobrepor aquilo que achávamos que éramos capazes de suportar... mas é aí que está o segredo. *Suportar*. Entender que nada disso é por acaso. Que podemos aprender com nós mesmas a *superar*. Eu sei que ainda é recente... e eu entendo como o sofrimento é ruim. É sua primeira perda, meu bem, mas não será a última. E mesmo assim, você terá que suportar. E suportar. E suportar. Porque sempre haverá mais uma, e mais uma. *Mas*, e não se esqueça disso, sempre haverá aquele espaço entre elas onde você pode viver.

— Por quê? — perguntei, finalmente, vencendo não só o medo, mas aquele bolo preto de dor na garganta. — Por que assim? Por que a morte, e por que... por que tem que ser tão ruim?

Mariana sorriu, de leve, enquanto a chuva parava aos poucos. O vento forte voltou, soprando as nuvens e abrindo um buraco nelas, tão perto do horizonte que, de repente, uma luz amarela veio de lá, brilhando com força e iluminando nossos rostos.

— Porque, depois — disse ela, olhando para o horizonte —, do outro lado, o sol vai brilhar.

E o sol brilhou ali, quente e vivo, afastando o frio e a chuva, o medo e a tristeza. Por um momento... até que voltasse um dia.

Mariana morreu três meses depois.

Eu a vi várias vezes nesse tempo, até o dia em que ela finalmente partiu, dormindo, com um sorriso no rosto. Nós conversávamos sempre. Eu ia até sua casa e nós ficávamos juntas, falando sobre as coisas que gostávamos, o que ia de encontro àquela nossa primeira conversa. Ela ria de uma maneira deliciosa, e aos poucos foi se acostumando a levantar e andar, até chegar o dia em que podia correr, mesmo que um pouco. Ela fez isso no dia em que a levei escondida até o sítio de vovó Alma, e foi muito bom ver ela correndo pelas campinas, sentindo-se em *casa*. Eu também senti, aos poucos, a tristeza me deixando. Mariana (e de um jeito ou de outro, minha avó Alma) me puxaram de dentro do tanque de piche, me deixando apenas com a missão de limpar os restos grudados na roupa. Com elas por perto, foi fácil.

Acho que foi uma forma de recuperar o tempo perdido. Não só o meu, como o dela também. Viver aquele resto de vida que ela merecia. Eu sempre vi aquilo como um presente dúbio do além, que mesmo repleto de compaixão, soava como um relógio em contagem regressiva. E quando ela não acordou mais, eu não chorei, porque eu sabia que, do outro lado, o sol brilharia, esperando por ela.

Hoje, depois de tantos anos, essas lembranças ainda me pegam.

Talvez o momento seja propício: quando a morte está à beira da sua porta, essas coisas gostam de voltar. Eu prefiro não me deixar levar pelo luxo da autocomiseração. A gente nunca sabe os *porquês*. Nossa vida toma rumos, faz curvas e mais curvas, e ainda assim, quando olhamos para trás, só vemos uma linha reta de acontecimentos, dos mais absurdos aos mais ínfimos. E no meio disso tudo, o que nos trouxe felicidade ou sofrimento.

Eu vivi mais do que minha avó. Não tive a mesma sorte que ela. Não constituí uma família. Mas fui feliz, à minha maneira. Acho que é isso o que vale, no final. A gente aprende que exemplos e fórmulas nem sempre funcionam, e que às vezes, é possível ser feliz sendo uma velha rodeada de gatos e não de netos. Basta que haja amor ali, e fica tudo certo.

Papai operou o tumor, mas a doença voltou anos depois, levando-o mais rápido do que esperávamos. Mamãe partiu quinze anos após ele, e o

mais triste de tudo foi vê-la viver aquele tempo com aquela ausência; quando você se acostuma com algo, viver sem isso pode ser uma verdadeira prova de resistência; logo, a morte foi um bálsamo.

A mesma doença de meu pai se alastrou pelo meu corpo nos últimos anos, algo que compartilhamos, de uma forma ou de outra, tarde demais; e acho que foi justo, afinal. Não tenho filhos ou netos que sofram por mim... e me lembrando do tanto que sofri quando era adolescente e perdi minha avó... acho que, por mais que eu tenha saído *maior* de tudo daquilo, não é o tipo de coisa pela qual eu recomendo que se passe. Só nós somos capazes de compreender nossa dor e superá-la, ainda que, às vezes, tenhamos pessoas que nos amam para nos ajudar.

É como me sinto agora: não sozinha. Mesmo com a morte se esgueirando e me esperando a cada passo, a cada esquina, a cada noite de sono e despertar na manhã, eu sei que elas estão comigo. Claudia, a amiga “imaginária”; Mariana, a menina que viveu em três meses o que não pôde em quinze anos; e Alma, minha avó, a alma mais pura e bondosa que já conheci, capaz de emprestar seus últimos sopros de vida a quem precisasse.

Dos mistérios que a vida nos apresenta, a morte é o mais atraente e o único que só vamos descobrir realmente no final, no virar da página, no apagar das luzes, no segundo seguinte ao fim, ao fechar dos olhos, ao parar do coração. Mesmo assim, eu me sinto abençoada por ter, mesmo que de forma breve, vislumbrado partes dos segredos que esta palavra guarda. Morte, essa quimera de sensações e expectativas. Morte, a única palavra que nunca se separa da vida. E o que vem depois?

Eu não sei. Mas tenho certeza que terei boa companhia do outro lado. E um sol brilhante me esperando. Para sempre.

Notas do passeio noturno (II)

Eu amo escrever contos. Essa é a verdade.

Há um tipo de acordo unânime no mercado editorial, como um código tácito que escritores seguem por saberem, de fato, que corresponde à realidade: autores só debutam com romances. E não chega a ser um problema, é claro. Salvo os casos especiais, onde o talento é tão monstruoso que rompe a barreira do *status quo*, como os textos de Edgar Allan Poe, por exemplo (considerando evidentemente o fato de que ele faz parte de uma época que muito se difere da atual), escritores sempre estreiam em editoras, com suas publicações formais e talvez o tão sonhado sucesso comercial, com histórias fechadas, romances propriamente ditos. Uma história “longa” com início, meio e fim. Foi assim com Stephen King, com seu *Carrie, A Estranha*, mesmo que na época ele escrevesse contos num fluxo comparável ao das Cataratas do Iguaçu. Foi assim com Asimov e seu *Pedra no céu*, ainda que *Eu, Robô*, com seus contos visionários, tenha saído no mesmo ano. O mesmo aconteceu com Fiódor Dostoievski e o ainda não lido por este que vos fala *Gente Pobre*. No mercado *atual* isso fica cada vez mais evidente. Um bom romance de estreia, sendo interessante, original, bem escrito, e tendo uma pitada (uma boa colher de sopa, na verdade) de *sorte*, solidifica a base de uma boa carreira.

E é claro que para qualquer escritor que pretende tal conquista, visualizar o alvo e mirar nele com atenção e afinco parece ser a escolha óbvia. O romance abre as portas, além disso. Com o devido sucesso, uma coletânea de contos seria decerto inevitável. O próprio King não teria lançado uma dezena delas se *Carrie* não tivesse sido bem-sucedido.

O que quero dizer aqui é que, *mercadologicamente*, o conto é um coadjuvante, ou, no melhor dos casos, um *luxo*. O autor iniciante deve se preocupar, essencialmente, em redigir um bom romance, algo no qual possa, e me perdoe o tom agressivo, *enfiar* todas as suas características

positivas, em dosagens sábias e calculadas. Um bom romance deve, sem sombra de dúvidas, sintetizar as qualidades de um bom escritor.

A grande pergunta que vem seguida à essa constatação é: *como* chego ao nível em que me sinto confortável e apto para tal condensação de atributos?

Minha resposta é: escrevendo contos.

Porque eu *amo* contos. Está ali, logo ali, na primeira frase deste texto. Eu amo, porque o conto é uma escola. É o caminho autodidata mais eficaz para escrever bem (na minha opinião, é claro). É onde se treina, se testa e se prova.

E é onde, e isso é o principal, você *esquece* que tem um foco, que tem um alvo ali na frente chamado *futuro romance*, e se dedica de *corpo e alma* ao texto (nem sempre) direto, (nem sempre) conciso e (nem sempre) impactante. O conto é como o esticar de um arco, onde respiração, braço, mão e olho devem estar relacionados como se fizessem parte de apenas uma coisa: a arma; ou como deixou evidente o intelectual Massaud Moisés, um texto onde “cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese, não se poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto”. Logo, o conto *também* é um texto em que, via de regras, seus talentos devem estar condensados, e necessariamente, para um efeito de *culminância*. O conto *precisa* ser urgente, pungente e, por que não, intransigente.

Nada é mais divertido, dentro da produção literária, ao meu ver, do que compor um conto. Nada lhe dá tanta liberdade ao mesmo tempo em que lhe desafia com um limite. E nada pode ser mais recompensador para um escritor do que vencer seus próprios desafios.

É por isso que amo os contos, e por isso insisto neles, talvez até mesmo em detrimento do próprio romance, o que pode ser um tiro no pé, mas me recompensa com uma satisfação incomparável. E é por isso que este livro existe. Porque os contos insistem em cutucar minha cabeça. Eles precisam sair.

E por algum motivo, é quase sempre no terror que eles se insinuam, que eles se revelam. E eu já parei para pensar muitas vezes sobre o *porquê* desse gênero. O porquê de, dentre tantos outros, ser o terror que guia a maioria dessas palavras.

Eu poderia dar mil motivos, todos falsos. Poderia dizer que tive um trauma de infância, algo que mexeu com as engrenagens da mente de uma

criança e destruiu ilusões, despertou medos. Seria mentira. Ou então que aprendi a ler sozinho, com quatro anos, na biblioteca escura e mofada de um vampiresco avô, onde conheci as grandes obras-primas, e tais horrores marcaram minha personalidade e moldaram meus anseios. Mas essa biblioteca nunca existiu. Ou que, no fundo, é meu lado mais escuro que se expõe quando escrevo. Que um chorume denso escorre dos sentimentos reprimidos, das decepções, da apatia, do desespero, acumulados dia após dia em um mundo que nos obriga a fingir e a esconder. Uma amostra do outro lado. A escuridão que me abraça com mãos de piche. De dentro para fora. Mas seria ilusório. O porquê do terror é o porquê de, afinal, sentar-se diante de um computador, ou um caderno, e pôr palavras para fora de sua cabeça como uma hemorragia. O porquê de escrever quando você sabe que a grande maioria jamais vai se importar com as palavras que se formam. Com as histórias que você inventa. Com os personagens tão reais para você, presos naquelas páginas. Porque há essa necessidade. As palavras surgem e pedem para saltar. O terror é só um detalhe. Talvez uma ferramenta, a pá que se enterra no solo duro do meu crânio e expõe os pensamentos mais indizíveis, a imaginação mais pura.

Ou é isso, ou a agonia de viver silenciado em um mundo de vozes.

Então, fico mais que satisfeito de não ter me silenciado. De ter me permitido, então. Os contos que compõem esse livro são alguns dos meus favoritos, e tenho absoluta segurança em afirmar que são completamente superiores aos textos do volume um. Claro que cabe a você, leitor, agora que o livro está pronto e já não pertence apenas a mim, decidir isso. Se você chegou até aqui, talvez já tenha decidido; talvez não. Mas fique um pouco mais comigo. Deixe que eu lhe fale um pouco de *como* essas histórias foram criadas. Não quero de jeito nenhum tentar te convencer se sua resolução é negativa, mas creio que, se for positiva, as notas que seguem serão uma leitura ao menos divertida. E você pode, por mais alguns minutos, continuar na minha cabeça. Pelo menos enquanto o zelador, um cara meio bruto que usa óculos de armação grossas e cujas lentes um tanto brilhantes não permitem que você possa ver seus *olhos*, te encontre e te enxote de lá. OK?

Então, vamos às notas:

O cabelo da boneca: A maior história desse volume é também a mais diferente de tudo que eu já escrevi. Eu quis que essa história fosse diferente. Que tivesse uma pegada mais clássica, desacelerada, mais sugestiva do que visual. Isso demandou uma narração em primeira pessoa e um pouco de imersão na história, uma lentidão proposital, além de um vocabulário mais “rebuscado”, ainda que não totalmente fiel à realidade do século XIX, acredito. Talvez eu estivesse sob influência de alguma obra (quando a ideia da história surgiu eu não sei dizer, mas quando comecei a escrevê-la, ainda no ano de 2015, tinha acabado de ler *A Volta do Parafuso*, de Henry James, e estava lendo muita coisa do H.P. Lovecraft, com aquele estilo narrativo dele, tão truncado quanto um quebra cabeça de mil peças), e é possível que algumas semelhanças narrativas possam ser notadas. Se isso estiver muito evidente, me perdoe. Tentei ao máximo não soar como um “emulador de histórias clássicas”. Espero que você sinta a influência, mas se surpreenda com algo novo. Antes do terror da boneca, o importante aqui é o passado, os erros de uma família, o quanto as coisas se acumulam até explodirem da pior forma possível. É uma história trágica sobre o peso de nossas escolhas. A boneca é apenas uma catalisadora, uma mão que traz as verdades à luz.

O despachante: A inspiração para Tom e sua vigilância veio dos não tão incomuns senhores que, assim como ele, se posicionam diante de suas casas o dia inteiro e contemplam a vida alheia (sem julgamentos aqui). Acho encantador e deprimente o quanto estamos destinados a desperdiçar os últimos anos de nossas vidas com a procrastinação, jogos inúteis ou apenas vendo TV e esperando a morte chegar, e o que torna Tom um personagem legal é que, em meio a esse comportamento mundano, ele encontra algo, ou melhor, algo *se revela* a ele como um grito de socorro. A figura de James Hallow foi inspirada em um antigo professor que tive (e eu espero que ele nem se lembre de mim...), e gosto como ele é a Morte, mas também não é; como se fosse um agente do destino, e matar pessoas em acidentes seja apenas seu trabalho e não devemos julgá-lo, porque essas coisas *precisam acontecer*. No fundo, o conto é uma forma de mostrar como às vezes nos desesperamos para nos tornarmos úteis. E sim, Tom enfrentará Hallow outra vez em um conto futuro... mas ainda é cedo

para dizer o que acontecerá, até porque eu nem pensei em *como* esse conto será.

Amor por correspondência: A internet hoje em dia aproxima muito as pessoas, ainda que nem sempre de maneira saudável. Essa foi minha maneira de mostrar isso, de que há perigo sim em como nos envolvemos, às vezes, com pessoas que sequer conhecemos direito. Aliás, conhecer alguém vai além de ver a pessoa, digamos, “pessoalmente”, de encontrá-la e conversar com ela. Muitas vezes, inclusive, levamos anos para conhecer alguém *de verdade*, por dentro, e muitas outras vezes, nem assim, depois de anos... Se o conto é um alerta ou não, eu não sei. De uma forma ou de outra, achei legal criar um encontro de psicopatas, de pessoas desajustadas e sem escrúpulos, e saber o que elas seriam capazes de fazer pela outra, ou contra a outra... A cena da colher de sorvete no olho me causou o que minha mãe chama de “gastura”, e eu torço para que você sinta isso também. Sobre o possível “furo” que existe no fato de ser (quase) impossível enviar coisas assim pelo correio, deixo inserida a possibilidade de que o rapaz talvez trabalhasse na agência e fizesse pessoalmente as entregas para ela. Se esse detalhe te deixou com a pulga atrás da orelha enquanto lia, peço desculpas. Entendo que o autor deve deixar todas as características, das explícitas às implícitas, fixadas em seu texto, mas em alguns momentos, a lógica distorce o senso de direção de sua história. E jogar a granada no colo do leitor pode ser a única solução de se livrar desse ranço. Não sei.

A aberração da fazenda Sete Trilhas: Conto feito em homenagem ao amigo e mentor Cesar Bravo. Escrever essa história foi um processo divertido. Queria um conto com toques regionais, mas sem forçar a barra, sem parecer, de novo, um embusteiro. A ideia veio depois que li sobre genética de híbridos, e a confirmação científica de que é impossível a geração de um ser misturando nossos gametas com o de outro bicho devido à incompatibilidade natural me causou um *clic* na cabeça; quando a ciência é contrariada, o gosto do sobrenatural fica mais palatável. Gosto desse toque de lenda popular, de história contada de pai para filho. O ponto aqui é descobrir, de fato, *quem* é a aberração da história, e depois de testemunhar tudo o que o velho Coronel Tavares faz, não fica muito difícil

de adivinhar. Ele é uma figura pitoresca e comum até os dias de hoje, não se engane.

O feitiço da repetição: Esse é um conto pessimista sobre suicídio e o impacto dele nas pessoas. A inspiração veio da bizarra morte de Whitney Houston e, anos depois, de sua filha, Bobbi Kristina Houston Brown. Nenhuma das duas, pelo menos até onde sei, se suicidou, mas ambas foram encontradas em situação semelhante: inconscientes dentro de uma banheira. E claro, como acontece com a maioria dos escritores que se arriscam a explorar assuntos mórbidos, notei a estranha coincidência e, nesse ponto pode pensar o que quiser de minha pessoa, decidi escrever uma história em que um pai e seu filho se ligassem por esse sinistro laço da morte. Havia certo fascínio naquela situação, o modo como parecia que a filha imitava a mãe anos depois de sua morte, como uma espécie de feitiço que te obriga a fazer aquilo. Parece muito aquele caso de filhos que têm pais alcoólatras e anos depois entram no mesmo vício, mesmo tendo testemunhado o que ele fora capaz de fazer, mesmo tendo um exemplo dentro de casa. E no fim das contas a humanidade é um pouco assim, não é? Repetimos as mesmas cagadas do passado, escolhemos mal nossos representantes políticos, vemos guerras se iniciarem e se sucederem; como diz aquela música do Cazusa, “eu vejo o futuro repetir o passado”. O conto também tem um pouco de horror cósmico, que é um gênero que gosto de trabalhar às vezes. Ele me enfeitiça.

Como decorar sua sala: Esse conto surgiu por acaso. Eu precisava escrever um artigo para uma candidatura de *freelancer*, coisa de escritor que precisa e quer muito ganhar dinheiro com seus textos. No momento da escolha do tema, uma lista de opções bem limitadas apareceu, e eu escolhi a que tinha como título “Como decorar uma sala”. Alheio à clara ideia de que o texto deveria ser levado a se relacionar com paisagismo, decoração ou até mesmo *Feng Shui*, minha mente sempre tendenciosa à ficção acabou me levando a escrever esse curto texto sobre um cirurgião ortopedista de gosto peculiar que explica como acredita ser a melhor maneira de se decorar seu cômodo de exposição. Evidentemente, o texto foi recusado na candidatura por não atender ao tema da maneira correta. Mesmo assim, eu tinha ali uma boa história curta, então modifiquei de

leve o título e fiz algumas alterações. É um texto honesto, feito em um momento em que eu precisava colocar minhas necessidades financeiras acima das artísticas (ainda preciso), e que deixou claro, pelo menos para mim, que nem sempre as coisas são como a gente quer. Às vezes, só temos que seguir nosso instinto.

O estranho: Um conto curto sobre um homem encontrando a si mesmo; é basicamente sobre isso que a história fala. A trama surgiu como uma maneira de explorar o título da coletânea. A vida de Jeffrey se transforma repentinamente em um passeio noturno onde ele encontra seu lado estranho, um lado que lhe incomoda, lhe desperta ansiedade e medo desde o primeiro instante. Algo me levou a guiar a história para outro rumo e a não inserir diálogos, como estava planejado no começo. Na minha cabeça, o protagonista encontraria sua outra parte e conversaria com ela, um papo capcioso que revelaria parte de suas intenções ocultas e algumas fantasias que ele alimentava para com sua família. Isso removeria o final aberto da história, então decidi fazer com que as coisas ficassem mais subjetivas. O estranho realmente existe fisicamente? A caminhada se passa dentro da cabeça de Jeffrey? O estranho é um *doppelganger* ou sua outra personalidade? Isso, amigo leitor, fica por sua conta.

Janelas para o inferno: A história da banda que procura a fama fácil por meio de um pacto demoníaco é mais que um clichê do gênero; é quase uma meta de qualquer escritor de horror. Inicialmente o conto teria o sugestivo título de “O caminho para o sucesso”, e seria uma novela onde o sobrevivente contaria para um a priori desconhecido investigador sobrenatural toda sua história com o ritual demoníaco e a morte de seus amigos, na ânsia de que o investigador o ajudasse a se livrar daqueles fantasmas. Se você é leitor de quadrinhos, sua mente berrou *JOHN CONSTANTINE*, e é claro, a minha também o fez. Decidi deixar a ideia amadurecer um pouco para evitar qualquer comparação, e então, quando surgiu um concurso de contos para uma antologia, eu decidi escrever a história como algo mais direto e simples. O conto ficou minúsculo e sem muitas nuances. Seco, na verdade, espremido ao máximo para caber em dez mil caracteres. Insatisfeito com o resultado final, apesar de acreditar ter uma boa história, guardei o conto para esta coletânea, enviando outra

história curta para concorrer na antologia. Depois, acrescentei mais detalhes que acreditava ser crucial ao melhor desenvolvimento da trama, como o personagem que apresenta o ritual para a banda, e melhorei os trechos transitórios, como o período em que o protagonista fica fugindo de seus amigos fantasmas. Acredito que isso deu mais sustância para a história.

A garota que transou no cemitério: Esse conto bizarro e levemente hilário surgiu de um desafio proposto entre eu e meu amigo e também escritor Lucas Dallas, tanto que o conto foi dedicado a ele. Nesse “desafio”, nos propomos a escrever um conto cada, a partir de um título aleatório criado pelo outro. Eu coloquei um pouco minha cachola para funcionar e dei a Lucas o insidioso título “Ramal 666”. Lucas Dallas, em seu esperado humor, me deu o presente chamado “A garota que transou no cemitério”. A princípio me senti enganado. Acreditava certamente que ele possuía então um título melhor e mais fácil de trabalhar do que eu. Mas depois as engrenagens giraram, e o resultado é esse conto sobre adolescentes com um final nojento. O resultado do título “Ramal 666” pode ser conferido no livro “Pela estrada afora”.

Alma: Essa história esteve maturando na minha mente por anos. Algumas partes desse conto são inspiradas em histórias reais, sendo a mais importante delas algo que ocorreu com a família da minha esposa. Claro, toda a parte sobrenatural foi o elemento que eu coloquei no texto. A personagem principal é uma mulher que se lembra de alguns momentos de sua vida, momentos esses em sua grande parte tristes e dolorosos, e acredito que esse seja até então meu conto mais emotivo e deslocado, ainda que o terror esteja presente de forma sutil. É uma espécie de resumo de uma vida como eu acredito que seja quando chegamos a uma certa idade e paramos para refletir. Eu ainda sou jovem, pelo menos mais jovem do que a narradora do conto, mas acho que quando olhamos para trás, e isso se intensifica à medida que os anos passam, vemos mais uma mistura de erros e acertos e momentos agrídoces do que picos de tristeza e alegria. Há um todo relativamente menos tortuoso do que imaginamos que seja quando as coisas *estão acontecendo*, um jeito diferente de ver a montanha russa da vida depois que toda a poeira baixou e estamos em um momento

mais estável. Foi um conto difícil de parir. Eu havia perdido um tio muito benquisto na época, e parte dessa tristeza pode ser notada. O luto, mais do que a tristeza, é o sentimento dominante do conto. Um pesar não só pelos mortos, mas pelos que ficam, pelos que são obrigados a continuar vivendo sem aquela parte de suas vidas. “Alma” é uma história que me deixa orgulhoso, e não acho que houvesse outra para fechar essa coletânea que não fosse ela.

E é isso, leitor. Espero que tenha gostado das notas. E dos contos, claro. Sinto muito pela falta de jeito ao finalizar aqui. É que eu ouvi alguns passos agora, o solado da bota de couro tocando o linóleo encerado. Também ouvi um som seco, e eu o conheço. É o ruído de um porrete de madeira batendo contra as paredes dos corredores apertados de minha mente. Acredito que seja a hora de você partir. O zelador está a caminho. Eu fico muito feliz que você tenha gastado um pouco do seu tempo aqui, mas *ele* não compartilha muito desse sentimento, e eu não quero que você o encontre, nem por um segundo.

Eu lhe acompanho até a porta.

Mas vamos rápido.

Eu não tentaria olhar através das lentes dos óculos dele se fosse você.

Monte Mor, São Paulo
12 de abril de 2017.

Apoie a literatura nacional. Leia autores brasileiros.